



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS, HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A FICÇÃO ASIÁTICO-CANADENSE DE JOY KOGAWA E GURJINDER BASRAN: O  
BILDUNGSROMAN NO ESPAÇO TRANSCULTURAL**

MARIA DO ROSÁRIO SILVA LEITE  
ORIENTADORA: PROFA. DRA. LIANE SCHNEIDER

JOÃO PESSOA – PB  
2015

MARIA DO ROSÁRIO SILVA LEITE

**A FICÇÃO ASIÁTICO-CANADENSE DE JOY KOGAWA E GURJINDER BASRAN: O  
BILDUNGSROMAN NO ESPAÇO TRANSCULTURAL**

Área: Literatura e Cultura

Linha de Pesquisa: Memória e Produção Cultural

Orientadora: Profa. Dra. Liane Schneider

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras como pré-requisito para a obtenção do título de Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba.

JOÃO PESSOA – PB  
2015

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

**LEITE, Maria do Rosário Silva. A FICÇÃO ASIÁTICO-CANADENSE DE JOY KOGAWA E GURJINDER BASRAN: O BILDUNGSROMAN NO ESPAÇO TRANSCULTURAL.**  
João Pessoa, UFPB, 2015.

**A FICÇÃO ASIÁTICO-CANADENSE DE JOY KOGAWA E GURJINDER BASRAN: O BILDUNGSROMAN NO ESPAÇO TRANSCULTURAL**, de Maria do Rosário Silva Leite, defendida e \_\_\_\_\_ no dia \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015, como condição para o título de Doutora em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Liane Schneider – UFPB/PPGL  
(orientadora)

---

Profa. Dra. Sandra Regina Goulart Almeida – UFMG/PÓS-LIT  
(examinadora externa)

---

Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias – UFCG/DL  
(examinadora externa)

---

Profa. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio – UFPB/PPGL  
(examinadora interna)

---

Profa. Dra. Ana Cláudia Félix Gualberto – UFPB/DLCV  
(examinadora interna)

---

Profa. Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne – UFPB/PPGL  
(suplente interna)

---

Prof. Dr. José Villian Manguiera – UERN/DLV  
(suplente externo)

Dedico este trabalho  
A minha avó-mãe, Zélia e, tia-mãe, Rosângela, pelo  
apoio incondicional.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas graças concedidas, por me conceder força para vencer as dificuldades de cada dia e por colocar em meu caminho pessoas maravilhosas que muito me auxiliaram e continuam a auxiliar em minha vida.

À Profa. Dra. Liane Schneider, minha orientadora e tutora dos Estudos Canadenses, por me acolher em mais esta jornada, por me ajudar e incentivar a vencer minhas limitações e obstáculos, por me presentear com a inesquecível experiência no Canadá, pela paciência, amabilidade, dedicação e contribuições vitais na condução desta tese. Serei eternamente grata.

Ao Prof. Dr. Albert Braz, da Universidade de Alberta, Edmonton, Canadá, por se dispor a ser meu co-orientador durante o estágio PDSE, pela orientação, por me acolher no seio de sua família (Carolyn e Alisson (Alie), meu muito obrigado), por me ajudar a percorrer os caminhos da experiência canadense, pelo apoio, doação, compreensão e suporte em todos os momentos.

À Profa. Dra. Laura Beard, da Universidade de Alberta, Canadá, pela disponibilidade e gentileza.

A minha família, pelo apoio em todos os momentos, pela paciência em mais uma caminhada, pelo suporte enquanto estive longe, pelas orações, por tudo.

Ao amigo Rivaldo, por sua amabilidade, disponibilidade em todas as caminhadas acadêmicas e orações.

Aos amigos e vizinhos Jack e Marjorie (Marje) Waller, pelo apoio, pelas boas conversas sobre a Literatura Inglesa, pelo carinho, respeito e amizade.

À Angelina (Angie) pelo apoio, receptividade e gentileza.

Ao amigo Jozenaldo, da PRPG, pela compreensão, pela paciência, pelas orientações com relação a bolsa PDSE, pelo apoio no exterior.

Aos professores e professoras do PPGL/LETRAS, pela partilha do conhecimento e incentivo.

Aos amigos e amigas que de alguma forma contribuíram nesta jornada.

Aos funcionários do PPGL pela dedicação e atenção.

À CAPES pelas bolsas concedidas no Brasil e no exterior.

## RESUMO

O presente estudo analisa, pelo viés comparativo, os romances *Obasan* (1981), de Joy Kogawa, e *Everything Was Good-Bye* (2010), de Gurjinder Basran, escritoras canadenses inseridas na diáspora asiático-canadense, enfocando os impactos da exclusão e discriminação que permeiam essas narrativas das escritoras selecionadas para compor nosso corpus literário. Entendemos as escritas de ambas autoras como tentativas literárias de “quebrar o silêncio” imposto pelo privilégio branco, promovendo uma releitura de caráter pós-colonial e contra hegemônico do Canadá contemporâneo. Desenvolvemos, assim, uma revisão do contexto histórico, literário e cultural canadenses, lançando um olhar mais aprofundado sobre a escrita da minoria asiático-canadense (mulheres de cor), parte da produção significativa dos povos asiáticos que migraram para aquele país e que expõe frequentemente as memórias do passado e as experiências do presente. Após isso, desenvolvemos uma necessária compreensão do contexto de um país tão múltiplo, através da discussão do conceito de transculturação (ou transculturalidade) que muito nos auxilia na leitura das narrativas em tela, apontando a intensidade com a qual esses textos são cortados por referências linguísticas e culturais diversas. Por fim, enfocamos e problematizamos os tradicionais conceitos de *Bildungsroman*, ou romance de formação, trazendo vozes críticas atreladas ao feminismo e à crítica literária em sentido mais amplo, a fim de destacar quais as inovações que o *Bildungsroman* transcultural produzido por mulheres traz para as análises da literatura contemporânea no contexto canadense. Dessa forma, os romances escolhidos se abrem às experiências de negociação propostas pelo transculturalismo e que tem no gênero – *Bildungsroman* – o espaço adequado para formulações alternativas no que se refere às personagens, principalmente as femininas. Defendemos, assim, que o *Bildungsroman*, nesse contexto, cria um novo espaço às literaturas das minorias, sendo o lócus apropriado para apresentar os conflitos e negociações entre a cultura ancestral e a de chegada, aqui contempladas pelas etnias nipônica e indiana.

**Palavras-chave:** Transculturalismo. Literatura Asiático Canadense. Mulheres de cor. *Bildungsroman*.

## ABSTRACT

This dissertation analyzes, through a comparative bias, the novels *Obasan* (1981) by Joy Kogawa, and *Everything Was Good-Bye* (2010) by Gurjinder Basran, both Canadian writers inserted in the Asian Canadian diaspora. Our study focuses on the impacts of exclusion and discrimination that permeate the threads of the narrative warp of the selected writers to compose our literary corpus in attempt to “break with the silence” imposed by the *White Privilege*, thereby promoting a rereading of post-colonial and counter-hegemonic features of contemporary Canada. Developed as a review of the historical, literary and cultural Canadian context, casting a closer look at the writing of Asian Canadian minority (women of color), part of the significant production of Asian peoples whom migrated to that country and often bring to light memories of the past and experiences of the present. Furthermore, we present a necessary understanding of such a multiple country as Canada by discussing the concept of transculturation (or transculturality) that greatly assists us in reading the analyzed narratives, highlighting the intensity through which these texts are crossed by linguistic and various cultural references. Finally, we focus on and confront the traditional concepts of *Bildungsroman*, or novel of development, which brings to discussion critical voices mainly linked to feminism and literary criticism in the broadest sense, in order to highlight what innovations the transcultural *Bildungsroman* produced by women brings to the analysis of contemporary literature in the Canadian context. Thus, the chosen novels are open to experiences marked by transculturalism and so this genre - the *Bildungsroman* - becomes the appropriate space for alternative formulations with regard to the characters, especially to female characters. We argue, therefore, that the *Bildungsroman*, in this context, creates space to minority literatures, here connected to Japanese and Indian ethnicities, as the locus for presenting the conflicts and negotiations between ancestral and after contact cultures.

**Keywords:** Transculturalism. Asian Canadian Literature. Women of color. *Bildungsroman*.



## RESUMEN

La presente tesis analiza, a través de una perspectiva comparativa, las novelas *Obasan* (1981), de Joy Kogawa, y *Everything Was Good-Bye* (2010), de Gurjinder Basran, escritoras canadienses que forman parte de la diáspora asiático-canadiense, enfocando los impactos de la exclusión y discriminación que permean las narrativas de las escritoras seleccionadas para componer nuestro corpus literario. Comprendemos las escrituras de las dos autoras como intentos literarios de “romper el silencio” impuesto por el privilegio blanco, promoviendo una relectura de carácter post-colonial y contra hegemónico del Canadá contemporáneo. Desarrollamos, de ese modo, una revisión del contexto histórico, literario y cultural canadienses, echando una mirada más profundizada sobre la escritura de la minoría asiático-canadiense (mujeres de color), parte de la producción significativa de los pueblos asiáticos que migraran a aquel país y que expone frecuentemente las memorias del pasado y las experiencias del presente. Enseguida, desarrollamos una necesaria comprensión del contexto de un país tan múltiple, a través de la discusión del concepto de transculturación (o transculturalidad) que fue bastante importante en la lectura de las narrativas en análisis, indicando la intensidad con la cual esos textos son entrecortados por referencias lingüísticas y culturales diversas. Por fin, enfocamos y problematizamos los tradicionales conceptos de *Bildungsroman*, o novela de formación, incorporando voces críticas unidas al feminismo y a la crítica literaria en sentido amplio, con la intención de destacar las innovaciones que el *Bildungsroman* transcultural producido por mujeres aporta al análisis de la literatura contemporánea en el contexto canadiense. De ese modo, las novelas elegidas son abiertas a las experiencias de negociación propuestas por el transculturalismo y tienen en el género – *Bildungsroman* – el sitio adecuado para formulaciones alternativas en lo referente a los personajes, principalmente los femeninos. Defendemos, así, que el *Bildungsroman*, en ese contexto, crea un nuevo lugar a las literaturas de minorías, constituyendo el locus apropiado para presentar los conflictos y negociaciones entre la cultura ancestral y la de llegada, aquí contempladas por las etnias nipona e indiana.

**Palabras clave:** Transculturalismo. Literatura Asiático Canadiense. Mujeres de color. *Bildungsroman*.

## RÉSUMÉ

Cette étude analyse, par le biais de comparaison, les romans *Obasan* (1981), de Joy Kogawa, et *Everything Was Good-Bye* (2010), de Gurjinder Basran, écrivains canadiens insérés dans la diaspora canado-asiatique, en se concentrant sur les répercussions de l'exclusion et de la discrimination qui imprègnent ces récits d'écrivains sélectionnés pour composer notre corpus littéraire. Nous comprenons les écrits des deux auteurs comme des tentatives littéraires pour briser le silence imposé par le privilège blanc, promouvant une relecture de caractère post-coloniale et contre hégémonique du Canada contemporain. Nous développons, ainsi, une révision du contexte historique, littéraire et culturel canadiens, en jetant un regard de plus près à l'écriture de la minorité canado-asiatique (femmes de couleur), une partie de la production significative des peuples asiatiques qui ont migré vers ce pays et qui exposent souvent les mémoires du passé et les expériences du présent. Après cela, nous avons développé une compréhension nécessaire du contexte en tant que pays diversifié en discutant le concept de transculturation (ou transculturalité) qui nous aide grandement à la lecture des récits concernés, montrant l'intensité avec laquelle ces textes mélangent des références linguistiques et culturelles diverses. Enfin, nous nous concentrons et confrontons les concepts traditionnels de *Bildungsroman*, ou roman de formation, en ramenant les voix critiques liées au féminisme et à la critique littéraire dans le sens le plus large, afin de mettre en évidence les innovations que le *Bildungsroman* (Roman d'apprentissage) transculturel produit par des femmes apporte à l'analyse de la littérature contemporaine dans le contexte canadien. Ainsi, les romans choisis s'ouvrent aux expériences de négociation proposées par la transculturalité existant dans le genre - *Bildungsroman* - un espace adéquat à des formulations alternatives en ce qui concerne les personnages, surtout les femmes. Nous soutenons, par conséquent, que le *Bildungsroman*, dans ce contexte, crée un nouvel espace à la littérature des minorités comme un lieu approprié pour présenter les conflits et les négociations entre la culture antique et celle d'arrivée, ici envisagée par les ethnies nippone et indienne.

**Mots-clés :** Transculturalité. Littérature Canado-asiatique. Femmes de couleur. *Bildungsroman*.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
1 – O contexto literário/histórico/cultural canadense	17
1.1 – Quando e como emerge o contexto literário canadense	17
1.2 – Novos contextos a partir do século XX	27
1.3 – Imigração japonesa no Canadá	34
1.4 – Imigração sul-asiática no Canadá	42
1.5 – <i>Asianadian</i> : a ficção asiático-canadense de expressão inglesa	52
<b>2 – Basran e Kogawa e a transculturação canadense</b>	62
2.1 – Do multicultural ao transcultural: novos enfoques	62
2.2 – Os estudos comparados e a transculturalidade em diálogo	70
2.3 – Aspectos transculturais do romance em Basran e Kogawa	75
2.4 – Memórias e identidades em negociação	91
<b>3 – Do <i>Bildungsroman</i> tradicional ao romance de formação de autoras canadenses marcadas pela transculturação</b>	128
3.1 – <i>Bildungsroman</i> : definição através do tempo em contextos diversos	128
3.2 – <i>Bildungsroman</i> no contexto canadense	142
3.3 – Mulheres escritoras e o <i>Bildungsroman</i> sob novos enfoques	154
3.4 – O <i>Bildungsroman</i> na escrita canadense de mulheres de cor: as narrativas de Kogawa e Basran	164
<b>4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	190
<b>5 - REFERÊNCIAS</b>	198
<b>ANEXOS</b>	222

## INTRODUÇÃO

*We are new Canadians  
Come from many races  
Black, white, olive, brown,  
All alike, for all the many places  
High tech, mid tech or no tech  
Are one.*

Uma Parameswaran

*We are all immigrants to this place even if we were born here.*

Margaret Atwood

O mundo hodierno, no qual categorias múltiplas e distintas têm se tornado mais visíveis, depara-se cada vez mais com o questionamento das fronteiras geográficas e culturais entre grupos sociais distintos, resultantes, entre outros fatores, das intensas ondas migratórias que requisitaram uma reflexão quanto ao redimensionamento das noções de identidade e pertença, marcando e remodelando também o próprio conceito de nação. Entre os processos, desencadeados pelos encontros culturais provenientes da globalização, a nossa fonte temática – a literatura canadense – tem se tornado um campo fértil da produção de mulheres, principalmente daquelas pertencentes às de etnia asiática. Nesse contexto, diversos grupos desenvolvem no Brasil estudos vinculados à escrita canadense. Como parte da ABECAN (Associação Brasileira de Estudos Canadenses), dentre esses destacamos os Núcleos de Estudos Canadenses (NEC) distribuídos por algumas regiões do país e vinculadas as universidades: Universidade de Pernambuco, (professor Dr. Roland Walter), UNEB (professor Dr. Edson Miranda dos Santos), UEFS (professor Dr. Gilton Aragão), UFG (professora Dra. Liliam Porto), UFMG (professor Dr. José dos Santos), UFU (professora Dra. Dilma Maria de Mello), UFF (professora Dra. Maria Bernadette Thereza Velloso Porto), Unilasalle (professora Nadia Maria Weber Santos), FURG (professora Dra. Sylvie Dion), UNIR

(professor Dr. Miguel Nenevé), USP (professora Dra. Walkyria Maria Monte Mór), e UFS (professor Dr. Edison Rodrigues Barreto Jr.). Desses estudos constatou-se a crescente demanda pelo conhecimento da literatura canadense em seu contexto múltiplo, englobando tanto a escrita dos grupos hegemônicos ditos “brancos”, quanto as das minorias, dentre essas as das mulheres de cor. Os frutíferos estudos canadenses promotores da inclusão dos *non-mainstream* no cenário literário pós setenta, questiona a concepção de nação a partir daqueles que são incluídos ou excluídos, apresentando debates sobre racismo, pertencimento, cidadania, entre outros temas que envolvem a condição diaspórica ainda persistente e a circundar os grupos minoritários no Canadá.

Nesse contexto, nossa investigação sobre a literatura de mulheres asiático canadenses partiu da observação da expansão dos estudos literários no Canadá quanto à representação das minorias e os questionamentos em relação às perspectivas defendidas pelo *White Privilege* vis-à-vis as diferenças étnicas vinculadas às negociações das múltiplas dimensões da vivência diaspórica. Essa emergente literatura, que ao final do século XX começa a romper com a invisibilidade e silêncio impostos ao longo da experiência vivida por esses povos (indo e nipo asiáticos) após a migração para o território canadense, possibilita que tais sujeitos possam criar novos espaços híbridos voltados para o “crescimento” e embates, tanto individual quanto coletivo, das denominadas minorias no território em que passam a se inserir. Assim, a reapropriação da história vivida por parte desses grupos, dos discursos sobre gênero e raça, anteriormente regidos pelos grupos dominantes, bem como as relações entre gerações dentro do contexto contemporâneo se tornam força motriz na escrita asiática no Canadá, principalmente nas de autoria feminina. Nessa perspectiva, sob a emergência das teorias pós-coloniais e críticas culturais contemporâneas, torna-se prolífico o campo da produção literária de mulheres asiáticas em território canadense. Destacando-se como país cujas políticas e receptividade ao imigrante se sobressaem mundialmente, o campo literário nos oferece textos que incitam uma discussão sobre a situação atual da mulher migrante, bem como a reflexão acerca das reconstruções identitárias no entre lugar. Essas discussões estimuladas pela heterogeneidade característica do país, bem como a demanda nos escritos dos sujeitos antes marcadamente periféricos, franqueiam, assim, o rompimento com as noções atreladas a uma nacionalidade apenas europeia/branca.

Como mote de nossa investigação, traremos a lume tanto a importância da produção de mulheres asiático-canadenses, o desenvolvimento literário de uma escrita considerada minoritária e sua relação direta com processos e políticas migratórias no Canadá, bem como as mudanças na

composição populacional, que também afetaram a produção literária e o cânone canadense. Na pesquisa, este recorte está assentado na vertente literária pós-década de sessenta, período influenciado pelo pós-guerra e caracterizado pelas interpelações das minorias visíveis por reconhecimento, anteriormente restrito aos grupos fundadores (*Charter Groups*) – ingleses e franceses e como norteadores da análise, seremos guiados pelos romances: *Obasan* (1981), de Joy Kogawa e *Everything Was Good-Bye* (2010), de Gurjinder Basran. Essas duas narrativas, eleitas a partir do princípio de que ambas retratam a história dos povos migrantes nipônico e indiano acometidos pelas intempéries de uma migração racializada, discorrem sobre a experiência de duas mulheres – Naomi e Meena – cujas histórias se desdobram da infância até a fase adulta de ambas e que são reflexo do universo asiático no Canadá. O romance de Joy Kogawa é marco fronteiro do início da produção asiática no país, pois se tornou uma voz ativa, de impacto político, no processo de reintegração (*redress*) dos nipo-canadenses. O romance de Gurjinder Basran é, pois, prolongamento dessas fronteiras, atualizando a perspectiva diaspórica sobre os indo-canadenses, rompendo com as visões consolidadas pela esfera dominante. Utilizando os contextos dos romances, discorreremos sobre as questões associadas aos sentimentos de pertença, a transculturalidade, as relações de gênero, as memórias e os entre lugares como forma de compreendermos a multiplicidade das vozes diaspóricas. Promovendo, assim um reconhecimento dessa escrita, não para delimitá-la, mas no intuito de ofertar dentro dos vastos campos de pesquisa canadense um olhar voltado ao poder de escolha e às negociações no âmbito dos processos da Transculturação contemporâneos.

Com o propósito de melhor dispormos nossos diálogos crítico-literários, dividimos nosso trabalho em três capítulos: o primeiro capítulo, inicia com um percurso histórico/literário em relação à gênese da literatura canadense, os novos contextos, a latente mudança dos aspectos multiculturais para os transculturais, salientando a importância basilar dos fluxos migratórios, com um olhar mais específico sobre os povos nipônico e sul-asiático, e sua importância na constituição desse arcabouço literário. Para tal, revisaremos a história dessa produção literária, a visão crítica sobre as políticas nacionais, os sentimentos contraditórios que envolvem pertença e identidade imbuídos sobre o conceito de cidadania num país multicultural, bem como a forma como esse contexto aparece refletido e elaborado nos romances da autoras analisadas. Dessa forma, a reflexão quanto ao conceito de canadianidade se estende para além de uma perspectiva unilateral. Assim, dentro da linha histórico-literária marcada pela diversidade cultural na produção artística,

apresentaremos uma breve retomada dos fatos principais concernentes a construção da ficção asiático-canadense. Essa visão histórico-literária também nos parece de importância pelo fato de, em língua portuguesa, reconhecermos uma bastante acanhada produção crítico teórico sobre a literatura canadense, especialmente voltada às produções mais recentes de imigrantes. No segundo capítulo, embarcamos nas relações entre a passagem das políticas multiculturalistas no Canadá para os processos transculturais voltados para a produção de mulheres de etnia asiática. Inserimos e localizamos o conceito de transculturação. Ademais, destacamos a importância dos estudos comparados em soerguer as diversas literaturas das minorias e a própria reformulação desses estudos que são campos de pesquisa multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares, no intuito de abarcar em suas análises a complexidade instaurada pelos processos globais. Ainda neste capítulo, discorreremos sobre os aspectos identitários, relativos a memória, seja essa intergeracional (passada de geração em geração), seja transgeracional (adquirida por meios simbólicos que permeiam o sistema cultural, no qual o indivíduo está inserido), às subjetividades, afetividades e a transculturação nos romances. No terceiro capítulo, inserimos e localizamos o gênero *Bildungsroman*, sua importante função literário/social, desde sua gênese, passando por sua influência no contexto canadense e por conseguinte, na escrita de mulheres. Discutimos e analisamos, no contexto do romance de formação feminino as negociações e possibilidades de mudança na vivência das mulheres dentro das malhas das narrativas em tela e sob a perspectiva das linhas teóricas, pelas quais os romances trafegam e se apoiam nossa análise. No plano do romance de formação, aliado à construção de uma memória identitária desencadeadora de um desejo de pertencimento e compreensão de um *self* transcultural vinculado às protagonistas em foco, verificamos as experiências literárias de Basran e Kogawa e a inserção dos universos femininos em transformação. Nos interessam aqui, principalmente, o aprofundamento sobre as questões de gênero no tocante à construção identitária feminina (significados do ser mãe, ser mulher) entre culturas, a relação entre a estigmatização étnico-racial embebida num discurso hegemônico universalizante, as teorias relacionadas à construção e lugar do sujeito fruto das diásporas na contemporaneidade.

A partir dos capítulos descritos no parágrafo anterior, pretendemos verificar as relações entre a História Canadense, a transculturalidade, e as relações de gênero como aspectos promotores de renegociações de pertencimento cultural no que se refere às protagonistas, e/ou às evidências transculturais de uma canadianidade em constante processo de construção tanto no plano

individual quanto coletivo. Esses processos se tornam aplicáveis através da maleabilidade com a qual o gênero *Bildungsroman* se redesenha, percorrendo um caminho histórico de identidades e pertencas em incessante renegociação. Dessa forma, nosso trabalho terá um suporte comparativista, enfocando, por meio das aproximações e afastamentos, os dois romances selecionados, buscando verificar como, através da construção das personagens principais, essas renegociam as relações entre suas culturas de origem (agora parcialmente modificadas devido às experiências vivenciadas no novo contexto) e a cultura na qual seus grupos familiares se inseriram, um lugar que tanto as modifica e é modificado quanto questiona seu pertencimento, contando uma outra História sobre esses processos migratórios.

Desse modo, por intermédio do conhecimento lançado por escritoras(es) que reescrevem a história de um Canadá pela perspectiva daquelas(es) à margem, convidamos leitoras e leitores a acompanharem as problematizações do sentido de nação a partir do reconhecimento dos silêncios históricos impostos pela cultura denominada majoritária. Nesse sentido, esperamos contribuir para um melhor conhecimento da cultura e literatura canadense em nosso país, assim como para o enriquecimento das discussões e o aflorar de outras inquietações acerca da escrita literária contemporânea, especialmente de mulheres.



# 1 - O CONTEXTO LITERÁRIO/HISTÓRICO/CULTURAL CANADENSE

*Thy lakes and rivers, as the voice of many waters.*

Edwin Nelson

## 1.1 Quando e como emerge o contexto literário canadense

Com o intuito de apresentar e melhor compreender o estabelecimento da transculturação no Canadá contemporâneo, desenvolvemos neste primeiro capítulo de nosso estudo um olhar retroativo, que discorre sobre as histórias canadenses e as marcas que deram cor e forma ao que vem sendo produzido no campo literário-cultural daquele país, ainda que sabendo não ser possível fazer isso de forma completa ou absoluta, mas sim, buscando melhorar nosso foco sobre os temas que abordaremos, iniciamos nossa trajetória afirmando que, marcado por intensas e recorrentes mudanças demográficas, o Canadá se destaca como uma das nações de maior diversidade étnica no cenário mundial. Em decorrência das constantes ondas migratórias que vem afetando seu vasto território há décadas, essas endossadas pela implementação de políticas multiculturais, a partir do governo de Pierre Trudeau, em 1971, o Canadá tornou-se um fértil território para o estudo de fenômenos contemporâneos intensificados pela convivência entre culturas e povos diversos. Assim, marcado pela diversidade<sup>1</sup>, o Canadá apresenta também em sua literatura traços dos desafios conceituais na composição de uma identidade nacional permeada por instabilidades decorrentes das alterações nos paradigmas étnicos, culturais, sociais e regionais. Desse modo, quando nos colocamos ante a História e a Literatura Canadenses, verificamos a imigração como fator preponderante na formação da nação e do verbo literário contemporâneos; conforme assertiva de Neil Ten Kortenaar (2009, p. 556) “A imigração é fator central na auto definição da nação”<sup>2</sup>.

Em geral, os primeiros movimentos migratórios no Canadá contemplavam povos de origem europeia, denominados de ‘Povos-Transplantados’. Darcy Ribeiro (1975, p. 17), antropólogo

---

<sup>1</sup> “Disunity as unity: A Canadian Strategy” (1989) Robert Kroetsch  
NOTA: Todas as traduções executadas nesta tese são de nossa autoria.

<sup>2</sup> “immigration is central to the nation’s self-definition”.

brasileiro, em seu estudo a respeito dos povos americanos, esclarece que o termo “Povos-Transplantados – é integrado pelas nações constituídas pela implantação de populações europeias no ultramar, com a preservação do perfil étnico, da língua e da cultura originais”, sendo estes, também, mantenedores de um perfil ideológico e racial. Contudo, os impactos da expansão europeia, a princípio, soergueram uma minoria de colonizadores, que aos poucos, tornou-se efetivamente atuante na organização dos trâmites sócio-político-culturais. Esta classe dirigente estaria diante de problemas culturais específicos, resultantes da chegada maciça de povos não europeus através de ondas mais recentes de imigração. Como esses outros povos chineses, japoneses tornaram visível a necessidade e demanda por incorporação das populações mantidas à margem, gerando, assim, um novo momento cultural e político dentro da nação canadense.

Nesse sentido, como produto de forças históricas, a Literatura Canadense logo se materializa no entrecruzar de um imaginário multifacetado e de subjetividades plurais, deixando marcas indeléveis da diversidade nas negociações identitário-cidadãs no contexto canadense. O que fica evidente é que formas de vivência diversas dentro do território daquele país são influenciadas tanto pelas culturas das diferentes populações que ali se instalaram quanto pelas trocas transculturais tão frequentes na modernidade tardia, configurando, assim, um imaginário de pertencimentos, identidades e memórias imbricadas que tonalizam as experiências de diferentes formas.

Olhando retrospectivamente para a história do país pós-colonização europeia, percebemos que aquilo que costumeiramente chamamos de Literatura Canadense inicialmente frutificou dada à diligência em se construir uma origem cultural para o país, a partir da imaginação colonial de imigrantes e colonizadores ingleses e franceses. Movida pelos acontecimentos históricos, fator, segundo Northrop Frye, seminal na constituição de qualquer sistema literário, a produção literária dos primeiros tempos no território desencadeou o processo formativo que se encerra na busca pela instituição de uma literatura de caráter nacional e unificadora. Conforme expressa W. H. New (1989) na obra intitulada *A History of Canadian Literature*, as narrativas dos colonos pretendiam incorporar a realidade local ou nativa à estética europeia; retratavam o inverno, a natureza diferenciada (flora e fauna) e a vida na colônia em meio às intempéries do lugar como fonte e representação da “cor” local. Impulsionados, assim, pelo sentimento atrelado ao local, essa primeira expressão de pertencimento, ainda que tímida, se impunha através do desejo de vinculação à terra nova.

Nos primeiros relatos dos assentamentos no Canadá, encontra-se ainda outra elaboração sobre a experiência do deslocamento, mas com uma diferença: agora, pela primeira vez, os escritores começaram a expressar uma consciência de que uma revisão no modo de pensar e “ser”, algo que se fazia necessário a fim de realmente pertencer a este lugar. Em outras palavras, eles tiveram de forjar um sentimento de pertença, que não veio automaticamente. (MOSS; SUGARS, 2009, p. 110)<sup>3</sup>

Assim, a partir das dificuldades no assentamento e mesmo na lida com a natureza, conforme afirma Carl Klick (1976, p. 6), já que “desde os primórdios, a ‘literatura’ do Canadá fora marcada por um embate que vai de encontro com o clima e com a própria terra”<sup>4</sup>, os escritores foram encorajados a explorar e incorporar seus talentos imaginativos ao cenário local de modo a propagar e envolver o desejo de outros migrantes a aderirem ao “Novo Mundo”. Tratando, pois, de suas experiências na colônia, dentre os diversos escritos destacamos, de Samuel Hearne, *A Journey from Prince of Wales’ Fort in Hudson’s Bay to the Northern Ocean* (1795), *Sketches of Upper Canada* (1821); de John Howison, *Statistical Sketches of Upper Canada for the use of Emigrants* (1832); de William Dunlop e *Authentic Letters from Upper Canada* (1833), de Thomas William Magrath. Esses são relatos, em grande parte, de vivências de seus respectivos autores, contendo informações e observações sobre as viagens pelo continente americano, aspectos fundamentais aos migrantes em potencial. Essa temática da diferença da “nova terra” em relação ao território europeu, recorrente em tais escritos, se apresenta, segundo defende Margaret Atwood em sua obra intitulada *Survival: a thematic guide to Canadian literature* (1972), como marca de uma primeira unidade literária comum, pois as questões que permeavam os guias dos colonos tratavam especificamente da sobrevivência em terra hostil.

Floresceram também, mormente na escrita de mulheres, os primeiros guias sobre a vida e lida diária nas comunidades emergentes do Canadá. Segundo afirma Carole Gerson (2009, p. 87), “A literatura de exploração fora escrita quase que inteiramente por homens. Por outro lado, as narrativas canônicas de assentamento foram em grande parte escritas por mulheres”<sup>5</sup>. A produção de mulheres, até então denominadas pela crítica como *lady traveller*, adquiria leitores em terras

---

<sup>3</sup>“In the early narratives of settlement in Canada, one finds a further elaboration of this experience of dislocation, but with a difference: now, for the first time, writers began to express an awareness that a revised way of thinking and “being” was needed in order to really belong in this new place. In other words, they had to forge a sense of belonging; it did not come automatically”.

<sup>4</sup> “From the very beginnings, the ‘literature’ of Canada was stamped by a struggle against the climate and against the land itself”.

<sup>5</sup>“the literature of exploration was written almost entirely by men. By contrast, canonical narratives of settlement were largely penned by women”.

britânicas. Na realidade, essas mulheres, em sua maioria inglesas, que na “exploração” do Novo Mundo auxiliavam a propagação das ideias sobre a colônia, ao mesmo tempo em que desafiavam ideias convencionais de feminilidade, adquiriram certa autonomia e afirmação, não necessitando, por exemplo, do uso de pseudônimos para a publicação de seus textos, (MOSS; SUGARS, 2009, p. 114) “O Canadá apresentava-se como um espaço no qual os papéis das mulheres estavam sendo reavaliados, tanto no que se refere à política de gênero quanto de classe, papéis esses através dos quais elas podiam escrever, editar, publicar e se manter como autoras, um papel socialmente aceitável”.<sup>6</sup>

Como exemplo podemos citar o primeiro romance epistolar de expressão inglesa intitulado *The History of Emily Montague* (1769), de Frances Brooke; Também cabe citar Elizabeth Simcoe (esposa de John Graves Simcoe, primeiro governador do Canadá do Norte), cujas visitas a outras colônias, por intermédio do esposo, lhe renderam anotações e possibilitaram a publicação de seu *The Diary of Mrs. John Graves Simcoe*, de 1911. Outra com trabalho semelhante foi Anne Jammeson, que em *Winter Studies and Summer Rambles* (1838) retrata o contraste entre sociedades emergentes no Canadá do Norte; e as irmãs Susanna Moodie e Catharine Parr Traill, com suas respectivas publicações *Roughing it in the bush: or, life in Canada* (1852), narrativa composta de conselhos, ensaios e poemas de cunho autobiográfico, iniciada a partir da chegada de Moodie, ao Canadá, em 1832, e *The Backwoods of Canada* (1836), que descreve os dois primeiros anos de Traill na colônia, os cenários naturais e as pessoas da comunidade; esse texto é composto de dezoito cartas destinadas a sua mãe. Assim, entre os séculos XVIII e XIX, a fase acima descrita é indicativa de uma identidade ambivalente, já que os colonos se sentiam divididos entre a tentativa de integrar-se ao elemento nativo, seu novo espaço, e o olhar retrospectivo além-mar, para as raízes europeias.

Há uma espécie de contradição nos primeiros escritos sobre a sociedade canadense. Por um lado, os colonos procuraram fazer-se sentir ou parecer “nativos” ao Canadá, definindo-se como parte de uma sociedade recém-emergente e identificando-se com os mitos indígenas como forma de contribuir para a singularidade daquela sociedade. Pensemos, por exemplo, em quão orgulhosas Anna Jameson e Susanna Moodie se tornam em relação às suas habilidades recém-adquiridas de canoagem, uma realização que as mulheres de seu tempo nunca teriam sido capazes de alcançar na Inglaterra. Por outro lado, muitos desses primeiras(os) escritoras(es) olhavam para a Inglaterra como o país

---

<sup>6</sup> “Canada presented a space in which women’s roles were being reassessed, in terms of both gender and class politics, and in which women could write, edit, publish, and earn a living in the socially acceptable role of authoress”.

mãe e fonte de sua identidade. Os críticos têm argumentado que os colonos estavam de fato presos entre mundos divergentes, não se encaixando completamente em nenhum deles. (MOOS; SUGARS, 2009, p. 131)<sup>7</sup>

Apesar de relacionados ao elemento nativo através dos fatores naturais ou as úteis aprendizagens a partir do modo de vida dos aborígenes, muitas das narrativas, a exemplo de *Bogle Corbet or The Emigrants* (1831) de John Galt, *The settlers in Canada* (1844) de Frederick Marryat e *Snowflakes and sunbeams or A tale of the North* (1856) de Robert Michael Balantyne, no intuito de legitimar a presença dos colonos no novo mundo, “geralmente retratam personagens indígenas, como membros de uma raça em extinção ou como portadores de uma potencial contaminação da cultura e dos costumes morais Europeus”. (MOSS; SUGARS, 2009, p. 130)<sup>8</sup> Portanto, o tratamento literário era marcado por ambiguidades, ora retratando o nativo como antagonista selvagem, ora como o selvagem nobre. Esse último emergia em obras como *Wacousta* (1832) e *The Canadian Brothers*, de John Richardson, cuja teia narrativa revela a natureza das tensões raciais entre colonos e nativos numa interpenetração da “civilização” com a vida “selvagem”.

Não obstante, denominado como o “Outro”, o indígena, elemento nativo, se faz presente e/ou tem sua fala representada em traduções de missionários, nos textos dos exploradores e mesmo na dos assentados. A linguagem simbólica e figurativa dos aborígenes, considerada complexa, era aos poucos registrada tanto pelo lado francês quanto pelo lado inglês do Canadá. Contudo, os primeiros escritos de expressão inglesa dos aborígenes só emergem no século XIX sob a tutela dos missionários, em sua maioria metodistas. Na realidade, os escritores eram nativos convertidos ao cristianismo e/ou missionários encorajados a escrever para uma audiência externa de também cristãos, disseminando o discurso do bom-selvagem, necessitado da compaixão e apoio, em sua assimilação às “benesses” da civilização europeia. Dentre esse grupo de escritores, destacamos George Copway, o primeiro aborígene canadense a publicar em língua inglesa, cujo texto autobiográfico, se intitula *The life, history, and travels of Kah-ge-ga-gah-bowh, a Young Indian chief* (1847). Da mesma forma, temos Peter Jones, *Life and journals of Kah-Ke-Wa-Quo-Na by*

---

<sup>7</sup> “One finds something of a contradiction in early writing about Canadian society. On the one hand, settlers sought to make themselves feel or appear “native” to Canada by defining themselves as part of a newly emergent society and identifying with Aboriginal myths as a way of contributing to the uniqueness of that society. Think, for example, of how proud Anna Jameson and Susanna Moodie are at their newly acquired canoeing skills, an accomplishment that women of their time would never have been able to achieve in England. On the other hand, many of these early writers looked to England as the mother country and source of their identity. Critics have argued that settlers were in fact caught between divergent worlds and fit completely in neither”.

<sup>8</sup> “often depict indigenous characters either as members of a dying race or as carrying the potential for the contamination of European culture and morals”.

*Wesley: a minister* (1860), e a primeira poetisa aborígine (em literatura escrita, não oral) no Canadá, Pauline Johnson (1862-1913), que teve sua estreia literária em Londres, com texto intitulado *White lampum* (1895); em seu regresso ao Canadá, publicou *Canadian born* (1903). Apenas por volta do século XX, mais especificamente a partir da década de sessenta, as narrativas dos nativos se voltaram a combater as imposições da cultura europeizada “dominante”, descrystalizando os estereótipos imbuídos pela colonização, já que esses ainda eram considerados como estrangeiros pela cultura branca e vinculados à literatura étnica, como veremos mais adiante.<sup>9</sup>

Quanto ao desenvolvimento literário da colônia e o sentimento de pertença, temos como parte vital a construção de uma comunidade firmada através da fundação de pequenos jornais capazes de contemplar as grandes distâncias entre as comunidades vizinhas e de certo modo integrando-as, algo semelhante ao que denomina Benedict Anderson (2006) mais recentemente de “comunidades imaginadas”. Sob os esforços dos jornais locais, o *The Literary Garland* (1838-1851) publicado em Montreal principalmente se destaca como o primeiro a romper distâncias, atingindo o público dentro e fora do Canadá. Destaca-se a importância do jornal como meio de produção, sendo observado que esse seria “notável como um importante instrumento para muitos literatos do período, os quais escreviam para um público local e trabalhavam na criação de uma voz canadense”. (MOSS; SUGARS, 2009, p. 115)<sup>10</sup>

Dessa forma, apesar da escassez de editoras formais no país, e do fato de a leitura e escrita serem de acesso restrito, já que o material publicado era escasso e caro, floresceram no país, como forma de contra balancear as dificuldades, as chamadas sociedades literárias; suas atividades tornaram-se populares e favoreceram a disseminação de eventos culturais e de educação, através de uma organização de trocas intelectuais. Essa ação integrativa de formação e instrução de um público leitor pretendia burlar as condições ínfimas quanto à produção e distribuição das belas letras. Nas palavras de Antonio Candido (2004, p. 20), crítico brasileiro, os escritos das colônias

---

<sup>9</sup> Em nosso percurso, ainda que extenso sobre a literatura canadense, faz-se mister a recapitulação de alguns fatos e publicações com a finalidade de elucidarmos o florescimento da literatura migrante (foco de nosso estudo). Citamos como fontes esclarecedoras à respeito da consolidação das primeiras letras, as antologias e compêndios: *The Oxford Companion to Canadian Literature* edited by William Toye (1983); *The Oxford Companion to Canadian Literature* edited by Eugene Benson and William Toye (1997); *An Anthology of Canadian Literature Volumes I and II* edited by Donna Bennett and Russell Brown (1983); *A New Anthology of Canadian Literature in English* edited by Donna Bennett and Russell Brown (2002);

<sup>10</sup> “is notable as an important vehicle for many literary authors from this period who were writing for a local audience and working on creating a Canadian voice”.

se voltavam “para a construção duma cultura válida no país. Quem escreve, contribui e se inscreve num processo histórico de elaboração nacional”, o que também se aplica ao foco de nosso estudo.

Assim, a reunião de uma sociedade literária pode incluir a discussão de um texto específico; recitação de seleções poéticas; a performance de cenas dramáticas, debates formais; leitura de ensaios dos membros sobre o texto; apresentação de trabalhos criativos dos membros; debate formal, e um recital de música instrumental ou vocal. As sociedades foram fundamentais para a formação da comunidade em áreas emergentes da colônia. (MOSS; SUGARS, 2009, p. 113)<sup>11</sup>

Percebida, então, como essencial à formação de uma cultura nacional integrativa, os movimentos capazes de abalar esse intuito levaram líderes políticos tanto ingleses quanto franceses, temerosos de uma possível incorporação aos Estados Unidos da América, a decidirem pela união das diversas províncias britânicas da América do Norte, culminando no 1 de Julho de 1867, data do advento da Confederação, período que marca uma nova fase de autodeterminação no que diz respeito à História e literatura canadenses. A Confederação estabelece um período de desenvolvimento focado na formação da nação e em sua autonomia cultural. Sob o lema instituído em 1906 – *A mari usque ad mare* (*From sea to sea*) – o país foi considerado, assim, um território independente, ainda que inserido no Império Britânico, e em conformidade ao novo status, o interesse pelo crescimento cultural nacional ascendeu. De acordo com Gwendolyn Davies (2008, p. 87), “(...) no período colonial, a literatura Canadense pós-Confederação luta para encontrar uma voz”<sup>12</sup>, ou seja, a literatura colaborava com a fundação de uma nova identidade nacional. Como um primeiro movimento ante à identificação de raízes próprias, a poesia se tornou maestrina na regência dos chamados poetas da confederação, que almejavam a instituição de uma tradição literária como reflexo de um movimento nacional. Para isso, contemplaram temas universais aliados ao cenário e história do país como fonte de inspiração. Os poetas Charles G. D. Roberts, Archibald Lampman, Bliss Carman e Duncan Campbell Scott, influenciados pelo romantismo inglês e pelos transcendentalistas estadunidenses, soergueram louvores aos aspectos locais; de acordo com Candido (1975, p. 26), ainda escrevendo sobre a experiência colonial no continente americano, seria um “esforço de construção do país livre em cumprimento a um programa, bem

---

<sup>11</sup> “So a meeting of a literary society might include discussion of an assigned text; recitation of poetic selections; performance of dramatic scenes; formal debates; reading of members’ essays on the text; presentation of creative works of members; formal debate; and a recital of instrumental or vocal music. The societies were central to community formation in emergent areas of the colony”.

<sup>12</sup> “as in the colonial period post-Confederation Canadian literature struggle to find a voice”.

cedo estabelecido, que visava a diferenciação e particularização dos temas e modo de exprimi-los”. Um dos pioneiros a encetar a nova perspectiva poética foi Charles G. D. Roberts com as publicações *Orion, and other poems* (1880) e *In diverse tones* (1886), seguido por Archibald Lampman com *Among the millet* (1888) e *Lyrics of Earth* (1895) e por Duncan Campbell Scott em *The magic house, and other poems* (1893) e *Labor and the angel* (1898), obras constituintes de um tronco coeso entre a expressão da terra e a consciência canadense.

Seguindo a temática de um esboço da “cor local”, os romancistas buscavam fontes inspiradoras em todas as partes do país, retratando as variadas regiões; fundamentados no contexto social de exaltação à “canadianidade”; os regionalismos se sobressaiam aliados ao humor, à sátira e crítica social. Assim, no âmbito do romance se destacam Sara Jeannette Duncan, com *The Imperialist* (1904), cuja análise social e cultural de uma pequena cidade em Ontário explora as políticas imperialistas e as tensões econômicas do Canadá para com a Inglaterra e os Estados Unidos. O mesmo ocorre em relação à Lucy Maud Montgomery, com *Anne of Green Gables* (1908) narrativa de respaldo internacional, que levou ao conhecimento geral sua protagonista Anne, uma órfã ruiva, com a vida marcada por peripécias, habitante da Ilha Príncipe Edward e sua busca imagética por autoconhecimento. O romance de Montgomery, considerado um clássico, gerou várias leituras e até os dias atuais passa por diversas adaptações para o teatro e cinema. Dentre as narrativas também se sobressaíram Marian Keithe, com destaque seu romance *The way of the Sea* (1903) sobre as comunidades escocesas no sul de Ontário e *Doctor Luke of the Labrador* (1904), de Norman Duncan. Em distintos níveis e de modos variados, os romances do período em destaque se integraram aos aspectos regionais, sociais, históricos, não restritos apenas ao interior do país, como também se conectando tematicamente em nível internacional. Outra vertente contempla as histórias de animais de Charles G. D. Roberts, com *A Book of Animal Life* (1904) e *A Book of Animal Stories* (1907), cujas narrativas foram analisadas pela crítica como reflexo da relação entre o gênero abordado por Roberts e a crise identitária da nação emergente, relação essa que paulatinamente se inseria nas letras canadenses.

Apesar desses esforços na concretização de uma singularidade populacional evidenciando a terra, a paisagem, como vista pelos primeiros colonizadores europeus, não mais se poderia negar o contingente diversificado de povos que se estabeleciam e aspiravam por direitos, isso sem considerarmos os indígenas, que já habitavam as Américas desde períodos imemoriais. Em todo caso, a demanda imigrante em expansão no início do século XX, mais especificamente entre os



decênios de 1920 a 1940, requisitada a partir do desenvolvimento industrial e tecnológico canadense, acarretaram mudanças na cultura, identidade, políticas migratórias e na literatura do país. O aprimoramento da técnica realista se destaca com F. P. Grove no romance *The master of the Mill* (1944), o qual retrata as complexidades da sociedade industrial canadense e a experimentação com elementos tradicionais ao romance, produzindo uma narrativa fragmentada e regida por nova lírica, e em Howard O'Hagan com *Tay John* (1939) associando mitos nativos ao realismo. Em fluxo com o período, a produção de romances de impacto psicológico proporciona o florescer das primeiras obras na literatura denominada “étnica”, em geral produzida pelos povos não pertencentes aos grupos fundadores (*Charter Groups*). Contemplando os nascidos ou criados dentro do território canadense, segundo afirma Neil Ten Kortenaar (2009), as narrativas dessa geração correspondem à primeira onda da escrita migrante (representados por europeus, chineses e japoneses) frente à demanda pelo reconhecimento da pluralidade nacional. Apropriando-se da língua do primeiro colonizador e de seu discurso, a literatura étnica contra-ataca e reconstrói, através da exposição de sua história, já embrenhada na cultura dominante.

Os imigrantes no final do século XIX e nos primeiros sessenta anos do século XX eram predominantemente do Sul e da Europa Oriental, como também do Norte da Europa, China e Japão. Eles foram marginalizados por muitas coisas, mas especialmente pela língua. Em geral, eles pertenciam à classe operária e não tinham aspirações literárias nem mesmo em seus próprios idiomas. A experiência desses grupos é representada na literatura apenas pela escrita de seus filhos e netos. (KORTENAAR, 2009, p. 560-561)<sup>13</sup>

Assim, um dos primeiros romances a se destacar no século XX é o da escritora islandesa Laura Goodman Salverson, intitulado *The Viking Heart* (1923); a narrativa se passa em 1876 e expõe os processos decorrentes da vinda de 1.400 imigrantes islandeses a Manitoba. O romance tornou a escritora pioneira na ficcionalização do drama dos imigrantes no oeste da América do Norte. Sob temática semelhante, Salverson escreve *When Sparrows Fall* (1925), *The Dark Weaver* (1937) e sua autobiografia intitulada *Confessions of an Immigrant's Daughter* (1939). Em seguida foi publicado por Martha Ostenso, *Wild geese* (1925), por Frederick Philip Grove, *Settlers of the*

---

<sup>13</sup> “Immigrants in the late nineteenth century and first sixty years of the twentieth came predominantly from Southern and Eastern Europe, but also from Northern Europe, China, and Japan. They were marginalized by many things, but especially by language. In general, they were working class and did not have literary aspirations even in their own languages. The experience of these groups figured in literature only when the children and grandchildren wrote about it”. (KORTENAAR, 2009, p. 560-561)

*marsh* (1925) e Ethel Grayson, *Willow smoke* (1928). Os denominados escritores das pradarias, caracteristicamente regionais e realistas, como ficaram conhecidos, influenciaram as narrativas posteriores sobre imigrantes, a exemplo de Adele Wiseman com *The sacrifice* (1956) narrativa voltada para a imigração de judeu-ucranianos; Mordecai Richler com *Son of a Smaller Hero* (1955) e o retrato da terceira geração de uma família de imigrantes judeus em *The apprenticeship of Duddy Kravitz* (1959).

Enquanto isso, prevalecia no país uma diferenciação entre os grupos étnicos. Segundo estudos da historiadora Constance Backhouse, até a primeira metade do século XX a sociedade canadense estava enquadrada num processo de “decomposição racial” imposta por políticas assimilacionistas, já que apenas os brancos eram considerados cidadãos (*The White privilege*), sendo, dentre esses, ingleses, franceses e norte europeus os que mais se identificavam com tal posição. De acordo com Daniel Coleman (1996), o comprometimento da comunidade literária com as noções da dominação branca era reforçado nesse processo de construção nacional. Quanto aos povos à margem, a exemplo da migração chinesa que data do ano de 1850, que oferecia trabalhadores para a construção das ferrovias, tanto chineses quanto outros povos asiáticos não inclusos na proposta identitária oficial do país eram submetidos a leis severamente restritivas, conforme afirmam Moss; Sugars (2009, p. 337): “A Lei de Imigração Chinesa, que data de 1885, estipulou que os navios poderiam desembarcar apenas um imigrante chinês a cada cinquenta toneladas de capacidade de carga, e a todos os imigrantes lhes seriam negadas à cidadania.”<sup>14</sup>. Esse ato perdurou até o ano de 1940, quando, por fim, o governo anulou o documento anterior e concedeu direitos (dentre estes o direito ao voto) aos chineses canadenses. Ademais, a configuração do país passaria por modificações intensas após a Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Aliás, a tarefa de definir uma cultura canadense já a partir da Confederação estabelece uma variada gama de questionamentos ressonantes até as transformações do pós-sessenta.

Com a consolidação de sua reputação internacional e uma autoconfiança no espírito nacional oriundos do pós-guerra é instituído a partir de 1 de Janeiro de 1947, o Canadian Citizenship Act, que passa a reconhecer como cidadãos do Canadá os antes denominados “subjects of the Crown”<sup>15</sup>, ato este implementado apenas aos grupos brancos. Segundo Moss; Sugars (2009,

---

<sup>14</sup> “the Chinese Immigration Act of 1885 stipulated that ships could land only one Chinese immigrant for every fifty tons of carrying capacity, and all Chinese immigrants were denied Canadian citizenship”.

<sup>15</sup> “Súditos da coroa”.

p. 222), “o Canadá foi uma hierarquia de auto perpetuação, onde os de origem britânica ocupavam as posições mais altas, enquanto os outros grupos, como os franco-canadenses, os povos indígenas, imigrantes e minorias visíveis foram relegados aos degraus inferiores do sistema de classes”<sup>16</sup>. Contudo, apesar das restrições, a diversidade de suas regiões se mescla à diversidade cultural em expansão e sua literatura caminha para uma releitura do passado histórico pelos grupos ditos periféricos.

## 1.2 Novos contextos a partir do século XX

*History leaves its marks on our literature; it always has.*

Linda Hutcheon

O período considerado como um divisor de águas no desabrochar literário e cultural canadense está situado no contexto literário emergente entre as décadas de sessenta e setenta do século passado, que demarca um período de transição caracterizado como uma fase de despertar da autoconsciência e ressurgimento de um nacionalismo cultural em sua história literária. Se anteriormente, por volta do século XIX, a busca por uma identidade nacional já incitava discussões, no século XX tal debate se deu de modo particular, conforme assertiva das teóricas Laura Moss e Cynthia Sugars (2009, p.213): “como nunca antes, a busca pela identidade canadense adquirira verdadeiramente uma dimensão pan-nacional”<sup>17</sup>. Esse período foi identificado com o ano de 1967, data que marca as comemorações ao Centenário da Confederação e a propagação da arte canadense com a Expo 67, em Montreal. Ali foi afirmado um sentimento de autonomia em relação

---

<sup>16</sup> “Canada was a self-perpetuating hierarchy, where those of British origin occupied the top positions while other groups, such as French Canadians, Indigenous peoples, immigrants, and visible minorities, were relegated to the bottom rungs of the class system”.

<sup>17</sup> “as never before, the quest for Canadian identity had a truly pan-national dimension”. (Tradução nossa).

aos resquícios das tradições britânicas e ao imperialismo estadunidense. Segundo expressão de Margaret Atwood, o período era de diferenciação, no intuito de se ascender do “limbo”<sup>18</sup>. Nessa perspectiva, o relatório de Vincent Massey (Massey Report), intitulado oficialmente de “Royal Commission on National Development in the Arts, Letters and Sciences” (1951), buscava promover a imagem de uma identidade nacional, pois sua conclusão indicava que o Canadá se encontrava culturalmente ameaçado pela influência e produção estadunidense. Assim, no intuito de garantir a autonomia cultural do país, a comissão determinou os passos rumo à pesquisa, conservação e produção, resultando na criação do *Canada's Council* (1957).

Desse fervor nacionalista despontou uma crescente produção literária cuja oferta legou as obras mais significativas na composição do cânone canadense do período mais recente. Dentre os escritores de maior destaque, citamos, como exemplo, Margaret Atwood, George Bowering, George Elliot Clarke, Jack Hodgins, Robert Kroetsch, Michael Ondaatje, Jane Urquhart, Guy Vanderhaeghe e Ruby Wiebe. Pela primeira vez, na segunda metade do século XX, se editou e publicou de forma mais marcante no território canadense, pois, conforme ressalta David Staines (2006, p. 13), “na década de cinquenta o Canadá era um país não familiarizado com a sua própria identidade cultural. E para muitos dos escritores do período, a publicação tinha de ocorrer em outro lugar”<sup>19</sup>.

Denominada por Reingard Nischik (2008, p. 19) “Canada’s Elizabethan Age”, o comparativo ao período Elisabetano ou áureo da Inglaterra faz jus à dinâmica das manifestações culturais que se alastravam pelo território nacional por volta da metade do século XX. Considerado um renascimento das artes como um todo, essas se multiplicam nesta fase com o apoio do *Canada's Council* (1957), o estabelecimento de teatros<sup>20</sup>, a criação de editoras e a decorrente publicação de periódicos<sup>21</sup> e revistas<sup>22</sup> voltados para a análise da literatura do país. Nas palavras de Nischik (2008, p. 19), no período áureo, “caracterizado por um desenvolvimento explosivo da

---

<sup>18</sup> Artigo *Nationalism, Limbo and the Canadian Club* (1971), Margaret Atwood.

<sup>19</sup> “in the fifties Canada was a country not conversant with its own cultural identity. For many writers of the period, publication had to take place elsewhere”.

<sup>20</sup> Vancouver Playhouse e Halifax’s Neptune Theatre (1963), The Citadel (1965), The Saidye Bronfman Centre (1967), Theatre New Brunswick (1968), Ottawa’s National Arts Centre (1969).

<sup>21</sup> *Canadian Literature* (1959); *Journal of Canadian Studies* (1966); *The Journal of Canadian Fiction* (1972); *Essays on Canadian Writing* (1974); *Canadian Theatre Review* (1974); *Studies in Canadian Literature* (1976); *Canadian Poetry* (1977).

<sup>22</sup> *Prism* (1959); *Alphabet* (1960); *TISH* (1961); *blewointment* (1963); *Open Letter* (1965); *West Coast Review* (1966); *Wascana Review* (1966); *Ellipse* (1969); *Antigonish Review* (1970); *Descant* (1970); *Books in Canada* (1971); *Exile* (1972); *Capilano Review* (1972); *CW II* (1975).

literatura em todos os gêneros e por uma intensa busca por identidades nacionais”<sup>23</sup>, viceja uma demarcação identitária norteada pela unificação nacional, cuja finalidade estava engajada em determinar alguma origem comum. Em contrapartida, o desejo por homogeneização, pensado inicialmente como forma de unificação, culmina na identificação e reconhecimento da latente heterogeneidade verificável no território nacional, bem como a resultante necessidade de inclusão tanto das Primeiras Nações quanto dos povos migrantes não brancos e seus descendentes.

A crescente diversidade da sociedade canadense ao longo do século XX mudou não só o perfil demográfico do país, mas também sua voz cultural. A literatura Canadense, outrora restrita a obras que refletiam tanto as suscetibilidades Anglo-Celta ou francesas, torna-se cada vez mais pluralista e polifônica. De fato, o trabalho produzido por “outras” vozes tem sido uma ferramenta importante na efetivação desta nova visão sobre o Canadá [...] tal literatura tem se tornado tanto os meios como o produto dessa revelação. Dessa forma, ela pode ser vista como parte de um ritual catártico de adaptação, um meio de ligação entre o velho e o novo, o passado e o presente, e uma maneira de transformar as comunidades, indivíduos e em última instância a cultura canadense. (SEILER; RASPORICH, 1999, p. 313)<sup>24</sup>

Por conseguinte, as práticas literárias do pós-sessenta atribuíram voz aos povos denominados “minorias visíveis”, cuja entrada em território canadense se deu gradativamente, dadas as políticas raciais de composição da população, a exemplo do Ato de Imigração de 1910. Entretanto, com a demanda por força de trabalho nos setores da agricultura, produtos manufaturados e da indústria fez-se necessário que as restrições migratórias se diluíssem, abrindo em definitivo os portos para povos oriundos da Ásia, América do Sul, Sudeste Europeu e África, demanda esta que redesenhou, via contornos diversos, não apenas a nação, como também a(s) face(s) literária(s) canadense(s).

A migração, o exílio e experiência diaspórica são assuntos de proporção substancial em textos canadenses do final do século XX e XXI, especialmente no importante gênero da escrita de vida. Também notável é o florescimento do romance histórico pós-moderno, e em muitos desses textos, um fascínio com a

---

<sup>23</sup> “characterized by an explosive development of literature in all genres and by an intensive search for ‘national identities’”.

<sup>24</sup> “The increasing diversity of Canadian society throughout the twentieth century has changed not only the demographic profile of the country but also its cultural voice. Canadian literature, once limited to works reflecting either Anglo-Celtic or French sensibilities, is increasingly pluralistic and polyphonic. Indeed, the work produced by “other” voices has been an important tool in effecting this new vision of Canada [...] this literature has been both the means and the product of revelation. As such, it can be seen as part of a cathartic rite of adaptation, a means of linking old and new, past and present, and a way of transforming communities, individuals, and ultimately Canadian culture”.

história do Canadá coexiste com um ceticismo sobre todo o projeto de escrever histórias nacionais. (HAMMILL, 2007, p. 12)<sup>25</sup>

Apesar da opressão nas políticas literárias e não obstante o fato das temáticas sobre migração, deslocamento e exílio estarem presentes na ficção canadense de expressão inglesa como marcas da perda ou renúncia de uma identidade “estrangeira transplantada”, os autores que fazem parte das minorias racializadas voltaram seus escritos à feitura de textos e teorias fundamentadas numa releitura do posicionamento, representação e apropriação cultural de suas comunidades, contestando, assim, a homogeneização de uma identidade fundada com base nos povos brancos assentados. Segundo Moss; Sugars (2009, p. 517) “O compromisso com uma identidade singular canadense está sendo substituída por uma valorização da heterogeneidade da nação”<sup>26</sup>. Desafiando, portanto, os padrões remanescentes no estabelecimento da CanLit e de certo modo, na natureza racial do nacionalismo literário canadense anterior, estes autores reescrevem a história da nação através de suas formações híbridas, o que acaba dando um viés diferenciado aos textos que constroem, que se apresentam a partir de patamares diversos, inclusive políticos. Se *a priori*, o questionamento se dava em relação à localidade, “Onde estamos?”, segundo os críticos do fato literário canadense, a mesma se altera para “Quem está aqui?” e “Quem pode falar?”.

O debate sobre “aqui”, o foco na relação entre indivíduo e lugar ainda predomina na teoria literária Canadense; contudo, os parâmetros que definem tanto a identidade quanto o espaço têm se modificado imensamente. A teoria Canadense não mais ambiciona assegurar-se de uma literatura e identidade nacional, mas demonstra que conceitos como nação, espaço e identidade dependem acima de tudo de estruturas de poder e estratégias representacionais que definem o “aqui” a partir de uma multiplicidade de perspectivas divergentes. (ROSENTHAL, 2008, p. 308)<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> “Migration, exile and diasporic experience are subjects of substantial proportion of late twentieth- and twenty-first-century Canadian texts, especially in the important genre of life writing. Also notable is the burgeoning of the postmodern historical novel, and in many such texts, a fascination with Canada’s history coexists with a scepticism about the whole project of writing national histories”.(HAMMILL, 2007, p. 12)

<sup>26</sup> “The commitment to a singular Canadian identity is being replaced by an appreciation of the heterogeneity of the nation”.

<sup>27</sup> “The question of “here”, the focus on the relation between subject and place, still prevails in Canadian literary theory; however, the parameters for defining both identity and space have vastly changed. Canadian theory no longer strives to assure itself of a national identity and literature, but shows that concepts such as nation, space, and identity rely above all on power structures and representational strategies that define “here” from a multitude of different perspectives”.

Regidos assim primordialmente pelo paradigma denominado ‘mosaico étnico’, idealizada por John Murray Gibbons, por volta de 1938, os imigrantes eram convidados a se inserirem no processo de assimilação como forma de entrada à “civilidade”; na realidade, o respeito à integridade cultural de cada povo migrante, na prática, estava direcionado para um dentre os dois núcleos assimilacionistas dominantes: o lado francês ou o lado inglês. O bilinguismo instituído oficialmente em 1969 provocou discussões acerca dos grupos minoritários presentes no país e que demandavam espaços de inclusão na constituição da “identidade” Canadense. Discordando veementemente da proposta assimilacionista, vários migrantes mantiveram suas práticas ancestrais. Posteriormente, com o advento das políticas multiculturais na década de setenta, o modelo assimilacionista decaiu, franqueando assim à adoção de uma pluralidade quanto à vivência dos aspectos culturais e étnicos de cada grupo. Em se tratando de um país cuja imigração é elemento fulcral de sua construção histórica e responsável pela singularidade das políticas ministradas que tem por base a tolerância, o multiculturalismo emerge como um canal de reposição de vetustas formas de hierarquia racial por um *ethos* multiétnico, instituindo políticas de integração das diversidades culturais. De acordo com Harold Troper (1999, p. 997):

A expressão “multiculturalismo” tem sido empregada pelos Canadenses para se referir a fenômenos diferenciados, porém, relacionados: a realidade demográfica da população canadense composta por povos e grupos que representam uma pluralidade de tradições etnoculturais e origens raciais; um ideal social ou valor que aceita o pluralismo cultural como uma característica positiva e diferenciada da sociedade canadense; e iniciativas das políticas governamentais concebidas para reconhecer, apoiar, e – conforme alguns argumentam – para gerenciar o pluralismo cultural e racial a níveis federal, estadual e municipal.<sup>28</sup>

Inegavelmente um país pluralista antes mesmo da chegada dos primeiros colonos europeus, pois as nações aborígenes já constituíam uma teia cultural formada por diferentes padrões linguísticos e culturais, ressalva Harold Troper (1999), o Canadá reflete “uma pluralidade de origens e tradições culturais que são compreendidas como o multiculturalismo hoje no país”<sup>29</sup>. Ainda segundo Troper (1999) o multiculturalismo não descreve apenas a realidade demográfica pluralística, mas condiz positivamente ao crescimento etnocultural matizado, visto como um grupo

---

<sup>28</sup> “The term “multiculturalism” has been used by Canadians to refer to several different, but related, phenomena: the demographic reality of a Canadian population made up of peoples and groups representing a plurality of ethnocultural traditions and racial origins; a social ideal or value that accepts cultural pluralism as a positive and distinctive feature of Canadian society; and government policy initiatives designed to recognize, support, and – some might argue – manage cultural and racial pluralism at federal, provincial, and municipal levels”.

<sup>29</sup> “a plurality of origins and cultural traditions that is understood as multiculturalism in the country today”.

coesos e aptos à convivência, ofertando assim uma visão da identidade canadense baseada na diversidade cultural. Nesse sentido, a doutrina multiculturalista, por sua vez, prega o reconhecimento e amparo legal às culturas minoritárias, combatendo os particularismos. Dessa forma, o multiculturalismo no Canadá, introduzido legalmente em 1971, gerou um programa de iniciativas voltadas ao reconhecimento das minorias visíveis.

As sociedades modernas são de modo crescente acareadas por grupos minoritários que demandam o seu reconhecimento identitário e adaptação de suas diferenças culturais. Isso é frequentemente formulado como um dos desafios do multiculturalismo. Entretanto, o termo ‘multicultural’ abrange diferentes formas de pluralismo cultural, cada um dos quais constrói seus próprios desafios. Há uma variedade de formas através das quais as minorias se tornam incorporadas às comunidades políticas, indo desde a conquista e colonização de sociedades previamente auto governadas à imigração voluntária de pessoas e famílias. Essas diferenças no modo de incorporação afetam a natureza dos grupos minoritários, e o tipo de relação que eles almejam estabelecer com a sociedade mais ampla. (KYLIMCKA, 1995, p.10)<sup>30</sup>

Conforme afirma Will Kymlicka (1995, p. 14) “os imigrantes devem ser livres para manterem alguns de seus antigos costumes concernentes à alimentação, vestuário, religião, e para associarem-se uns aos outros na manutenção desses”<sup>31</sup>. Não obstante a imagem de núcleos solidários entre os grupos étnicos e a sua convivência geralmente pacífica, o conceito de multiculturalidade é visto por muitos críticos como um paliativo aos embates e tensões na coexistência entre diferentes culturas numa única sociedade, pois, apesar de nutrir a tolerância e o entendimento, em contrapartida, pressupõem que cada grupo étnico é unificado e que não se predispõe a transgredir limites culturais, ou seja, mantêm uma visão da cultura como entidade estável. Ainda assim, vale mencionar que, segundo Bannerji (2009, p. 337) “as minorias visíveis, por serem sujeitos políticos menores ou não autênticos, praticamente só conseguem adentrar a política com base no multiculturalismo”<sup>32</sup>. Desse modo, o multiculturalismo reconhece a

---

<sup>30</sup> “Modern societies are increasingly confronted with minority groups demanding recognition of their identity, and accommodation of their cultural differences. This is often phrased as the challenge of ‘multiculturalism’. But the term ‘multicultural’ covers many different forms of cultural pluralism, each of which raises its own challenges. There are a variety of ways in which minorities become incorporated into political communities, from the conquest and colonization of previously self-governing societies to the voluntary immigration of individuals and families. These differences in the mode of incorporation affect the nature of minority groups, and the sort of relationship they desire with the larger society”.

<sup>31</sup> “immigrants should be free to maintain some of their old customs regarding food, dress, religion, and to associate with each other to maintain these practices”.

<sup>32</sup> “visible minorities, because they are lesser or inauthentic political subjects, can enter politics mainly on the ground of multiculturalism”.



pluralidade, entretanto omite as desigualdades oriundas dessa multiplicidade, sendo que se pode observar que “os paradigmas do multiculturalismo reembalam ideologias conservadoras neoliberais sob o manto discursivo da diversidade” (MCLAREN, 1997, p. 10). Segundo os escritores e críticos Neil Bissoondath e Himani Bannerji, o multiculturalismo encoraja a guetização das minorias através de uma ideologia superficial sobre as diferenças, acarretando nos estereótipos de uma diferenciação posteriormente neutralizada com a finalidade de unificar. Conforme Bannerji (2009, p. 328) declara, o discurso do multiculturalismo culmina numa construção ideológica do Canadá, dispondo os povos migrantes numa situação peculiar.

Por um lado, por nossa mera presença, somos uma porção central da distinta unidade pluralista da nação Canadense; por outro lado, essa centralidade é dependente de nossa “diferença”, o que denota o poder de definição que os “Canadenses” tem sobre os “outros”. Na ideologia da nacionalidade multicultural, entretanto, essa diferença é lida de modo neutro no que diz respeito ao poder, ao invés de se organizar através da classe, gênero e raça.<sup>33</sup>

Desse modo, provendo uma plataforma inicial aos hibridismos culturais e às múltiplas identidades em ascensão, o multiculturalismo na singularidade canadense “idealmente resulta na ausência de conflito étnico destacado, apesar de uma crescente heterogeneidade da população, repousando em compreensões federais quanto às aspirações nacionalistas dos seus diversos grupos” (BANITA, 2008, p. 388)<sup>34</sup>. Acrescenta-se a tal posicionamento que o reconhecimento vital dos povos minoritários se interpõe mediante as barreiras raciais e étnicas impostas pela sociedade majoritária. Conforme ressalta Bannerji (2000, p. 10) entre a cultura canadense e as multiculturas “um elemento de branquitude entra tranquilamente nas definições culturais, marcando a diferença entre um grupo cultural considerado como central e outros grupos que são representados como fragmentos culturais”<sup>35</sup>. Essa perspectiva que tende a reger a organização das minorias no território canadense, nos permite refletir a respeito da necessidade desses povos de cor estabelecerem coligações juntamente a outros grupos minoritários como forma de proferir

---

<sup>33</sup> On the one hand, by our sheer presence we provide a central part of the distinct pluralist unity of Canadian nationhood; on the other hand, this centrality is dependent on our “difference”, which denotes the power of definition that “Canadians” have over “others”. In the ideology of multicultural nationhood, however, this difference is read in a power-neutral manner rather than as organized through class, gender and race”.

<sup>34</sup> “ideally results in the absence of overt ethnic conflict despite an increasingly heterogeneous population, lies in its federal approach to the nationalistic aspirations of its diverse groups”.

<sup>35</sup> “an element of whiteness quietly enters into cultural definitions, marking the difference between a core cultural group and other groups who are represented as cultural fragments”.

alternativas de engajamento dentro da cultura canadense, algo que sob a regência do multiculturalismo não ocorre satisfatoriamente. Assim, de modo a reconceber a noção de canadianidade como identidade mais ampla dentro das diferenças, pois cada indivíduo é seu próprio mosaico ou caleidoscópio (Janice Kulyk Keefer, 1991), o multiculturalismo cede espaço aos processos transculturais que não neutralizam os antagonismos entre as variadas tensões culturais, mas sim, abrem vertentes para a imersão nos processos de negociação de valores e normas.

### 1.3 – Imigração japonesa no Canadá

*i remember “JAPS SURRENDER!”  
i remember all the flagrant incarcerations  
i remember playing dead Indian  
i remember the RCMP finger-printing me:  
i was 15 and lofting hay that cold winter day  
What did I know about treason?  
i learned to speak a good textbook English  
i seldom spoke anything else.  
i never saw the ‘yellow peril’ in myself  
(Mackenzie King did)*

Roy Kiyooka

A imigração japonesa teve início por volta de 1877 no Canadá, oficialmente com a chegada do primeiro imigrante, o jovem de dezenove anos, Manzo Nagano. Tal imigração foi estimulada pela busca por mão de obra a preço módico pelos empregadores canadenses, já que a imigração chinesa sofrera decréscimos devido à implementação do Chinese Immigration Act, de 1855, que restringia a entrada de imigrantes chineses e negava aos que entravam à cidadania canadense. Os imigrantes japoneses chegavam ao território canadense a procura de emprego temporário, o que gerou a denominada primeira onda, que aportou no país entre os anos de 1877 e 1928. Formada principalmente por homens jovens (a primeira imigrante japonesa mulher, Yo Oya só chegaria a

Vancouver em 1887), esta leva inicial de trabalhadores de origem japonesa ou primeira geração (Issei) como ficaram conhecidos, se dividiu entre a atividade pesqueira e agrícola em Vancouver e Victoria, em British Columbia, e Edmonton, em Alberta. Posteriormente, parte dos imigrantes passou a habitar o centro urbano de Vancouver, estabelecendo pequenos comércios como barbearias, mercados, restaurantes por volta do ano de 1900. Inseridos assim na sociedade canadense, o número de imigrantes em crescente ascensão suscitou a criação de associações voltadas a tratar da condição social, política, econômica e educacional atreladas a eles. Dentre as principais, citamos: The Canadian Japanese Association (1897) e Canadian Japanese Educational Association. O primeiro senso realizado no Canadá sobre o contingente de imigrantes japoneses no país entre os anos de 1901 e 1911 relata que mais de 10.000 imigrantes aportaram em British Columbia, no entanto, a chegada deles não era bem aceita pela população de descendência europeia, conforme esclarece David Sulz (2008, p. 39):

Os povos brancos de British Columbia usaram de vários métodos para limitar a imigração japonesa e restringir as oportunidades de emprego abertas aos recém-chegados. A legislação e a cassação em 1895, por exemplo, efetivamente excluía a todos os japoneses de certas profissões, assim como da participação em atividades políticas.<sup>36</sup>

As exclusões e limites impostos aos japoneses de primeira geração foram imputados gradativamente às gerações posteriores, tanto aos novos migrantes, quanto aos nascidos no país. Políticos e supremacistas brancos articularam a aprovação de ementas e leis direcionadas a pressionar nipo-canadenses a deixarem o país, excluindo-os do direito ao voto, não lhes dando direito a trabalhar em função pública e na educação. Isso acabou acarretando a imposição de sub empregos à comunidade nipo-canadense, com salário inferior e sob condições precárias, “leis trabalhistas e salário mínimo asseguravam os empregadores a contratarem asiático canadenses apenas para trabalhos braçais ou inferiores, pagando-lhes menos do que era pago aos caucasianos”<sup>37</sup>. Apesar das imposições restritivas, os pequenos negócios prosperavam e a maioria dos nipo-canadenses adquiria gradativamente uma condição financeira estável, fato este que acarretou na revolta de 1907 contra os asiáticos. Em parte devido à “intensa afluência” de imigrantes japoneses no Canadá, a população branca se revoltou, gerando um sentimento anti-

---

<sup>36</sup> “White British Columbians used various methods to limit Japanese immigration and restrict the employment opportunities open to new arrivals. Legislation and disfranchisement in 1895, for instance, effectively excluded them from certain professions and from participation in political activities”.

<sup>37</sup> <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/japanese-canadians/>

asiático. De acordo com N. Rochelle Yamagishi, em obra recente, intitulada *Japanese Canadian journey: the Nakagawa story* (2010), o período correspondente a setenta anos após a chegada do primeiro imigrante asiático nutriu o movimento anti-asiático no que se refere a japoneses, chineses e indianos. Na verdade, “estes povos, portanto, foram sistematicamente excluídos da vida social e institucional de suas comunidades mais amplas. Em resposta, os nipo-canadenses formaram suas próprias comunidades particulares, a fim de promover suas próprias instituições sociais, culturais e econômicas” (YAMAGISHI, 2010, p. 27)<sup>38</sup>. De fato, o desenvolvimento comunitário desses grupos preservou as tradições e costumes, atribuindo destaque dentro e fora da comunidade. Tal visibilidade, em contra partida, nutriu o preconceito pré-existente por parte da população branca, que via esses grupos étnicos como não assimiláveis. A aversão desencadeou, em 1907, uma marcha por Chinatown, organizada por um grupo autodenominado Asiatic Exclusion League (Liga de Exclusão Asiática), formada por membros de uma associação de trabalhadores em British Columbia. Os mesmos seguiram até a comunidade japonesa locada na Powell Street em Vancouver resultando no vandalismo de lojas e pequenos comércios.

O sentimento anti-asiático no oeste canadense atingiu seu ponto de ebulição com o tumulto em setembro de 1907, em Vancouver, quando uma multidão de pelo menos mil pessoas invadiram o pequeno território étnico, local da cidade onde vivem os chineses e japoneses. Após o saque realizado livremente em Chinatown, o grupo se deparou com resistências no bairro japonês e partiu em retirada. Houve danos materiais e injúrias, mas felizmente nenhuma fatalidade. (DANIELS, 2006, p. 33)<sup>39</sup>

A comissão formada durante o período pelo futuro primeiro ministro Mackenzie King, se prontificou a investigar a manifestação e o governo concedeu uma compensação pelos danos materiais aos comerciantes e demais nipo-canadenses atingidos. No mesmo ano, um acordo denominado de *Gentlemen's Agreement* entre Canadá e Japão estipulava a quantidade máxima de passaportes emitidos num total de 400 por ano a futuros imigrantes nipônicos. O evento de Vancouver estimulou a hostilidade e o racismo contra os asiáticos. Posteriormente, ocorreu o ataque a Pearl Harbor em dezembro de 1941, acontecido durante a Segunda Guerra Mundial, que

---

<sup>38</sup> “these people were therefore systematically excluded from the social and institutional life of their larger communities. In response, the japanese canadians formed their own small communities, in order to supply their own social, cultural, and economic institutions”.

<sup>39</sup> “Anti-Asian sentiment in the Canadian west reached boiling point in Vancouver Riot in September 1907, when a mob of at least a thousand people invaded the small ethnic enclaves in which the city’s Chinese and Japanese lived. After an unopposed sack of Chinatown, it met resistance in the Japanese quarter and beat a hasty retreat. There was property damage and injuries, but happily no fatalities”.

acentuou os desafetos entre o Canadá e o Japão, fato esse que alimentou ainda mais a ojeriza por parte da população branca, principalmente em British Columbia, em relação à população canadense de etnia japonesa. Esse grupo minoritário prosperava em seus negócios, ao mesmo tempo em que desarticulavam o monopólio comercial do grupo majoritário. Com a guerra, “fazendeiros brancos, comerciantes e líderes políticos, aproveitando a oportunidade para livrarem-se de seus indesejados concorrentes de etnia japonesa, acusaram os nipo-canadenses de serem espiões e sabotadores a serviço de Tóquio, solicitando medidas drásticas para proteger a costa oeste” (ROBINSON, 2008, p. 146)<sup>40</sup>. Em conformidade às pressões políticas, aos 25 de fevereiro de 1942, o então primeiro ministro Mackenzie King “declarou que todas as pessoas de ascendência japonesa seriam excluídas da área de proteção” (ROBINSON, 2008, p. 137)<sup>41</sup>. Essa medida, por sua vez, sancionada no dia anterior, delimitou uma área de segurança a ser ocupada apenas pelos cidadãos canadenses. Assim destituídos de qualquer direito ou bens, os japoneses canadenses, classificados como “perigo amarelo” (*Yellow Peril*), foram forçados a se deslocarem para o interior do país. Cerca de mil e duzentos barcos de pesca foram confiscados, jornais publicados em língua japonesa foram fechados assim como as escolas.

A ordem levou à expulsão de seus lares de cerca de 22.000 nipo-canadenses, dos quais 61 por cento eram nissei; 70 por cento dos canadenses estavam na faixa etária dos 21 anos de idade. Famílias foram separadas assim que os homens aptos à labuta foram enviados para campos de trabalho nas estradas, enquanto as mulheres e crianças foram transportadas para o que ficou eufemisticamente conhecido como centros de alojamento no interior, principalmente nas cidades de mineração, em grande parte abandonadas. Para manter suas famílias unidas, alguns nipo-canadenses aceitaram empregos nas fazendas de produção de açúcar de beterraba em Alberta e Manitoba. A fim de desencorajá-los a retornar para a Costa Oeste, o governo confiscou suas terras e posses. Além disso, um oficial federal, denominado curador das propriedades dos inimigos estrangeiros, vendeu as mesmas por uma fração de seu valor. (ROBINSON, 2008, p. 137-138)<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> “White farmers, merchants, and political leaders, seizing the opportunity to rid themselves of their long – despised ethnic Japanese competitors accused the Japanese Canadians of being spies and saboteurs for Tokyo and called for drastic action to protect the West Coast”.

<sup>41</sup> “announced that all people of Japanese ancestry would be excluded from the “protected area”.

<sup>42</sup> “The order led to the expulsion from their homes of 22,000 Canadian Japanese, of whom 61 percent were Nisei; 70 percent of Canadian-born were under twenty-one years of age. Families were separated as able-bodied men were sent to work in road labour camps, while women and children were transported to what were euphemistically known as the interior housing centres, mainly in largely abandoned mining towns. To keep their families together, some Japanese Canadians accepted employment on the sugar beet farms of Alberta and Manitoba. In order to discourage them from returning to the West Coast, the government confiscated their land and possessions. In addition, a federal official, the Custodian of Enemy Alien Property, sold off their property for a fraction of its value”.

Nas palavras de Roy Miki (2011) as políticas racistas adotadas pelo então primeiro ministro Mackenzie King tendiam a controlar a composição da população canadense. Ao final do mês de outubro de 1942 grande parte da população de nipo-canadenses que habitava a costa de British Columbia foi completamente desenraizada, juntamente com aqueles que moravam em Vancouver, sendo, pois todos agrupados na área de exibição do parque Hastings, local esse convertido num centro de passagem. Anteriormente destinado ao alojamento do gado, o mesmo se tornou abrigo da população nipo-canadense por meses, antes de sua transferência para as “cidades fantasmas” nas montanhas ou mesmo para as antigas cidades mineradoras, pois conforme dito anteriormente, seus bens e propriedades foram vendidos por um valor ínfimo a fim de serem utilizados pelo governo nas despesas do internamento; para aqueles que desafiaram as ordens do governo, a transferência se deu para os campos de detenção em Angler, Ontário pela Royal Canadian Mounted Police (RCMP).

A política que Mackenzie King tinha em mente, de fato, avançava por duas frentes, que atingiriam os nipo-canadenses ainda confinados, dispondo-os de duas formas, colocando-os lado a lado. Estou me referindo, claro, aos avisos infames com dois novos termos que, mais uma vez determinavam o futuro dos indivíduos sob sua jurisdição. Estes foram “repatriação” (para o Japão) ou “dispersão” (ao leste das Montanhas Rochosas, ou seja, para fora de British Columbia). Aos indivíduos foi oferecida uma escolha, que na verdade não era escolha; em outras palavras, os roteiristas federais tinham inventado ainda outra armadilha de linguagem. Uma vez excluído, não havia opção de permanecer em British Columbia. (MIKI, 2011, p. 77-78)<sup>43</sup>

Apenas quatro anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, os nipo-canadenses tiveram seus direitos restituídos, gerando uma maior integração nipônica na sociedade canadense; o governo, sob a pressão dos países asiáticos, das instituições religiosas e dos grupos trabalhistas voltou atrás quanto ao repatriamento forçado, as demais restrições e injustiças a partir de primeiro de abril de 1949, data instituída como *Freedom Day*. Por volta de 1950 os nipo-canadenses retornaram gradativamente para o litoral de British Columbia no intuito de reconstruir o que lhes fora tomado, o que lhes permitiu também permanecerem na costa, já que sua cultura de origem e

---

<sup>43</sup> The policy Mackenzie King had in mind would, in fact, be two-pronged, and it would reach the still confined JCs in the form of two posted, or otherwise distributed, side by side. I’m referring, of course, to the infamous notices with two new terms that would once again determine the futures of the subjects under their jurisdiction. These were “repatriation” (to Japan) or “dispersal” (east of the Rockies, i.e., out of BC). The subjects were offered a choice that was no choice; in other words, the federal scriptwriters had devised yet another language trap. First off, there was no option to remain in BC”.

hábitos alimentares dependiam dessa condição. O desenvolvimento econômico oriundo do pós-guerra, aliado às estratégias políticas de combate ao racismo, concederam novas oportunidades de trabalho aos nipo-canadenses, que rapidamente se instalaram nos centros urbanos, criando instituições de suporte a preservação e divulgação cultural, a exemplo do Japanese Canadian Cultural Center (JCCC) fundado em 1963, em Toronto; do mesmo modo em Burnaby, British Columbia fora inaugurado o Nikkei National Museum and Cultural Center. Por volta de 1967, à denominada segunda onda de imigrantes japoneses aportava no país; distinta da anterior. Os imigrantes desse movimento eram representantes da classe média japonesa, dotados de elevada instrução e culturalmente hábeis nas tradições japonesas; eles se tornaram o magote responsável pelo ensino das artes, língua e habilidades aos jovens descendentes nipo-canadenses. Posteriormente, com as mudanças nas políticas migratórias na década de sessenta, a implantação do *New Immigration Act*, por Pierre Trudeau, em 1978 designou alguns pontos que favoreciam o reagrupamento familiar e apoio aos refugiados, passando a conceder maior autonomia às províncias para definirem suas próprias regulamentações migratórias.

A década de oitenta, por sua vez, presenciou a emergente campanha reparadora das injustiças sofridas pelos nipo-canadenses, assim como favoreceu a produção de narrativas de cunho autobiográfico, biográfico, autoetnográfico, os chamados *life writing*, os quais segundo Susanna Egan e Gabriele Helms (2004, p. 218) refletiam as mudanças, extensões e remodelagens da identidade Canadense. Desse modo, dentro do âmbito literário da escrita asiático canadense, *Obasan* (1981), de Joy Kogawa, poder ser considerado um dos romances principais a tratar do internamento e a “principal inspiração para o movimento de reparação no Canadá” (MOSS; SUGARS, 2009, p. 241)<sup>44</sup>.

Portanto, “A literatura asiático Canadense pode se tornar um importante local para se repensar as conexões entre história, representação e mudança social” (DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, Introduction, xvi)<sup>45</sup>. Essa “ficção da memória” ilustra a natureza construtiva de um imaginário de ação recíproca entre passado e presente. Dentro dessa dinâmica “todas as [nossas] histórias habituais são modificadas com o tempo, alteradas, tanto no presente, como o presente é moldado pelo passado” (KOGAWA, 1983, p. 25)<sup>46</sup>. Assim, respaldados pela poesia de Takeo

---

<sup>44</sup> “major inspiration for the Redress Movement in Canada”.

<sup>45</sup> “Asian Canadian literature can become an important site in which to rethink connections between history, representation, and social change” (DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, Introduction, xvi)

<sup>46</sup> “all our ordinary stories are changed in time, altered as much by the present as the present is shaped by the past”.

Nakano intitulada *Within the barbed wire fence* (1980), as cartas de Muriel Kitagawa (fonte de inspiração para o romance de Joy Kogawa) publicadas por Roy Miki em *This is my Own* (1985), todos esses gêneros preenchem os espaços de uma memória histórica em favor das minorias visíveis. Nesse contexto, “em direção ao final do século XX, a literatura asiático canadense começou a transformar as percepções eurocêntricas do Canadá” (EGAN; HELMS, 2004, p. 220)<sup>47</sup>, pois abriu espaço para a conscientização diaspórica conforme evoca a ficção desses povos emergentes.

Nessa perspectiva, tanto com a publicação de documentos voltados para uma maior compreensão do problema, a exemplo do *Democracy Betrayed: The Case for Redress*, de 1984, como com a oportunidade de pressionar o sistema, é que a Associação Nacional dos Japoneses Canadenses (NAJC) realizou ações coordenadas com a finalidade de persuadir o governo a reconhecer as injustiças cometidas e a oferecer uma compensação por elas. Dentre as ações, um programa de sensibilização resultou, em julho de 1988, na revogação do *War Measures Act*, e sua substituição pelo *Emergency Measures Act*, coibindo assim uma legislação discriminatória e ao mesmo tempo permitindo a restituição e reparação para aqueles que foram vítimas das ações raciais governamentais.

Em 22 de setembro de 1988, exatamente dois meses após a instituição do *Canadian Multiculturalism Act*, os erros que haviam infligido nipo-canadenses foram oficialmente reconhecidos pelo governo, e os que foram expulsos/repatriados para o Japão retornaram ao país munidos de sua cidadania e correspondente indenização, cujos valores individuais corresponderam a vinte e um mil dólares, acrescido por um fundo comunitário para a reconstrução das comunidades devastadas no valor de doze milhões de dólares<sup>48</sup>.

Assim, a reparação não é um veículo para se esquecer ou elidir o passado; nem é um meio de reprimir ou resolver um legado de injustiça racial no Canadá como uma busca ingênua por encerramento. Pelo contrário, é uma ferramenta de reconstrução estratégica e re-narração do passado como parte de um processo complexo e potencialmente infinito de exprimir de modo diferenciado, uma forma que “concede um futuro à memória”. (MCGONEGAL, 2011, p. 81)<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> “towards the end of the twentieth century, Asian Canadian literature began to transform Eurocentric perceptions of Canada”.

<sup>48</sup> <http://www.sedai.ca/for-students/history-of-japanese-canadians/redress-movement/>

<sup>49</sup> “Thus redress is not a vehicle for forgetting or eliding the past; nor is it a means for repressing or resolving Canada’s legacy of racist injustice in a naïve search for closure. Rather, it is a tool for strategically reconstructing and renarrating the past as part of a complex and potentially endless process of signifying differently, in a way that “gives memory a future”.



Desse modo, a experiência nipo-canadense proveu um ponto referencial de preservação aos direitos das minorias e introduziu uma demanda por mudanças significativas concernentes à liberdade civil. Nesse interim, fora criada a CRRF – Canadian Race Relations Foundation<sup>50</sup> como prolongamento do acordo histórico de reparação aos nipo-canadenses, sua aprovação se deu em 1º de fevereiro de 1991, entrando em funcionamento oficialmente em 1997. Segundo dados da NAJC<sup>51</sup> a população de nipo-canadenses chega a 85.230, dentre esses, os de ascendência direta somam 53.175 e os de ascendência mista num total de 32.055. Os indicativos apontam para uma tendência constante nas migrações japonesas, enquanto que a miscigenação se torna crescente.

---

<sup>50</sup> <http://www.crr.ca/en/news-a-events/404-articles/23446-welcome>

<sup>51</sup> <http://www.najc.ca/thenandnow/today.php>

## 1.4 – Imigração sul-asiática no Canadá

*blue ice  
(o my Canada)  
can I call  
you mine  
foreign sad  
brown that I  
am*

Lakshmi Gill

A história da diáspora sul-asiática tem início após o ano de 1834, data da abolição da escravidão nas colônias europeias sob o jugo do Império Britânico. Devido ao fim da escravidão, eclodiu uma necessidade por mão-de-obra nas colônias britânicas que fosse similarmente pouco dispendiosa. Essa escassez foi um dos fatores desencadeadores da demanda migratória de trabalhadores recrutados da Índia, China e do Pacífico, contratados sob o regime de servidão temporária (*indenture*) por um período de cinco anos para servirem nas plantações de chá, café, açúcar e na extração da borracha em colônias britânicas como Jamaica, Trinidad e Tobago, Sri Lanka (antigo Ceilão), chegando por fim ao continente norte-americano, principalmente no Canadá. É primordial destacarmos que os povos sul-asiáticos constituem a população de maior diversidade etnocultural no Canadá. Os asiáticos-canadenses somam de acordo com o NHS (National Household Survey) em 2011 cerca de mais de um milhão e meio de pessoas (RAHIM, 2014), cuja ancestralidade inclui países como Bangladesh, Índia, Paquistão, Nepal, Afeganistão, Maldivas e Sri Lanka que compõem a South Asian Association for Regional Cooperation (SAARC). Esses povos culturalmente distintos partilham de uma história de errância diaspórica em comum. Segundo os estudiosos dos processos migratórios no Canadá, a presença sul asiática se deu primeiramente com a chegada de um grupo soldados, de origem Sikh, pertencentes ao

British Indian Army que seguiam pelo Canadá rumo à celebração do Jubileu da rainha Vitória, no ano de 1897. Nesse contexto, Kesur Singh e Risaldar Major foram considerados os primeiros colonos de origem Sikh no território canadense. Contudo, a imigração sul-asiática teve início oficialmente em 1903 com a chegada de aproximadamente dez indivíduos do Punjab a Vancouver. A princípio, os imigrantes sul-asiáticos que aportavam no país forneciam mão de obra a preços módicos, fator primordial do interesse por parte dos empregadores e que resultou na significativa ampliação da demanda por imigrantes. Trabalhavam inicialmente em fazendas, principalmente como lenhadores, e mais tarde atuando também nas ferrovias e serrarias.

Assim, em busca da terra de oportunidades, no decênio seguinte, o Canadá recebe cerca de cinco mil indivíduos, em sua maioria Sikhs, em busca de trabalho temporário. Por volta de 1907, a presença significativa desses povos possibilitou o estabelecimento de comunidades. Uma das primeiras instituições estabelecidas no Canadá pelos povos de origem Sikh “foram os gurdwara<sup>52</sup> ou sociedades de gestão do templo democraticamente geridos e controlados localmente” (ISRAEL, 1999, p. 1156)<sup>53</sup>, fato esse, que promoveu a organização de duas sociedades denominadas Khalsa Diwan Society e a Hindustani Association of Vancouver. Essas associações se tornaram espaços sociais e religiosos para novos imigrantes (ofertando comida e abrigo aos recém chegados) e membros da comunidade, mesmo os que não fossem de origem Sikh. Ainda segundo Israel (1999), por cerca de quarenta anos essas e as subsequentes associações criadas constituíram as principais fontes de defesa dos interesses de Sikhs e sul asiáticos em geral. Entretanto, as disparidades entre os sul asiáticos já estabelecidos dentro da sociedade canadense e a recente população de migrantes presentes no país travavam discussões pelo controle e votos nas sociedades supracitadas, fato esse que culminou na separação e fundação de outras instituições específicas aos Punjab e Indo-canadenses. Os intensos fluxos migratórios corroboraram, também, para novas divisões, entretanto a maioria Sikh prevalecia dentre os demais grupos.

Nesse contexto, da mesma forma como ocorreu com japoneses e chineses em anos anteriores, o aumento nas migrações de povos asiáticos geraram insegurança quanto a autonomia branca no país, produzindo medidas discriminatórias e de exclusão, “a principiar pela perda de

---

<sup>52</sup> Durante os tempos dos primeiros Gurus, os lugares de culto Sikh foram referidos como *dharamsalas*. Eles eram um lugar onde Sikhs poderiam se reunir para ouvir o Guru falar ou cantar os hinos. Como a população Sikh continuou a crescer, o Guru Hargobind introduziu a palavra *Gurdwara*, ou seja, o portal através do qual o Guru poderia ser alcançado. A partir daí todos os lugares de culto Sikh vieram a ser conhecidos como Gurdwaras. <http://cafecomchai.blogspot.com.br/2012/10/o-que-e-gurdwara.html> (acesso em 11/12/2014).

<sup>53</sup> “were the democratically managed and locally controlled gurdwara or temple-management societies”.

direitos civis básicos em 1907, a campanha para exclusão Sul Asiática culminou com a potencial eliminação no aumento da imigração oriunda da região em 1919” (ISRAEL, 1999, p. 1205)<sup>54</sup>. Considerados, segundo assertiva de Milton Israel (1999, p. 1205) “um perigo asiático”<sup>55</sup>, capazes de deturpar “a pureza e prosperidade da sociedade branca anglo-saxã em British Columbia”<sup>56</sup>, a repercussão popular negativa quanto à presença desses grupos étnicos no país desencadeou uma série de procedimentos que dificultavam sua admissão. Uma das primeiras medidas tomadas, no intuito de coibir a demanda por trabalhadores imigrantes ou mesmo de interrompê-la foi introduzida pelo governo canadense através da chamada *Continuous Journey Regulation*, elemento considerado chave na contenção da imigração principalmente dos Sikhs. Iniciada em janeiro de 1908, foi mantida até após a Segunda Guerra Mundial.

Em 1908, o Governo do Canadá aprovou a Lei de Passagem Contínua, a qual exigia que todos os imigrantes chegassem com jornada ininterrupta no seu bilhete da passagem, uma “passagem contínua”, do seu ponto de origem para o Canadá. Isso criou uma barreira significativa para a imigração da Ásia, pois as viagens da maioria dos países asiáticos envolviam paradas. Para os indianos, que também eram súditos britânicos, esta lei tornou impossível sua entrada no Canadá como imigrantes. A mesma foi criada como reação para diminuir a crescente imigração da Índia, a qual provocara medo na população, registrando-os como “a invasão indiana” ou “a invasão Hindu”.<sup>57</sup>

No intuito de reforçar as restrições à entrada de sul asiáticos no país, uma segunda medida instituiu uma taxa de \$200 dólares a serem pagos na chegada por cada imigrante oriundo da Índia e demais países da Ásia, enquanto que para os indivíduos de origem europeia a taxa permanecia no valor de \$50 dólares. Segundo Hugh Johnston (1999, p. 1152) “Cerca de vinte por cento dos homens que tinham entrado no país antes de 1908 permaneceu por tempo indeterminado e se tornaram a base sobre a qual a presente população canadense Sikh foi construída”<sup>58</sup>.

---

<sup>54</sup> “beginning with the loss of basic civic rights in 1907, the campaign to exclude South Asians culminated in the virtual elimination of further immigration from the region in 1919”.

<sup>55</sup> “an “Asian Peril””.

<sup>56</sup> “the purity and success of White, Anglo-Saxon society in British Columbia”.

<sup>57</sup> “In 1908, the Government of Canada enacted the *Continuous Passage Act* which required all immigrants to arrive on uninterrupted journey on their passage ticket, a “continuous passage”, from their point of origin to Canada. This created a significant barrier to immigration from Asia as trips from most Asian countries involved stops. For Indians, who were also British subjects, this *Act* made it impossible for them to enter Canada as immigrants. This law was created in response to slowly increasing immigration from India which sparked fear in the public, recorded as “the Indian invasion” or “the Hindu invasion””. (<http://www.cic.gc.ca/english/multiculturalism/asian/100years.asp>)

<sup>58</sup> “about 20 percent of the men who had entered the country before 1908 stayed on indefinitely and they were the base on which the present Canadian Sikh population was built”.

Em 1913, cerca de 35 indivíduos de origem sul asiática aportaram no Canadá por meio de um navio japonês chamado *Panama Maru*. Por não portarem documentos ou as passagens correspondentes às exigências da *continuous journey regulation*, o caso foi levado à corte, a qual permitiu que eles permanecessem. No entanto, as restrições migratórias se acentuaram, de modo que o confronto entre a legislação racial imposta aos imigrantes ficou marcada pelo incidente com o navio *Komagata Maru* em 1914 e que resultou na morte de vinte passageiros após o retorno do navio a Calcutá. De fato, o *Komagata Maru* não seguiu viagem a partir da Índia, na realidade o navio saiu de Hong Kong. Com data marcada para desancorar em março, o navio foi impedido de partir devido à prisão de Gurdit Snigh pela venda ilegal de passagens. Apenas após a permissão do governador de Hong Kong, o contratante Snigh fora solto com ordem para seguir viagem até o Canadá. O navio parte de Hong Kong aos 4 de abril de 1914 com cerca de 165 passageiros (RAHIM, 2014). Posteriormente, em rápida parada no porto de Shangai embarcam outros indivíduos e aos 3 de maio de 1914 o navio deixa Yokohama com um total de 376 passageiros, chegando próximo a Vancouver em 23 de maio de 1914.

No momento em que aportou em Vancouver, em maio de 1914, a maior parte dos passageiros foi detida a bordo. Eles aguardaram por dois meses, enquanto os funcionários da imigração articulavam para mantê-los fora do tribunal e, quando perdessem o caso, seus líderes negociariam os termos da partida. A chegada do navio de combate RCN Rainbow em 20 de julho adicionou maior pressão por parte das autoridades canadenses, e em 23 de Julho o Komagata Maru partiu para Calcutá, onde ele foi encontrado por policiais desconfiados da argúcia dos organizadores.<sup>59</sup>

A retirada do navio das proximidades da enseada canadense, se deu, motivada, também, pelo princípio do *white privilege* (privilégio branco) defendido pelo prefeito de Vancouver na época, Truman Baxter, responsável por organizar um comício contra os asiáticos e consequentemente contra a imigração desses povos para o Canadá. Seguido seu discurso, a hostilidade tomou conta das águas canadenses com o envio do navio *Sea Lion* com tripulação composta por cerca de trinta e cinco oficiais da imigração com ordem de rebocar para águas mais profundas o *Komagata Maru*, no intuito de que ele seguisse retornando para o porto de origem.

---

<sup>59</sup> “When it arrived at Vancouver in May 1914, most of the passengers were detained on board. They waited for 2 months while immigration officials maneuvered to keep them out of court and, after they had lost their case, while their leaders negotiated departure terms. The arrival of the RCN cruiser Rainbow on July 20 added to the Canadian pressure, and on July 23 *Komagata Maru* sailed for Calcutta, where it was met by police suspicious of organizers’ politics”. <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/komagata-maru/>

Porém, apenas com a imposição da Royal Canadian Navy, no processo de expulsão o navio retornou rumo à Índia, deixando apenas vinte e quatro passageiros que já possuíam o estado legal de residentes. O retorno a Calcutá não foi tranquilo, pois as autoridades inglesas insistiram para que os passageiros se dirigissem a Punjab, fato esse que gerou o motim de Bja Bja, seguida por uma marcha por Calcutá resultando na morte de vinte dos passageiros. Em Vancouver foi colocada uma placa em memória pelos 75 anos da tragédia. Em 1994 outra placa foi exposta no porto de Vancouver. Segundo ressalta Abdur Rahim (2014, p. 67) em 23 de maio de 2006, há exatamente noventa e dois anos após o incidente, o jornal *Vancouver Sun* publicou um artigo intitulado: “Descendentes de passageiros a bordo do malfadado *Komagata Maru* desejam abrir discussões com o governo Federal sobre um pedido de desculpas formal e eventual compensação sobre as leis de imigração racistas do Canadá no início deste século”<sup>60</sup>. Esse artigo movimentou as discussões acerca das medidas discriminatórias e seus posteriores efeitos sobre as comunidades asiáticas. O pedido oficial de desculpas só ocorreu aos 23 de maio de 2008.

O incidente com o navio *Komagata Maru*, em 1914, gerou nos anos que se seguiram uma maior contenção com relação a imigração de sul-asiáticos para o Canadá, acentuando a dinâmica da *continuous journey regulation*. Retornando, assim, aos encaminhamentos históricos posteriores ao episódio supracitado, por volta de 1919, o governo canadense permitiu aos residentes de origem sul asiática a possibilidade da entrada de esposas e filhos, desde que por ele amparados e custeados, já que apenas aos filhos era permitido o trabalho remunerado. Apesar da pressão do Império Britânico exercida sobre o governo canadense, as regras instituídas a respeito da imigração sul asiática permaneceram estáticas por cerca de trinta anos. Apenas após a independência da Índia, em 1947, o governo canadense instituiu uma pequena abertura, ampliando para cerca de 150 imigrantes entre esposas e filhos a oportunidade de adentrar no país. Assim como, por volta de 1947 os sul asiáticos adquiriram o direito ao voto, primeiramente, nas províncias e posteriormente a nível federal. Apesar da conquista, o departamento de imigração impunha regras de admissão quanto à chegada dos novos imigrantes. Esses deveriam ser dotados de habilidades específicas com relação à função que iriam exercer, assim como estarem inclusos num pré-planejamento administrativo. Entre os anos de 1952 a 1957, a cota foi elevada para 300 o número de indivíduos,

---

<sup>60</sup> “Descendants of passengers aboard the ill-fated Komagata Maru want to open discussions with the Federal government about a formal apology and possible compensation over Canada’s racist immigration laws early this century”.

geralmente parentes daqueles primeiros imigrantes. Dentre esses, as escolhas se diversificaram entre irmãos, tios, primos, indivíduos hábeis a trabalhar, pois a procura era voltada prioritariamente ao trabalho temporário.

Assim, a renovação dos fluxos migratórios na década de cinquenta não apenas estimulou a crescente demanda por imigrantes de países asiáticos, como também, favoreceu o aumento na diversidade desses povos. Endossado pela instituição do apadrinhamento de parentes ou cônjuge, pensado como forma de motivar a entrada de europeus no país, ou seja, de povos de origem branca. No entanto, essa abertura ampliou a entrada de povos não europeus, que se aproveitaram da provisão para trazer suas esposas e filhos, provocando insatisfação aos que acreditavam na perpetuação da roupagem branca de um Canadá ao molde inglês. Nesse sentido, o período marca a chegada de outras comunidades étnicas oriundas da Índia e Sri Lanka, a exemplo dos Tamils (tameis), assim como a nova demanda por trabalhadores “como outros imigrantes sul asiáticos do mesmo período, os mesmos eram predominantemente profissionais com educação inglesa pertencentes à classe média e a classe média alta em sua terra natal” (VAITHEESPARA, 1999, p. 1248).<sup>61</sup> Esse fluxo permaneceu em constante crescimento após as mudanças nos padrões de imigração que se estenderam entre os anos de 1947 a 1970, resultando na dissolução das barreiras migratórias.

Um outro fator de destaque diz respeito aos impedimentos impostos à mobilidade prioritariamente com relação à entrada de mulheres no país, fato esse que ocorreu devido ao receio quanto à proliferação das famílias e consequentemente ao desenvolvimento de comunidades étnicas responsáveis, segundo a perspectiva dominante, por deturpar a imagem de um Canadá branco. De acordo com Rahim (2014, p. 70) “a literatura sugere que mulheres sul asiáticas eram vistas como uma ameaça ao Canadá branco”<sup>62</sup>. A ojeriza, segundo destaca a socióloga canadense Helen Ralston (1999, p. 33), oriunda da revolta de trabalhadores brancos que consideravam os sul asiáticos uma ameaça à estabilidade financeira da categoria cresce mais e mais. Segundo o olhar hegemônico, o grau de periculosidade asiática indicava a tomada de medidas de modo resolutivo. Assim, a partir das manifestações populares contra a presença asiática no Canadá, uma das primeiras demonstrações contra a permanência desses surge, por escrito, divulgadas em larga

---

<sup>61</sup> “like other South Asian migrants at this time, they were predominantly English-educated professional from the middle and upper-middle classes in their homelands”.

<sup>62</sup> “literature suggests that South Asian women were seen as a threat to the white Canadians”.

escala, através de uma publicação no jornal *Vancouver Sun*, marcadamente no ano de 1913, na qual o próprio editor enfatiza o repúdio aos povos não brancos:

Mas há o ponto de vista do colonizador branco neste país que quer mantê-lo branco, com padrões brancos de vida e de moralidade [...] Eles não são um povo desejável a partir de qualquer ponto de vista para o território ter [...] a população branca nunca será capaz de absorvê-los. Eles não são um povo assimilável [...] não devemos permitir que os homens daquela raça venham em grande número, e não devemos permitir que as suas mulheres entrem de modo nenhum.<sup>63</sup>

Entre os anos de 1913 até a implementação das políticas multiculturais em 1971 a imigração asiática se tornou foco de ações reguladoras e de contenção. Nesse sentido, as implicações ultrapassavam as questões raciais, pois imputavam sobre esses povos uma marca de isolamento injurioso. Do ponto de vista hegemônico, as mulheres sul-asiáticas eram consideradas esposas e filhas de trabalhadores no país e não uma força de trabalho, a exemplo das mulheres negras caribenhas ou filipinas, as quais eram consideradas “imigrantes independentes”, desde que não acompanhadas pelo marido ou filhos. Apesar dos regulamentos instituídos em 1967 estabelecerem um caráter não-discriminatório, não se conseguia escapar da discriminação de gênero, impondo a elegibilidade apenas a imigrantes do sexo masculino. Segundo esclarece Helen Ralston (1999, p. 34):

A discriminação de gênero persiste a partir do ano de 1974, já que a maioria das mulheres sul asiáticas casadas que tinha as qualificações e competências para serem consideradas como imigrantes independentes, entraram no Canadá na categoria esposa ou membro familiar dependente em lugar de reunificação. Os termos “chefe de família”, “candidato independente” e “principal candidato” foram substituídos por membro da família como “labour-destined”. Na maioria dos casos, no entanto, o homem na família é identificado como labour destined, não só pelo Estado, mas também pela própria família de imigrantes [...]. Relações familiares de gênero e definições patriarcais de chefia da família no país de origem têm socialmente construído sua definição cultural dos papeis de gênero e, assim, determinando o status legal de mulheres imigrantes quando entram no Canadá<sup>64</sup>.

---

<sup>63</sup> “But there is the point of view of the white settler in this country who wants to keep the country a white country with white standards of living and morality [...] They are not a desirable people from any standpoint for the Dominion to have [...] The white population will never be able to absorb them. They are not an assimilable people [...] We must not permit the men of that race to come in large numbers, and we must not permit their women to come in at all”.

<sup>64</sup> “Gender discrimination has persisted since 1974 in that most South Asian married women who have the educational and skills qualifications to be considered as independent immigrants nevertheless entered Canada in the dependent wife or family reunification category. The terms “head of family”, “independent applicant” and “principal applicant” were replaced by “labour-destined” member of the family. In the majority of cases, however, the man in the household is identified as labour-destined, not only by the state but also by the immigrant family itself [...]. Family gender



Os estudos históricos e antropológicos alinhados às pesquisas contemporâneas demonstram uma ligação entre os aspectos de classe, gênero e raça na instituição de políticas migratórias voltadas às mulheres sul-asiáticas, as quais construíram ideologicamente um papel social feminino voltado para a reprodução. Apesar dessa visão estereotipada em relação à mulher, o número delas, por volta da década de setenta, excedeu ao de homens nos arranjos migratórios, fator esse contributivo para o enraizamento das culturas e seus respectivos sistemas sociais dentro do país, transformando bairros ou mesmo regiões em novas leituras do lar ancestral da maior parte do conjunto étnico que compõe esses povos. Com o passar do tempo, o parentesco solidário se tornou oneroso para muitas famílias conduzindo assim as mulheres ao trabalho fora de casa pela primeira vez. Consequentemente, as famílias cresceram e se assentaram, formando as “comunidades” temidas pelo Governo e pelos povos descendentes dos Anglo-Saxões.

Até os anos de 1980, os Sikhs em Vancouver geralmente traziam seus tipos de habitação e adaptavam para a estética e layout de um projeto canadense. Na década de 1980, no entanto, uma geração de imigrantes que estavam no país há quinze ou vinte anos começou a construir casas de acordo com suas próprias preferências culturais, com jardins dianteiros fechados, exteriores em alvenaria, e design de interiores para acomodar a extensa e múltiplas gerações de famílias. A construção destas casas em áreas previamente ocupadas por pequenas casas de madeira com os pátios da frente abertos transformou grandes áreas do sul de Vancouver. (JOHNSTON, 1999, p. 1155)<sup>65</sup>

O desenvolvimento das comunidades e o crescimento econômico e demográfico desses povos favoreceu a abertura e florescimento da participação política no país. Segundo Rahim (2014, p. 110) o envolvimento político de sul asiáticos tornou-se uma prioridade por volta da década de sessenta, período de destaque envolvendo ações intermediárias em favor da eliminação de restrições legais aos sul asiáticos. Dentre as quais, concedeu suporte ao Legislativo de British Columbia a modificar as leis de imigração canadense, fator fundamental para a abertura e apoio governamental às comunidades, programas culturais e a participação no efetivo governamental, chegando a cargos federais após a década de setenta e com significativa expansão pós oitenta.

---

relations and patriarchal definitions of family headship in the source country have socially constructed his cultural definition of gender roles and thus determined the legal status of immigrant wives when they enter Canada”.

<sup>65</sup> “Until the 1980s, Sikhs in Vancouver commonly brought existing housing and adapted to the aesthetics and layout of a Canadian design. In the 1980s, however, a generation of immigrants who had been in the country for fifteen or twenty years began to build homes according to their own cultural preferences, with enclosed front gardens, masonry exteriors, and interiors design to accommodate extended and multiple-generation families. The construction of these houses on sites previously occupied by small frame houses with open front lawns has transformed large areas of south Vancouver”.

Conforme destaca a História da presença sul asiática nos órgãos governamentais, em 1997 pela primeira vez três políticos de origem Sikh foram eleitos para a House of Commons (câmara dos deputados) no Canadá. Em 2004, mulheres sul asiáticas assumem pela primeira vez como membros do parlamento.

As mudanças e aberturas indicadas pelo contexto político, com a participação dos grupos minoritários, aproximam as comunidades, o que também ocorre através das festividades. Com relação aos festejos anuais, esses só foram iniciados por volta da década de oitenta, a princípio pelos descendentes de Indo-caribenhos, seguido pela criação da OSSICC (Ontario Society for Services to Indo-Caribbean Canadians), em 1986. Devido à pluralidade de povos sul asiáticos, outras esferas e organizações emergiram paulatinamente voltadas às celebrações de chegada ao país, sobre a permanência deles e sua influência na construção da nação. Assim, no intuito de englobar as diferentes denominações, em dezembro de 2001, o mês de maio foi proclamado como período de festividade mensal da herança sul asiática no Canadá, como forma de reunir as comemorações individuais num evento de maior porte, capaz de contemplar a diversidade sul asiática. Ressaltamos que algumas das comemorações individuais permanecem, devido às particularidades que envolveram os processos migratórios desses povos. Desse modo, essa diversidade transferida para as experiências ficcionais demonstram que “os escritores sul asiáticos tem promovido um impacto extraordinário na vida literária do Canadá. Eles trouxeram consigo a experiência de viver em uma série de sociedades multiétnicas e muitos de seus trabalhos dizem respeito à complexidade e tensão da vida diaspórica migrante” (ISRAEL, 1999, p. 1208)<sup>66</sup>. Conforme destacam Domínguez; Lucas; López (2011, p. 6), a ficção desenvolvida por mulheres sul asiáticas, mais especificamente indo-canadenses, era a princípio um fenômeno raro. A primeira escritora a adquirir reconhecimento na cena literária canadense foi Bharati Mukherjee “em parte devido às polêmicas envolvendo o racismo”<sup>67</sup>, fato esse que a elevou para o patamar econômico e cultural no âmbito das publicações e da crítica especializada. Nesse movimento, novas vozes se agregaram às propostas que questionavam as políticas multiculturais e a vivência diaspórica nas perspectivas macro (país/Estado) e micro (comunidades). Assim, “no campo da teoria e crítica, o inestimável trabalho de Himani Bannerji, Arun Mukherjee, Uma Parameswaran, e Aruna

---

<sup>66</sup> “South Asian-Canadian writers have made an extraordinary impact on the literary life of Canada. They have brought with them the experience of living in a range of multi-ethnic societies and much of their work concerns the complexity and tension of immigrant diaspora life”.

<sup>67</sup> “in part due to her polemics of racismo”.

Srivastana definiu as normas para o estudo da literatura sul-asiática por mulheres no Canadá” (DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, p. 11)<sup>68</sup>. Diante disso, o romance de Gurbinder Basran se insere no *hall* literário fundamentado nas intempéries e reivindicações de povos à margem. Através de sua protagonista conhecemos a rotina da comunidade e de que forma as mulheres são vistas e se veem no contexto diaspórico, contexto esse que deixou marcas indeléveis tanto no que se refere à atualização da memória dos ancestrais como para as gerações seguintes. A narrativa ressalta alguns aspectos fundamentais da tradição indiana e as leituras de Meena, habitante do entre lugar cultural, como veremos mais adiante.

---

<sup>68</sup> “in the field of theory and criticism, the invaluable work of Himani Bannerji, Arun Mukherjee, Uma Parameswaran, and Aruna Srivastana have set the standards for the study of South Asian literature by women in Canada”.

## 1.5 – *Asianadian*: a ficção asiático – canadense de expressão inglesa

*A paradoxical community is emerging, made up of foreigners who are reconciled with themselves to the extent that they recognize themselves as foreigners.*

Julia Kristeva

*I give my right hand to the Occidentals and my left to the Orientals, hoping that between them they will not utterly destroy the insignificant 'connecting link'.*

Edith Eaton (Sui Sin Far)

A representação dos primeiros indícios literários asiáticos na América do Norte data do século XIX, mais especificamente, sob a tutela das romancistas e irmãs Eaton. Sendo ambas de origem chinesa por parte de mãe e inglesas por parte de pai, Edith Eaton (Sui Sin Far), nascida na Inglaterra em 1865, e Winnifred Eaton (Onoto Watanna), nascida em Montreal no ano de 1875, são consideradas as pioneiras na adaptação/transposição das condições de vida dos asiáticos na América do Norte na forma escrita. A produção das irmãs Eaton estava relacionada ao que Dominika Ferens (2002) denominou de ‘discursos etnográficos sobre raça’. Dadas às circunstâncias sofridas por seus pais na Inglaterra, fato esse que acarretou na perda do status social pelo casamento inter-racial que realizaram, as irmãs Eaton, sob os pseudônimos de origem chinesa Sui Sin Far e japonesa Onoto Watanna, tornam-se observadoras pontuais das culturas não ocidentais, principalmente após a migração para o Canadá. Como sujeitos transculturais (aspectos sobre os quais discutiremos mais adiante), passam a retratar a condição migrante asiática canadense em suas obras; Edith, centrada na condição chinesa, e Winnifred, abraçando a visão do ponto de vista japonês. Edith ficcionalizava fatos contundentes, enquanto que sua irmã criava uma

versão romaneada dos acontecimentos. Segundo destaca Lorraine McMullen (1997, p. 348) sobre os escritos de Edith, “ela pode ser considerada a primeira Norte Americana de origem chinesa a escrever realisticamente e convincentemente a respeito das dificuldades e preconceitos com os quais se depararam os chineses na América do Norte”<sup>69</sup>. Sua publicação no Montreal Daily Star, intitulada “The Land of the Free”, em 15 de março de 1890, ficou reconhecida como a primeira reportagem em defesa dos povos chineses no Canadá. Com maiores oportunidades de publicação nos Estados Unidos, segundo citam SUGARS; MOSS (2009, p. 445) “Eaton enviou muitos de seus escritos a periódicos norte-americanos, geralmente suprimindo qualquer referência que pudesse identificar suas configurações como canadenses da Chinatown”<sup>70</sup>.

De acordo com o texto *Sui Sin Far and Onoto Watanna two early Chinese- Canadian* (2011), de James Doyle, outro ponto significativo e recorrente na ficção das irmãs Eaton aponta para a condição da divisão entre dois estados, dois lugares, em especial a exploração ficcional dos interstícios da condição feminina entre dois mundos, duas culturas, um espaço de oscilação, não permitindo a participação efetiva em nenhuma das posições por completo. As duas encontraram-se naquilo que em estudos posteriores, os teóricos pós-coloniais chamariam de ‘zona de contato’ e ‘entre lugar’; *in-between*, articulações estas que se tornavam prenunciadoras do que posteriormente seria temática constante em numerosos textos de escritores asiático-canadenses e também foco de análise dos estudos culturais, entre outros. Apesar da necessidade de seguir modelos estéticos da época, o empenho desprendido pelas irmãs Eaton em seus textos enfatizaram questões cruciais, como as de etnia e gênero.

Ambas as irmãs realmente praticaram estratégias políticas e textuais que são, em suma, flexíveis, unindo resistência e adaptação, o assunto desagradável e o modelo de minoria, conforme apropriado para seus contextos. Suas estratégias flexíveis estavam centradas em articular a raça através do gênero e da sexualidade, e vice-versa. Embora Sui Sin Far tenha desafiado a dominação racial, ela o fez muitas vezes fazendo concessões às restrições de gênero e as expectativas patriarcais. Enquanto isso, como os críticos mais recentes da Onoto Watanna tem argumentado, ela frequentemente desafiou essas mesmas restrições e expectativas, gesto que supostamente a acomoda de forma mais positiva nas exigências raciais de hoje. (NGUYEN, 2002, p. 35)<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup> “she may be considered the first North American of Chinese extraction to write realistically and convincingly of the difficulties and prejudices encountered by the Chinese in North America”.

<sup>70</sup> “Eaton sent many of her pieces to American periodicals, often deleting the references that would identify her settings as Canadian Chinatowns”.

<sup>71</sup> “Both sisters actually practiced political and textual strategies that are, in short, *flexible*, bridging resistance and accommodation, the bad subject and the model minority, as appropriate to their contexts. Their flexible strategies centered on articulating race through gender and sexuality and vice versa. While Sui Sin Far challenged racial

De acordo com Sugars; Moss, (2009, p. 445) “muitas de suas histórias contêm personagens ‘euroasiáticos’ ou chineses e europeus de ascendência mistas. Em suas histórias, Eaton abordou questões sobre o racismo, biculturalismo e casamentos biraciais, assim como a independência das mulheres”<sup>72</sup>. Estas, dentre outras temáticas engajadas, se fizeram presentes nos textos de escritores posteriores por meio de um deslocamento que gradativamente se (des)articulava de um discurso étnico e rumava para o racial e sociocultural e vice versa, repensando, assim, as conexões entre a história dos povos migrantes, seus descendentes e a consequente e crescente diversificação demográfica, entrelaçando-os as novas correntes de inclusão. Nessa perspectiva, a cambiante cena literária contestadora de um lugar, de pertencimentos, de identidades, numa nova ordem transcultural, desloca as ortodoxias de outrora para reavaliar e dispor o aqueduto de histórias anteriormente desviadas do fluxo principal.

No entanto, segundo Guy Beauregard (1999, p. 53) “Não obstante o fato de que os asiáticos canadenses têm escrito desde o final do século XIX, o uso do termo “literatura asiático canadense” é relativamente recente”<sup>73</sup>. A denominação asiático – canadense<sup>74</sup> só entrou em vigor com propriedade, oficialmente, por volta da década de setenta, sendo empregado pela primeira vez em uma antologia denominada *Inalienable Rice*, produzida pela Powell Street Society e a Chinese Canadian Writer’s Workshop, em 1979. Porém, o reconhecimento como parte significativa da história canadense se deu juntamente à abolição das políticas de imigração branca a partir de 1967, fazendo com que seus escritos abandonassem a clandestinidade, regida pelas antigas percepções eurocêntricas. Essas mudanças foram registradas através da publicação da revista intitulada *The Asianadian: An Asian Canadian Magazine*, com produção entre os anos de 1978 a 1985, cuja influência repercutiu na ‘junção de povos’ do leste asiático, ainda que diferenciados, e de suas expressões literárias também variadas, como demonstração de uma força motriz das minorias e a demanda por um espaço de expressão cultural dentro do Canadá.

---

domination, she often did so through conceding to gender restrictions and patriarchal expectations. Meanwhile, as Onoto Watanna’s most recent critics have argued, she often defied these same gender restrictions and expectations, a gesture that is supposed to ameliorate her accommodation to the racial demands of the day”.

<sup>72</sup> “Many of her stories contain central characters of ‘Eurasian’, or mixed Chinese and European, ancestry. In her stories, Eaton took on issues of racism, bicultural and biracial marriage, and women’s Independence”.

<sup>73</sup> “Despite the fact that Asian Canadians have been writing since the late nineteenth century, the usage of the term ‘Asian Canadian literature’ is relatively recent”.

<sup>74</sup> Referente aos povos do Leste, Sul e Sudeste da Ásia e que correspondem aos Chineses, Japoneses, Indianos, Paquistaneses, Filipinos, Coreanos, Vietnamitas, Tailandeses, entre outros. Já os povos do Oeste asiático são denominados “Arab Canadians” (Árabe-canadenses), dentre estes: Afegãos, Árabes, Iranianos, Armênios, Libaneses, Sírios, Iraquianos e Assírios.

Conforme destaca Larissa Lai (2014, p. 1) “a formação da literatura Asiático Canadense tal qual fora concebida nos anos de 1980 e 1990 emerge como uma ruptura”<sup>75</sup>. Oriunda da confluência de fatores, tais como, a vigência do *Multiculturalism Act*, de 1988, o pedido de desculpas oficial do Governo Canadense aos nipo-canadenses pelo internamento dos mesmos durante a Segunda Guerra Mundial e a aceitação das teorias pós-estruturalistas nas universidades, conjuntamente ao trabalho de comunidades Asiático Canadenses e outros grupos minoritários que se tornaram, segundo Lai (2014), fatores constituintes da ideia de uma identidade Asiático-Canadense. Do mesmo modo, a revista *Rice paper*, com publicações desde 1994, que inicialmente se destinava ao público participante da Oficina de escritores Asiático-Canadenses (ACWW) numa espécie de boletim informativo acerca das conquistas, produção literária e artística dos participantes, atualmente essa publicação prossegue sendo publicada trimestralmente, de costa a costa do país, destacando novas vozes das comunidades artística e literária de cunho exclusivamente asiático.

No âmbito dos estudos acadêmicos, a temática é “inaugurada” e ao mesmo tempo revitalizada por Roy Miki durante uma conferência na Associação de Estudos Asiático-Americanos em 1993, com a palestra intitulada *Asiancy: Making Space for Asian Canadian Writing*; o escritor e teórico agenciava um espaço real e legítimo às demandas literárias dos povos asiáticos em território canadense. Além das publicações, diversas conferências como a CCSEAS – The Canadian Council for Southeast Asian Studies; a *CanadAsia* – Asia Pacific Foundation of Canada; Asian Canadian Studies Conference (OISE) prosseguem estimulando os diálogos interdisciplinares, incidindo sobre a expressão *asiático-canadense* – a inclusão da aplicação do termo na reflexão, como também, nas suas contribuições potenciais para áreas como o combate ao racismo, sobre os fluxos migratórios, aspectos geográficos, a diversidade sexual e de gênero, as diásporas e os estudos transnacionais, entre outros.

A complexa interação entre contexto e intenção implica que o elemento asiático-canadense foi compreendido, às vezes, de maneira contraditória, não só como sintomático à história racializada do Canadá, como uma extensão do estrangeiro/asiático em seu organismo nacional, mas também como provisório que tornam visíveis as práticas culturais daqueles designados sob essa nomenclatura. Por outro lado, o termo asiático-canadense deu à luz um legado de racismo e alteridade que são marcados por políticas estatais como exclusão (para os chineses-canadenses) e internação (para os japoneses-canadenses), mas ainda,

---

<sup>75</sup> “the formation of Asian Canadian literature as it was conceived in the 1980s and 1990s emerges as a rupture”.

por outro lado, tornou-se a face de possibilidades literárias e culturais com o poder de criticar, bem como de superar o passado. (MIKI, 2011, Preface, p. xiii)<sup>76</sup>

As décadas posteriores à revitalização da escrita asiático canadense testemunharam também o englobamento de uma maior heterogeneidade de povos (sul asiáticos, dentre esses povos imigrantes da Índia, Paquistão, Sri Lanka, Bangladesh, Sul da África) incluídos na denominação asiático-canadense agregando, assim, novos traços ao país. Dessa forma, estabeleceram-se, gradativamente, não como determinação geográfica, mas como redefinição de etnias culturais aproximadas num espaço que reconfigura, pelo textual, as vozes de povos que comungam das mesmas intempéries diaspóricas. Segundo Lai (2014, p. 2) “a ascensão da literatura asiático canadense como conceito e categoria coincidiram com o ativismo de base comunitária asiático canadense e com o ativismo de base comunitária de outras comunidades marginalizadas, muitas das quais se sobrepunham ou que operavam paralelamente ao quadro “Asiático Canadense”<sup>77</sup>. Como estratégia primeira da “quebra do silêncio”, as narrativas se dispunham a ressoar as vozes anteriormente reprimidas em favor da construção e manutenção do “estado colonial branco” (LAI, 2014, p. 33). Dessa forma, a Literatura Asiático-Canadense se apropria das políticas de abertura às migrações, assim como dos espaços históricos de distinção étnica para sobrepor os papéis de negociação quanto à história das denominadas minorias visíveis, sua participação na construção do país e as negociações identitárias que perduram por gerações. Regidos, assim, por trajetórias conflituosas, o recontar de memórias culturais de outrora repercutem nos escritos das gerações posteriores, cujo papel de ‘mediadores culturais’ se enfatiza a cada trânsito renovado.

No final do século XX, a literatura asiático canadense começou a transformar as percepções eurocêtricas mais antigas do Canadá. Os canadenses de ascendência europeia foram rápidos em controlar a significativa imigração asiática [...] assim as memórias de imigrantes asiáticos só emergiram, portanto, uma vez que os

---

<sup>76</sup> “The complex interplay of context and intent has meant Asian Canadian has been understood, sometimes in contradictory ways, not only as symptomatic of Canada’s racialized history, an extension, that is, of the alien/Asian in its national body, but also as a provisional framework that makes visible the cultural practices of those designated under its name. On the other hand, then, Asian Canadian has borne a legacy of racism and othering that is marked by such state policies as exclusion (for Chinese Canadians) and internment (for Japanese Canadians) but, on the other hand, it has become the face of literary and cultural possibilities with the power to critique as well as overcome the past”.

<sup>77</sup> “The rise of Asian Canadian literature as a concept and category coincided with Asian Canadian community-based activism and community-based activism in other marginalized communities, many of which overlapped or ran parallel with the framework “Asian Canadian””.



descendentes dos primeiros imigrantes foram capazes de assumir o seu lugar entre os outros canadenses. (EGAN; HELMS, 2005, p. 221)<sup>78</sup>

O contingente de narrativas asiático-canadenses em sua maior parte se integram à narração das experiências como forma de reorganizar, redefinir e reconfigurar os traços e demandas sociais e identitárias, no intuito de se configurar dentro das malhas narrativas plurais e em corrente entrecruzamento da escrita ‘dominante’ uma posição crítica quanto aos efeitos de uma história repressora e de exclusão nas políticas nacionais, pois, até meados da década de oitenta, a escrita asiático-canadense encontrava-se limitada ao espaço de “fora”, dos ocultados, conforme assertiva de Tara Lee (2008, p. 202), “Para solicitar o pertencimento nacional, os escritores asiático-canadenses muitas das vezes se sentiram obrigados a reprimir, negar e encobrir os aspectos ‘estrangeiros’ de sua identidade”<sup>79</sup>. Desse raciocínio, podemos verificar a releitura das novas gerações em conflito também com os aspectos da cultura ancestral numa era regida pelos efeitos globais e confluentes mobilidades. A demanda por novos paradigmas de análise em relação à investigação narrativa e a representação das identidades culturais reconfigurantes, no contexto canadense migrante, evocam uma releitura da nação no âmago de sua heterogeneidade. Assim, os escritos agenciadores das questões étnico-raciais, por via da reconstrução histórica das minorias no país, abordam os enlaces e celeumas das texturas identitárias nesses lugares moventes.

Juntamente com um movimento, que enfocava, de início, a problemática da exclusão e discriminação, foram publicadas revistas e principalmente antologias<sup>80</sup> concernentes às temáticas voltadas à experiência asiático-canadense, desenvolvida em sua maioria por mulheres. Todos esses escritos impulsionaram na década de noventa a produção de textos, centrados na experiência pessoal, sobre as complexidades identitárias através do olhar feminino asiático. Esse arcabouço

---

<sup>78</sup> “Towards the end of the twentieth century, Asian Canadian literature began to transform older Eurocentric perceptions of Canada. Canadians of European ancestry were quick to control the significant Asian immigration [...] Memoirs of Asian immigrants have only emerged, therefore, since the descendants of the earliest immigrants have been able to take their place among other Canadians”.

<sup>79</sup> “In order to claim national membership, Asian Canadian writers have often felt compelled to suppress, deny, and cover over the ‘foreign’ aspects of their identity”.

<sup>80</sup> **Shakti’s Words: An anthology of South Asian Canadian Women’s Poetry** (1990), editado por Diane McGifford e Judith Kearns; **Stone Voices: Wartime, Writings of Japanese Canadian Issei** (1991), editado por Keibo Oiwa; Jin Guo: **Voices of Chinese Canadian Women** (1992) editado por Amy Go, Winnie Ng, Dora Nipp, Julia Tao, Terry Woo e Mary Yee; **Her Mother’s Ashes: Stories by South Asian Women in Canada and the United States** (1994) e **Her Mother’s Ashes 2** (1998), ambas editadas por Nurjehan Aziz; **Swallowing Clouds: An Anthology of Chinese-Canadian Poetry** (2000), editado por Andy Quan e Jim Wong-Chu; **A Strike the Wok: New Chinese Canadian Anthology** (2003), editado por Lien Chao e Jim Wong-Chu; **Indivisible: An Anthology of Contemporary South Asian American Poetry** (2010), editado por Neelanjana Banerjee, Summi Kaipa e Pireeni Sundaralingam.

literário partilhava, por via literária, do compromisso com os contornos de um imaginário nacional antirracista. A literatura produzida por essas mulheres convidava leitores e leitoras “a repensar as conexões entre história, representação e mudança social” (DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, p. 16)<sup>81</sup>. Retomando o exemplo da revista *Asianadian*, em termos de conteúdo, a mesma ainda está classificada como o único suplemento asiático-canadense em série, contemplando temáticas antirracistas, antissexistas e anti-homofóbicas e mantendo um aspecto decididamente sociocultural. Os objetivos da revista eram enumerados da seguinte forma:

1. Para encontrar uma nova dignidade e orgulho em ser asiático, no Canadá; 2. Para promover um entendimento entre os asiático canadenses e outros canadenses; 3. Para falar contra condições, pessoas e instituições que perpetuam o racismo no Canadá; 4. Para levantar-se contra as distorções da nossa história no Canadá, estereótipos, explorações econômicas, e de uma tendência geral no sentido da injustiça e desigualdade praticadas contra grupos minoritários; 5. Para proporcionar um fórum para escritores, artistas, músicos, canadenses asiáticos; 6. Para promover a unidade, fazendo a ponte entre os asiáticos com raízes no Canadá e imigrantes recentes;<sup>82</sup>

Por intermédio das numerosas e recorrentes publicações que se expandiram na década de oitenta, os centros acadêmicos no Canadá volveram suas atenções aos escritos das “minorias visíveis”, acrescidos dos debates desencadeados pelas Primeiras Nações. Segundo destaca Lai (2014, p. 31), “os debates sobre apropriação tem uma importância vital para a literatura asiático canadense e essa mesma literatura possui uma grande dívida para com as literaturas e culturas aborígenes precisamente devido a tantos críticos e escritores aborígenes estarem na linha de frente quanto a esse tópico”<sup>83</sup>. Esses debates tornaram possíveis as articulações nas arenas culturais quanto à construção do termo “asiático” e do contexto literário partilhado entre as minorias reunidas por essa expressão. Pela primeira vez o projeto pluralístico que embasava a sociedade

---

<sup>81</sup> “to rethink connections between history, representation, and social change”.

<sup>82</sup> 1. To find new dignity and pride in being Asian in Canada;  
2. To promote an understanding between Asian Canadians and other Canadians;  
3. To speak out against those conditions, individuals and institutions perpetuating racism in Canada;  
4. To stand up against the distortions of our history in Canada, stereotypes, economic exploitations, and the general tendency towards injustice and inequality practiced on minority groups;  
5. To provide a forum for Asian Canadian writers, artists, musicians, etc;  
6. To promote unity by bridging the gap between Asians with roots in Canada and recent immigrants;  
<http://www.asiancanadianwiki.org/w/Asianadian>.

<sup>83</sup> “the appropriation debates are of tremendous importance to Asian Canadian Literature and that Asian Canadian literature owes a great debt to Indigenous literatures and cultures precisely because so many Indigenous critics and writers did front-line on this issue”.

canadense, promovido pelas políticas apoiadas através dos atos multiculturais, em particular o de 1988, que assim articulados, acabaram por estabelecer um tipo de oposição canônica, ou um contra cânone, ainda delimitavam esses escritos a um lugar marginal.

Dadas as particulares condições racializadas que escritores asiático-canadenses historicamente enfrentaram e continuam a enfrentar, se faz necessário o desenvolvimento de práticas de leitura crítica para enfrentar o cenário de leitura como um lugar social que está amarrado a suposições dominantes de instituições culturais canadenses. Estas práticas de leitura que são reflexivas e entram em sintonia, por um lado, com o *asian canadian* um construto identitário, por outro, com as estratégias textuais empregadas por escritores cujas subjetividades são inseparáveis das especificidades sociais, culturais e históricas das quais e geralmente, contra as quais, eles foram formados. (MIKI, 2011, p. 92)<sup>84</sup>

Segundo Domínguez; Lucas; López (2011, Introdução ix), “Como resultado, esses grupos étnicos / raciais e seus representantes ficaram imobilizados na posição de ‘Outros’ em relação à cultura canadense branca, e seu trabalho relegado aos guetos e comercializado sob o rótulo ‘étnico’”<sup>85</sup>. A denominação asiático-canadense seria categoria definidora de um indivíduo ou agremiação podendo restringi-los a um grupo pseudo homogêneo, visto em relação ao grupo dominante como alteridade, que desencadearia sua assimilação ou exclusão. Essa diferenciação posicional entre o macro e micro grupos sociais tem sido contestada pela literatura asiático-canadense, bem como a noção de nação coerente no que se refere ao Canadá e suas políticas.

Os esforços coletivos de construção da identidade asiático canadense parecem ter três objetivos inter-relacionados: (1) recuperar a etnia suprimida e forjar novas identidades; (2) projetar uma identidade asiático canadense na sociedade majoritária como uma forma de intervir no processo de construção do país; e (3) participar de uma luta transnacional pela igualdade e justiça e para a construção de novas identidades culturais no contexto das diásporas asiáticas. (LI, 2007, p. 16)<sup>86</sup>

---

<sup>84</sup> “Given the racialized conditions that Asian Canadian writers historically have faced, and continue to face, we need to develop critically informed reading practices to address the scene of reading as a social site that is bound up in dominant assumptions of Canadian cultural institutions. These are reading practices that are reflexive in being attuned, on the one hand, to Asian Canadian as an identity construct and, on the other, to the textual strategies employed by writers whose subjectivities are inseparable from the social, cultural, and historical specifics out of which, and often against which, they have been formed”.

<sup>85</sup> “as a result, such ethnic/racial groups and their representatives have become frozen in the position of Others to white Canadian culture, and their work ghettoized and commercialized under the label of being ethnic”.

<sup>86</sup> “The collective efforts of Asian Canadian identity construction seem to have three interrelated purposes: (1) to reclaim suppressed ethnicity and to forge new identities; (2) to project an Asian Canadian identity into the mainstream society as a way of intervening in the nation – building process; and (3) to participate in a transnational struggle for equality and justice and to construct new cultural identities against the backdrop of Asian diasporas”.

É, então, sob os esforços coletivos de uma gama étnica, pois “a designação Asiático Canadense é porosa” (LAI, 2014, p. 5)<sup>87</sup>, que a presença desses povos nas letras canadenses remapeiam as margens e ganham espaço, crescendo dentro da crítica especializada. Nas palavras de Roy Miki (2000, p. 53) “O asiático-canadense torna-se, então, um assunto localizado – de pesquisa, produção cultural e interrogação – num local de duas frentes: onde as relações de dominação ameaçam se remobilizar (mais do mesmo) ou onde os críticos da nação podem postular futuras metodologias de resistência e formações coletivas”<sup>88</sup>. A persistência de escritores como Joy Kogawa, Michael Ondaatje, Neil Bissoondath, Sunita Namjoshi, Rienzi Crusz, Bharati Mukherjee, Roy Miki, Richard Fung, M. G. Vassaji, em destacar no imaginário contemporâneo à exclusão étnico-racial, representativa não apenas de uma história, mas também da formação demográfica canadense, representa o ressoar das vozes, antes silenciadas, mobilizando, assim, os laços de pertencimento e suas renegociações. Nesse sentido, toda uma gama de escritores asiático-canadenses trazem essas questões na contemporaneidade, a exemplo de Wayson Chon e seu romance *All that Matters* (2004), Fred Wah com *Is a door* (2009), Madeleine Thien com *Simple Recipes* (2001) e *Certainty* (2007), Ranj Dhaliwal com *Daaku* (2006), Larissa Lai com *Salt Fish Girl* (2002), entre outros que auxiliaram no estabelecimento de um novo cenário para os estudos literários asiático-canadenses. Dessa forma, “esses escritores salientam a fluidez, mobilidade e múltiplas passagens ao invés de identidades raciais fixas e estáveis. Lares e eus são geralmente mais do que um único” (DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, p. 143)<sup>89</sup>, tornando-os parte da constelação do povo canadense visto antes como predominantemente “branco”. Esses escritores, ainda que caracterizados, segundo assinala a escritora e teórica Himani Bannerji, como uma “presença ambígua”, entornam no espaço artístico/literário transnacional uma literatura asiático-canadense resistente aos obstáculos e às construções ideológicas de pertencimento, nacionalidade e identidade fixas, criando uma fusão de estratégias narrativas promotoras de espaços e sujeitos híbridos.

---

<sup>87</sup> “the designation “Asian Canadian” is a porous one”.

<sup>88</sup> “Asian Canadian then becomes both a localized subject – of research, cultural production, interrogation – and a double-edged site: where relations of dominance threaten to be remobilized (more of the same), or where critiques of the nation can posit future methodologies of resistance and collective formations”.

<sup>89</sup> “these writers stress fluidity, mobility, and multiple passages rather than fixed and stable racial identities. Homes and selves are often many rather than one”.

## 2 – BASRAN E KOGAWA E A TRANSCULTURAÇÃO CANADENSE

*Canadian writers have deconstructed the literary canon, and in particular women and ethnic and racial minorities are building “rooms of their own”.*

Diane McGifford

### 2.1 - Do multicultural ao transcultural: novos enfoques

*There'll be the story of a people; something happened once, and it'll be part of their background. But I think that will be part of a new gathering of people with a growing identity. I think the Canadian identity is evolving.*

Joy Kogawa

Nesta seção abordaremos a passagem do multi para o transcultural na literatura canadense, seguido pelos subtópicos que tratam dos estudos comparados no contexto das mobilidades na contemporaneidade, culminando nos aspectos transculturais presentes nos romances em tela, em alinhamento aos conceitos de memória, subjetividades e identidades das trajetórias permeáveis e abertas à diversidade. Assim, é notório que as políticas multiculturais contribuíram no exercício do estabelecimento das variadas comunidades no Canadá e proporcionaram aos grupos étnicos a manutenção referencial da própria especificidade cultural, bem como direitos básicos de inserção na nova sociedade compartilhando com todos os canadenses um molde social caracterizado por leis e regras que buscam certo grau de justiça social. Contudo, os entrecruzamentos das identidades

culturais em constante definição e transformação, consonantes entre si e interagindo em redes variadas, intensificam as vigorosas trocas culturais alimentadas pela contínua expansão global que demanda uma efetiva manutenção nas relações etno-socioculturais. De acordo com Sabrina Brancato (2004, p.41-42):

Atualmente, em resposta à sua incapacidade evidente em explicar a complexidade do mundo moderno, a noção tradicional de cultura está em processo de revisão. Sobretudo dentro do âmbito filosófico e antropológico - e mais recentemente na literatura - que se sente mais e mais vezes propícia a falar sobre o transcultural e transculturalismo. Esses novos conceitos colocam ênfase sobre a natureza dialética de influências culturais, tendendo à conceituação humana da interação em que nada é completamente “outro” (estrangeiro e estranho) e serve, portanto, à compreensão do processo de formação da identidade cultural em toda a sua complexidade<sup>90</sup>.

Desse modo, o ritmo vertiginoso dos ‘tempos líquidos’ (BAUMAN, 2007) suscita uma outra etapa e é nessa perspectiva que o transculturalismo oferta campo fértil às discussões críticas sobre os impactos culturais e os encontros fronteiriços entre uma pluralidade de povos. Essa seria uma compreensão alternativa aos conceitos de multiculturalismo e interculturalismo, que no momento atual nos parecem inaptos à compreensão dos fluxos e encontros contemporâneos dada à intrincada formação das sociedades pluriculturais. Acreditamos que a perspectiva multi e (inter)cultural vem sendo eclipsadas pelo transculturalismo. Essa perspectiva, por sua vez, compreende as multifacetadas das identidades fluidas resultantes dos encontros culturais e que se reflete nas literaturas fomentadas por estes trânsitos. De acordo com Mikhail Epstein (1999, p. 17) “a literatura é uma parte inseparável da cultura e não pode ser entendida fora do contexto total de um somatório cultural de uma determinada época”<sup>91</sup>.

A incorporação das lentes transculturais ao trato literário-cultural e suas respectivas análises é algo relativamente recente e comunga com o novo foco dado às literaturas migrantes na virada do século XXI. Nesse contexto, por meados dos anos noventa, os estudos transculturais no Canadá foram analisados em relação ao contexto literário por Janice Kulyk Keefer, cujos estudos

---

<sup>90</sup> “Attualmente, in risposta alla sua evidenziata inadeguatezza a spiegare la complessità dei fenomeni odierni, la nozione tradizionale di cultura è in processo di revisione. Soprattutto nell’ambito sócio-antropologico e filosófico – e più recentemente in quello letterario – si sente ormai sempre più spesso parlare di transculturalità e transculturalismo. Questi nuovi concetti pongono ênfase sul carattere dialógico delle influenze culturali, tendendo ad una concettualizzazione dell’interazione in cui niente è mai completamente “altro” (straniero ed estraneo), e servono dunque a comprendere o processi di formazione dell’identità culturale in tutta la loro complessità”.

<sup>91</sup> “literature is an inseparable part of culture and it cannot be understood outside the total context of the entire culture of a given epoch”.

acerca da revisão do multiculturalismo deram origem à expressão *caleidoscópio cultural*, termo este que pleiteou o antigo posto destinado ao termo ‘mosaico’, visto pela escritora e teórica como fonte da guetização das minorias e de seus construtos literários. Desse modo, as literaturas denominadas transculturais seriam, segundo Keefer (1995, p. 193), “aqueles produtos culturais de uma sociedade multicultural que reivindicam, exploram ou aludem a posição limítrofe de seus criadores entre dois ou mais países, comunidades e culturas diferentes”<sup>92</sup>. Investigando dessa maneira, temos a formação de identidades rumo a processos de trocas culturais imersas numa gênese regida pelas intensas forças globais provedoras de um remapeamento das diásporas contemporâneas, onde as literaturas transculturais emergem como modelo de uma extensão primária ao que os teóricos denominam de “literaturas móveis”. Demonstra ainda a perspectiva de Keefer (1996, p. 254) que a escrita transcultural se engaja em ultrapassar as marcas redutoras das expressões imigrante e étnica, já que a produção atual “não é escrita e lida exclusivamente para ou por membros de uma dada comunidade no Canadá”.<sup>93</sup>

Nossa investigação quanto a esses processos na literatura canadense dialoga com as produções emergentes a partir da década de oitenta, período no qual o romance canadense se torna mais variado em suas formas e temáticas, enfocando aspectos de uma história reprimida ou silenciada pela esfera dominante, que renegava as representações identitárias dos povos à margem, seus pertencimentos e deslocamentos culturais. As narrativas do passado concederam popularidade ao romance histórico como forma de reafirmar uma identidade consolidada nas memórias culturais. Por sua vez, o gênero ampliou as perspectivas e olhares sobre a nascente de “histórias alternativas” e da consequente recomposição do que viria a ser a (ou as) identidade(s) canadense(s). Sendo assim, na reescrita histórica de grupos sociais minoritários, a diversidade étnica e herança racial se destacaram nos anos oitenta. Segundo pontua Nora Tunkel (2012, p. 36), “se a fase pós-moderna e historiográfica começou em 1960, os discursos pós-coloniais e subalternos tornaram-se dominantes na década de 1980”<sup>94</sup>. Dentre os escritores que se destacam e se identificam com o período se sobressai Ruby Wiebe e a revisão do passado histórico canadense, em seu romance intitulado *The Temptations of Big Bear* (1973), épico que narra a tumultuosa

---

<sup>92</sup> “Those cultural products of a multicultural society which assert, explore or allude to their creators’ liminal position between two or more different countries, communities, cultures”.

<sup>93</sup> “It is not written exclusively for or read exclusively by the members of a given ‘minority’ community in Canada”.

<sup>94</sup> “if the postmodern and historiographic phase started in late 1960s, the postcolonial and subaltern discourses became dominant during the 1980s”.

história do oeste canadense sob a perspectiva aborígine e anteriormente em *The Blue Mountains of China* (1970), romance épico baseado em escritos da própria autora com subsídios em sua ascendência *menonitae*. Igualmente se destaca Michael Ondaatje com *In the Skin of A Lion* (1987), narrativa sobre a construção de Toronto por imigrantes. Entretanto, a nosso ver e para o enfoque que segue o presente trabalho, o marco em narrativas de recuperação de estórias silenciadas, se dá a exemplo do romance *Obasan* (1981), de Joy Kogawa, cujo impacto histórico e social incitou uma revisão da História Canadense e do internamento dos nipo-canadenses após o ocorrido em Pearl Harbour, contribuindo na abertura de caminhos na escrita canadense, como forma de conceder voz aos povos minoritários. Sob similar temática, os romances de M. G. Vassanji, *No New land* (1991); Sky Lee, *Disappearing Moon Café* (1990) e Hiromi Goto, *Chorus of Mushrooms* (1994) refletem questionamentos importantes quanto às identidades étnico-culturais herdadas e os contextos diaspóricos.

De acordo com Coral Ann Howells (1996), a exemplo das mulheres nascidas no Canadá em famílias marcadas pela migração, foco de alguns dos romances supracitados, as personagens têm nessas histórias a representação de uma condição particular dentro do multiculturalismo. Essa interseção cultural também pode ser observada em *The afterlife of George Cartwright* (1992), de John Steffler e em *A discovery of strangers* (1994), de Rudy Wiebe. Nessa perspectiva, a estética revisionista dos romances históricos se lançam mais profundamente no esquadramento crítico, engendrando, assim, romances que se apresentam e se cercam de uma das tendências da literatura canadense pós década de oitenta, conforme *The Canadian Postmodern* (1988) de Linda Hutcheon. Hutcheon nos introduz ao conceito de ‘metaficção historiográfica’, conciliando funções estéticas e sociais na forma de uma escrita ficcional de caráter revisionista da história canadense, narrada pela perspectiva das margens. Diferentemente do romance histórico, a metaficção historiográfica questiona as “veracidades” históricas, resgatando-as de visões homogêneas e dominantes. O período alude às propostas teóricas pós-modernas, pós-coloniais, diaspóricas entrelaçadas à expansão do cânone, assim como a abertura e pluralização no conceito de canadianidade (*canadianness*).

Enraizada, desse modo, na História, a reconstrução imagética do passado e de seu reflexo sobre as gerações posteriores abre espaço à pluralidade de vozes definidoras da “paisagem” canadense. Assim dispostos e, conforme assertiva de Coral Ann Howells (1992, p. 19), “seria mais apropriado definir a situação do imigrante no Canadá como “transcultural” ao invés de



“multicultural”, uma vez que esta condição implica um constante deslizamento entre a cultura nativa e a cultura adotada”<sup>95</sup>. O neologismo é pela primeira vez fomentado com base nos postulados do antropólogo cubano, Fernando Ortiz, um dos introdutores das ideias que embasam os estudos transculturais. O termo transculturação advém de uma análise crítica em resposta aos estudos da aculturação, nos quais Ortiz investiga os contatos entre diferentes culturas, cuja análise se desdobra entre os elementos étnicos do povo cubano, a consequente mestiçagem e sua múltipla constituição, resultando na publicação de *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*, em 1940. Em suas contribuições, Ortiz afirma que a transculturação ocorre em duas etapas; a primeira denominada, ‘desculturação’, recai sobre a perda ou extirpação dos elementos de uma cultura; em contrapartida, a ‘neoculturação’ indica a assimilação de elementos concernentes as duas culturas, consequentemente criando uma outra. Nas Palavras de Fernando Ortiz (1995, p. 102):

Sou da opinião de que a palavra transculturação expressa melhor as diferentes fases do processo de transição de uma cultura para outra, porque esta não consiste apenas na aquisição de uma outra cultura, que é o que a palavra em Inglês aculturação realmente implica, mas o processo também necessariamente envolve a perda ou a erradicação de uma cultura anterior, o que pode ser definido como um desculturalização. Além disso, traz a ideia de uma consequente criação de novos fenômenos culturais, o que poderia ser chamado neoculturação.<sup>96</sup>

Outro estudioso de destaque nos estudos transculturais é Ángel Rama, que em sua vasta obra transpõe o conceito de transculturação para os estudos literários. Em seu livro *Transculturación: narrativa en América Latina* (1982), o teórico analisa o termo transculturação como fenômeno que ocorre em três fases. Rama atribui à língua, à estruturação literária e à cosmovisão, operações de importância ímpar no interior das narrativas. No que diz respeito à representação de expressões próprias no contexto do regionalismo na América Latina, o teórico afirma que a língua é capaz de atribuir voz às culturas, revertendo a hierarquia, que anteriormente atribuía ao narrador o uso da norma culta e, às personagens, o uso dos dialetos, criando uma linguagem literária peculiar. A língua, aliada à estruturação narrativa, recupera elementos culturais, segundo o teórico, num “exercício de pensar mítico”, engendrando com a cosmovisão

---

<sup>95</sup>“it would be more appropriate to define the predicament of the immigrant in Canada as ‘transcultural’ rather than ‘multicultural’ since this condition implies a constant sliding between native culture and adopted culture”.

<sup>96</sup>I am of the opinion that the word transculturation better expresses the different phases of the process of transition from one culture to another because this does not consist merely in acquiring another culture, which is what the English word acculturation really implies, but the process also necessarily involves the loss or uprooting of a previous culture, which could be defined as a deculturation. In addition it carries the idea of the consequent creation of new cultural phenomena, which could be called neoculturation.s

significados encontrados nas fontes locais e em sua herança cultural, para, assim, absorver as diversas influências e ao mesmo tempo conservar parte de regionalismos contidos nesse movimento de incorporação da cultura local à global. Em tradução recente para a língua inglesa por David Frye, da publicação de 1982 de Rama, em *Writing across Cultures: narrative transculturation in Latin America* (2012, p. 19), lemos a seguinte observação de Rama sobre a transculturação:

É composta por valores idiossincráticos que podem ser identificados como ativos desde o passado remoto; por outro lado, corrobora com a energia criativa que impulsiona para adiante, tornando-se bastante distinto de um simples amontoado de normas, comportamentos, crenças e objetos culturais, pois é uma força que age com facilidade em situações decorrentes de seu próprio desenvolvimento, bem como sobre as contribuições provenientes de outros lugares.<sup>97</sup>

Nessa acepção, inspirado em Ortiz, Rama ainda distingue três etapas rebatedoras da aculturação: a *vulnerabilidade cultural* implica na aceitação do elemento externo sem oposições, a *rigidez cultural* impele qualquer contribuição externa, retornando e tomando por base o passado histórico como mantenedor da tradição e a *plasticidade cultural* resultante da junção entre ambas as contribuições. Assim, o processo de transculturação nas acepções ramanianas implica modificações em ambas as partes da equação, onde observamos quebras, absorções, reafirmações de valores num manancial de trocas, perdas e ganhos culturais. Nas palavras do teórico Roland Walter (2009, p. 40):

A transculturação, afirmo, deve ser compreendida como modo polivalente que abrange um diálogo incômodo entre a síntese e a simbiose, a continuidade e a ruptura, a coerência e a fragmentação, a utopia e a distopia, o consenso e o dissenso, a desconstrução e a reconstrução. Um diálogo desconfortável, em outras palavras, entre forças e práticas hegemônicas e contra hegemônicas, entre gestos, atos e estratégias de coerção, expropriação e (re)apropriação, que discrimina entre diversas categorias: a assimilação intencional e imposta, o autodesprezo internalizado e diversas formas de resistência como a mímica e a transescrita. Como tal, a transculturação é uma força crítica que permite traçar as maneiras de transmissão que acontecem entre culturas, regiões e nações, particularmente entre aquelas caracterizadas por relações desiguais enraizadas em formas e práticas de coerção e dominação.

---

<sup>97</sup> “Is composed of idiosyncratic values that can be identified as having been active since the remote past; on the other hand, it corroborates the creative energy that propels it forward, making it quite distinct from a simple aggregate of norms, behaviours, beliefs, and cultural objects, for it is a force that acts with facility on situations arising from its own development as well as on contributions coming from elsewhere”.

Vale considerar que mesmo na área dos estudos pós-coloniais, Mary Louise Pratt (2008, p. 7) considera a transculturação como um fenômeno das ‘zonas de contato’, “isto é, os espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, e lutam umas com as outras, muitas vezes em relações altamente assimétricas de dominação e subordinação”<sup>98</sup>. Termo cunhado como referência aos espaços imperiais de encontro “onde indivíduos previamente separados pela geografia e história estão co-presentes”<sup>99</sup>, a teórica o aplica ao analisar as narrativas dos viajantes às diferentes fases do expansionismo capitalista. Por sua vez, o filósofo alemão Wolfgang Welsch desenvolve o conceito cultural de transculturalidade como termo que favorece a incorporação de um modelo cultural permeável, rompendo assim com o binarismo (colonizador/colonizado) da visão de Pratt. Para Welsch (1999, p. 6) “o conceito de transculturalidade aponta para um entendimento enredado e inclusivo, não em um entendimento separatista e exclusivo de cultura”<sup>100</sup>. As teorias contemporâneas consoantes ao pensamento de Wolfgang Welsch (1999) apontam para a aplicação do termo transculturalismo como forma de interagir com a vertiginosa rapidez das interconexões culturais “e a tendência em todas as culturas hoje de serem híbridas, como resultado de uma crescente mobilidade e das tecnologias de comunicação” (BERG; EIGEARTAIGH, p. 10)<sup>101</sup>.

Como escrituras situadas nos interstícios, os textos transculturais anunciam os deslocamentos, interrogam os imaginários de pertença constituídos em um material plural apresentando dissonâncias e consonâncias enquanto representantes da criação literária transcultural. A teórica Coral Ann Howells, ao discorrer sobre os contos de expressão inglesa escritos por mulheres, reflete sobre a transposição do multicultural para o transcultural como forma de abarcar a diversidade e suplantar a separação e diferenciação entre a cultura dominante e as marcas étnicas na escrita das canadenses definidas como “minorias visíveis” através da exposição da condição híbrida verificada pelo glissar entre duas culturas. Segundo Howells, “as histórias escritas por mulheres de uma variedade de origens étnicas - chinesa, russa, menonitas e católicas francesas, judias russas, ucranianas e polacas - representam uma heteroglossia de diferentes vozes

---

<sup>98</sup> “that is, social spaces where disparate cultures meet, clash, and grapple with each other, often in highly asymmetrical relations of domination and subordination”.

<sup>99</sup> “where subjects previously separated by geography and history are co-present”.

<sup>100</sup> “the concept of transculturality aims for a multi-meshed and inclusive, not separatist and exclusive understanding of culture”.

<sup>101</sup> “and the tendency in all cultures today to be hybrid, as result of increased mobility and communications Technologies”.

assombrando os textos em inglês. Mas as histórias não são alegorias da individualidade, são sim, representações escritas da condição transcultural” (1996, p. 71)<sup>102</sup>.

As diferenças se complementam e criam uma nova comunidade transcultural interpessoal à qual pertencemos, não porque somos semelhantes, mas porque somos diferentes. A perspectiva transcultural abre uma possibilidade para a globalização não como homogeneização, mas, sim, como uma maior diferenciação das culturas e sua “difusão” em indivíduos transculturais, liberando-os de sua dependência em relação às suas culturas nativas. A sociedade global passa a ser vista como o espaço de diversidade de indivíduos livres, ao invés de grupos e culturas fixos. (EPSTEIN, 2009, p. 328)<sup>103</sup>

Apesar dos processos transculturais e suas expressões não serem algo novo, pois desde as expansões marítimas, ficam mais claras as mobilidades dos povos do mundo, os encontros, cruzamentos e mestiçagens fortificam-se, propiciando a composição de um imaginário transcultural que só fora possível devido aos esforços de escritores migrantes em todo o mundo, e que conseguiram impor suas vozes entre as forças globais. Enquadrado num crescente interesse na conceituação e reflexão sobre as identidades coletivas e a cultura nacional como nova leitura das condições sociais do mundo globalizado, a transculturação abre espaço ao pensamento histórico, interligando as experiências fragmentadas em meio a processos de negociação e pertença dentro de uma dinâmica irreversível e fluida de trocas mútuas, exibindo cenários diferenciados sobre as identidades e identificações entre grupos.

Os conceitos se tornam, então, objeto de investigação oficial da CanLit, a partir da conferência denominada “Transcanada: Literature, Institutions, Citizenship”, de 2005, ocorrido em Vancouver. Os conceitos denominados instáveis e afetados pelos movimentos da globalização, tais como cidadania, identidade, pertencimentos, no âmbito literário são inquiridos por meio das narrativas históricas reconcebidas pelos mais variados olhares, pois os escritos contemporâneos contemplam referências culturais que ultrapassam os limites das suposições nacionais. Segundo Diana Brydon (2007, p. 13) “O Projeto TransCanada oferece a metáfora de Penélope para

---

<sup>102</sup> “stories written by women from a variety of ethnic backgrounds – Chinese, Russian Mennonite and French Catholic, Russian Jewish, and Polish Ukrainian – represent a heteroglossia of different voices haunting the English texts. But the stories are not allegories of selfhood; they are representations of the transcultural condition in writing”.

<sup>103</sup> “The differences complement each other and create a new interpersonal transcultural community to which we belong, not because we are similar but because we are different. The transcultural perspective opens a possibility for globalization not as homogenization but, rather, as further differentiation of cultures and their ‘dissemination’ into transcultural individuals, liberating themselves from their dependence from their native cultures. The global society can be viewed as the space of diversity of free individuals rather than that of fixed groups and cultures”.

“desenlaçar a nação”. [...] um convite para reconhecer que a criação de qualquer comunidade imaginada é um trabalho em contínuo, em progresso, que envolve fazer e desfazer, aprender e desaprender, visando não fixar limites, mas incentivar movimentos através deles.”<sup>104</sup>. Fazendo-se notória, a História da Literatura Canadense através da literatura da experiência migrante e a forma como a mesma repagina e reflete a sociedade e os paradigmas vinculados às questões sobre a identidade nacional funcionam como peça fundamental às releituras dentro da “cultura nacional”. A escrita migrante passa a apresentar um desfolhamento e desembaraço dos antigos modelos “fundadores”, entrelaçando-se aos novos espaços e fronteiras. Assim, as dimensões da literatura canadense contemporânea se prolongam pelo imaginário transcultural de hibridismos globais.

## 2.2 – Os estudos comparados e a transculturalidade em diálogo

*Criadas em épocas diferentes, por motivos distintos, com objetivos diferenciados e a partir de contextos específicos, as teorias das literaturas comparadas dos diferentes países acabaram dialogando entre si: umas tutelando as outras, algumas questionando as outras, algumas avançando alguns aspectos de outras, umas procurando libertar-se das categorias das outras, buscando seu próprio discurso crítico, de modo que este fluir ziguezagueante de todas estas teorias faz da literatura comparada um objeto escorregadio.*

Sandra Nitrini

Nas palavras ressaltadas pela epígrafe, Sandra Nitrini destaca os aspectos pertinentes aos estudos comparados a partir desse momento em que as movências culturais e as múltiplas escalas em territórios distintos, frutos da globalização e migração, originam e reescrevem uma demanda literária imbuída pela pluralidade contemporânea de culturas anteriormente hierarquizadas e

---

<sup>104</sup>“The TransCanada Project offers the Penelopean metaphor of ‘unravelling the nation’. [...] a call to recognize that the creation of any imagined community is a continuous work in progress, involving making and unmaking, learning and unlearning, aiming not to fix boundaries but to encourage movements across them”.

suplantadas pelos imperialismos e pela crítica tradicional. De acordo com Eurídice Figueiredo (2013) um dos fatores desencadeadores da modificação no mapa das literaturas canônicas, se deu através da emergência dos escritores étnicos que atribuíram novas configurações às literaturas nacionais. Nesse sentido, o comparativismo literário é visto, em tempos transnacionais, por vários espectros analíticos, fazendo com que a ideia de – literatura comparada – adquira uma maleabilidade, não se limitando a espaços disciplinares fixos e adotando a interdisciplinaridade como fator de análise preponderante. De acordo com Carvalho; Coutinho (2011, p. 199) “Um estudo da literatura comparada não tem que ser comparativo a cada página ou a cada capítulo, mas o propósito, a ênfase e a execução globais devem ser comparativos”, ampliando assim as sendas interpretativas. A tarefa investigativa da literatura comparada na atualidade atravessa uma zona cultural complexa e tende a ampliar sua visão e própria trajetória para fornecer análises transversais no campo das ciências humanas. Conforme endossa Carvalho (1998, p. 47), “nesse sentido a literatura comparada torna-se duplamente comparativa, atuando simultaneamente em mais de uma área”. Juntamente às transformações globais, os estudos comparativos tendem a se agregar aos fluxos inconstantes e mutáveis da “palavra literária”, focalizando não apenas a afirmação de uma literatura nacional, mas sim, as representações transculturais e transnacionais como forma de estender as possibilidades comparatistas. Ainda segundo Carvalho; Coutinho (2011, p. 21), a literatura comparada “Ao expressar as tendências contemporâneas da disciplina, irá certamente expor a heterogeneidade crescente que a vem caracterizando”. Desse modo, tal tendência faz com que os pontos de comparação postulados se adequem a vigente demanda teórica, beneficiando, no caso literário, o enfoque oscilante a cada momento e movimento histórico-político-social. Segundo Steven Totossy de Zepetnek (1999, p.2), os estudos comparados abarcam dentro dos estudos culturais, “um conteúdo e uma forma que facilita o estudo transcultural e interdisciplinar da literatura e da cultura”<sup>105</sup>.

Na passagem à transculturalidade e às estéticas da contemporaneidade, o texto literário se encaminha por intensos processos de negociação e renegociação que se dão através do reconhecimento das diferenças e desigualdades, muitas vezes, oriundos do apagamento ou exclusão das culturas periféricas. Entretanto, essas emergem por vias transculturais proporcionando uma visão ampla para além das fronteiras nacionais e canônicas, ofertando, assim, um novo campo discursivo favorável às transferências culturais. Desse modo, “privilegiando a

---

<sup>105</sup> “a content and a form which facilitate the cross-cultural and interdisciplinary study of literature and culture”.

relação entre dois sistemas autônomos e assimétricos, a transferência cultural concentra-se, sobretudo, na problemática da circulação e da recepção dos bens culturais, o que contribui para atualizar os estudos dos intermediários culturais da Literatura Comparada” (NITRINI, 2013, p. 47). Nesse sentido, como uma prática intervencionista e propensa a desestabilizar os ancoradouros fixos de outrora; os estudos comparados e suas literaturas se revigoram nos campos discursivos de uma nova história cultural, a qual abre veios às reconfigurações epistemológicas mais recentes, à espreita de ultrapassar os paradigmas estáveis e os limites disciplinares.

Mais que tudo, o caráter interdisciplinar da Literatura Comparada proporciona uma travessia de fronteiras reais entre países para além da literatura nacional, desconstruindo o antigo conceito de nação. Evidencia-se que a ideia de identidade nacional e de literatura erudita – que servia como baluarte político nacionalista para a sustentação no poder de uma elite esgarçou-se para um plano cultural mais amplo global. [...] A desconstrução de antigos modelos canônicos representa, assim, paradoxalmente, a construção de novas formas de saber muito mais democráticas. (LOBO, 1999, p. 7-8)

Assim, o transculturalismo toma lugar participativo nos, em sua maioria, contraditórios processos de entrelaçamentos culturais, reavaliando e trazendo a lume as identidades em constante mutação. Os estudos comparados acompanham estes movimentos a fim de promoverem sua vinculação à prodigalidade do que nos atreveríamos a denominar de comparativismos transculturais, cujo objeto de análise não mais se restringe às conexões entre dois escritores de países diferentes, mas que se conecta a trajetórias de uma gama coletiva e extremamente interpenetráveis de literaturas anteriormente marginais. Consideramos aqui o fato de que as comparações entre culturas diferentes não mais precisam atravessar fronteiras da Nação, e sim da cultura. Por isso, hoje é destacada:

Uma exploração de conflitos internos e externos, riscos e oportunidades em sociedades complexas e culturas que fazem parte de um mundo moderno globalizado. Em vez de pressionar essas literaturas em uma função contra discursiva predeterminada, assim parece mais produtivo explorar a relação dessas literaturas para com uma rede transnacional e transcultural de modernidades vinculadas. (SCHULZE-ENGLER, 2009, p. 153)

A literatura comparada, ou os estudos da literatura comparada, transformam o fio de Ariadne e suas conexões labirínticas no eterno tear de Penélope, enquanto desconstrução de matrizes coloniais e/ou hegemônicas, reinterpretando os desenvolvimentos culturais, o reconhecimento das alteridades, não estabelecendo apenas a troca entre centro e periferia, mas

desestabilizando esta divisão binária como proposta de leitura transcultural dos encontros e dinâmicas existentes na criação literária de povos ou sujeitos.

Conscientes de que não se trata mais de uma simples inversão de modelos, da substituição do que era tido como central pela sua antítese periférica, os comparatistas atuais que questionam a hegemonia das culturas colonizadoras abandonam o paradigma dicotômico e se lançam na exploração da pluralidade de caminhos abertos [...] A consequência é que ele se vê diante de um labirinto, hermético, mas profícuo, gerado pela desierarquização dos elementos envolvidos no processo da comparação, e sua tarefa maior passa a residir precisamente nessa construção em aberto, nessa viagem de descoberta sem marcos definidos. (COUTINHO, 1996, p. 71)

Em nosso estudo da literatura canadense, o viés comparativo acompanha a presença emergente das literaturas das denominadas minorias visíveis e o remapeamento tanto historiográfico quanto etno-cultural dos escritos de povos migrantes mantidos à margem pelas condutas políticas restritivas, ainda presentes naquele território. Segundo Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux (2001, p. 158) o estudo comparado está presente nessas literaturas como possibilidade de abertura, que propõem “na descoberta do Outro, um diálogo com esse Outro e com ele próprio, criando assim momentos em que a consciência de si próprio tenta conciliar encontro e diferença”. Considerados como representantes de uma gama de povos que aos poucos galga espaço, a literatura asiático-canadense enfocada em nosso estudo enfatiza o caráter multilíngue e policultural dos processos diaspóricos, bem como as intempéries sofridas pelos migrantes ao longo de sua implantação em nova terra e o reflexo das mesmas em suas escrituras e na das gerações posteriores. Nesse contexto, o que se observa é que,

Enquanto as nações periféricas relativizam os critérios estéticos impostos pelas metrópoles, os países centrais são assolados pelas reivindicações de grupos subalternizados, nos quais mulheres, negros e homossexuais reivindicam parâmetros alternativos para a avaliação da produção cultural em um importante gesto de *descolonização do imaginário*. Tais discussões não deslocam apenas nossa compreensão acerca de noções como “literatura”, “identidade” e “valor estético”, mas contribuem para uma discussão mais ampla sobre o universal e o particular, instaurando novas possibilidades éticas que invocam a alteridade como conceito-chave na crítica cultural. (ALÓS, 2012, p. 11-12)

Nessa perspectiva os estudos comparados se associam e/ou se fundamentam em conceitos como cultura, gênero, raça, memória, língua, cidadania, entre outros, como forma de discutir o “outro” ou o “diferente” a fim de recuperar os lapsos históricos, no intuito de compreendermos os



estigmas associados à produção literária minoritária, mas basilar na elaboração dos contornos não apenas literários, como também históricos e políticos atuais. A perspectiva transcultural apresenta alternativas viáveis para a compreensão das identidades fragmentadas, dos modos alternativos de pertencimento, das expressões migrantes/diaspóricas, acarretando no que denomina Welsch (1999, p. 195), de “uma nova conceitualização de cultura, na qual qualquer visão separatista de culturas distintas, que se auto incluem e autossuficiente”<sup>106</sup> é suplantada pela permeabilidade dos entrecruzamentos culturais. Movidos, então, pela experiência da alteridade e as questões que surgem fornecendo metodologicamente recursos à comparação das vozes minoritárias da Literatura Canadense, nossa proposta trata mais especificamente, pelo viés comparativo, das produções nipo e indo canadenses, em suas diferenciações e aproximações, os embates culturais e a emergência dos processos transculturais nas respectivas protagonistas Naomi, em *Obasan* e Meena, em *Everything Was Good-Bye*. Os romances em tela estão situados em realidades sócio-históricas semelhantes, pois apresentam a vivência diaspórica de povos asiáticos marcados pelas rotas migratórias da servidão temporária (*Indenture*) representados por um passado reescrito às vistas do presente e que são reformulados e analisados pela ótica dos estudos comparados como forma de soerguer as produções dos variados segmentos denominados “minoritários”. Já que o discurso literário é resultante de práticas sociais, as indagações se voltam às condições históricas e contextuais fornecidas pelos encontros culturais cada vez mais recorrentes e proteiformes. Segundo destaca Eurídice Figueiredo (2013, p. 36):

Acabou a relação, mesmo que tênue, da tríade: um país, uma língua, uma literatura. Assim, novas apelações surgiram para designar o fenômeno - literaturas diaspóricas, literaturas migrantes, literaturas transnacionais. Nesse panorama movediço, em que os antigos alicerces ruíram, a Literatura Comparada já não pode mais ser a mesma.

Do ponto de vista da transculturação, os atravessamentos, as alterações, comunhões e trocas entre culturas e a reescritura histórico-social pelo fato dos povos à margem se engajam na construção de um legado que, para os estudos comparatistas, compreende uma construção dialética entre passado e presente, promovendo assim uma flexibilização dos parâmetros canônicos e, no caso, do sentido de canadianidade.

---

<sup>106</sup> “A new conceptualisation of culture, where any separatist vision of cultures as distinct, self-enclosed and self-sufficient units”.

## 2.3 – Aspectos transculturais do romance em Basran e Kogawa

*Literature that rewrites history is not only one of the most popular and diversified literary forms in Canadian literature, it is also a genre in which many other current issues seem to have found their culmination and possibly even turn point at the turn of the twenty-first century.*

Nora Tunkel

Estruturado a partir dos contatos entre diferentes culturas, a transculturação compreende, na perspectiva ramaniiana, um movimento de incorporação parcial das culturas local e global como forma de preservação cultural. O que nos interessa, nesse sub tópico, não será a discussão teórica do termo, mas sua discussão quando aplicada à narrativa, ou seja, aos romances que compõem nosso corpus. Segundo Roseli Barros Cunha (2007, p. 276), “Talvez possamos dizer que a transculturação narrativa constituiria um processo onde a obra literária seria construída pelo autor a partir das peculiaridades da conjunção harmônica entre elementos provenientes de uma tradição interna e dos avanços modernizadores externos”, fornecendo, assim, subsídios para a compreensão dos diferentes cenários sociais e narrativos relacionados à globalização. De acordo com Nora Tunkel (2012, p. 115) “As perspectivas que se conquistam através de uma abordagem transcultural da literatura tornam-se, assim, especialmente relevantes para os textos que disputam a formação de identidades, sejam estas comunitárias ou individuais, étnicas ou raciais, ou determinadas por outros marcadores culturais”<sup>107</sup>. A recorrência aos aspectos que envolvem o conceito de transculturalidade no presente trabalho se deve a sua viabilidade em lidar com o clã das narrativas móveis cujos textos ficcionais exploram as diásporas, as experiências pós-coloniais, as questões identitárias entre outros aspectos afetados por fluxos migratórios ininterruptos. No caso canadense,

---

<sup>107</sup> “The perspectives gained by a transcultural approach to literature thus become especially relevant for texts that dispute the formation of identities, whether communal or individual, ethnic or racial, or determined by other cultural markers”.

segundo aborda Kit Dobson (2009) em publicação recente, intitulada *Transnational Canadas*, o florescimento das literaturas de grupos minoritários não codifica ou demarca apenas o ‘outro’ dentro de um território específico, mas se torna fator preponderante de mudanças na constituição da nação e de seu arcabouço literário.

Dessa forma, ao lançarmos nosso olhar sobre a literatura canadense de viés asiático, percebemos as novas vozes questionadoras das políticas multiculturais do passado e de seus tentáculos usurpadores, da exclusão e dos impactos das reconfigurações identitárias entre gerações de migrantes que por vias transculturais, demonstram os embates e intempéries que fazem parte da formação dos sujeitos contemporâneos.

O aumento da diversidade cultural tem se tornado uma das características mais fascinantes e marcantes na literatura contemporânea do Canadá, com escritores de variadas experiências étnicas adentrando as arenas das línguas literárias inglesa e francesa no país. [...] Os temas que se sobressaem em tal literatura transcultural (escritas em inglês ou francês) incluem a busca de um indivíduo ou um imigrante ou comunidade indígena por uma identidade cultural, assim como as tensões entre estas buscas coletivas e individuais. (NISCHIK, 2008, p. 19)<sup>108</sup>

Sendo os processos transculturais flagrantes transições e transformações incorporativas de aspectos culturais e sociais, fruto das aproximações entre povos distintos, as narrativas dispostas sob nosso foco de análise apresentam alguns, se não todos, os pontos referentes ao ‘romance transcultural’, discutido por Sissy Helff em suas pesquisas a respeito dos estudos transculturais de língua inglesa. A teórica pontua:

Considero um romance transcultural se um dos seguintes aspectos se aplicar: primeiro, se o narrador e / ou a narrativa desafia a identidade coletiva de uma determinada comunidade; em segundo lugar, se as experiências de passagem das fronteiras e identidades transnacionais caracterizarem os modos de vida (*Lebenswelt*) dos narradores; e terceiro se as noções tradicionais de lar forem contestadas. (HELFF, 2008, p. 83)<sup>109</sup>

---

<sup>108</sup> “Increasing transcultural diversity has become one of the strongest and most fascinating characteristics of contemporary literature in Canada, with writers of many ethnic backgrounds entering the arena of English – and French – language literature in Canada. [...] Prominent themes in such transcultural literature (written in either English or French) include the quest of an individual or an immigrant or indigenous community for cultural identity, as well as tensions between these individual and collective quests”.

<sup>109</sup> “I will speak of a transcultural novel if one of the following aspects applies: first, if the narrator and/or the narrative challenge(s) the collective identity of a particular community; second, if experiences of border crossing and transnational identities characterize the narrators’ lifeworld (*Lebenswelt*); and third, if traditional notions of ‘home’ are disputed”.

Cientes da enumeração determinada por Helff quanto aos aspectos transculturais da narrativa, podemos observar um invólucro de instabilidades em textos dotados de protagonistas dominados pelas incertezas e dúvidas, oscilantes entre culturas e absortos em variadas expressões culturais; as narrativas transculturais não deixam de carregar aspectos das multiculturalidades e interculturalidades, pois, em se tratando de uma extensão das mesmas, irrompem e (re)unem as memórias coletivas num caldeirão de encontros, esse gerador de profusões de negociações heterogêneas. Nas palavras de Rama (2008, p. 62), “A extraordinária fluidez e movimento constante de vidas e acontecimentos, das transmutações existenciais e a incerteza de valores, tecem assim o substrato sobre o qual o discurso interpretativo vai se desdobrar”.<sup>110</sup>

Nessa perspectiva, o romance de Gurjinder Basran, *Everything Was Good-Bye* (2010) tenciona as instabilidades vivenciadas pela protagonista chamada Meena (Meninder). Narrado em primeira pessoa, a narrativa nos introduz à pequena Índia erigida no subúrbio de Vancouver, conduzindo-nos através dos penetrantes aromas indianos e da dinâmica de suas tradições, às complexidades da vivência entre culturas. No decorrer do romance, identificamos Meena como sendo a filha mais jovem dentre seis irmãs, descendente de pais indianos. Nasceu na Inglaterra e migrou com a família para o Canadá ainda em tenra idade. Após o falecimento do pai, durante um acidente de trabalho, mudanças significativas na rotina da família passam a estabelecer ditames mais rígidos às mulheres. Ao longo da narrativa, Meena nos conta sua história intercalando memórias do passado ao tempo presente, descrevendo sua infância até a fase adulta. Analisando os passos da protagonista de Basran percebemos que um dos aspectos apontados por Sissy Helff condiz com as objeções do (a) narrador (a) ou da própria narrativa em relação a uma identidade coletiva, que, no romance de Basran, se expressa pela pequena Índia, habitada pelos moradores, familiares e amigos da família de Meena. Notoriamente vinculada às tradições da cultura indiana presente, a protagonista entra em confronto com aspectos dessa cultura de origem a partir das novas influências que experimenta no Canadá da contemporaneidade. Percebe-se no seguinte diálogo entre Meena e sua mãe que a jovem vive nesse tenso entre lugar identitário: “Você perde tanto tempo nestes livros bobos que acabou esquecendo quem você é, Meena. Esse é o problema”. “Eu não esqueci quem sou. Esse é o problema.”<sup>111</sup> (BASRAN, 2010, p. 79). A jovem tem sonhos

---

<sup>110</sup> “La extraordinaria fluidez y el constante desplazamiento de vidas y sucesos, las transmutaciones de la existencia y la inseguridad de los valores, tejerán entonces el substrato sobre el cual se desplegará el discurso interpretativo”.

<sup>111</sup> “‘You spend so much time writing in your silly books that you have forgotten who you are, Meena. That is the problem’. ‘I haven’t forgotten who I am. That’s the problem’”.

que, para sua família, são ousados demais, inadequados aos olhos daqueles que preservam as tradições dentro do seu grupo de origem. No diálogo a seguir entre Meena e Liam, fica claro que ela reconhece tanto seus desejos quanto as imensas dificuldades em realiza-los, principalmente, quando esses potencialmente a afastariam de sua comunidade.

Ele enfiou a mão na areia e pegou um pedaço de papel que tinha caído do livro. “O que é isso?”

Tentei agarrá-lo. “Dê-me aqui”.

Ele o desdobrou e segurou fora do meu alcance, murmurando as palavras como que passando pelo conteúdo, anunciando os destaques. “Seu ensaio pessoal ‘Os que não têm’ ... foi premiado com o segundo lugar no concurso nossos jovens escritores do Canadá ... convidados a Toronto para aceitar seu prêmio uma bolsa de estudos ...

Eu o peguei de volta e amassei na minha bolsa junto com a revista.

“Qual é o problema? Isto é incrível. Por que você não está feliz com isso? Eu balancei minha cabeça e levantei os dedos do pé na areia. “Porque a minha mãe não vai me deixar ir”.

“Por quê?”

“É complicado” [...]

“Porque Toronto é muito longe de casa e porque ela acha que escrever é um desperdício de tempo e quer que eu faça algo mais produtivo”. (BASRAN, 2010, p. 38-39)<sup>112</sup>

Nesse sentido, o desejo de tornar-se escritora, de seguir seus talentos, acentua em Meena as tensões e conflitos internos, fazendo com que a mesma se veja dividida e confusa quanto a sua própria identidade, “Quando poderei ser *quem sou*?”<sup>113</sup> (BASRAN, 2010, p. 31). Nesse exercício de compreender a si mesma dentro de um contexto marcado pela transculturação, a protagonista da narrativa de Basran nos introduz aos processos de negociação entre duas línguas, dois modos de enxergar o mundo, duas tendências que se entrelaçam, a partir de seu cotidiano. A representação desses encontros culturais se dão entre os intensos aromas das especiarias da pequena Índia,

---

<sup>112</sup> “He reached into the sand and picked up a piece of paper that had fallen out of the book. “What’s this?”

I tried to grab it. “Give it here””.

He unfolded it and held it out of reach, mumbling the words as he skimmed the contents, announcing the highlights. “Your personal essay ‘The Have Nots’...has been awarded second place in our Young Writers of Canada contest...invited to Toronto to accept your scholarship prize...”

I grabbed it from him and crumpled it into my bag with the journal.

“What’s the matter? This is amazing. Why aren’t you happy about it?”

I shook my head and pitched my toes in the sand. “Because my mom won’t let me go.

“Why?”

“It’s complicated” [...]

“Because Toronto is too far from home and because she thinks that writing is a waste of time and wants me to do something more *productive*”.

<sup>113</sup> “When will I get to be who *I am*?”

agentes ratificadores de sua cultura ancestral e que estão presentes ao longo da narrativa, recordando-a, também, de um compromisso para com sua mãe, defensora dos arranjos patriarcais na família. Em uma passagem do romance, Meena tem seu primeiro encontro sexual com Liam e, logo após chegar em casa, é surpreendida por sua mãe e pelos envolventes aromas que se infiltram no espaço que essas ocupam, como lemos: “ao abrir a porta dos fundos, eu podia dizer que minha mãe tinha cozinhado. O aroma pungente das cebolas, da manteiga, e masala preenchia a escadaria e aderiu a minha pele. [...] Você irá para a escola e voltará para casa... compreende? Ela colocou os óculos de volta e acrescentou pimenta à mistura de curry”<sup>114</sup> (BASRAN, 2010, p. 74). Em contrapartida, a decoração do quarto de Meena é povoada por elementos da cultura de chegada, inserindo-se assim como “diferença” na pequena Índia representada por sua casa. Quando sua irmã Serena visita à casa, essa questiona: “O que você está ouvindo?” “New Order”. Serena se levantou, andou pelo meu quarto analisando as paredes cobertas por pôsteres de revistas como *Rolling Stone*, *Vogue* e *Elle*. Nossa! A mamãe nunca me deixou colocar nada disso no meu quarto”.<sup>115</sup> (BASRAN, 2010, p. 30). Portanto, os contatos culturais geram mudanças em Meena, à medida que a narrativa se aproxima da fase adulta da protagonista.

Principalmente a partir do encontro com Liam, percebemos que esse se torna, ao nosso ver, uma espécie de catalisador das travessias e cruzamentos entre a tradição ancestral e os aspectos da cultura de chegada. Após esses contatos recorrentes com esse rapaz branco se intensifica a vigilância da comunidade sobre Meena, “a medida em que eu caminhava para casa, eu me perguntava se alguma das tias da rua tinha me visto sair da casa de Liam, caso tivesse, iria informar a minha mãe”.<sup>116</sup> (BASRAN, 2010, p. 48). Noticiadas à matrona da família, tais transposições sofrem intervenção por parte de sua mãe, que retoma a língua ancestral como forma de enfatizar e rememorar a tradição cultural de toda uma coletividade na qual Meena está inserida. A representação e o reavivamento dos costumes, através da demanda pela língua Punjabi como única a ser utilizada em casa ocorrem, frequentemente, após os encontros com Liam (ou com a cultura

---

<sup>114</sup> “When I opened the back door I could tell that my mother had been cooking. The pungent aroma of onions, butter and masala filled the stairwell and clung my skin. [...] You’ll go to school and come home ... understand? She put her glasses back on and added pepper to the curry mixture”.

<sup>115</sup> “What are you listening to?” “New Order”. Serena got up. Walking around my room, studying the walls covered in *Rolling Stone*, *Vogue* and *Elle* magazine covers. “Wow, Mom never let put anything like this in my room”.

<sup>116</sup> “as I walked home I wondered if the aunties on the street had seen me leave Liam’s house, and if they did, whether they would report back my mother”.

de chegada), demonstrando a identidade fluida e em negociação da protagonista que busca articular ambas as experiências na sociedade transcultural em que está inserida.

“Relaxe, mamãe, ele é apenas um amigo”. “**Fale Punjabi**, Meena! Amigo shmend”, ela zombou antes de recuar para Punjabi. “Ele é um garoto, um garoto branco! O que as pessoas pensam quando veem você andando com um rapaz? Eles vão pensar que ele é um namorado. A última coisa que você precisa é ferir sua reputação, prejudicar suas chances de fazer um bom casamento, ou pior, o de sua irmã”. (BASRAN, 2010, p. 28).<sup>117</sup>

[...]

“Mãe, eu apenas” ... “Apenas o quê?” Ela olhou com desgosto. Embora os óculos estivessem embaçados, eu podia ver seu olhar exagerado na parte ampliada da lente e me perguntava se ela sabia. Ela devia saber. “**Fale Punjabi!**” Ela disse, enquanto batia a mão sobre o balcão. [...] “Sem mais saídas. Sem ficar na escola até tarde, nada de amigos. Não mais ... Você entendeu?” (BASRAN, 2010, p. 74)<sup>118</sup>

A linguagem é, de fato, uma das dimensões do pertencimento identitário, pois o uso de determinada língua e todos os símbolos e significados implicados indicam o ato de assumir uma cultura ou no mínimo permitir que ela lhe marque. Vemos no caso de Meena, que a língua Punjabi é exigida por sua mãe como forma de enfatizar o elo com a cultura ancestral, da mesma forma como diz respeito à percepção identitária de Meena como (parcialmente) indiana. Desse modo, na narrativa de Basran, via memória de Meena, sabemos que, no repouso noturno, a protagonista se aconchegava a sua mãe para ouvir e rememorar a história apaziguadora das noites de tempestade.

“Ik si chidi ik si kaa... Era uma vez um pássaro, era uma vez que um corvo ...” eu não entendia o resto, mas eu gostava do som de todas as suas histórias. Às vezes, eu a parava no meio da narrativa e a traduzia eu mesma. Ela não pareceu se importar, naquela época que nós não nos entendíamos, ela me permitiu minhas próprias interpretações (BASRAN, 2010, p. 98)<sup>119</sup>

---

<sup>117</sup> “Relax, Mom, he’s just a friend. Speak in Punjabi, Meena! Friend shmend, she mocked before retreating to Punjabi. He is a boy, a white boy! What will people think when they see you walking with a boy? They will think that he is a boyfriend. The last thing you need is to hurt your reputation, hurt your chances of making a good match, or worse, your sister’s”.

<sup>118</sup> “Mom, I just ...” Just what? She looked up in disgust. Although her glasses were foggy, I could see her exaggerated stare in the magnified portion of the lens and I wondered if she knew. She must have. Speak in Punjabi! She said, slamming her hand on the counter. [...] No more going out. No staying at school late, no friends. No more...you understand?”.

<sup>119</sup> “Ik si chidi ik si kaa... Once there was a bird, once there was a crow... I didn’t understand the rest, but I liked the sound of all her stories. Sometimes I would stop her midway through and translate for myself. She didn’t seem to mind, back then, that we didn’t understand each other, and she allowed me my own interpretations”.

O relato de Meena sobre a história contada por sua mãe na língua ancestral se mescla à língua local, construindo um palimpsesto representativo dos processos transculturais internalizados e vivenciados pela protagonista, que representa, assim, a transculturação na narrativa através da linguagem. Ainda com relação à linguagem, conforme essa é caracterizada dentro da teoria ramaniana, a representação de traços híbridos, torna notória uma mescla das línguas e que “em um mesmo romance buscariam a existência de um sistema dual” (CUNHA, 2007, p. 183), no qual havia uma incorporação dos vocábulos pertencentes ao léxico ancestral, intercalando, assim, aspectos específicos da língua ancestral com a local, como observamos na passagem, “Minha mãe estava na cozinha a esfregar a pia, a sua **kara**<sup>120</sup> tilintando contra o aço da bacia - mantendo o mesmo ritmo que o **Shabad**<sup>121</sup> no rádio”. (BASRAN, 2010, p. 2)<sup>122</sup>.

A princípio a protagonista de Basran se vê num dilema existencial: seguir os preceitos da tradição e, conseqüentemente, atender os anseios da mãe, conforme aderiu sua irmã Serena, ou romper com os laços familiares, escolha esta abraçada por sua irmã Harjinder (Harj). Serena “minha irmã mais velha, a mais esperta e casada”<sup>123</sup> (BASRAN, 2010, p. 29), representa o papel ideal dentro da coletividade na qual se insere a protagonista. Em contrapartida, sua irmã Harj, ao sofrer a violência física por parte de um grupo de rapazes, é atingida pela violência social no interior de sua própria comunidade, “Harj, que estudou sociologia na universidade, uma vez me disse que éramos um alvo natural para os julgamentos: a família que fora ferida era presa fácil para uma comunidade muitas vezes fechada em si mesma” (BASRAN, 2010, p. 49)<sup>124</sup>. Em decorrência desses acontecimentos, a jovem Harj abandona o lar meses depois da violência vivenciada por não suportar as pressões e os julgamentos que lhe são impostos pela comunidade. Buscando equilibrar ambos os lados, Meena reluta quanto as suas escolhas, “às vezes eu só quero fugir, você sabe. Descobrir as coisas por conta própria” (BASRAN, 2010, p. 39)<sup>125</sup>. No entanto, sob pressão da mãe, a protagonista acaba cedendo ao casamento arranjado e se une ao pretendente – Sunny. Durante o

---

<sup>120</sup> Bracelete forjado em aço ou ferro, artigo que visa demonstrar a fé dos iniciados e que identifica um Sikh. Símbolo de sua ligação com Deus. [http://en.wikipedia.org/wiki/Kara\\_\(Sikhism\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Kara_(Sikhism))

<sup>121</sup> Termo usado pelos Sikhs para se referir a um hino, parágrafo ou seções do texto sagrado, denominado de Adi Granth. <http://en.wikipedia.org/wiki/Shabad>

<sup>122</sup> “My mother was in the kitchen scrubbing the sink, her steel kara clinking against the basin – keeping time with the shabad on the radio”.

<sup>123</sup> “my oldest, smartest, married sister”.

<sup>124</sup> “Harj, who had studied sociology in university, once told me that we were a natural target for judgments: a family already wounded was easy prey for a community that often turned on itself”.

<sup>125</sup> “Sometimes I just want to run away, you know. Figure things out on my own”.



processo, Meena deve assumir uma nova identidade, fato este iniciado pela mudança de seu nome – a partir de então: Surinder.

Uma vez me deparei com o nosso reflexo em uma vitrine ao mesmo tempo em que passávamos, eu a meio passo atrás do dele, minha mão na sua mão enquanto ele me apressava. Eu andei ao meu lado por meia quadra, olhando para a minha expressão vazia do mesmo modo como uma criança olha quando procura pelas fisionomias dos ancestrais em fotografias de família, desesperada por semelhanças, reconhecimento e pertença. “Surinder”, eu lembrava a mim mesma, e atravessei a rua - deixando meu outro eu para trás, olhando para ela de uma distância segura (BASRAN, 2010, p. 114)<sup>126</sup>

Após a união com Sunny, as relações no casamento se tornam conflitivas e a protagonista passa a se apropriar da ausência do marido para retornar a atividades simples, parte de seu eu transculturado de antes: “sua ausência abriu-me espaço e ao longo da semana, eu espalhei-me mais e mais” (BASRAN, 2010, p. 150)<sup>127</sup>. Em sequência, ocorre o reencontro de Meena e Liam, durante uma exposição dedicada às fotos do mesmo. Percebe-se, assim, o reatar das negociações no interior da protagonista de Basran através de seu relacionamento e, ao mesmo tempo, pela transgressão aos aspectos tradicionais, pois a mesma passa a manter um relacionamento extra-conjugal com Liam, chegando a engravidar dele.

Após sua decisão de ter o bebê, Meena rompe com a concepção de lar, “Lar. Era palavra zombeteira, tão pequena quanto um gesto amável e tão grande quanto um oceano” (BASRAN, 2010, p. 206)<sup>128</sup>. Instalada no hotel Fairmont, um local de passagem tanto no aspecto físico quanto psicológico, a narrativa apresenta, a partir das mudanças de Meena, o diálogo que a mesma estabelece entre as duas culturas que a constituem, não cedendo a nenhum dos extremos nos quais se encontram suas irmãs, mas sim, abrindo neste entre lugar de trocas culturais um “novo” caminho. A protagonista de Basran se permite agenciar, do ponto transitório onde se encontra, os meios para criar o “novo”, partindo de suas escolhas quanto à relação entre as culturas que a constituem. Outro ponto que coaduna com a concepção de lar adotada pela protagonista se dá no momento em que a mesma, ao adquirir sua casa própria, caracteriza essa como “uma casa de

---

<sup>126</sup> Once I caught our reflection in a shop window as we walked by, my stride half a step behind his, my hand in his hand as he hurried me along. I walked beside myself for a half a block, staring at my vacant expression the way a child might search the ancestral faces in family photographs, desperate for similarity, recognition and belonging. “Surinder”, I’d remind myself, and crossed the street – leaving my other self behind, looking at her from a safe distance”.

<sup>127</sup> “his absence made room for me and as the week progressed, I spread myself out more and more”.

<sup>128</sup> “Home. It was a mocking word, as small as a kind gesture and as large as an ocean”.

artesanato com potencial” (BASRAN, 2010, p. 212)<sup>129</sup>. Na realidade, a necessidade de uma reconstrução indica que, assim como a casa recém adquirida, a protagonista busca se adaptar ao seu novo lar e as novas formas de vida, mesclando os costumes tradicionais de sua cultura de origem com outros, da cultura de chegada, que também é marcada por outras tantas culturas. Os espaços ocupados pela protagonista ao longo do romance, também estão associados aos contatos e trocas culturais, pois as identidades da personagem se associam a espaços que tanto são físicos quanto simbólicos e que refletem o glissar cultural, fruto dos processos transculturais, como indicaremos nos capítulos que seguem. Ao final do romance, percebemos a contínua negociação no interior de Meena, representada pela analogia ao *chai*, que é aquecido no micro-ondas.

Eu peguei minha xícara de *chai* frio e desci para esquentá-la pela terceira vez. Eu sei que eu não vou tomá-lo. Vou apenas observar a xícara girar no micro-ondas, ouvindo o zumbido oscilante que se impõe à chuva e contando as gotas que atingiram a janela, vê-las espalhadas como veias que atravessam o meu reflexo e ficar me perguntando por que tudo o que eu sei fazer é esperar. Mas pelo quê, eu ainda não sei. (BASRAN, 2010, p. 253-254)<sup>130</sup>.

A xícara contendo o líquido representante da cultura ancestral de Meena e que, ao longo do romance, verificamos como um item apaziguador e símbolo da cordialidade, gira em meio ao oscilante zumbido do aparelho que se une ao barulho da chuva respingando na janela e formando pequenas veias. Essas veias remetem ao sistema circulatório e sua contínua renovação que, através do olhar de Meena, representa seu próprio ser em trânsito. Além disso vale considerarmos o sentido da janela “enquanto abertura para o ar e para a luz, a janela simboliza receptividade” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 512). Enquanto refletora, também, dos sentimentos de incerteza, quanto ao que está sempre por vir, as janelas podem ser associadas às “características transculturais se forem consideradas como uma abertura consciente até [...] processos ininterruptos, efetuados por impactos globalizantes contemporâneos sobre culturas e indivíduos” (TUNKEL, 2012, p. 123)<sup>131</sup>, em suas constantes renovações e os multifacetados encontros culturais.

---

<sup>129</sup> “a Craftsman house with ‘potential’”.

<sup>130</sup> “I pick up my cup of cold *chai* and go downstairs to reheat it for the third time. I know I won’t drink it. I’ll just watch it turn in the microwave, listen to the oscillating hum over rain, count the rain drops that hit the window, watch them spread into veins that stretch across my reflection and wonder why all I know how to do is wait. But for what I still don’t know”.

<sup>131</sup> “Transcultural characteristics whether they are regarded as a conscious opening up [...] unstoppable processes effected by contemporary globalizing impacts on cultures and individuals”.

Assim, dentre os aspectos transculturais frequentemente presentes nas narrativas contemporâneas e seguindo esta linha de raciocínio, a escritora canadense Joy Kogawa em seu romance intitulado *Obasan*, nos introduz a vivência de Naomi, que assim como Meena no romance de Gurjinder Basran, se vê entre culturas. Joy Kogawa aborda, pela perspectiva de sua protagonista, Naomi Nakane, uma professora primária de trinta e seis anos, a experiência do internamento (deslocamento da costa para o interior do país) sofrido pela mesma, ainda pequena, bem como por sua família e, mais amplamente, pelos japoneses no Canadá. No decorrer do romance acompanhamos o desenvolvimento de Naomi da infância à fase adulta, os efeitos do Pós-Guerra, os conflitos entre gerações verificáveis nos diálogos com suas tias e os silêncios que rondam a história aos poucos desvelada por ela. O romance inicia com Naomi já adulta na companhia do tio Isamu aos 9 de agosto de 1972 na viagem anual a uma colina a sudoeste de Alberta, Canadá. A protagonista nada sabe sobre o significado deste rito, apenas se recorda da data inicial das viagens – agosto de 1954. O motivo será revelado ao final do romance e está relacionado ao lançamento da bomba em Nagasaki (lançada em 9 de agosto de 1945), o que selou o destino da mãe de Naomi. O segundo capítulo se passa no mês seguinte, 13 de setembro de 1972, data na qual a protagonista de Kogawa é informada do falecimento de seu tio Isamu, fato este que a faz voltar à cidade de Granton e a casa de sua tia (*Obasan*).

A narrativa de Kogawa oscila entre o passado e o presente, resgatando através de cartas, documentos oficiais da época e da memória de Naomi as injustiças decorrentes da ojeriza aos povos asiáticos no Canadá de então – japoneses ou de descendência japonesa – considerados pelo governo como a “ameaça amarela” (*Yellow Peril*). De acordo com Kit Dobson (2009, p. 93) “*Obasan* se desenvolve no sentido de demonstrar que oposição, marginalidade e norma ficam todos envolvidos uns com os outros em suas discussões sobre a incoerência implícita nas práticas canadenses de rotulação e preconceito”<sup>132</sup>. Um ponto de destaque na narrativa se refere ao sótão de *Obasan*, local no qual estão guardadas as cartas, documentos oficiais e toda a informação sobre o que fora silenciado por sua tia ao longo dos anos. Em sua visita, Naomi se encaminha ao sótão, local que “guarda o passado” (BACHELARD, 2005, p. 42), parte da composição do eu itinerante da protagonista, emergindo das sombras do silêncio de tantos anos à luz da revelação, pois “no

---

<sup>132</sup> “*Obasan* works towards a position in which opposition, marginality, and the norm all become implicated in one another in its discussion of the incoherence of Canadian practices of labelling and prejudice”.

sótão os medos racionalizam-se facilmente” (BACHELARD, 2005, p. 37). Pelo menos é lá, na parte alta da casa que Naomi busca por explicações.

Nesse sentido e centrados nos aspectos apresentados por Helff sobre o romance transcultural, podemos relacionar os embates que contestam uma identidade coletiva mantida estritamente pela questão racial, adotada por Mackenzie King, e que fora considerada uma “doutrina racista odiosa, que é a base do sistema nazista em toda parte (MIKI, 2011, p. 80)<sup>133</sup> no romance em tela, pois todos os cidadãos canadenses, inclusive os nascidos nesse território, de descendência japonesa são incluídos numa demanda coletiva ou rotulados por uma identidade coletiva, sendo marcados como inimigos logo após o ocorrido em Pearl Harbour. Como observamos na narrativa, as declarações de tia Emily são a força motriz da contestação e denúncia, “a guerra foi apenas mais uma desculpa para o racismo que já se fazia presente. Nós fomos atacados nos tumultos de 1907, pelo amor de Deus! Nós sempre enfrentamos preconceito” (KOGAWA, 1983, p. 35)<sup>134</sup>. Tendo sido declarados, então, inimigos da nação, e consequentemente desprovidos de direitos como cidadãos, foi inevitável que ocorresse nesses uma quebra com a concepção do lar tradicional. Com o internamento e banimento dos japoneses da costa canadense, Naomi e sua família são enviados para as denominadas cidades fantasmas, “não importa o quanto eu deseje, nós não vamos para casa” (KOGAWA, 1983, p. 126)<sup>135</sup>. Foram locados, a priori, em Slocan, em 1942, numa pequena casa nas matas, percebida por Naomi como a casa dos três ursos da estória de *Cachinhos Dourados*. Essa estória se torna uma forma de denúncia à condição nipo-canadense, pois, na perspectiva da protagonista, sua família é a família de ursos cujo lar é invadido pela garotinha branca de cabelos dourados, que se apodera da propriedade alheia. Em contrapartida, Naomi se coloca na posição de Cachinhos Dourados, ou da “ameaça amarela”, “eles são amarelos. Amarelos como narcisos. Como o cabelo amarelo de Cachinhos Dourados.” (KOGAWA, 1983, p. 152)<sup>136</sup>, personagem dos contos de fada que invade e se apropria dos bens alheios. Essa inversão demonstra também a negociação advinda de experiências transculturais em Naomi com relação aos mundos que a constituem, “Eu sou Cachinhos Dourados, Eu sou Momotaro” (KOGAWA, 1983, p. 170)<sup>137</sup>. Não obstante, através da visão de Naomi percebemos a

---

<sup>133</sup> “hateful doctrine of racialism which is the basis of the Nazi system everywhere”.

<sup>134</sup> “the war was just an excuse for the racism that was already there. We were rioted against back in 1907, for heavens sakes We’ve always faced prejudice!”.

<sup>135</sup> “no matter how I wish it, we do not go home”.

<sup>136</sup> “they are yellow. Yellow like daffodils. Like Goldilocks’ yellow hair”.

<sup>137</sup> “I am Goldilocks, I am Momotaro”.

desestruturação do lar, endossada tanto por sua fala quanto pela perda das bonecas deixadas na antiga casa, “foi da família de bonecas que eu mais sentia falta – a representação daqueles a quem eu amava” (KOGAWA, 1983, p. 52)<sup>138</sup>. A família só estará reunida novamente, um ano mais tarde, com o regresso do tio Isamu e do pai de Naomi, e de Stephen, pouco tempo depois, que retornam dos campos de trabalho.

Algumas famílias foram capazes de sair por conta própria, encontraram casas no interior de British Columbia e em outros lugares no Canadá. Cidades fantasmas como Slocan - esses antigos assentamentos de mineração, às vezes abandonados, às vezes com uma comunidade remanescente - foram reabertos, e uma ala de cabanas duplas de madeira foram erguidas. Eventualmente, toda a costa fora esvaziada e todos da raça japonesa em Vancouver foram mandados embora. (KOGAWA, 1983, p. 77)<sup>139</sup>

Ao longo da narrativa os deslocamentos forçados seguem para Lethbridge, em Alberta, local onde “o lar” assume a forma de um quarto, bem menor que a instalação anterior, ao lado de uma pequena fazenda de beterrabas (para a produção de açúcar), na qual todos podem trabalhar. A casa da fazenda traz lembranças a Naomi do lar desfeito, “a casa do fazendeiro é uma casa de verdade com uma entrada para carros que conduz até uma garagem. Isto me faz pensar em nossa casa em Vancouver, entretanto, esta não é tão grande” (KOGAWA, 1983, p. 192)<sup>140</sup>. O último deslocamento, para a cidade de Granton, em 1951, local em que os tios (Isamu e Ayako), Naomi e Stephen se estabelecem, apresentam o novo local: “a nova casa é pelo menos uma casa” (KOGAWA, 1983, p. 210)<sup>141</sup>. Com o tio Isamu trabalhando numa fazenda de batatas, Naomi pode estudar para se tornar, posteriormente, professora primária, profissão esta negada aos nipo-canadenses até o final da década de 40. Já seu irmão Stephen decide morar com tia Emily em Toronto, no intuito de estudar música, se tornando um virtuoso pianista. Apesar da aparente estabilidade da nova casa, o verdadeiro lar de Naomi continua fragmentado e incompleto, pelo fato de não entender o sumiço de sua mãe e não aceitar o falecimento de seu pai em um dos campos de trabalho em British Columbia.

---

<sup>138</sup> “It was the family of dolls I missed more than anything else – the representatives of the ones I loved”.

<sup>139</sup> “Some families were able to leave on their own and found homes in British Columbia’s interior and elsewhere in Canada. Ghost towns such as Slocan – those old mining settlements, sometimes abandoned, sometimes with a remnant community – were reopened, and row upon row of two-family wooden huts were erected. Eventually the whole coast was cleared and everyone of the Japanese race in Vancouver was sent away”.

<sup>140</sup> the farmer’s house is a real house with a driveway leading into a garage. It makes me think of our house in Vancouver though this is not as large”.

<sup>141</sup> “the new house is at least a house”.

Ainda tomando por base a concepção helffiana, outro ponto que observamos com relação aos processos decorrentes dos encontros entre culturas no romance, também percebemos em *Obasan* a presença de polaridades opostas. A exemplo do romance de Basran, a polaridade principal também surge entre parentes do sexo feminino na narrativa de Joy Kogawa, Naomi assumindo essa posição no que se refere às tias. A tia Emily se apresenta como a ruptura com a ancestralidade, definindo-se a todo o momento como canadense. A exemplo da história de Momotaro ou o menino que nasceu do pêssego, tradição do Japão, que é recontada da seguinte forma por tia Emily, “Momotaro é uma história canadense. Nós somos canadenses, não somos? Tudo que um canadense faz se torna canadense” (KOGAWA, 1983, p. 57)<sup>142</sup>. Seus protestos incessantes com relação às injustiças raciais aplicadas aos nipo-canadenses reforçam ainda mais seu afastamento de aspectos culturais de seus ancestrais, aderindo ao assimilacionismo. Como exemplo dessa desconexão, podemos citar o não respeito ao silêncio por parte de tia Emily. O silêncio na cultura japonesa e na própria narrativa é marca indelével da comunicação sendo que, “na interação diária é uma forma não-verbal de comunicação vital para os japoneses (JONES, 2012, p. 17)<sup>143</sup> e da qual tia Emily se abstém totalmente. A representante deste silêncio é Ayako (Obasan), a outra tia de Naomi, que reprime a revelação dos motivos da ausência da mãe de Naomi, não comentando o próprio internamento; “como são diferentes as minhas duas tias. Uma vive no som. A outra na pedra” (KOGAWA, 1983, p. 32)<sup>144</sup>.

A pedra, por sua vez, relacionada à condição de Obasan, remete ao pão que o tio Isamu prepara e que se assemelha a esse mineral. Essa semelhança, por sua vez, pode ser associada à representação da cultura ancestral que resiste à condição atual a qual está submetida a família de Naomi, decorrente do internamento. Os ingredientes que são acrescentados por seu tio na feitura do pão com o passar do tempo se modificam, no entanto, a essência permanece, pois o pão aparentemente continua o mesmo, “o tio continua a fazer desse jeito ao longo dos anos, ‘remodelando’ a receita com sobras de aveia e cevada. Às vezes, ele acrescenta cenouras e batatas. Mas não importa o que ele coloque no pão, o mesmo sempre acabava resultando num pedaço de granito” (KOGAWA, 1983, p. 13)<sup>145</sup>. No romance o pão é partilhado, mas cada um come ao seu

---

<sup>142</sup> “Momotaro is a Canadian story. We’re Canadian, aren’t we? Everything a Canadian does is Canadian”.

<sup>143</sup> “in everyday interaction is a vital form of non-verbal communication for the Japanese”. [http://eview.anu.edu.au/anuuj/vol3\\_11/pdf4/ch02.pdf](http://eview.anu.edu.au/anuuj/vol3_11/pdf4/ch02.pdf)

<sup>144</sup> “how different my two aunts are. One lives in sound, the other in stone”.

<sup>145</sup> “uncle kept making it that way over the years, ‘improving’ the recipe with leftover oatmeal and barley. Sometimes he even added carrots and potatoes. But no matter what he put in it, it always ended up like a lump of granite”.

modo; “quando Obasan o come, ela o pica em pequenos pedaços e os encharca no chá de erva daninha feito em casa” (KOGAWA, 1983, p. 13)<sup>146</sup>. Obasan se alimenta do mesmo acompanhado pelo chá feito de erva daninha, mergulhando os pedaços do pão, ou da cultura ancestral, em seu chá. A partir desse movimento, percebemos a relação do chá com a condição nipo-canadense, pois a erva daninha seria algo indesejável e que se espalha, o joio bíblico. Obasan embebe a cultura minoritária rechaçada e fragmentada como os pedaços do pão no líquido primordial, pois as famílias nipo-canadenses, em sua maioria, além de terem seus bens tomados durante o internamento, ainda foram separadas, a maior parte dos homens sendo conduzidos aos campos de trabalho por ordem do governo vigente à época.

A relação entre pão e granito reporta às dificuldades que acometeram os nipo-canadenses e ao mesmo tempo ressalta os processos representados pela receita sempre remodelada, aprimorada, agregada a outros elementos típicos da cultura de chegada. Já o chá da erva daninha remete ao conceito desenvolvido por Zygmunt Bauman acerca do Estado jardineiro, dentro do qual “as ervas daninhas – plantas não convidadas, não planejadas e autocontroladas – existem para sublinhar a fragilidade da ordem imposta” (BAUMAN, 2010, p. 78), ordem esta que pode ser relacionada ao “White privilege” (privilegio branco), como vimos anteriormente e pelo qual “o governo inicialmente manteve sua preferência por britânicos, holandeses, e por imigrantes do norte da Europa, como o “melhor” tipo de trabalhadores e que posteriormente seriam mais facilmente assimiláveis como futuros canadenses” (MOSS; SUGARS, 2009, p. 20)<sup>147</sup>. Políticas como cobranças de taxas por cada indivíduo, restrições migratórias e taxas de imigração dificultaram, impossibilitaram ou mesmo vetaram a chegada de asiáticos ao país. O internamento apenas auxiliou na retirada e deportação desses, providências essas regidas em favor da manutenção do “jardim”, reordenando, através do deslocamento constante, a impossibilidade dos nipo-canadenses de se enraizarem novamente, “em Slocan, a comunidade floresce com lojas, artesanatos, jardins, e empresas familiares: Alfaiates Sakamoto, Gardiner comerciante geral, Hospital Nose Shoe, Barbearia Slocan T. Kuwahara Prop, Barbearia do Tahara [...] A cidade fantasma está viva” (KOGAWA, 1983, p. 160)<sup>148</sup>. Assim que a comunidade se desenvolve, estabelecendo negócios

---

<sup>146</sup> “When Obasan eats it, she breaks her slice into tiny pieces and soaks them in the home-made “weed tea”.

<sup>147</sup> “the government initially retained its preference for British, Dutch, and Northern European immigrants as the “best” kinds of workers and the most easily assimilable future Canadians”.

<sup>148</sup> in Slocan, the community flourishes with stores, crafts, gardens, and home-grown enterprise: Sakamoto Tailors, Gardiner General Merchant, Nose Shoe Hospital, Slocan Barber T. Kuwahara Prop., Tahara’s Barber Shop [...] The ghost town is alive”.

viáveis, o deslocamento inevitável ocorre, “todos, Stephen me diz, estão indo embora, e mais uma vez, para onde nós não sabemos” (KOGAWA, 1983, p. 172)<sup>149</sup>.

Interligados, assim, à condição de estrangeiros dentro do próprio país, se faz notória a assertiva sobre o sujeito transcultural de Eigeartaigh; Berg (2010, p. 16) de que “nossos protagonistas podem ser definidos como personalidades transculturais devido a sua disposição em enfrentar o desafio de viver em meio ao desconhecido, às vezes até mesmo em sociedades hostis, criando novas narrativas híbridas de identidade para si mesmos, sem abrir mão de sua própria individualidade e/ou sua herança cultural.”<sup>150</sup>. De acordo com a afirmativa, Naomi como ser transcultural, mantém parte de sua identidade ancestral, diferentemente de seu irmão Stephen, que “está sempre desconfortável quando algo é japonês demais” (KOGAWA, 1983, p. 217)<sup>151</sup>. A protagonista de Kogawa intercala e negocia ambos aspectos culturais que a constituem; um exemplo se dá através da alimentação, enquanto Stephen (o qual tem maior relação com tia Emily, únicos personagens a adotarem nomes não japoneses) rejeita o alimento “ancestral”, no momento em que “Obasan retorna e lhe oferece uma bola de arroz. ‘não esse tipo de comida’, ele diz” (KOGAWA, 1983, p. 115)<sup>152</sup>. Naomi o compara a *Humpty Dumpty*<sup>153</sup>, que cai ao chão e se despedaça, desse modo remetendo à quebra das tradições ancestrais em Stephen, que assim como tia Emily, adere à política assimilacionista, integrando-se as “normas canadenses brancas” (DOBSON, 2009). A protagonista, por sua vez, negocia as pequenas porções culturais, na tentativa de reunir os fragmentos e colá-los com arroz, elemento esse basilar na alimentação japonesa; mas, como na história de *Humpty Dumpty*, nada retorna ao seu lugar.

Dentro dos aspectos transculturais observados, Naomi, ao final do romance, e sendo informada sobre os motivos para o sumiço da mãe, que falecera devido aos efeitos e deformações sofridas pela eclosão da bomba em Nagasaki, conduzem a protagonista ao retorno materno simbolizado pela floresta, representação também do inconsciente (CHEVALIER;

---

<sup>149</sup> “everyone, Stephen tells me, is going away again, and again we do not know where”.

<sup>150</sup> “Our protagonists can all be defined as transcultural personalities because of their willingness to rise to the challenge of living in unfamiliar, sometimes even hostile, societies, and forge new, hybrid narratives of identity for themselves, without compromising their own individuality and cultural heritage”.

<sup>151</sup> “is always uncomfortable when anything is ‘too Japanese’”.

<sup>152</sup> “Obasan returns and offers him a rice ball. ‘not that kind of food’, he says.

<sup>153</sup> Humpty Dumpty é um personagem de uma pequena cantiga inglesa. De acordo com a história, Humpty Dumpty (que quer dizer homem ovo) sentava-se em um muro muito estreito, até que um dia, cai e se quebra inteiro. “– Certo dia Humpty Dumpty sobre um muro se sentou. Mas deu azar e – tibumba! – um belo tombo levou. Nem todos os cavaleiros do rei, com os seus cavalos, puderam novamente colocar Humpty Dumpty de volta em seu lugar”. <http://trombadeelefante.blogspot.com.br/2012/12/humpty-dumpty.html>.



GHEERBRANT, 2007), “Pai, Mãe, meus parentes, meus ancestrais, que vieram para a floresta hoje à noite, para o lugar onde todas as cores se encontram - vermelho e amarelo e azul (KOGAWA, 1983, p. 246)<sup>154</sup>. A passagem do encontro entre todos os familiares implica numa negociação no interior de Naomi, pois sendo a floresta “fronteira entre o conhecido e o desconhecido” (LURKER, 2003, p. 273) a mesma se torna espaço da fusão das cores revelando a reunião dos vários aspectos culturais envolvidos desde a rememoração da infância e das experiências atreladas ao auto reconhecimento presentes em seu ser transculturado.

---

<sup>154</sup> Father, Mother, my relatives, my ancestors, we have come to the forest tonight, to the place where the colours all meet – red and yellow and blue”.

## 2.4 – Memórias e identidades em negociação

*I believe the concept of transculturality to be the most adequate concept of culture today – for both descriptive and normative reasons.*

Wolfgang Welsch

*In fact, racialization and ethnicization are the commonest forms of cultural or identity parlance in Canada. This is not only the case with “whites” or “the English” but also with “others” after they spend some time in the country. A language of colour, even self-appellations such as “women of colour” (remember “coloured women”?), echo right through the cultural/political world. An unofficial apartheid of culture and identity organizes the social space of “Canada”, first between whites and non-whites, and then within the non-whites themselves.*

Himani Bannerji

Conforme apontado anteriormente, as políticas de imigração baseadas na raça e etnia dos povos asiáticos gerou uma série de medidas discriminatórias promotoras de um ambiente sócio-político-cultural hostil e que se reflete nos escritos de gerações, tanto de imigrantes, quanto de seus descendentes nascidos em solo canadense. Tais aspectos, corroboram para compreendermos a formação da literatura anglófona dos povos asiáticos, da própria CanLit e da História literária canadense, já que indubitavelmente a presença asiática se tornou significativa no país, assim como a diversidade de povos ocluídos pela tradição canadense inglesa. Como força motriz da confluência de histórias de exclusão e racismo, as narrativas da nação englobaram gradativamente os novos padrões demográficos, fator esse pontual quanto às demandas por inclusão. Dentro de uma apreciação da diversidade que dominou as décadas de 60 e 70, esses povos reivindicaram

também um espaço literário para a representação de suas vozes, parte fundamental na construção histórica da nação canadense e de seu legado literário. Desse modo,

a literatura asiático canadense não é simplesmente uma subseção multicultural de algo maior denominado literatura Canadense. É mais relevante do que apenas um fragmento do quebra-cabeça literário. Preferencialmente, essa produção literária situa a literatura Canadense dentro de uma rede global complexa e delicada constituída por rotas e passagens que são ao mesmo tempo históricas e culturais. (CHO, 2008, p. 196)<sup>155</sup>

Na verdade, reconhecendo o trajeto galgado pelos povos asiáticos, verificaremos o reflexo dos problemáticos enclaves étnicos e as negociações das múltiplas dimensões diaspóricas que acometem ambas as protagonistas dos romances em análise, trazendo à luz os contextos indiano e nipônico canadenses pelo olhar feminino. Na realidade, ao abordarmos a escrita de autoria feminina no contexto das diásporas asiáticas, lançamo-nos para além das linhas limítrofes que os movimentos históricos condicionavam às mulheres. Como veremos a seguir, as narrativas de Basran e Kogawa tornam-se representantes de um compromisso com histórias de deslocamento e vivências transculturais relacionadas, dentro do legado da escrita migrante asiático-canadense de autoria feminina, elemento esse marcante na cena literária canadense contemporânea.

Nos romances a transculturalidade é negociada à luz das experiências migratórias em suas afinidades e disparidades, materializando-as em narrativas da memória, principalmente com respeito ao romance *Obasan*. Concomitantemente, essas narrativas avultam e abrem espaço para novas leituras não apenas das vicissitudes do dia-a-dia nas comunidades diaspóricas, mas também com relação à posição da mulher no mundo globalizado. Esse olhar sobre as dimensões diaspóricas e suas experiências em relação à Naomi e Meena são definidas, em afirmação com o que aponta Hall (1990, p. 119-120):

pelo reconhecimento de uma heterogeneidade e diversidade necessárias, por via de uma concepção de identidade que subsiste com e através, não a despeito, da diferença; pelo hibridismo. Identidades diaspóricas são aquelas que estão constantemente em produção e reprodução de novas maneiras, por intermédio da transformação e da diferença.<sup>156</sup>

---

<sup>155</sup> “Asian Canadian literature is not simply a multicultural subsection of something bigger called Canadian literature. It is more than just a piece of the Canadian literary puzzle. Rather, it situates Canadian literature within a complex and delicate global network of routes and passages that are at once cultural and historical”.

<sup>156</sup> “by the recognition of a necessary heterogeneity and diversity, by a conception of ‘identity’ which lives with and through, not despite, difference; by hybridity. Diaspora identities are those which are constantly producing and reproducing themselves anew, through transformation and difference”.

Nesse sentido, as protagonistas plasmam seus eus no decorrer das narrativas demonstrando os meandros das afiliações transitórias pelas quais são acometidas ao longo das negociações culturais demandadas pela condição migrante e por seu gênero. Conforme apresentado, ambos os romances lidam com os aspectos relativos às mobilidades, seja essa interna, decorrente do internamento dos nipo-canadenses, como relatado em *Obasan*; seja externa, como observamos no deslocamento intercontinental pela família de Meena, em *Everything Was Good-Bye*. Como estamos tratando de deslocamentos e trânsitos culturais vinculados a culturas tradicionais enraizadas fortemente em processos memoriais racializados, constatamos que as narrativas se inserem assim dentro de um contexto diaspórico que se abre às experiências dos indivíduos e as suas subjetividades. Conforme ressalta Coral Ann Howells (2009), a vantagem atribuída ao termo “diaspórico” é que esse sugere uma abordagem pluralística de reconhecimento étnico, cultural e racial da diversidade presente no Canadá. Segundo destaca Lily Cho (2007, p. 13) “voltar-se para a diáspora demonstra uma pretensão, no intuito de encontrar uma maneira para falar sobre as complexidades das conexões entre comunidades, das dores irreparáveis e pertencimentos desarticulados dos quais as coletividades emergem”<sup>157</sup>. Desse modo, ambas as protagonistas devem lidar com os entraves étnicos estabelecidos pelas estruturas de poder, englobando as problemáticas que envolvem a perspectiva feminina em relação a sua representação e formação dentro de comunidades diaspóricas. Conforme proposto por Cho (2007, p. 28), “voltar-se para a diáspora é voltar-se para a influência das conexões e para a habilitação das possibilidades da diferença. Voltar-se para a diáspora é afastar-se da marcha aparentemente inexorável da história e ir em direção aos segredos das memórias incorporadas intimamente à convivência diária”<sup>158</sup>. Por conseguinte, as narrativas diaspóricas envolvendo as experiências de violência, traumas e chagas do passado, se tornam, então, desafiadoras e reconfiguradoras das histórias impostas pelo olhar dominante, assim como do armazenamento memorial de vidas anteriormente invisíveis.

Segundo destacam Bliss S. Little e Benjamin J. Broome (2010, p. 222), “desde o final da década de sessenta, a diáspora tem sido usada para designar diferentes grupos de pessoas, incluindo minorias étnicas e raciais [...]. Além de se referir a grupos de pessoas, o termo diáspora tem sido

---

<sup>157</sup> “the turn to diaspora signals a demand for finding a way to speak about the complexities of connections between communities, of the unredressed griefs and disarticulated longings from which collectivities emerge”.

<sup>158</sup> “to turn to diaspora is to turn to the power of relation and the enabling possibilities of difference. To turn to diaspora is to turn away from the seemingly inexorable march of history and towards the secret of memories embedded within the intimacies of the everyday”.

utilizado, também, para aludir a dispersão de uma língua ou cultura ou qualquer objeto que é disseminado a partir de sua origem ou centro”<sup>159</sup>. Este trânsito cultural que engloba os diversos aspectos que envolvem as origens de um grupo não deve teorizar as diásporas apenas a partir de vínculos, sejam estes impositivos ou não, que associam os indivíduos à coletividade. Stéphane Dufoix (2008, p. 2) defende que “[...] a menos que a pessoa se satisfaça com uma realidade estatística simples, atemporal e unificadora, a diáspora geralmente falhará nas tentativas de mostrar as engrenagens da coisa que ela deveria descrever melhor: a relação com o que chamo de ‘origem de referência’”<sup>160</sup>. Portanto, a complexidade sempre deve fazer parte de qualquer olhar que se debruce sobre uma diáspora específica, a fim de não cometer erros por simplificação exagerada nos arranjos que marcam tais culturas, povos, grupos, formas de vida.

Consideramos fundamental destacar que a formação da literatura Asiático-Canadense se deu pelo véu da racialização e etnicidade, vistos como polos, a princípio, de exclusão, sujeitos a uma classificação imposta pelo olhar dominante, tendenciosamente homogeneizadora. Em contrapartida, a racialização do termo *Asian* encarna os aspectos de uma história opressora e discriminatória que se abre posteriormente aos processos de negociação das partes integrativas da nação e da CanLit como amálgama de várias culturas, pois o termo asiático-canadense refere-se a um conjunto de povos reunidos por laços de contestação à civilidade branca. Em seu trabalho sobre a diáspora canadense, Lily Cho afirma que:

A minoria marca uma relação definida pela racialização e experienciada como diáspora. É assim que a literatura asiático canadense, por exemplo, é referida como uma literatura menor em relação a literatura Canadense; não porque seja menos importante, valiosa ou esclarecedora, mas por que a mesma não pode ser dissociada das duradouras histórias de racialização que marcam as comunidades asiático canadenses como parte de uma minoria em relação à cultura dominante. Nesta experiência de racialização, comunidades asiático canadenses estão marcadas tanto por um sentimento forte de pertença a este país, por ter ajudado a construí-lo, e por histórias de deslocamento que sustentam um sentimento de pertença que excede o Estado-nação. (CHO, 2007, p. 98)<sup>161</sup>

---

<sup>159</sup> “since the late 1960s, diaspora has been used to designate many different groups of people, including ethnic and racial minorities [...]. In addition to referring to groups of people, the term diaspora has also been used to refer to the dispersion of a language or culture or any object that is scattered from its origin or center”.

<sup>160</sup> “[...] unless one is satisfied with a simple statistical, a temporal, and unifying reality, ‘diaspora often fails to present the workings of the thing it ought to best describe: the relationship to what I call a ‘referent origin’”.

<sup>161</sup> “Minority marks a relation defined by racialization and experienced as diaspora. That is, Asian Canadian literature, for example, relates as a minor literature to Canadian literature not because it is less important, valuable, and illuminating, but because it cannot be divorced from the long histories of racialization that mark Asian Canadian communities as being in the minority in relation to a dominant culture. In this experience of racialization, Asian

Dessa forma, os processos e intempéries oriundos das diásporas no Canadá direcionam e acompanham a história dos povos asiáticos contemplando o soerguimento dos afetos cultivados pelos deslocamentos e travessias de uma cultura para a outra, se fazendo presente através dos movimentos sociais e comunidades representativas da diversidade étnica existente no país. De fato, a literatura asiático-canadense emergiu acompanhada de variados ativismos comunitários, esses, por sua vez, baseados num corpo coletivo de identidades marcadas pela exclusão histórica. Nesse sentido, ao enfatizarmos os acontecimentos provenientes das migrações e assentamento desses povos, retomamos a memória histórica de um racismo velado, pois ambas as narrativas em tela apresentam traços das imposições raciais, assim como os efeitos decorrentes dos discursos de diferenciação oriundos pós implementação das políticas multiculturais e sob o que denomina Charles Taylor (1994) de “política do reconhecimento”. Contudo, o sujeito emergente desse reconhecimento não se constrói apenas através dos encontros interculturais, mas expressa a construção de suas identidades que ultrapassam o deslocamento geográfico real para ocupar o espaço do imaginário.

No âmbito ficcional, Naomi e Meena são o produto das tensões identitárias vinculadas aos comportamentos e percepções, em sua maior parte contraditórios, resultantes de uma identidade multifacetada. Os romances introduzem duas mulheres: uma, Naomi, nascida no Canadá e representante da terceira geração (Sansei) na linhagem nipônica, cuja família sofre as intempéries de um deslocamento interno acompanhado pelo despojamento de bens e direitos, após o bombardeio a Pearl Harbor, fator esse que culminou na exclusão e banimento do povo nipônico, e Meena, em *Everything Was Good-Bye*, descendente de pais indianos, mas que nasceu na Inglaterra e imigrou para o Canadá com a família para habitar nos arredores de Vancouver, local da tentativa de reedificação do país ancestral e seus costumes tradicionais – a Índia. Assim dispostas, as narrativas resgatam os acontecimentos que se desdobram entre os períodos da infância até a fase adulta de ambas protagonistas, recorrendo à memória cultural dos grupos em que essas se inserem numa narração não linear. Segundo destaca Sandra R. G. Almeida (2013, p. 60), “o ato de narrar, a construção de uma narração, torna-se fundamental como processo que confere significância aos relatos memoriais, que permite o trilhamento de vestígios que, de outra forma, estariam relegados ao esquecimento”.

---

Canadian communities are marked both by a fierce sense of belonging to this country, of having helped to build it, and by histories of dislocation that sustain a sense of belonging that exceeds the nation-state”.

Em *Obasan*, as imposições raciais, assim como as leis de cunho racista, se tornam visíveis em muitas das cartas mencionadas ao longo da narrativa e pelos documentos oficiais correspondentes ao período, esses disponibilizados pela tia Emily, onde se apresenta a seguinte mensagem claramente: “chutem todos os japas para fora” (KOGAWA, 1983, p. 102)<sup>162</sup>.

Apenas no último minuto, antes de tia Emily se encaminhar para o embarque, ela me perguntou se eu realmente queria “saber de tudo”. “Eu vou enviar-lhe um pouco da minha correspondência e outras coisas. Você gostaria?”, Perguntou ela.

“Claro”, eu menti.

Agora estou aqui nesta manhã de outono, cinco meses depois, com seu pacote pesado no meu colo. Muitos dos textos de conferências que ela me mostrou em maio passado estão aqui, bem como o seu diário e um envelope pardo bojudo cheio de letras. [...] Obasan se agacha para pegar as cartas e as entrega abertas para mim uma de cada vez.

Há uma cópia de uma carta de Mackenzie King; uma para o Sr. Glen, o ministro de Minas e Recursos; uma do Comandante do Quartel-General Supremo das Forças Aliadas; [...] Todos os detalhes da morte que são deixados nos colos dos vivos (KOGAWA, 1983, p. 43)<sup>163</sup>

A leitura de Naomi, ainda que relutante, aos poucos a encaminha para o diário de sua tia, “este diário da tia Emily é o maior que eu já vi” (KOGAWA, 1983, p. 79)<sup>164</sup>. As páginas não são numeradas e se trata de um diário de cartas destinadas à mãe de Naomi, sendo que ali são relatados os acontecimentos do internamento e seu reflexo nas famílias Nakane e Kato entre os anos de 1941 e 1942, “o livro se torna pesado com as vozes do passado – uma conexão da mamãe com a vovó Kato que eu não sabia que existia” (KOGAWA, 1983, p. 46)<sup>165</sup>. Ao se apropriar das narrativas pretéritas, a protagonista de Kogawa está a princípio receosa quanto à leitura, “eu me sinto como uma ladra quando leio, arrombando uma casa particular apenas para descobrir que é a casa da minha infância cheia de cantos e cômodos que eu nunca vi” (KOGAWA, 1983, p. 79)<sup>166</sup>. A

---

<sup>162</sup> “Kick all the Japs out”.

<sup>163</sup> Just at the last minute, before aunt Emily walked out to the plane, she asked me if I really wanted to “know everything”. “I’ll send you some of my correspondence and stuff. Would you like that?” she asked.

“Sure,” I lied.

Now here I am this autumn morning, five months later, with her heavy package on my lap. Many of the conference papers she showed me last May are here as well as her diary and a bulging manila envelope full of letters. [...] Obasan bends over to pick up the letters and hands me them open to me one at a time.

There’s a copy of a letter to Mackenzie King; one to Mr. Glen, Minister of Mines and Resources; one from General Headquarters Supreme Commander for the Allied Powers; [...] All the details of death that are left in the laps of the living.

<sup>164</sup> ““this diary of Aunt Emily’s is the largest I have ever seen”.

<sup>165</sup> “the book feels heavy with the voices from the past – a connection to Mother and Grandma Kato I did not know existed”.

<sup>166</sup> “I fell like a burglar as I read, breaking into a private house only to discover it’s my childhood house filled with corners and rooms I’ve never seen”.

sensação que se instaura na protagonista acresce novas perspectivas sobre o seu passado, e a mesma lê as cartas através das lentes da experiência migrante.

Segundo a visão de Naomi, as cartas e o diário se interligam representando uma “semente da rememoração a este conjunto de testemunhos exteriores [...], uma consistente massa de lembranças” (HALBWACHS, 2006, p. 32). Após a leitura do diário de sua tia Emily, Naomi sente uma instabilidade e desorientação, na realidade, efeito catalisador dos processos memoriais iniciados por sua tia Ayako durante a visita ao sótão e expandido por Emily e sua memória epistolar. Vejamos o fragmento:

Às vezes eu não estou certa se é um sótão desordenado no qual eu me sento, uma sala de espera, um túnel, um trem. Não há começo nem fim para a floresta, ou para a tempestade de poeira, não há limite a partir do qual se possa saber onde a clareira começa. Aqui, nesta densidade familiar, sob este manto, dentro desta carapaça, há o anseio dentro da escuridão”. (KOGAWA, 1983, p. 111)<sup>167</sup>

Desse modo, o seu interior desperta após anos de um silêncio protetivo, que se metamorfoseia e induz à mobilidade num interminável espaço, sem demarcações que auxiliem na compreensão dos fragmentos que a mesma tenta juntar a fim de reconstruir sua história através das vozes de sua mãe, de sua tia Emily e avó Kato (que acompanha a mãe de Naomi até o Japão). As cartas enviadas por sua avó Kato, em 1949, complementam a compreensão que Naomi tem sobre os fatos até então resguardados de seu entendimento, descrevendo detalhes da explosão atômica em Nagasaki e as consequências sobre a mãe de Naomi. Por meio das cartas da avó, a protagonista ouve ecoar a voz de sua mãe que transforma a estase de suas ambivalências interiores em movimentos livres.

Se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas. [...] os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós em representá-los para nós. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro. (HALBWACHS, 2006, p. 29-30)

---

<sup>167</sup> “I am sometimes not certain whether it is a cluttered attic in which I sit, a waiting room, a tunnel, a train. There is no beginning and no end to the forest, or the dust storm, no edge from which to know where the clearing begins. Here, in this familiar density, beneath this cloak, within this carapace, is the longing within the darkness”.



Portanto, nossas protagonistas, inseridas numa sociedade diversa e multifacetada como a canadense, adquirem uma voz cada vez mais revisionista de sua história. Meena e Naomi são protagonistas que buscam problematizar a localização que as marca nas duas culturas em que se inserem. Segundo Bhabha (1998, p. 20) “esses entre lugares fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade”. Sendo assim, a identidade de Naomi é construída primeiramente entre dois polos de resistência – o silêncio e o som, ambos representados respectivamente por suas tias Ayako e Emily. Já no romance de Basran, como veremos mais adiante, Meena nos apresenta as histórias de suas irmãs Harj e Serena, também constituintes dos dois extremos identitários que circundam e influenciam a protagonista. Nesse sentido, as vozes femininas nos romances em análise induzem a rememoração e agenciam as negociações no interior de cada protagonista como forma de revisão do próprio eu ficcional.

Em *Obasan*, Naomi partilha das experiências constituintes da vivência *Issei* (primeira geração) com o tio Isamu, a tia Ayako e sua avó Kato, que são ao mesmo tempo contrabalanceadas pela convivência com o irmão Stephen e sua tia Emily, ambos mais vinculados aos processos de assimilação à cultura de chegada. Principalmente, por meio do contato com sua tia Ayako, a personagem tem a oportunidade de aprender e manter alguns costumes da cultura japonesa, a exemplo do banho como ritual<sup>168</sup> familiar e que é partilhado por Naomi com sua avó Kato em sua casa em Vancouver e, após o internamento, na cidade de Slocan com sua tia Aya, no balneário da cidade. De acordo com Anne-Marie Lee-Loy (2010, p. 324) “banhos públicos e tomar banho tem uma especial ressonância cultural para os japoneses, não apenas como uma questão de higiene, mas porque balneários são entendidos como locais em que os valores culturais e de socialização podem ser praticados e um “pensamento grupal” culturalmente mais específico se expressa”<sup>169</sup>. O banho se torna uma imersão cultural nos costumes ancestrais e uma forma de afeição dividida. Na

---

<sup>168</sup> O ritual de banho japonês possui quatro etapas. Sentado em um banquinho baixo, o banhista usa um balde para lavar a sujeira com água quente esvaziando-o a partir do banho preparado, em seguida, desce para a banheira para uma primeira imersão. Retornando, o banhista se senta no banquinho e se esfrega com sabão e bucha, em seguida, enxagua-se bem. O passo final é um relaxante, segundo mergulhar na banheira.

The Japanese bathing ritual has four steps. Seated on a low stool, the bather uses a bucket to rinse away dirt with hot water scooped from the prepared bath, then descends into the tub for a first soak. Re-emerging, the bather sits on the stool and scrubs with soap and loofah, then rinses thoroughly. The final step is a relaxing, second soak in the tub. <http://www.motherearthliving.com/green-living/the-water-cure.aspx#ixzz3P2klJLZU> (acesso 11/12/2014)

<sup>169</sup> “public baths and bathing have particular cultural resonance to the Japanese, not only as a matter of hygiene, but because bathhouses are understood to be sites in which cultural values and socialization can be practised and a more culturally specific “group think” mentality expressed”.

casa em Vancouver, Naomi partilha com sua avó Kato desse ritual. Entretanto, a protagonista só participa dele no intuito de alegrar a avó. O sentimento expresso por Naomi divide-se entre aceitar aquele costume e vivenciá-lo como forma de partilha, representando unidade familiar e étnica: “nós somos uma única carne, uma família, lavando uns aos outros ou estando submersos em água quente” (KOGAWA, 1983, p. 160)<sup>170</sup>, ou experienciando-o, como um sacrifício, “doce sacrifício”, em favor da satisfação alheia, ou o denominado *sasschi*, como veremos mais adiante. Essa linha divisória estabelecida pela protagonista sinaliza mais uma vez o entre lugar que essa ocupa no que se refere a seus elos, seus vínculos e pertencimentos. Tal negociação e participação no ritual do banho são levados a cabo por Naomi por respeito à avó, já que seu irmão Stephen se esquia do banho coletivo. Enquanto Stephen buscava, dessa forma, demarcar sua total posição de recusa à vivência nipônica, Naomi utilizava o momento para aproximar-se dos mais velhos.

Eu agachei lentamente na outra extremidade da banheira. Isso é uma doce tortura, com a vovó feliz, aprovando e apreciando o calor que eu mal posso suportar. Eu sou mais corajosa e mais louvável do que o Stephen. Ele não vai tomar banho com a vovó. Mas eu vou sofrer as indignações sem fim da carne para o prazer dela. [...] O meu corpo está estendido ao lado dela e ela faz ondas para cobrir meus ombros. Uma vez que o corpo está totalmente imerso, há uma paz tórpida [...] Em algum momento, a vovó abriu os olhos e enrolou sua toalhinha num mãe firme e úmida. Eu permaneço ao lado dela e sobre a vermelhidão do meu corpo, ela esfrega vigorosamente, como uma borracha sobre a página suja. [...] Ela esfrega cada um dos meus dedos, minhas mãos, braços, peito, barriga e abdômen, pescoço, costas, nádegas, coxas, pernas [...] ela me ensaboa completamente e eu me lavo antes que ela ensaboe a si mesma. [...] Eu estou vestida com um nemaki, uma peça de roupa de dormir de algodão roxo e branco, que a vovó costurou à mão. Tem mangas em forma de envelope retangulares com aberturas nos axilas e dois laços reunidos em uma curva na parte de trás. Estou extremamente segura no meu nemaki, sob o futon pesado de cores claras na minha casa. (KOGAWA, 1983, p. 48)<sup>171</sup>

---

<sup>170</sup> “we are one flesh, one Family, washing each other or submerged in hot water”.

<sup>171</sup> “I squat slowly at the other end of the tub. This is sweet torture, with Grandma happy and approving and enjoying the heat I cannot endure. I am more brave, more praiseworthy than Stephen. He will not bathe with Grandma. But I will suffer endless indignities of the flesh for the pleasure of my grandmother’s pleasure. [...] My body is extended beside hers and she makes waves to cover my shoulders. Once the body is fully immersed, there is a torpid peace [...] At some point, Grandma has opened her eyes and rolled her washcloth into a tight damp fist. I stand beside her and over the redness of my body she scrubs vigorously, like an eraser over the dirty page. [...] she rubs each of my fingers, my hands, arms, chest, belly and abdomen, neck, back, buttocks, thighs, legs [...] she soaps me thoroughly and I am rinsed off before she soaps herself. [...] I am dressed in a nemaki, a sleeping garment of purple and white cotton which Grandma has sewn by hand. It has rectangular envelope-shaped sleeves with openings at the armpits and two ties meeting in a bow at the back. I am supremely safe in my nemaki, under the heavy bright-coloured futon in my house”.

Num segundo momento, Naomi e Ayako, sua Obasan, partilham do banho comunal, após o internamento, no final da noite na cidade de Slocan. Conforme destaca Lee-Loy (2010, p. 324) ao comentar essa passagem do romance, “de fato, a representação mais célebre do banho é o silencioso balneário em Slocan, no qual Naomi e Obasan são rejeitadas pelas outras mulheres da comunidade. Significativamente, neste episódio, o silêncio realmente converge com a prática cultural para fragmentá-la, em vez de fortalecer uma identidade étnica”<sup>172</sup>. Como descrito na narrativa, o local já se encontra quase desocupado, permanecendo ali apenas duas mulheres e duas crianças. Como habitualmente, Naomi e Aya seguem a rotina na casa de banho, mas são observadas pelas outras. Naomi reconhece uma das crianças, e a cumprimenta, mas a mesma é repreendida pela mãe para evitar conversas, “quando eu olho para trás, ela me reconhece com um sorriso torto e hostil, no entanto continua acenando para as meninas. Por alguma razão ela me desaprova” (KOGAWA, 1983, p. 162)<sup>173</sup>. Naomi observa atentamente as duas mulheres, enquanto sua tia e Nomura obasan continuam com as cabeças reclinadas, evitando o contato visual direto, aspecto esse, parte da cultura nipônica e que não é seguido pela protagonista, que mantém seu foco,

as duas mulheres estão cochichando com Reiko e Yuri evitando qualquer contato conosco, nenhuma saudação formal ou informal. Obasan e Nomura obasan mantem suas cabeças igualmente abaixadas. Yuri, que estava nadando ao redor e me chamando, pára e me olha de forma estranha. O que, eu me pergunto, pode ser?” (KOGAWA, 1983, p. 163)<sup>174</sup>

O ritual de socialização se torna local de rejeição social para Naomi e sua tia, devido à notícia na comunidade de que seu pai e irmão estão com tuberculose (TB). Além da doença ser contagiosa, a mesma é considerada um constrangimento social, segundo o preceito *hazukashii*<sup>175</sup>.

---

<sup>172</sup> “Indeed, the most memorable depiction of bathing is the silent bathhouse in Slocan when Naomi and Obasan are rejected by the other women in the community. Significantly, in this episode, silence actually converges with cultural practice to fragment rather than fortify an ethnic identity”.

<sup>173</sup> “when I look back, she acknowledges me with a crooked unfriendly smile but keeps nodding to the girls. For some reason she is disapproving of me”.

<sup>174</sup> “the two women are whispering to Reiko and Yuri and avoiding all contact with us, greeting us neither formally or informally. Obasan and Nomura – obasan also have their heads down. Yuri, who has been swimming around and calling to me, stops and looks at me oddly. What, I wonder, can it be?”.

<sup>175</sup> Traditional Japanese customs regarding health and health care are very different from the medical mores of Westerners. The concept of “*hazukashii*” or shame, is linked to all aspects of Japanese life: family, business and health. Great importance is placed on achieving success and maintaining health and close family ties. Poor health can be a very shameful experience for the Japanese. <http://classroom.synonym.com/healthcare-beliefs-japanese-12859.html> (acesso 11/12/2014)

A princípio Naomi não compreende o motivo do afastamento, apenas percebe o olhar cabisbaixo e gestos evasivos, “eu permaneço no canto sozinha, vendo as duas mulheres cochichando com os olhos cabisbaixos” (KOGAWA, 1983, p. 162)<sup>176</sup>. Segundo a tradição japonesa dos banhos, a saúde é alvo primordial e de valor elevado. Nesse sentido, a doença de seus familiares reflete negativamente na família e em sua posição dentro da comunidade. A família é vista, então, como perigosa, já que pode comprometer a saúde de todos na comunidade. A exclusão apresenta, dessa forma, uma desarticulação de laços étnicos, pois é por meio do compartilhamento de costumes, isso aliado ao uso da língua, que se apoia na etnicidade e o reconhecimento que se estendeu do espaço macro (com o internamento) no qual todo um coletivo é repellido, para o micro (com as comunidades), impondo, assim, novas distâncias sociais.

Ainda no romance de Kogawa, o tom introspectivo da narrativa é interrompido pelo ativismo político da tia Emily, que rompe com o silêncio de Ayako (Obasan) a fim de fazer com que Naomi (re)conheça seu passado. Tia Emily, segundo Naomi, “é uma guerreira da palavra” (KOGAWA, 1983, p. 32)<sup>177</sup>, propensa a coordenar protestos e a fazer uso da fala em prol da causa nipônica ou de qualquer outra causa que lhe pareça justa. Persistente em manter sua identidade política como cidadã canadense, é através da fala e escrita de Emily que a dimensão histórico-cultural das injustiças contra os nipo-canadenses são apresentadas e agregadas durante a narrativa de Naomi. Vinculada ao “som” (e não ao silêncio), tia Emily, diferentemente de Ayako (obasan), está mais propensa a seguir os hábitos da cultura ocidental, ou seja, ela está afinada com a cultura canadense, de modo que Emily não consegue mais acesso aos registros culturais provenientes do silêncio, como lemos: “pelo resto da viagem de carro até em casa eu me mantive calada, enquanto tia Emily nos intimidava. Eu pude perceber que estávamos nos encaminhando para uma noite de discussões, independentemente de qualquer um querer ou não” (KOGAWA, 1983, p. 35)<sup>178</sup>. Identificada primeiramente pela forma como Naomi a chama, sempre **tia** Emily (**aunt**<sup>179</sup> Emily), a palavra Obasan, que significa “tia” em japonês, nunca é aplicado em relação à Emily. Além disso, a ocidentalização de seu nome (Emily) e comportamento destoante dessa em comparação aos parentes, pelo seu ativismo barulhento, endossam uma vivência com características já mais

---

<sup>176</sup> “I stay in the corner alone, watching the two women whispering with their eyes lowered”.

<sup>177</sup> “is a word warrior”.

<sup>178</sup> “for the rest of the car ride home I kept quiet while Aunt Emily bulldozed on. I could see that we were in for an evening of marathon talk, whether anyone else felt up to it or not”.

<sup>179</sup> Grifo nosso.

culturalmente mescladas, não apenas afinada com os aspectos culturais nipônicos. Isso é ressaltado na comparação feita pelo irmão de Naomi sobre Emily e seus tios Isamu e Ayako, ““ela não é como eles”, Stephen diz, sacudindo o polegar para o tio e a tia” (KOGAWA, 1983, p. 215)<sup>180</sup>. Contudo, vale considerar que socialmente por dominar as ferramentas do discurso no estilo mais canadense é que Emily consegue vociferar e reclamar pelos direitos, inclusive dos parentes. Emily não segue alguns parâmetros da cultura nipônica e que são repassados por Ayako à Naomi, a exemplo do *enryo*, quinta-essência do comportamento japonês, que tem por significado ser modesto, reservado, que, “funcionando como um filtro psicológico, requer o controle dos pensamentos e ações da pessoa como forma de evitar falar ou fazer coisas irrefletidamente” (MIIKE, 2010, p. 250)<sup>181</sup>; também se afasta do que é denominado *yasashi* (gentil), uma das qualidades lembradas por Naomi e que aparece vinculada à sua mãe, “a voz da mamãe é *yasashi*, macia, suave no escurecer da luz do dia. Ela é inteiramente *yasashi*” (KOGAWA, 1983, p. 51)<sup>182</sup>. O termo é associado a conduta *sasschi* a qual, segundo Miike (2010), demanda que o indivíduo seja perceptivo às necessidades alheias como demonstração de uma sensibilidade social. No romance Ayako ensina a Naomi a não ser *wagamama* (egoísta) e a possuir uma conduta *sasschi*, “Obasan me ensina a não ser *wagamama* destacando constantemente as necessidades dos outros” (KOGAWA, 1983, p. 128)<sup>183</sup>. A convivência com tia Emily é interrompida em maio de 1942, data na qual Stephen, Naomi e Aya (Obasan) partem de trem para a cidade de Slocan, reencontrando com Emily apenas doze anos mais tarde. No entanto, dois anos antes, em 1952, Stephen embarca para Toronto a fim de morar na casa de Emily após vencer um importante festival de música em Granton. Desse modo, trafegando entre as polaridades indicadas e fomentadoras de outros espaços, Naomi se encontra, então, imersa em suas memórias como forma de ler os silêncios e os sons através das lentes racializadas e culturalmente flexionadas da experiência nipo-canadense.

Dessa forma, Naomi, através da narrativa em primeira pessoa, tenta compreender o seu passado como forma de lidar com seu presente, adentrando novos domínios em seu reservatório de memórias, de modo a transcender aos estereótipos, dialogando com a cultura ancestral e de chegada, em um ambiente transcultural, diferentemente de seu irmão Stephen, que se afasta de

---

<sup>180</sup> ““she’s not like them”, Stephen says, jerking his thumb at Uncle and Obasan”.

<sup>181</sup> “functions as a psychological filter and requires control of one’s thoughts and actions so as to avoid carelessly saying or doing things”.

<sup>182</sup> “mother’s voice is *yasashi*, soft, tender in the dimming daylight. She is altogether *yasashi*”.

<sup>183</sup> “Obasan teaches me not to be *wagamama* by always heeding everyone’s needs”.

qualquer relação direta com a cultura nipônica, “Stephen se tornou completamente estranho para com a língua japonesa” (KOGAWA, 1983, p. 231)<sup>184</sup>. Stephen se afasta não apenas da língua, mas também evita vários alimentos tipicamente nipônicos, como o *onigiri* (bola de arroz), negando a compreensão de pequenos poemas japoneses (*haiku*) ou qualquer outra marca étnica ou mesmo sinais diacríticos que possam endossar o seu fenótipo, buscando extirpar esse pertencimento cultural. Segundo Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (2011, p. 168) “na medida em que, numa sociedade pluralista, os indivíduos conhecem a existência e o conteúdo dos estereótipos que os *outsiders* têm sobre eles, esses orientam-se no mundo de estereotipia tentando afastar os realces que lhe são perigosos e promover aqueles que são vantajosos”. É exatamente o que ocorre com Stephen, que se sobressai em sua carreira musical como forma de enaltecer os atributos que lhe favoreçam perante a cultura dominante. Por outro lado, Naomi permanece numa posição diferente da adotada pelo irmão. Enquanto esse adere ao apagamento das marcas étnicas no intuito de tornar-se “mais canadense”, ela ocupa o local das influências múltiplas, não pretendendo e nem conseguindo pertencer a apenas um lado. Nesse contexto, podemos considerar a posição de Naomi como a do entre lugar, diferentemente da forma como seu irmão e mesmo sua tia Emily agem nas relações com a sociedade canadense dominante, reprimindo suas origens como forma de se inserir na cultura de chegada. A própria tia Emily afirma a posição ocupada por Naomi nesse entre lugar, destacando que a mesma fora alimentada com leite e pela estória do *Momotaro* (o menino pêssego), ““que bebê mais sério – alimentado com leite e Momotaro”. “Leite e Momotaro?” Eu perguntei. “Choque cultural?”” (KOGAWA, 1983, p. 57)<sup>185</sup>. A questão do leite estaria atrelada a uma vivência não pastoril dos japoneses, o que consequentemente os inclui dentre os povos intolerantes a lactose<sup>186</sup>. No caso de Naomi o consumo do leite, sem maiores problemas, agregado ao embalar da estória tradicional japonesa do *Momotaro* marcaria sua negociação entre as culturas que lhe são intrínsecas.

Em outra passagem do romance *Obasan*, a posição maleável que Naomi assume é contraposta ao “grupo assimilado”, ou seja, a protagonista rememora sua experiência na escola em Granton, local no qual Stephen se destaca como o melhor aluno, recebendo prêmios por seu talento

---

<sup>184</sup> “Stephen has made himself altogether unfamiliar with speaking Japanese” (KOGAWA, 1983, p. 231).

<sup>185</sup> ““what a serious baby – fed on milk and Momotato”. “Milk and Momotaro?” I asked. “Culture clash?””.

<sup>186</sup> People who have retained the normal intolerance of lactose include: Chinese, Japanese, Inuit, native Americans, Australian Aborigines, Iranians, Lebanese and many African tribes including the Zulus, Xhosas and Swazis. These people, generally, do not have a history of pastoralism. <http://www.whitelies.org.uk/health-nutrition/lactose-intolerance> (acesso em 11/12/2014)

musical. Na verdade, o comportamento de Stephen e seus hábitos já condicionados pela assimilação da cultura dominante o tornam um sujeito mais fácil de ser incluído pela cultura de chegada, como observa Naomi, “ele fica sempre desconfortável quando alguma coisa é “muito japonesa”” (KOGAWA, 1983, p. 217)<sup>187</sup>. Na escola, Naomi recebe tratamento diferenciado, mas não num sentido positivo, como observamos no fragmento seguinte, onde a comparação demonstra que Naomi é marcadamente gendrada, racializada e etnicizada por não corresponder à assimilação:

[...] nas classes sete e oito das aulas da Miss Langston, eu tenho vivido um tempo difícil para fazer jus a sua reputação. Ele era seu aluno favorito. Às vezes me pergunto se por ela estar tão desapontada comigo, me avalia tão severamente. Seus X vermelhos em meus trabalhos são como arranhões e feridas. “Não é como seu irmão, é?” Ela me disse uma vez, me retornando o insignificante trabalho” (KOGAWA, 1983, p. 202)<sup>188</sup>.

Observamos, assim, que a diferença no tratamento implica numa dissociação entre canadenses e os “outros canadenses”. O que se observa é que “as identidades são fabricadas por meio de sistemas simbólicos da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (WOODWARD, 2012, p. 40). Diante disso, Naomi, está alocada num espaço de redefinições, fator esse de estranhamento e tratamento diferenciado por parte do grupo hegemônico representado por sua professora. Se a escola é o local oficial de inserção social, certamente Naomi percebe que ali não encontra lugar confortável, sendo marcada por contradições.

Nesse contexto, o espaço ocupado por Naomi irá se desenvolver dentro de um conceito de transculturalidade que “esboça uma imagem diferente da relação entre culturas. Não uma de isolamento e de conflito, mas uma de enredamento, miscigenação e generalidade. Promove, não a separação, mas a troca e interação” (WELSCH, 1999, p. 205)<sup>189</sup>. Isso não quer dizer que os conflitos ou as divisões deixem de existir, pelo contrário, a leitura de Welsch propõe que os encontros culturais não se pautam apenas pelos embates, mas que, a partir da eclosão de sobreposições culturais e distinções se possa promover um maior espaço de negociação.

---

<sup>187</sup> “he is always uncomfortable when anything is “too japanese””.

<sup>188</sup> “In Miss Langston’s grades seven and eight class, I have a hard time living up to his reputation. He was her favourite student. Sometimes I wonder if she is so disappointed in me that she marks me extra hard. Her red X’s on my papers are like scratches and wounds. “Not like your brother, are you?” She said once, returning a poor paper”.

<sup>189</sup> “sketches a different picture of the relation between cultures. Not one of isolation and of conflict, but one of entanglement, intermixing and commonness. It promotes not separation, but exchange and interaction”.

“Trans” em relação às culturas refere-se também a reconhecer os valores e propósitos comuns que “transcendem” as margens de culturas particulares. Transculturalismo envolve olhar para si mesmo no disfarce cultural, através dos olhos dos outros. Esse processo, ao passar em circunstâncias de respeito mútuo, não deixa de implicar num grau de libertação das imutabilidades culturais, a partir da ideia de mutuamente realizar e materializar múltiplas identificações. [...] o vínculo em sociedades heterogêneas deve envolver negociação em curso e revisões de noções de direitos coletivos e individuais, assim como responsabilidades entre os grupos dominantes e dissidentes (ESSED, 2008, p. 242)<sup>190</sup>

Dessa forma, em face às narrativas históricas de deslocamentos, trânsitos e travessias desencadeadoras das formações diaspóricas e consequentemente dos imbricamentos e negociações culturais, as quais inseriram marcas indeléveis na constituição da nação e letras canadense, verificamos a emergência das vozes racializadas que os processos migratórios conduziram gradativamente das margens para o centro, despertando-as do repouso dogmático para assim inseri-las através da “quebra do silêncio” e da resiliência dos povos marginalizados pela supremacia branca no contexto de expansão multiculturalista. Esses povos condensam, em seu espaço social, narrativas multiaxiais profundamente enraizadas nos aspectos raciais.

Visualmente identificados como “estrangeiros” e submetidos, portanto, à racialização, os membros das “minorias visíveis” nestas estórias problematizam definições dominantes da nação multicultural canadense, que ainda no século XXI, se apoia fortemente em seu passado colonial. (DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, p. 43)<sup>191</sup>.

Essa perspectiva adotada em ambos os romances apresenta, pela vivência das protagonistas, as perspectivas de mulheres marcadas por sua dupla condição marginal representada através de um passado abusivo e um presente de exclusão na sociedade de chegada. Ambas as personagens atravessam as intempéries da condição migrante marcadas por seu gênero, e, obviamente, também pelo lugar social que seus grupos étnicos tendem a assumir.

---

<sup>190</sup> “Trans in relation to cultures refers also to acknowledging common values and purposes that ‘transcend’ the margins of particular cultures. Transculturalism involves looking at oneself in cultural disguise, through the eyes of others. This process, when happening in circumstances of mutual human respect, cannot but imply a degree of liberation from cultural fixities, from the idea of mutually in actualizing and materializing multiple identifications. [...] the cement of heterogeneous societies must involve ongoing negotiation and revisability of notions of collective and individual rights and responsibilities among dominant and dissident groups”.

<sup>191</sup> “Visually identified as “foreigners” and submitted hence to racialization, the members of “visible minorities” in these stories problematize dominant definitions of the Canadian multicultural nation that still now, in the twenty-first century, rests heavily on its colonial past”. (DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, p. 43)



No romance de Kogawa, tanto Naomi como os nipo-canadenses em geral naquele período histórico foram condenados a uma marcha país adentro e ao isolamento como uma tentativa de apagamento da presença japonesa no país. A exclusão sentida a princípio por seu irmão é transmitida para Naomi como um primeiro questionamento identitário, “a garota com longos cachos que se senta na frente do Stephen disse-lhe. “Todas as crianças japa da escola serão mandadas embora, eles são maus e você é um japa”. E assim Stephen me diz, que eu sou. “Nós somos papai? Eu lhe pergunto. “Não,” papai responde. “Nós somos canadenses”. É um enigma, Stephen me diz. Nós somos ao mesmo tempo o inimigo e o não inimigo” (KOGAWA, 1983, p. 70)<sup>192</sup>. Posteriormente, após a perda dos bens e o recrutamento de seu pai e tio para os campos de trabalho, Naomi segue com parte da família para a cidade de Slocan. Na cidade “todos os professores e crianças em nossa escola são japoneses. As crianças brancas em Slocan vão para uma escola diferente” (KOGAWA, 1983, p. 139)<sup>193</sup>. A experiência em Slocan configura em Naomi as diferentes posições atribuídas ao indivíduo tanto pela cultura de chegada quanto pela vivência dentro da comunidade nipo-canadense, através da experiência social de integração e rejeição. Esses sentimentos ambíguos são marcados pela fragmentação de Naomi, representados pelos estalidos das rodas do trem ao deixar a cidade, “pelas margens da cidade, seguindo, pelas árvores e para cima, ao longo das estreitas cordilheiras, por um túnel e estamos no nosso caminho novamente. Tchak, tchak, estalando, adeus, Slocan” (KOGAWA, 1983, p. 181)<sup>194</sup>, passando por um túnel, que no romance indica “o caminho de uma iniciação” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 915) com travessias inquietas e dolorosas “que podem desembocar em outra vida” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 916), deslocando-se, mais uma vez, juntamente com a família, agora para Lethbridge, Alberta. Esse sentimento oscilante entre rejeição e aceitação está presente em ambos os romances em tela e acompanha as protagonistas em suas múltiplas identificações, descritas como intermitentes fragmentações e suplementações.

Em *Everything Was Good-Bye*, verificamos que Meena encontra elementos que direcionam vivências dentro da comunidade, representadas nas figuras de sua Mãe e irmãs (Serena e Tej) e pela conduta de sua outra irmã, Harjinder. O romance ordena uma pletora de experiências

---

<sup>192</sup> “The girl with the long ringlets who sits in front of Stephen said to him, “All the japs kids at school are going to be sent away and they’re bad and you’re a Jap”. And so, Stephen tells me, am I. “Are we father? I ask Father. “No,” Father says. “We’re Canadian”. It is a riddle, Stephen tells me. We are both the enemy and no the enemy”.

<sup>193</sup> “all the teachers and children in our school are Japanese. The white children in Slocan go to a different school”.

<sup>194</sup> “along the edge of the town, then into the trees and up along the thin ridges into a tunnel and we are on our way again. Clackity clack, clackity clack, clackity clack, so long, Slocan”.

marginais e de exclusão dentro do espaço dominante e da própria comunidade indo-canadense. Conforme acompanhamos na narrativa de Basran, Meena imigra da Inglaterra para o Canadá ainda em tenra idade, como observamos na seguinte passagem:

quando eu tinha cinco anos, pensava que nós estávamos esperando meu pai retornar. Eu não tinha nenhuma recordação dele, no entanto tentava coser cada parte remanescente da sua vida, que estava por todos os lugares. A casa estava repleta de fotografias em preto e branco dele da época em que morávamos na Inglaterra” (BASRAN, 2010, p. 5)<sup>195</sup>

As lembranças do período na Inglaterra se refletem nas fotos que Meena tenta unir na tentativa de dar sentido aos pequenos fragmentos da vida de seu pai a que ela tem acesso. As histórias herdadas se conectam às dimensões afetivas da vida presente, pois Meena se encontra no entre lugar, favorecido pelos deslocamentos e contatos culturais, ainda que prematuros e temporários. A protagonista de Basran se situa entre a cultura de chegada, os resquícios do imperialismo britânico e a Índia, país de seus ancestrais, que a mesma só irá conhecer depois de casada com Sunny, o esposo escolhido pela família.

Nesse contexto, devemos levar em consideração os elementos da cultura ancestral presentes na comunidade a qual Meena pertence, pois a vizinhança é composta por imigrantes sul-asiáticos e seus respectivos descendentes. Dessa forma, erguida como uma pequena Índia nos arredores de Vancouver, que se destaca pelos aromas, compreendidos como representação das subjetividades diaspóricas, lastro das marcas identitárias recorrentes e envoltórias da protagonista ao longo do romance, a comunidade é ratificada logo no prelúdio narrativo pela presença de algumas das especiarias basilares da cultura indiana, “o aroma do *chai* – erva doce, cravo e canela – me colocavam para debaixo do meu cobertor como uma semente de cardamomo na vagem” (BASRAN, 2010, p. 2)<sup>196</sup>. Essas subjetividades decorrentes dos processos diaspóricos, não são formatadas apenas em conformidade com as emoções e conexões nostálgicas de um lar longínquo. As mesmas se constituem, também, veementemente pelas dimensões afetivas do presente. Nesse sentido, os aromas peculiares da culinária indiana reforçam as marcas étnicas, lembrando à Meena seus compromissos para com a mãe, reforçados por sua irmã Serena, que repete o papel doméstico e sintonizado com a cultura de origem assumido pela progenitora. Esse espaço é claramente

---

<sup>195</sup> “when I was five, I’d thought we were waiting for my father to return. I had no memory of him but attempted to stitch his life together from the remnants that were everywhere. The house was full of black-and-white photographs of him from when we lived in England”.

<sup>196</sup> “the smell of chai – fennel, cloves and cinnamon – tucked me into my blanket like a seed in a cardamom pod”.

representativo e reprodutor do núcleo cultural de origem, principalmente através da figura materna, mantenedora das tradições.

Neste momento, é interessante considerar os eixos de negociação numa fragmentação que surge através do cruzar de limites tradicionais da cultura de partida (indiana), o que provoca reflexões por parte de Meena com relação aos desejos e expectativas maternas. Os encontros entre Meena e Liam, como mencionado anteriormente, determinam que, após cada encontro, e principalmente após a primeira relação sexual entre esses, a protagonista observe a mãe a distância, já que a progenitora que não consegue compreender nem aceitar suas novas opções de vida:

Fiquei na porta da cozinha. Minha mãe estava misturando seu tarka com uma colher de pau manchada por alçafrão-da-índia. O vapor subiu em seu rosto, embaçando os óculos bifocais, enquanto as cebolas fritavam na manteiga derretida. Ela olhou para cima tempo suficiente para desembacá-los e me ver de pé ali. Ela rapidamente voltou sua atenção ao conteúdo da panela de aço. “Você está aqui?” Ela me perguntou, mexendo a panela com força. “Por que voltar para casa agora? Permaneça lá fora.” “Mãe, eu só...” (BASRAN, 2010, p. 74)<sup>197</sup>.

Observamos aqui que, no momento em que Meena volta para casa transformada com a atitude que tomou, ultrapassando fronteiras culturais e morais do grupo de origem, encontra a mãe em seus afazeres diários, cozinhando, sendo que tal atividade lhe turva a visão, cobrindo as lentes dos óculos por vapores que quase a deixam cega, não percebendo bem o vulto que retorna agora mudado. A descrição acima deixa claro que as diferenças serão expostas, quer a mãe queira reconhecê-las ou não.

Conforme observamos, durante uma visita à casa de sua irmã Serena, logo após o reencontro com Liam e do reestabelecimento do relacionamento entre os dois, Meena se sente exposta mais uma vez aos aromas indianos, e esses a fazem recordar de seu compromisso com sua cultura representada ali por sua mãe, “esperei na porta da frente de Serena, cheirando as pontas do meu cabelo e me perguntando quanto tempo levaria antes que eu sentisse o cheiro de curry e cebola que parecia marcar a vizinhança inteira” (BASRAN, 2010, p. 170)<sup>198</sup>. Um aspecto interessante em relação aos aromas é observado pela própria protagonista, no entanto com relação a não percepção

---

<sup>197</sup> “I stood in the kitchen doorway. My mother was mixing her tarka with a wooden spoon stained in turmeric. Steam rose up into her face, fogging up her bifocals, as the onions sizzled in the melting butter. She looked up long enough for her glasses to clear and saw me standing there. She quickly turned her attention back to the contents of the steel pot. “You’re here?” She asked stirring harder. “Why come home now? Just stay out.” “Mom, I just....”

<sup>198</sup> “I waited at Serena’s front door, sniffing the ends of my hair, wondering how long it would take before I smelled of the curry and onions that seemed to punctuate the entire neighbourhood”.

dele por Liam, “ele pareceu nunca notar quando o meu cabelo cheirava a curry” (BASRAN, 2010, p. 10)<sup>199</sup>, o que aparentemente o marca como sujeito fora da cultura, estrangeiro aos hábitos do grupo ou não interessado nessas diferenças. Além dos aromas peculiares, a culinária indiana ao longo do romance se torna um dos tropos da tradição cultural. O alimento é descrito como forma de memória cultural, sinal significativo na comunicação de valores sociais e atitudes peculiares àquela etnia (BARTHES, 2013), tornando-se parte importante na construção identitária da protagonista. Segundo destaca Terry Eagleton (1998, p. 204) “se há alguma coisa certa sobre a comida, é que nunca é apenas comida – a mesma é infinitamente interpretada como emoção materializada”<sup>200</sup>. No romance de Basran, a relação das personagens com os alimentos também favorecia a exclusão da protagonista, expondo-a às intempéries dos efeitos diaspóricos e às imbricações das diferenças expostas através dos hábitos alimentares. ““Merda” – era o que os garotos brancos da escola diziam que as sobras do meu almoço pareciam. “Meena come merda”” (BASRAN, 2010, p. 7)<sup>201</sup> Portanto, a diferença cultural que se torna visível de tantas formas – pela pele escura, pelos aromas, pelos lanches diferentes, se torna fator preponderante impondo uma linha divisória entre o eu e o outro, pelo que se come ou se deixa de comer, pela forma que o que é consumido é valorizado ou não. A partir deste raciocínio, podemos vislumbrar o fator alimentício como fonte interpretativa e representativa do *self*.

Outra marca nas tradições da cultura de origem presente no romance de Basran e que será posteriormente rompido por Meena, diz respeito ao casamento arranjado e às expectativas de sua mãe e da comunidade. Meena, ao casar-se, precisa promover um apagamento de si mesma através da queima de seus diários, realizado como uma forma de ritual, que relembra as inumações nórdicas, como podemos observar no fragmento abaixo:

Quando minha mãe limpou o conteúdo do meu armário, a última coisa a sair foi minha caixa de diários. Eu entrei, encontrei-a sentada no tapete com as pernas cruzadas, olhando para a pilha, tocando na parte impressa de cada um, seus olhos conturbados como se ela tivesse decifrado o significado. Foi então que eu soube que não poderia mantê-los ou deixá-los para trás, assim eu carreguei a caixa até o meu carro e fui para a praia, onde eu li cada um, lançando e rasgando páginas, rasgando-os até que apenas pedaços de papel pendiam da encadernação em espiral. Coloquei-os em um saco de papel e os deitei numa balsa de madeira, a qual eu carreguei para dentro da água. Quando a maré subiu, ajoelhei-me sobre o

---

<sup>199</sup> “he never seemed to notice when my hair smelled like curry”.

<sup>200</sup> “if there is one sure thing about food, it is that it is never just food – it is endlessly interpretable materialised emotion”.

<sup>201</sup> ““Shit” – that’s what the white kids at school had said my leftover lunches looked like. “Meena eats shit””.

saco e acendi o fogo. A chama crescente chamuscou as pontas do meu cabelo antes da corrente e da terra empurrarem a pira para fora de alcance. Fiquei parada, enterrada até os joelhos em lama dragada e algas marinhas, observando meus pensamentos acenarem e emborcarem até que o oceano fez de mim uma ilha. (BASRAN, 2010, p. 124)<sup>202</sup>

O apagamento cede lugar a uma nova identidade, pois é exigido pela família do noivo que Meena mude seu nome para Surinder, por ser mais auspicioso à união, levando Meena, assim, à escolha (temporária) entre as polaridades que lhe eram oferecidas. Sua irmã Serena, por exemplo, mesmo vivendo em um casamento onde a violência doméstica era constante, adota o desejo materno como configuração das regras de conduta vividas pela comunidade transposta, cujos costumes deveriam ser mantidos. Apesar da tentativa de romper com o matrimônio quando seu primeiro filho ainda era bebê, Serena volta atrás e se submete à mãe, ““Seja forte”, minha mãe falou. “Pense no seu filho. Ele precisa do pai. Serena pareceu não responder. Eu me perguntava por que ela ainda pedia conselhos da minha mãe – o conselho nunca mudou. Talvez fosse isso o que ela queria: Afirmação. Validação. Aceitação.” (BASRAN, 2010, p. 41)<sup>203</sup>. O retorno ao lar é marcado mais uma vez pela violência.

Mordi o lábio ao ver novas contusões em seu braço. Nunca falamos sobre isso – não havia necessidade. Ela tentou deixá-lo uma vez, quando A.J. era um bebê, mas minha mãe, que estava de luto pela perda de Harj, a convenceu a ficar. Me perguntei se ela chatearia a família denunciando mais uma vez cada agressão do Dev. Suspeitei que a tentativa fracassada de deixá-lo a feriu muito mais do que qualquer outra coisa que ele o tenha feito. (BASRAN, 2010, p. 171-172)<sup>204</sup>

Sob o ponto de vista de Meena, sua irmã “era transparente, apenas uma fração do seu antigo eu” (BASRAN, 2010, p. 41)<sup>205</sup> conduzida pelos ditames maternos. Quanto à relação entre as duas,

---

<sup>202</sup> “When my mother cleaned my closet of its contents, the last thing to go was my box of journals. I came in to find her sitting on the carpet cross-legged, staring at the stack, fingering the print in each one, her eyes troubled as if she had deciphered the meaning. It was then that I knew I couldn’t keep them or leave them behind, so I loaded the box into my car and drove to the beach, where I read each one, flipping and ripping pages, tearing them up until only bits of paper hung from the threaded binding. I placed them into a paper bag and lay them on a float of driftwood, which I carried into the water. As the tide pushed in, I knelt over the bag and lit it on fire. The rising flame singed the ends of my hair before the current and earth pushed the pyre out of reach. I stood still, buried to my knees in dredged silt and seaweed, watching my thoughts bob and capsize until the ocean made me an island”.

<sup>203</sup> ““Be strong”, my mother said. “Think of your son. He needs his father. Serena did not seem to answer. I wondered why she still sought my mother’s counsel – the advice never changed. Perhaps that was what she wanted: Affirmation. Validation. Acceptance.”

<sup>204</sup> “I bit my lip when I saw new bruises on her arm. We never talked about it – there was no point. She had tried to leave him once, when A.J. was a baby, but my mother, who was grieving the loss of Harj, had convinced her to stay. I wondered if she bore her family’s betrayal anew every time Dev hit her. I suspected the failed attempt to leave had hurt her far more than he ever had”.

<sup>205</sup> “was transparent, barely a fraction of her former self”.

percebemos o ponto de vista de Serena, a partir do reencontro de Meena com Liam, e assim que as notícias se espalham pela comunidade. As duas irmãs entram em discussão a respeito da conduta de Meena, diálogo esse que se estabelece como representação de conflitos entre gerações, nesse caso ampliadas e, que se dão entre pessoas de gerações muito próximas, como no caso de Meena e Serena, dispondo-as “mais explicitamente entre as posições conservadoras e feministas” (DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, p. 42)<sup>206</sup>, pelo menos marcadas por um feminismo (inegável) naquele terreno transcultural. Nesse caso, a polaridade representada por Serena abre espaço para uma revisão da condição feminina não apenas na cultura indo-canadense, mas num contexto mais amplo, que afetaria as mulheres em geral. Uma vivência de submissão e violência é questionada pela protagonista, que vê em sua irmã o estereótipo da esposa tradicional, a qual abandonou o desejo de tornar-se aeromoça para tornar-se subserviente dentro da estrutura patriarcal.

Assim, o demonstrado com relação à Serena, associando suas atitudes à exclusão ou praticamente expulsão da comunidade vivenciada por Harjinder, remete a todo um conjunto de regras empregadas a fim de estabelecer quem deve permanecer como membro do grupo, fator esse que deveria ser respeitado, em qual território fosse, na América ou na Índia. Nesse contexto, tanto a vizinhança como a mãe das jovens, representantes do patriarcado gestor dos direcionamentos das mulheres de sua etnia, assinala a opressão dessas dentro do contexto cultural bastante diferente em que agora vivem. E vale lembrar que, segundo Domínguez; Lucas; López (2011, p. 15) “o medo da contaminação cultural é expressa em muitas histórias através de referências ao corpo da filha e a desonra da família, seguindo a lógica da posse patriarcal dos corpos das mulheres”<sup>207</sup>. Dessa forma, as mulheres tendem a se tornar um território da tradição e parte integrativa da raiz comunitária onde habitam. No caso de Harj, essa foi seguida durante dias por um carro até sua casa; ela foi levada à força e violentada por um grupo de rapazes brancos e, mesmo assim, não foi considerada vítima. Observada pelas mulheres da vizinhança, detentoras do poder de inquirir e controlar os membros do grupo, as mesmas repassam para sua mãe parte dos fatos, “Elas eram induzidas por sua moral a passarem suas tardes olhando para fora das janelas, reunindo fofocas [...] eram uma mistura de leiloeiro e colunista que fiavam histórias como teias, ocasionalmente

---

<sup>206</sup> “most explicitly between conservative and feminist positions”.

<sup>207</sup> “the fear of cultural contamination is expressed in many stories through references to the daughter’s body and family dishonour, following the logic of patriarchal possession of women’s bodies”.

devorando vítimas como minha irmã Harj” (BASRAN, 2010, p. 49)<sup>208</sup>. A tentativa de explicar o que aconteceu de nada adianta, “Harjinder tentou explicar o que aconteceu, que ela fora arrebatada, e levada para um terreno abandonado... Suas palavras retrocederam, engolidas aos soluços com a boca aberta. Minha mãe a esbofeteou. “Pare! Pare! Nem mais uma palavra”, ela gritou (BASRAN, 2010, p. 49)<sup>209</sup>. Ao final de algumas semanas, Harjinder se desliga da família e comunidade. Apesar de posteriormente a genitora tentar uma reconciliação, Harj não retorna para o lar, sendo introduzida forçosamente à cultura dominante, partindo para viver na cidade e vivendo por conta própria. A esse respeito, observa-se em relação a pertença étnico-social,

de modo geral, importa reconhecer que, qualquer que seja o grupo considerado, a questão de saber o que significa ser membro de um grupo nunca se torna objeto de consenso, e que as definições de pertença estão sempre sujeitas à contestação e à redefinição por parte de segmentos diferentes do grupo. O fato de decidir quem é membro da comunidade e quem deve ser excluído dela é, por exemplo, como já assinalamos, um lance central da oposição entre elite tradicional e nova elite. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011)

Após o ocorrido com Harjinder, e sob o temor da “contaminação” e obliteração cultural em decorrência da marca deixada por sua irmã na família, a mãe de Meena decide enviá-la para a Inglaterra como um modo de restabelecer os parâmetros culturais tradicionais, ou pelo menos, de amenizar as histórias que circulavam sobre a filha na comunidade, forma também de restauração simbólica da honra familiar. Entretanto, a família não consegue usar Harj como exemplo do que seria errado, ou tal tática não funciona nem entre as irmãs, já que Meena não corresponde à ingerência proporcionada por sua mãe para tornar-se a esposa “tradicional”.

O ano em que Harj se foi, minha mãe me enviou a Inglaterra durante o verão para ficar com minha irmã Parm e seu novo marido. Após uma semana, eu percebi que as minhas férias se tratavam de uma intervenção; Eu fui enviada para aprender a ser boa. Eu passei as férias de verão usando um salwar kameez, seguindo orações do Guru Granth Sahib e aprendendo a fazer roti. (BASRAN, 2010, p. 31)<sup>210</sup>

---

<sup>208</sup> “they were induce by their morals to spend their afternoons looking out the windows, gathering gossip [...] they were a blend of town crier and gossip columnist who spun stories like webs, occasionally devouring victims like my sister Harj”.

<sup>209</sup> “Harjinder tried to explain what happened, that she had been grabbed, driven to an empty lot... Her words fell back, swallowed in open-mouthed sobs. My mother slapped her. “Stop it! Stop it! Not another word she’d yelled”.

<sup>210</sup> “The year that Harj left, my mother sent me to England for the summer to stay with my sister Parm and her new husband. After a week, I realized my vacation was an intervention; I was sent there to learn how to be good. I spent that summer vacation wearing a salwar kameez, mothering prayers from the Guru Granth Sahib and learning how to make roti”.

Apesar da ausência de Harj, as recordações e marcas da experiência de violência involuntariamente vivenciada por ela continuam afetando Meena. Em um diálogo com Serena, que relembra do Walkman presenteado a Harjinder, presente que essa carregava para todo o lado, inclusive ao templo (*gurdwara*): “Harj estava tão entusiasmada quando eu comprei isso para ela. Ela o usou em todos os lugares. Você lembra daquela vez em que ela o usou no *gurdwara*, escondendo os fones de ouvido escondidos debaixo do *chunni*? Eu assenti, com um meio sorriso” (BASRAN, 2010, p. 30)<sup>211</sup>. Contudo, quando Meena admite querer cursar faculdade, Serena fica desolada, temendo que ela também siga por caminhos proibidos ou perigosos. Percebe-se, dessa forma, as relações que as três irmãs estabelecem entre si são largamente determinadas pelo controle do olhar social da comunidade de origem, ainda que transposta para o novo continente. Esse olhar não as paralisa, mas complica sua integração no “Canadá mais amplo”. Aquelas que ultrapassarem os limites e regras de sua cultura de origem serão facilmente vistas como traidoras e/ou perdidas.

O contexto diaspórico asiático, por sua vez, está vinculado a três aspectos inter-relacionados e classificados segundo Steven Vertotec (1997, p. 228) “como um modelo social, como um tipo de consciência social, e como uma forma de produção cultural”<sup>212</sup>. Como modelo social toma por base os contíguos laços reais ou imagéticos com o país de origem. O segundo aspecto, mais especificamente, condiz com o contexto asiático em foco, no qual as protagonistas vivenciam uma dinâmica de tensões, oriunda da “nova mobilité”. Conforme ressalta Stella Bolaki (2011), tal mobilidade demarcaria a habilidade do trânsito cultural, as variadas experiências, sejam essas de exclusão ou de identificações positivas e a resistência à hifenização identitária, fatores esses desafiadores do plano de ação nacionalista canadense. Nesse sentido, consciência social, “refere-se aos indivíduos que habitam e circulam por diversas sociedades e culturas, enfatizando os seus sentimentos de pertença ou exclusão, seus estados de espírito, e suas percepções da identidade” (AGNEW, 2008, p. 5)<sup>213</sup>. Dessa forma, a construção do *self* de cada protagonista é influenciada pelos deslocamentos, “esta provisória e parcial reconstrução é o que trabalha continuamente para criar um sentido do eu” (MCPHERSON, 2006, p. 62)<sup>214</sup>. Esses deslocamentos inicialmente físicos se estendem para o âmbito das subjetividades.

---

<sup>211</sup> “Harj was so excited when I bought this for her. She wore it everywhere. You remember that time she even wore it to the *gurdwara*, with the headphones hidden under her *chunni*? I nodded, half laughing”.

<sup>212</sup> “as a social form, as a type of social consciousness, and a mode of cultural production”.

<sup>213</sup> “refer to individuals who live in a variety of societies and cultures and who emphasize their sense of belonging or exclusion, their states of mind, and their sense of identity”.

<sup>214</sup> “this provisional and partial reconstruction is what works continuously to create a sense of self”.



Tais histórias de deslocamentos bastante diversas se aproximam no tocante à configuração das relações sociais e às modificações na constituição das subjetividades femininas. Como os processos de subjetivação estão vinculados às relações de poder, a abertura no plano das narrativas de teor intimista se agrega às experiências em territórios liminares e aos espaços de movência a fim de discorrer sobre as múltiplas afiliações oriundas dos movimentos transnacionais que interpenetram as malhas narrativas, acarretando em papéis diferenciados assumidos pelas mulheres. Como as narrativas em tela promovem um foco central em personagens mulheres e migrantes, as mesmas apresentam estratégias que questionam as formas institucionalizadas, de se influenciar a formação de mulheres e homens assim como promovem uma análise das desigualdades sociais entre os gêneros. As protagonistas em foco, por sua vez, sofrem os embates não apenas oriundos da condição diaspórica, por si só, mas as tribulações que se estendem pela cor da pele, por sua etnia e por seu gênero.

De acordo com Nick Mansfield (2000, p. 6) a “subjetividade é principalmente uma experiência, e que permanece continuamente aberta à inconsistência, à contradição e à inconsciência”<sup>215</sup>. Nesse conjunto de ações e partindo do princípio de que sujeito e subjetividade estão conectados como que simbioticamente, concebemos que os processos decorrentes da subjetivação e consequentemente da identificação são desencadeados a partir das interações sociais, de modo que conduzem o indivíduo a interpretar os diversos contextos aos quais é submetido diariamente e dentro dos quais a subjetividade está vaticinada à reconstrução. Assim sendo, verificamos que a subjetividade como “organização de uma consciência de si” (FOUCAULT, 2004, p. 262) coaduna com nossa análise das protagonistas resistentes à assimilação e aos códigos normativos, pelo menos em termos totais, absolutos. As subjetividades femininas em foco, Meena e Naomi, inserem-se, assim, no contexto transcultural, o qual atribui uma conexão “com a simultaneidade de identidades complexas e multi-dimensionadas” (Braidotti, 2002, p. 10)”, experimentados por cada uma delas. Nesse sentido, a subjetividade transitória endossa sua posição contextualmente historicizada e em relativo movimento. Dentro dessa configuração, “Naomi existe, portanto num estado de suspensão” (FENG, 1999, p. 49)<sup>216</sup> assim como Meena, ambas abertas ao novo que tem de ser necessariamente negociado.

---

<sup>215</sup> “subjectivity is primarily an experience, and remains permanently open to inconsistency, contradiction and unself-consciousness”.

<sup>216</sup> “Naomi exists therefore in a state of suspension”.

Desse modo, de posse de um legado histórico e literário erigido com base nos fluxos migratórios, o tecido cultural das narrativas asiático canadenses em foco emerge como espaços de resistência e tem nas relações entre memória e identidade a formação de renovadas formas de representação, nas quais as personagens centrais trafegam numa via de mão dupla para com a tradição. Segundo destaca Daniel Coleman (2006) a literatura das minorias busca desconstruir a “normatividade branca” regente das relações sociais e mantenedora de resoluções racistas, que tende a se perpetuar mesmo que sob o discurso multiculturalista responsável por empregar a configuração de um Canadá tolerante. Nesse sentido, “é obvio que pela própria organização de suas comunidades pela raça e em termos étnicos, o Estado cria constantemente “Canadenses” e “outros” (BANNERJI, 2000, p. 72)<sup>217</sup>. A identificação racial, segundo destacam Audrey Kobayashi e Genevieve Fuji Johnson (2007, p. 13) acaba, pois:

Enquadrado pelo discurso do multiculturalismo, sob o qual a cor da pele é empregada para identificar indivíduos quer como Canadense ou como ‘Outro’. Nesta forma de racialização, os indivíduos recebem uma identidade racial pelos pais, identificados pelos membros da comunidade étnica ou racial, ou por membros da sociedade em geral. Eles, então, crescem para aceitar ou rejeitar esta identidade. Tais construções identitárias emergem como uma resposta ao racismo e a racialização para com aqueles identificados e submetidos como ‘outros’ Canadenses.<sup>218</sup>

Sendo, pois, marcados pela visibilidade racial frequentemente vinculada ao preconceito e à exclusão social, as autoras manifestam, através da criação ficcional, uma releitura resultante dos entrelaçamentos históricos geradores de memórias múltiplas associadas aos entrecruzamentos culturais das diásporas contemporâneas. De fato, as narrativas contemporâneas em “produções recentes intermediadas por escritores étnicos, multiculturais ou minoritários no Canadá tem se tornado mais diversificados e experimentais na forma, tema, foco e técnica” (TY; VERDUYN, 2008, p. 3)<sup>219</sup>. Dentro de um sistema de tensões no qual a “brancura foi naturalizada como norma

---

<sup>217</sup> “it is obvious that, by its very organization of social communities in “race” and ethnic terms, the state constantly creates “Canadians” and “others”.

<sup>218</sup> “Framed by the discourse of multiculturalism, under which skin of colour is used to identify individuals as either Canadian or ‘Other’. In this form of racialization, individuals are assigned a racial identity by parents, by ethnic or racial identified community members, or by members of general society. They then grow up to accept or reject this identity. Such constructions of identity emerge as a response to the racism and racialization to which those identified as ‘Other’ Canadians are subjected”.

<sup>219</sup> Recent works by ethnic, multicultural, or minority writers in Canada have become more diverse and experimental in form, theme, focus, and technique”.

para a identidade cultural do Canadense anglófono” (COLEMAN, 2006, p. 5)<sup>220</sup>, as práticas narrativas desses povos se pautam nas experiências diaspóricas e nas existências transculturais como forma de transformar a visão eurocêntrica que os marca negativamente. Nesse sentido, as narrativas em análise discutem os processos identitários e de pertença, ultrapassando padrões binários, descentrando uma vivência pendular para torná-la aberta e indeterminada, pois tanto Naomi quanto Meena estão em negociação com seus respectivos eus, já que as “identidades são, pois, identificações em curso” (SANTOS, 1999, p. 135).

Desse modo, considerado um ponto de ruptura determinante e facilitador das possíveis articulações de histórias de violência e repressão, a “quebra do silêncio” conjuntamente à interrupção de uma história alheia às minorias racializadas, amplia os espaços da produção literária a partir das memórias de seus viventes e/ou descendentes. De acordo com Vijay Agnew (2008, p. 184-185) “a memória é uma chave para a história pessoal, social e cultural e é dependente do tempo e contexto. Aquilo que nós lembramos é articulado pelas grandes narrativas políticas e sociais de nosso tempo, nos permitindo reconstruir a história através da identificação, e preenchendo as lacunas em suas muitas narrativas”<sup>221</sup>. Como um dos elementos basilares nas reconstruções de uma consciência diaspórica, as memórias apresentadas nas narrativas em análise implicam num contínuo processo de redescobrimento, responsável por reconectar passado e presente. Conforme assertiva de Edward Said (2011, p. 34) o passado carrega os espectros regentes de uma história diaspórica que se empenha em fincar raízes nos processos de racialização, de modo que,

a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas.

Desse modo, nas narrativas o passado rege a configuração do *self* das protagonistas, pois tanto Meena quanto Naomi são marcadas por uma vivência diaspórica que as convida a “viver nas fronteiras do presente” (BHABHA, 1998, p. 15) agregando novos valores e condutas. Aqui a diáspora é compreendida “como uma condição de subjetividade” (CHO, 2007, p. 14)<sup>222</sup> ou de

---

<sup>220</sup> “whiteness has been naturalized as the norm for English Canadian cultural identity”.

<sup>221</sup> “memory is a key to personal, social, and cultural history and is dependent on time and context. What we remember is articulated by the major political and social narratives of our times, they enable us to reconstruct history by identifying and filling gaps in its many narratives”.

<sup>222</sup> “as a condition of subjectivity”.

pertencimento que não é atribuída pelo nascimento, mas é sim, decorrente dos efeitos de forças políticas, sociais e culturais influentes nas dimensões afetivas da vida “presente” de ambas. Assim, verificamos que as narrativas convocam o passado como forma de desvendar a conduta impositiva exercida sobre as protagonistas através da comunidade e sistema político, encetando a reflexão ou mesmo ações diretas que vão de encontro às práticas ditadas pelo patriarcado e pelo racismo. Conforme destaca Ahn Hua (2008, p. 198) “Estes atos memoriais de transferência envolvem a negociação dinâmica entre o passado e o presente, entre o individual e o coletivo, o público e o privado, entre recordar e esquecer, poder e impotência, história e mito, trauma e nostalgia, consciência e inconsciência, medos e desejos”.<sup>223</sup>

Todos esses aspectos corroboram na construção das histórias silenciadas pelo grupo dominante. Conforme acompanhamos nos pontos anteriores, o contexto histórico sob o qual se alicerçou a presença asiática no Canadá procede de vários embates oriundos da questão racial seguida por outros fatores desencadeadores de uma visão negativa sobre esses povos. Naomi, por exemplo, não pôde entrar na casa de uma menina branca, em cuja fazenda seus avós trabalham. “Uma vez, quando à Penny me trouxe até à porta, sua mãe falou através de sua pequena e precisa boca, “Penny, eu te disse, eu te disse”, e fechou a porta me deixando sozinha do lado de fora” (KOGAWA, 1983, p. 222)<sup>224</sup>. Aqui a pequena Naomi percebe que não é bem-vinda na casa da colega, nem na comunidade canadense em que busca um lugar para si. A exclusão sofrida por Naomi indica reações e rejeições vivenciadas por todo um coletivo nipônico revisitado através da protagonista de Kogawa, que desvela traços de um colonialismo vetusto, que continua à espreita. Fato semelhante acontece com Meena ao ser apresentada ao pai de Liam, que a trata de forma racista.

Seu pai levantou o olhar. “Quem é você?” Sua pergunta soou como uma acusação e eu me perguntei como responder [...] Esta é minha amiga Meena. Meena este é o meu pai – Jack”. Liam emitiu seu nome como uma palavra resposta. Seu pai olhou para Liam depois para mim.  
“Meena – é indiano, certo?”  
Eu assenti.

---

<sup>223</sup> “These memorial acts of transfer involve the dynamic negotiation between past and present, the individual and the collective, the public and private, recalling and forgetting, power and powerlessness, history and myth, trauma and nostalgia, consciousness and unconsciousness, fears and desires”.

<sup>224</sup> “Once, when Penny brought me to their door, her mother said through her small precise mouth, “Penny, I told you, I told you”, and closed the door leaving me alone outside”.

Ele endireitou-se, e me olhou com interesse. “Você não parece indiana, talvez italiana ou grega mas não indiana. Você provavelmente ouviu isso com frequência, hein, pelo fato de sua pele ser muito clara”.

Eu não respondi.

“Eu aposto que se você mudasse seu nome, ninguém sequer saberia. ”

“Jack!” Liam praguejou, aparentemente envergonhado por um comentário tão racista.

Eu não fiquei chateada com isso. As pessoas me disseram durante a vida toda que eu não parecia indiana. Eu costumava me perguntar como uma Indiana seria, e ainda ficava feliz por não me parecer com o que se esperaria que fosse.

“Então, Meena, deve ser a forma abreviada para? Meenpreet? Meenjeet? Ele riu, murmurando as variações de nomes Punjabi numa mesma sequência rítmica que os garotos da escola costumavam utilizar [...] “Nós devemos ir”, Liam falou, pegando em minha mão. Nós descemos alguns degraus.

“Liam!” seu pai gritou.

Eu aguardei ao pé da escada enquanto Liam corria de volta. “O que é?”

“Atenha-se aos seus semelhantes. ”<sup>225</sup>

Um segundo momento na narrativa descreve, além do preconceito interno à comunidade, conforme ocorrido com Harj, o reflexo da ojeriza aos sul asiáticos pela população branca que aflige a família de Meena, “Eu testemunhei a raiva da minha mãe quando os carros grunhiam por nossas casas como vozes gritando “Paki, volte para casa!” e ovos atingiam em nossas janelas” (BASRAN, 2010, p. 17)<sup>226</sup>. A presença asiática, como vimos anteriormente na revisão histórica que apresentamos, foi combatida veementemente pelo governo canadense. Na ficção de Basran alguns desses aspectos são retomados nas imagens da infância de Meena.

---

<sup>225</sup> His father looked up. “Who are you?” His question sounded like an accusation and I wondered how to answer [...] This is my friend Meena. Meena this is my dad – Jack”. Liam spit out his name like answer word. His father glared at Liam and then me.

“Meena – that’s Indian, right?”

I nodded.

He sat up straight, and looked at me with interest. “You don’t look Indian, maybe Italian or Greek but not Indian. You probably get that a lot huh, on account of the fact that your skin is pretty light”.

I didn’t answer.

“I bet if you changed your name, no one would even know.”

“Jack!” Liam cursed, seemingly embarrassed by such a racist comment.

I wasn’t bothered by it. People had told me all my life that I didn’t look Indian. I used to wonder what an Indian was supposed to look like, and yet became glad that whatever it was, I didn’t look it.

“So, Meena, that must be short for what? Meenpreet? Meenjeet? He laughed, muttering the variations of Punjabi names in a rhyming sequence the same way the kids at school used to [...] “We should go”, Liam said, reaching for my hand. We walked down the steps.

“Liam!” his dad shouted.

I waited at the foot of the stairs as Liam ran back up. “What?”

“Stick to your kind

<sup>226</sup> “I’d witnessed my mother’s anger when cars squealed by our house as voices yelled “Paki, go home!” and eggs hit our windows”.

Uma noite quando o irmão de minha mãe, Mamaji, estava nos visitando, não foram ovos. A janela explodiu e fogos de artifício rolaram em minha direção através dos cacos de vidro quebrados. Eu me senti atordoada; parecia um lampejo. Mamaji se lançou adiante, o pegou e atirou de volta para fora da janela. O mesmo bradava, beslicando os calcanhares de vultos escuros. (BASRAN, 2010, p. 17)<sup>227</sup>

O fragmento supracitado exemplifica o que Vijay Agnew (2008, p. 11) aponta, ao discorrer sobre a experiência migrante dos povos hifenizados, cuja percepção de si mesmos “nunca foi simplesmente uma questão de escolha individual e vontade própria; em vez disso, suas consciências foram afetadas por atos políticos e pelo comportamento de muitos canadenses brancos”<sup>228</sup>. O sentimento partilhado pelas personagens nas narrativas diz respeito à exclusão racial do conjunto constitutivo da “canadianidade”, elemento esse que não pode mais ser apagado ou eliminado.

Meena ultrapassa os limites impostos pela cultura ancestral, não observando os tabus de sua etnia ao se envolver com Liam, com quem tem uma filha, Leena, fora do casamento. Naomi, em *Obasan*, diferentemente, não consegue se desprender tanto dos tabus, apenas chegando a aceitar o convite de um viúvo, pai de um de seus alunos, para jantar, numa tentativa de romper com uma visão unilateral da canadianidade. Em parte, sua atitude desvela a visão racializada presente naqueles possíveis indivíduos representantes do que seria a classe dominante branca. Observamos essa perspectiva, definida pela raça, no fragmento abaixo que corresponde ao encontro de Naomi com o pai de um de seus alunos. Durante o diálogo, a protagonista do romance de Kogawa é questionada quanto ao seu país de origem, um indicativo da leitura racial que lhe atribui a posição do “outro”, a posição do pária. A percepção racializada de si mesmo e do outro se configuram à medida que as perguntas qualificam Naomi como estrangeira, julgada meramente por seu fenótipo.

Uma vez um viúvo, pai de um dos garotos da minha sala de aula veio me ver após as aulas e me levou para jantar num hotel local. Eu me senti nervosa caminhando com ele até a *Cecil Inn*.

---

<sup>227</sup> “One night when my mother’s brother, Mamaji, was visiting, it wasn’t eggs. The window exploded and a firecracker rolled towards me through shards of broken glass. I sat stunned; it looked like a sparkler. Mamaji leaped forward, picked it up and hurled it back out the window. It howled down the street, nipping at the heels of dark figures”.

<sup>228</sup> “were never simply a matter of individual choice and volition; rather, their consciousness was affected by political acts and the behaviour of many white Canadians”.

“De onde você é?” ele perguntou, enquanto nos sentamos numa pequena mesa no canto. Essa é a pergunta de fogo cruzado que eu sempre recebo de estranhos. As pessoas supõem quando me veem que eu sou uma estrangeira.

“O que você quer dizer?”

“Há quanto tempo você reside no país?”

“Eu nasci aqui.”

“Oh,” ele disse, e sorriu. “e quanto aos seus pais?”

[...]

O viúvo estava cheio de perguntas que eu quase acreditava que ele pediria para ver minha carteira identidade. A única coisa que eu carrego na minha carteira é a minha carteira de motorista. Eu deveria ter alguma coisa com minha foto e uma declaração abaixo que dizendo quem eu sou. (KOGAWA, 1983, p. 7)<sup>229</sup>

Por meio da perspectiva de Naomi e de Meena, ambas as narrativas em tela são dispostas de modo contrapontístico em relação ao discurso hegemônico, pois o retorno aos fatos do passado, criticamente, incorporam o marginalizado à História oficial do Canadá, ou seja, o passado revisitado e interrogado reflete na formação das protagonistas no tempo presente. Em *Obasan*, Naomi é confrontada por sua tia Emily a relembrar os fatos do passado como forma de descerrar os espaços culturais e históricos velados pelo sistema dominante, ““você precisa se lembrar”, tia Emily falou. “Você é a sua história. Se você eliminar qualquer parte disso, você estará incompleta. Não negue o passado. Lembre-se de tudo” (KOGAWA, 1983, p. 50)<sup>230</sup>. O retorno ao passado se intensifica numa rememoração capaz de anular o véu protetor dos traumas, esse criado a pedido da mãe de Naomi e enfatizado por Ayako (Obasan) ao longo do romance na constante expressão “Kodomo no tame – pelo bem das crianças” (KOGAWA, 1983, p. 245)<sup>231</sup>. Desvelados os traumas e rompimento com o silêncio sobre o destino de sua mãe em Nagasaki, as vozes manifestas no sótão de Aya Obasan agem no intuito de “facilitar a remoção de sua própria repressão” (FENG,

---

<sup>229</sup> Once a widower father of one of the boys in my class came to see me after school and took me to dinner at the local hotel. I felt nervous walking into the Cecil Inn with him.

“Where do you come from?” he asked, as we sat down at a small table in the corner. That’s the one sure-fire question I always get from strangers. People assume when they meet me that I’m a foreigner.

“How do you mean?”

“How long have you been in this country?”

“I was born here.”

“Oh,” he said, and grinned. “And your parents?”

[...]

The widower was full of questions that I half expected him to ask for an identity card. The only thing I carry in my wallet is my driver’s licence. I should have something with my picture on it and statement below that tells who I am. (KOGAWA, 1983, p. 7)

<sup>230</sup> ““you have to remember”, Aunt Emily said. “You are your history. If you cut any of it off you’re an amputee. Don’t deny the past. Remember everything”.

<sup>231</sup> “Kodomo no tame – for the sake of the children”.

1999, p. 137)<sup>232</sup> como forma de restaurar o *self* da protagonista, que está em constante processo de elaboração, “nossos sótãos e salas de estar invadindo uns aos outros, adentrando em seus espaços invisíveis” (KOGAWA, 1983, p. 25)<sup>233</sup>. O fragmento seguinte apresenta uma desarticulação da protagonista ressaltado pelo sentimento subjetivo de vazio, esse por sua vez indicando uma necessidade de reconstrução de seu núcleo interior através do aflorar das imagens escondidas em seu íntimo.

As vozes se derramam como a chuva, no entanto no meio do aguaceiro eu ainda sinto sede. Em algum lugar entre ouvir e falar está à transmutação do som. A chuva leve cai na terra como sal [...]. Em toda a nossa vida de planejamento, estamos despreparados para esta nova hora preenchida pelo vazio. Qual a espessura da escuridão atrás da qual se esconde o grito animal. Eu sei o que está lá, escondido do meu olhar. O choro de tristeza. O vazio profundo. (KOGAWA, 1983, p. 245)<sup>234</sup>

Naomi presente assim a mudança dentro de si, vinculando a chuva às vozes do passado que entornam num aguaceiro que se forma em seu interior, reunindo as gotículas de informações nas quais a mesma se encontra mergulhada à medida que revisa a documentação entregue por tia Emily e por Ayako. A chuva que cai de forma semelhante ao sal simboliza uma instância interior vinculada “à lei das transmutações morais e espirituais” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 797); no entanto, a protagonista de Kogawa prossegue sedenta, pois a transformação das instâncias do inconsciente assinalam uma ruptura dos conflitos e a reconciliação parcial, “você deseja nos proteger com mentiras, mas a camuflagem não esconde seus clamores. Sob o esconderijo, eu estou lá com você” (KOGAWA, 1983, p. 242)<sup>235</sup>. Estando Naomi mais perceptiva a ouvir o emanar da transmutação do som através do vazio que se reflete como uma nova hora que chega, esse fato acaba sinalizando uma “despersonalização” como pré-etapa de uma mudança de consciência e visão sobre si mesma. Conforme ressalta Diana Tiejens Meyers (2013, p. 154) “as crises identitárias são marcadas pelos sentimentos persistentes e evidentes de vazio”<sup>236</sup>. Vê-se que o passado continua guardado, assim como suas dores reveladas e remexidas pelas descobertas em

---

<sup>232</sup> “to facilitate the removal of her personal repression”.

<sup>233</sup> “our attics and living-rooms encroach on each other, deep into their invisible places”.

<sup>234</sup> “The voices pour down like rain but in the middle of the downpour I still feel thirst. Somewhere between speech and hearing is a transmutation of sound. The rainlight drops to earth as salt [...]. In all our life of preparation we are unprepared for this new hour filled with emptiness. How thick the darkness behind which hides the animal cry. I know what is there, hidden from my stare. Grief’s weeping. Deeper emptiness”.

<sup>235</sup> “you wish to protect us with lies, but the camouflage does not hide your cries. Beneath the hiding I am there with you”.

<sup>236</sup> “identity crises are marked by persistent and salient feelings of emptiness”.



relação ao destino de sua mãe. Contudo, o processo de rememoração dispõe a protagonista ao mesmo tempo entre o retorno e o progresso, onde passa a deliberar sobre sua história. O sentimento de incompletude também é recorrente no romance de Basran, refletindo o vazio e a suspensão atrelados à relação entre passado e presente, que prevê uma expectativa não sanada e em aberto, “nós existimos entre sonhos do passado e realidades do presente, impossibilitadas de fazer algo a não ser esperar. Pelo quê, eu não sei” (BASRAN, 2010, p. 5)<sup>237</sup>. As narrativas combinam suas dimensões ficcionais de modo que o reflexo da individualidade de cada protagonista se associa ao plano sócio histórico infligido sobre a vivência de povos não brancos no Canadá. Naomi e Meena relatam acontecimentos ocorridos sobre um coletivo a partir de suas experiências individuais. Levando em conta o que afirma Halbwachs (2006, p. 69), “desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, [...] diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”. Acreditamos que Naomi e Meena detêm posições importantes em seus grupos como questionadoras das acomodações, das opressões e dos silêncios.

De acordo com Jennifer Bowering Delisle (2013, p. 10) há cinco características geralmente associadas à subjetividade diaspórica e que podemos observar em ambos os romances: “(1) Um deslocamento doloroso e a condição de perda; (2) uma contínua conexão com o país de origem; (3) a formação de comunidades diaspóricas no exterior; (4) a construção do país natal a nível nacional em vez de apenas em termos regionais; e (5) uma percepção da diferença e marginalização no novo lar”<sup>238</sup>. Essas características, segundo destaca a autora, não delimitam o aporte das subjetividades, apenas introduzem pontos chave para elucidar a experiência e as condições de construção das diásporas. Nesse contexto, no romance *Obasan*, o deslocamento ocorre dentro do próprio país, pois Naomi e sua família são deslocados pelo internamento dos canadenses de origem japonesa para as “cidades fantasmas”, vilarejos em áreas remotas onde funcionavam antigas minas, conforme esclarecido anteriormente. A mudança acarreta a perda de todos seus bens, bem como a perda da cidadania, já que os nipo-canadenses passam a ser considerados inimigos do país. Lemos em uma das cartas enviadas ao pai de Naomi pela Comissão de Segurança de British Columbia, a

---

<sup>237</sup> “we existed between past dreams and present realities, never able to do anything but wait. For what, I didn’t know”.

<sup>238</sup> “(1) Painful displacement and a condition of loss; (2) a continued connection to homeland; (3) the formation of diaspora communities abroad; (4) the construction of homeland in neo-national rather than regional terms; and (5) a sense of difference and marginalization in the new home”.

ordem para o seu encaminhamento ao campo de trabalho: “Tadashi Nakane, como você indubitavelmente já ouviu, o Governo ordenou que pessoas de origem nipônica devem ser segregadas em diferentes campos conforme a categoria da qual se originam” (KOGAWA, 1983, p. 173)<sup>239</sup>. Mais adiante na narrativa, somos informados da demanda de cerca de 65% da mão de obra no país ser constituída por japoneses evacuados do litoral para o trabalho nas plantações de beterraba. A notícia é vista por Naomi em um dos antigos jornais que sua tia Emily havia guardado no sótão de Ayako, sua Obasan, “o recorte de jornal tem uma fotografia de uma família, toda sorrisos, que está de pé em torno de uma pilha de beterrabas” (KOGAWA, 1983, p. 193)<sup>240</sup>. A foto camuflava as condições desumanas de trabalho, assim como a exploração dos nipo-canadenses empilhados nos campos de trabalho, deslocados de uma região para outra conforme a necessidade dos contratantes.

Encontre Japas evacuados, os melhores trabalhadores da beterraba.  
Lethbridge, Alberta, Janeiro 22.

Japoneses evacuados de British Columbia forneceram a força de trabalho de 65% do açúcar de beterraba plantado na área de Alberta no ano passado, Phil Baker, de Lethbridge, presidente da Associação de Produtores de açúcar de beterraba de Alberta, afirmou hoje. “Eles tiveram um papel importante na produção da safra recorde de 363,000 mil toneladas de beterraba em 1945, acrescentou. (KOGAWA, 1983, p. 193)<sup>241</sup>

Segundo destaca Lily Cho (2007, p. 22), assim como a escravidão negra ocupa lugar fundacional na formação das comunidades diaspóricas africanas e de sua literatura, a servidão temporária ou servidão por dívida (*indenture, indentured labor*) imposta na constituição das comunidades diaspóricas asiáticas também desempenha uma influência que não pode ser dissociada de sua formação literária, pois as discussões atuais corroboram para uma visão do “papel da servidão por dívida como evento formativo da diáspora asiática contemporânea”<sup>242</sup>.

---

<sup>239</sup> “Tadashi Nakane, as you have no doubt already heard, the Government has ordered that people of Japanese origin are to be segregated into different camps according to the category under which they come”.

<sup>240</sup> “the newspaper clipping has a photograph of one family, all smiles, standing around a pile of beets”.

<sup>241</sup> Find Jap Evacuees Best Beet Workers  
Lethbridge, Alberta, Jan. 22.

Japanese evacuees from British Columbia supplied the labour for 65% of Alberta’s sugar beet acreage last year, Phil Baker, of Lethbridge, president of the Alberta Sugar Beet Growers’ Association, stated today. “They played an important part in producing our all-time record crop of 363,000 tons of beets in 1945, he added. (KOGAWA, 1983, p. 193)

<sup>242</sup> “role of indenture as a formative event for contemporary Asian diaspora”.

Quanto à servidão temporária ou por dívida, porém, não pretendemos generalizar, pois nem todos os asiáticos foram acometidos por essa modalidade de trabalho. No entanto, esse legado permanece como fonte para a compreensão das diásporas asiáticas contemporâneas, suas conexões/contradições entre comunidades distintas que compõem o tomo asiático e seu reflexo no literário. O romance de Basran, por exemplo, retrata a condição do trabalho desempenhado pelos primeiros imigrantes que prossegue refletido nas mulheres colhedoras, sendo que o passado de servidão temporária ou por dívida adquire novas formas. Em *Everything Was Good-Bye*, a mãe de Meena além de trabalhar limpando motéis, “colhia qualquer coisa que estivesse na estação por pouco dinheiro e nenhum outro benefício a não ser pelos vegetais que não estavam bons para a venda, mas ficariam bem num subzi” (BASRAN, 2010, p. 21)<sup>243</sup>. Meena acompanha a mãe, na companhia das irmãs na colheita anual de frutos. Podemos observar no fragmento referências à contratação de mulheres e crianças.

Ao contrário de minhas irmãs mais velhas, que passaram seus verões labutando nos campos com a minha mãe, eu não tinha feito isso a partir dos meus oito anos de idade. Naquela última vez, nós tínhamos lotado a VW van do contratante às cinco da manhã, ombro a ombro ao longo dos bancos de madeira que substituíram assentos, tentando não escorregar uns sobre os outros conforme a van dobrava as esquinas. Sentei-me na ponta do banco segurando de lado para me impedir de cair na janela quebrada mantida unida com fita adesiva. Às seis da manhã a van estava cheia de mães, avós, filhas e netas. Todas ficaram em silêncio, exceto a criança que vacilava nos braços de sua mãe e o empreiteiro que cantava canções Hindi que eu cantarolei baixinho ao longo do caminho. (BASRAN, 2010, p. 27)<sup>244</sup>

Os romances de Basran e Kogawa comungam, portanto, de uma literatura revisionista que trata das construções e diálogos erigidos sobre as identidades diaspóricas. As protagonistas dos romances são afetadas pelas interseccionalidades via mobilidades culturais desencadeadoras da busca identitária em meio a culturas opostas e conflitantes. Desse modo, entendemos que a

---

<sup>243</sup> “she picked whatever was in season for little pay and no benefits other than vegetables that were not good enough to be sold but would be just fine in subzi”.

<sup>244</sup> “Unlike my older sisters, who spent their summers toiling in the fields with my mother, I hadn’t gone since I was eight years old. That last time we’d loaded into the contractor’s VW van at five in the morning, shoulder to shoulder along the wooden benches that replaced seats, trying not to slide into each other as the van turned corners. I sat on the end of the bench clutching the side to keep myself from falling into the cracked window held together with duct tape. By six the van was full of mothers, grandmothers, daughters and granddaughters. All were silent, except the toddler who shuffled in her mother’s arms and the contractor man who sang Hindi songs that I whispered along to under my breath”. (BASRAN, 2010, p. 27).

compreensão do indivíduo se estende para além dos aspectos unívocos para se entrelaçarem a patamares globais, no qual a “memória cultural ou coletiva constitui a memória coletiva de muitos, englobando gerações” (HUA, 2008, p. 198)<sup>245</sup>. Como parte do contexto das diásporas cujos diálogos englobam os processos que se alicerçam nas diferenças e diversidade, a literatura asiático canadense revela a consciência identitária de suas protagonistas mantidas num devir sempre postergado. Dentro do contexto ficcional explorado em ambas as narrativas, vemos que:

Consequentemente, os terceiros espaços explorados nos textos literários não são aqueles que subvertem estruturalmente noções homogêneas da nação, mas os espaços que permitem percepções novas e críticas em meio a interações de longa data e conflitos que muitas vezes parecem congelar a realidade social em um padrão estático de oposições binárias. Nestes contextos, os próprios textos literários constituem performativamente como terceiros espaços: em vez de simplesmente refletir práticas que já podem ser encontradas no mundo social, eles se tornam campos de teste da imaginação social e locais fictícios onde novas percepções podem ser negociadas. (SCHULZ-ENGLER, 2009, p. 155)<sup>246</sup>

O terceiro espaço se faz presente em ambas as narrativas como fator ratificador da abertura às variadas instâncias identitárias que se arrolam de forma intermitente. De acordo com Frank Schulze-Engler (2009, p. 155) “a noção do terceiro espaço precisa ser pluralizada e expandida para cobrir as múltiplas negociações transculturais nas quais as literaturas contemporâneas estão envolvidas”<sup>247</sup>. A respeito dos romances em análise, a presença do terceiro espaço é notório até nas pequenas relações que permeiam o cotidiano. Meena, busca na escola uma posição ou localização especial na sala de aula, uma de suas primeiras instâncias sociais dentro de um coletivo étnico, “eu sentava no meio da sala de aula, não próximo o bastante da frente para ser considerada ansiosa, nem muito ao fundo para ser considerada preguiçosa” (BASRAN, 2010, p. 19)<sup>248</sup>. É notório o impacto das políticas de exclusão, conforme observado anteriormente, em relação a ambos os povos, tanto japoneses quanto indianos sendo acometidos pelo racismo que se prolonga

---

<sup>245</sup> “cultural or collective memory constitutes the collective memory of many, encompassing generations”.

<sup>246</sup> “Consequently the third spaces explored in the literary texts are not structurally ones that subvert homogeneous notions of the nation, but spaces enabling new, critical perceptions amidst long-standing interactions and conflicts that often seem to freeze social reality into a static pattern of binary oppositions. In these contexts, the literary texts themselves performatively constitute third spaces: rather than simply reflecting practices already to be found in the social world, they become testing grounds of the social imagination and fictional locations where new perceptions can be negotiated”.

<sup>247</sup> “the notion of third space needs to be pluralized and expanded to cover the manifold transcultural negotiations contemporary literatures are engaged in”.

<sup>248</sup> “I sat in the middle of the classroom, not close enough to the front to be seen as eager but not far back enough to be a slacker”.

por gerações, mesmo para aqueles nascidos no país que os “adotou”, como é o caso de Naomi, e dos imigrantes, como Meena. Desse modo, questões que envolvem os conceitos de pertença, diferença, subjetividade, hifenização, etnicidade são dispostos sob o olhar das protagonistas como forma de rever a construção identitária/cidadã fomentada através das relações de poder assimétricas.

A literatura canadense centrada nas minorias introduz protagonistas inseridas no entre lugar, local de habitação de espaços contraditórios e incertos, culminando na construção de um indivíduo multifacetado e aberto às negociações. Nesse sentido, Naomi e Meena traduzem, por meio de suas vivências, os embates culturais em ambas as narrativas, mas as mesmas não se detêm apenas nas disparidades entre as duas culturas nas quais estão imersas. O entre lugar se torna espaço de mobilidade e pertencimento híbridos. Naomi era “incapaz de ir ou ficar no mundo mesmo com uma aparência de tranquilidade e bondade” (KOGAWA, 1983, p. 50)<sup>249</sup>.

As fronteiras que elas cruzam não são apenas físicas, elas também se movem entre línguas, culturas, e códigos de gênero [...]. A ruptura intergeracional, o deslocamento, racismo, violência de gênero, e identidade sexual são problemas comuns frequentes nessas narrativas, com foco principalmente em seus efeitos específicos na vida das mulheres (DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, Introduction, xiii)<sup>250</sup>

Meena, por sua vez, após o falecimento de Liam, mantém um relacionamento com o amigo Kal, enquanto cria a filha dela, sem afastar-se totalmente da família. A respeito do romance de Basran, ao decidir-se por viver sozinha com sua filha e manter um relacionamento com Kal, Meena consolida sua inserção (numa prática social) geralmente vinculada a esfera masculina. A autonomia adquirida por Meena desempenha, também, uma reflexão sobre a canadianidade em meio as trocas culturais e aos embates sofridos por gerações de asiáticos. Ambas as narrativas demandam uma versão mais inclusiva e menos monolítica da canadianidade, já que a memória cultural do trauma, em nosso estudo, vivenciado pelos povos asiáticos, ainda ronda gerações de escritores. Pois a mobilidade estabelece oportunidades para a reinvenção das identidades que se tornam entrelaçadas aos traumas nas produções contemporâneas, especialmente as de mulheres,

---

<sup>249</sup> “unable either to go or to stay in the world with even a semblance of grace or ease”.

<sup>250</sup> “The borders they cross are not only physical, they also move between languages, cultures, and gender codes [...]. Intergenerational rupture, displacement, racism, gender violence, and sexual identity are recurrent common issues developed in these narratives, focusing especially on their specific effects on women’s lives” (DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, Introduction, xiii).

cujo foco central se estabelece nas experiências de deslocamento e exílio agregados aos conflitos geracionais. Segundo destacam Eleanor Ty e Christl Verduyn (2008, p. 16) os “Asiático canadenses estão “em trânsito” [...] movendo-se para além das restrições de categorias raciais e rumo às afirmações em curso de identidades em vozes emprestadas ou inventadas”<sup>251</sup>. Portanto, a literatura asiático-canadense gradativamente alimenta – esteticamente e ideologicamente – as representações de raça e etnia, transgredindo ditames e estabelecendo um olhar não tradicional, opondo-se, assim, ao *status quo* da cultura dominante. Conforme ressalta Bolaki (2011, p. 19), essas diferenças quanto ao pertencimento étnico-cultural se reconfiguram no *Bildungsroman* como gênero dotado de “espaço para formulações alternativas de desenvolvimento”<sup>252</sup>. Nesse sentido, as narrativas produzidas por povos marcadamente diaspóricos, voltadas aos entrecruzamentos culturais, às noções de pertencimento, percepções inter-étnicas e híbridas de uma história cultural revista pelo olhar migrante redefinem o que é crescer conscientemente dos diversos lugares (étnicos, sociais, culturais) que compõem a sociedade canadense contemporânea.

---

<sup>251</sup> “Asian Canadians are “in transit” [...] moving beyond the constraints of racial categories and into the ongoing assertions of identity in borrowed or invented voices”.

<sup>252</sup> “room for alternative formulations of development”.

### 3 – DO *BILDUNGSROMAN* TRADICIONAL AO ROMANCE DE FORMAÇÃO DE AUTORAS CANADENSES MARCADAS PELA TRANSCULTURAÇÃO

*The Bildungsroman – in contrast to the literature of antiquity, which presented the world objectively – is caught up in the battles of the soul between the sensual and spiritual, nature and freedom, and mixes in the problems of love.*

Fritz Martini

#### 3.1 – *Bildungsroman*: definição através do tempo em contextos diversos

*Uma literatura é uma história: o domínio do particular, do cambiante e do imprevisível. Uma história dentro da história grande que é cada civilização, como cada língua e cada sociedade.*

Octavio Paz

Introduziremos nesta seção do nosso trabalho, o contexto literário alemão a fim de ilustrar os primeiros passos formadores do que veio a ser conhecido como *Bildungsroman* – ou romance de formação, a fim de, mais adiante, apresentar as re-leituras contemporâneas desse conceito que nos interessam sobremaneira no viés de análise que propomos para nosso corpus literário. Portanto, partiremos de uma discussão de *Bildungsroman* mais ampla para o romance de formação no contexto de migração e transculturação. Sendo assim, faz-se mister afirmar que a renovação cultural emergente por volta de 1800 impôs a uma Alemanha, até então, pós-feudal, novos rumos em direção à autoafirmação da nação, desencadeados a partir do período romântico. Sendo esta denominada como uma fase de consolidação da sociedade burguesa e reflexo das transições sócio-políticas e econômicas que abarcavam o país, tais mudanças contemplavam, também, os embates experienciados entre indivíduo e realidade externa. Desse modo, o desenvolvimento da literatura germânica conjuntamente a sua autonomia em relação aos moldes clássicos e franceses abrangeu

as questões da vida burguesa, as preocupações com a formação dos indivíduos que a compunham, tornando-a articuladora das demandas sociais de uma nova classe dentro da Europa. A segunda metade do século XVIII testemunha o florescer de todo um corpo de narrativas habilitadas a exprimirem e consolidarem os valores emergentes da burguesia (CARVALHO, 2010), que ascende juntamente aos ideários de seus intelectuais, descendentes do mesmo estrato social, responsáveis pelos estímulos na literatura e cultura.

Num fértil período que podemos compreender entre o último terço do século XVIII e o primeiro do século XIX – para usarmos datas literárias, entre a publicação do romance *Geschichte des Agathon* de Christoph Martin Wieland (1766-67) e a morte de Goethe (1832) –, dá-se uma série significativa de acontecimentos históricos que influenciam o espaço cultural germânico: a ascensão da Prússia como reino e potência europeia, a partir de 1740, com Frederico II, o Grande; a Revolução Francesa, o imperialismo de Napoleão até sua queda após Waterloo (1815) e a reordenação conservadora da Europa no Congresso de Viena (1814-1815); três divisões e partilhas da Polónia (1772, 1793 e 1795) entre a Prússia, Rússia e a Áustria; guerras de coligação contra a França e de libertação contra a ocupação napoleónica que fomentaram o nacionalismo alemão. (CARVALHO, 2010, p. 30)

Consonante aos movimentos reformadores e às mudanças nos tecidos sócio-político-econômico, a emergente cultura burguesa vinculada ao objetivo de “emancipação integra-se o de legitimar um novo género literário, o romance, escrito, editado e lido pela classe média, que reflecte e propaga os valores fundamentais do ideário burguês, face à vetusta distinção do aristocrático género épico” (CARVALHO, 2010, p. 31). Sendo assim, integrado ao projeto romântico em expansão e através da historiografia alemã embasada na construção de uma identidade nacional, se destaca o aflorar do conceito de *Bildungsroman* (*Bildung* – formação; *Roman* – romance), indicativo do processo de formação sócio humanística na constituição do novo cidadão alemão. Nesse contexto, a formação do indivíduo encontrava-se, portanto, diretamente vinculada à constituição do Estado burguês. Conforme destaca Wilma Maas (2000, p. 71) “o surgimento do paradigma do *Bildungsroman*, na Alemanha, é contemporâneo do momento de transição entre a economia feudal latifundiária e o prenúncio da fase econômica e política em que os ideais e privilégios da aristocracia estão dissolvidos em meio ao tecnicismo e ao cientificismo burguês”. Visto como um reforço na expressão do “espírito alemão” e ápice da representação artística do mesmo, o *Bildungsroman* torna-se elemento prioritário na construção da nação, o que acarreta a atribuição de uma especificidade nacional germânica na literatura da época. O



*Bildungsroman* refletia a princípio “um mecanismo social auto reflexivo desenvolvido por uma classe que quer ver espelhados seus próprios ideais na ficção de cunho realista que começa a firmar-se como gênero” (MAAS, 2000, p. 44). Desse modo, como representação dos ideais burgueses germânicos, o romance de formação proveu ao país um patrimônio cultural.

O *Bildungsroman* ou romance de formação caracteriza-se, do ponto de vista temático, pela narrativa linear (histórico-diacrónica) do tempo específico e efêmero da vida de um protagonista masculino, habitualmente da classe média, que é o da juventude inupta, em irrequietude, instabilidade e insatisfação [...] representado no conjunto de acontecimentos e de experiências marcantes através dos quais se desenvolve a sua autoformação, como indivíduo e como membro do colectivo social. (CARVALHO, 2010, p.132)

Termo cunhado pelo filologista clássico, Karl von Morgenstern, em 1810 durante suas aulas sobre a essência e a história do romance em Dorpat e, endossados pelas conferências intituladas: *Sobre o espírito e conexão de uma série de romances filosóficos* (*Über den Geist und Zusammenhang einer Reihe philosophischer Romane*), *Sobre a natureza do Bildungsroman* (*Über das Wesen des Bildungsromans*), em 1819 e *Sobre a história do Bildungsroman* (*Zur Geschichte des Bildungsromans*), em 1820, o conceito tem seu *debut* tradicionalmente marcado pela publicação, em 1795, do romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (*Wilhelm Meisters Lehrjahre*) de Johann Wolfgang von Goethe, denominado pela crítica como um protótipo do *Bildungsroman* e seu maior representante. Em contrapartida, alguns teóricos da literatura consideram o surgimento inicial do gênero com a publicação do *Versuch über den Roman* (Ensaio sobre o romance) de Friedrich von Blankenburg em 1774; no entanto, a popularização do conceito, assim como sua inclusão no discurso acadêmico literário, só se estabeleceria com Wilhelm Dilthey, em 1870, com a publicação de *A vida de Schleiermacher* (*Das Leben Schleiermachers*).

Como exemplar principal do gênero *Bildungsroman*, o romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* é dividido em oito tomos, dentre esses, cinco demarcando as aventuras e experiências de Wilhelm Meister, filho de um mercador rico, em pleno século XVIII, na Alemanha, que abandona o lar burguês, movido por sua atração pelo teatro e rumando, assim, em sua busca por realização pessoal. Conforme destaca Maas (2000), o jovem Wilhelm deseja ultrapassar as limitações da vida burguesa, com o intuito de tornar-se uma “pessoa pública”, como ostentado pela aristocracia e, ao mesmo tempo, buscando desenvolver-se conscientemente mediante à conciliação dos aspectos contraditórios de seu próprio eu. Em se tratando de um período que coincide com a passagem do latifúndio feudal para a economia moderna, ponto este que,

segundo a teórica Wilma Maas (2000), é abordado no tecido da narrativa goethiana, pois essa “encontra-se exatamente em meio a essa transição, renunciando a legitimação das instituições burguesas”, o protagonista de Goethe passa a representar indiretamente uma coletividade em ascensão social. A este respeito, Franco Moretti (2000, p. 46) destaca que “o processo pelo qual o protagonista do *Bildungsroman* deve superar consiste em aceitar o adiamento do sentido último de sua existência. Este, por sua vez, se torna o novo ideal pedagógico do século XVIII, que substitui a admiração pela precocidade por uma imagem de crescimento gradual, que se dá com poucos passos de cada vez.”<sup>253</sup>. Nesse sentido, dentro do conceito de *Bildungsroman* são estabelecidas outras variantes, como resultado da confluência entre o teor retrospectivo, autobiográfico, pedagógico e de desenvolvimento artístico do indivíduo. Dentre esses, destacam-se o *Entwicklungsroman* (romance de desenvolvimento), cujo foco permanece no curso do desenvolvimento do protagonista até findar com sua morte, podendo representar “geralmente qualquer tipo de experiência de desenvolvimento e não a ideia-valor específica da auto formação” (CARVALHO, 2010, p. 85); o *Erziehungsroman* (romance de educação) presume a existência de um mentor e de um discípulo envolvidos em questões pedagógicas concretas, nesse caso o protagonista da narrativa é formado por um agente externo, ou seja, o protagonista recebe uma educação formal e a narrativa lida com os problemas em sua instrução; o *Künstlerroman* (romance do/a artista) retrata o processo de formação de uma personagem que desempenha atividades artísticas, seja na música, no drama, ou na criação literária, implicando na coexistência entre indivíduo e sua capacidade artística. Todas as variantes do romance de formação resguardam em comum o conceito da *Bildung* (formação). No entanto, para alguns teóricos, a exemplo de Wilma Maas (2000, p. 52), “a tentativa de delimitação entre um e outro conceito é insuficiente para que se possa constituir uma tipologia”, pois as denominações são intercambiáveis e até mesmo sinônimas, devido à maleabilidade característica do romance de formação.

De acordo com Tobias Boes (2012, p. 1) “o *Bildungsroman*, ou o ‘romance de formação’ é um tipo de romance com foco no processo de maturação espiritual e intelectual do protagonista”<sup>254</sup>. Regido por essa especificação e em se tratando de um conceito criado sob

---

<sup>253</sup> “The trial that the protagonist of the *Bildungsroman* must overcome consists thus in accepting the deferment of the ultimate meaning of his existence. It is the new pedagogical ideal of the eighteenth century, which substitutes admiration for precocity with the image of a gradual growth, a few steps at a time”.

<sup>254</sup> “the *Bildungsroman*, or ‘the novel of formation’, is a kind of novel that focus on the spiritual and intellectual maturation of its protagonist”.

circunstâncias históricas específicas, o romance de Goethe aborda o fator basilar do romantismo alemão, inserido na forma do *Bildungsroman*, que corresponde à formação do indivíduo e seu pleno desenvolvimento. Segundo Carvalho (2010, p. 91) o *Bildungsroman* é “caracterizado essencialmente pela temática e função social, consonante com o elevado desígnio de aperfeiçoamento e educação dos filhos da burguesia alemã, no anseio pela possibilidade de desenvolvimento pessoal das qualidades inatas, até então prerrogativa da aristocracia”. As demandas imanentes do protagonista se voltam para o alcance da formação e realização pessoal subjugada pela unidade do mundo circundante, pois, “no ambiente de uma Alemanha idealizada, onde se prova a concepção romântica da impossibilidade de realização estética-espiritual na vida burguesa e da conciliação entre o ideal e o real, pela desproporção entre a subjetividade interior extremamente rica e intensa e o mundo exterior limitativo e decrépito”. (CARVALHO, 2010, p. 112).

Convencionalmente, o *Bildungsroman* tradicional traça os passos na formação e crescimento tanto psicológico, quanto etéreo de um jovem, inicialmente, ingênuo que se rebela contra a ordem social que lhe é imposta. Desse modo, é desencadeando o seu desabrochar para a maturidade e conhecimento, através dos conflitos gerados por seus desejos individuais em oposição às demandas sociais externas, findando com sua transformação em um cidadão (ou, mais raramente, cidadã), vista como modelo ideal da socialização moderna. Assim, “o *Bildungsroman* verifica o curso legítimo do desenvolvimento do indivíduo, com cada estágio contemplando seu próprio valor específico e que serve de base para um estágio superior, ascendente e uma visão progressiva do crescimento humano”. (JEFFERS, 2005, p. 49)<sup>255</sup>. Na empreitada pela reconciliação de si mesmo para com os valores sociais vigentes no período, unem-se os fatores culturais e espirituais determinados pelo *status quo* com o qual o protagonista vale salientar que nos textos mais tradicionais, marcado como masculino, busca recongragar-se. Nas palavras de Mikhail Bakhtin (1986, p. 23), o romance realista tipicamente caracterizado dentro do iluminismo alemão, demonstra através de seu protagonista que:

Ele surge com o mundo e reflete o surgimento histórico desse. Ele não está inserido em uma época, mas na fronteira entre duas épocas, no ponto de transição de uma para a outra. Esta transição é realizada nele e através dele. Ele é forçado

---

<sup>255</sup> “the *Bildungsroman* examines a legitimate course of an individual’s development, each stage having its own specific value and serving as the ground for a higher stage, an upward and onward vision of human growth”.

a tornar-se um novo tipo, sem precedentes, de ser humano. O que está acontecendo aqui é precisamente o surgimento de um novo homem.<sup>256</sup>

Assim sendo, a tradição literária que envolve a gênese do romance burguês coaduna com o despertar do conceito de *Bildungsroman* e das discussões a respeito da imposição do romance como gênero. Primordialmente, tematizando a experiência da burguesia, os impedimentos à sua emancipação e a favor de seus direitos “o Bildungsroman narrativiza originalmente a formação estético-espiritual desenvolvida pelo próprio indivíduo” (CARVALHO, 2010, p. 42). Segundo destaca James Hardin (1991, XV), a épica cede lugar ao romance, que nos introduz a “protagonistas que estão essencialmente buscando pelo sentido perdido da vida”<sup>257</sup>. Dessa forma, baseado num corpus amplo, as raízes do romance de formação remontam a literatura confessional pietista considerada “um pressuposto bastante significativo não apenas para a constituição do gênero *Bildungsroman*, mas para toda a literatura burguesa em língua alemã, que tem suas origens na segunda metade do século XVIII” (MAAS, 2000, p. 77). Atribuindo uma dimensão espiritualizada ao termo *Bildung* (formação), preceito criado pelo teólogo germânico Meister Eckhart (1260-1327) como um processo de construção da índole do indivíduo ou a formação do mesmo sob a ação designatória de Deus, repousando sobre o modelo de imitação de Cristo, “a ascensão da palavra formação desperta, mais do que isso, a antiga tradição mística, segundo a qual o homem traz em sua alma a imagem de Deus na qual ele foi criado, e tem de desenvolvê-la em si mesmo” (GADAMER, 1997, p. 49). Como elemento favorável ao estabelecimento da forma do romance burguês germânico, a literatura pietista, por meio da secularização de seu conceito religioso de formação, abandona a passividade do indivíduo como *imago Dei*, acrescentando, assim, ao processo de renascimento do novo indivíduo (ou processo de transição) traços das experiências pessoais, conforme essas eram descritas nas biografias místicas dos convertidos ou renascidos. A secularização do termo favorecida, também, pelo extenso campo semântico que a compõe, conjuntamente à emergência dos conceitos humanísticos ao final do século XVIII indicavam ao conceito da *Bildung* (aprendizagem, formação, cultura, imagem), um novo caminho, no qual o indivíduo não mais permaneceria passivo à intervenção divina e a “liberdade do ser humano

---

<sup>256</sup> “He emerges along with the world and reflects the historical emergence of the world itself. He is no longer within an epoch, but on the border between two epochs, at the transition point from one to the other. This transition is accomplished in him and through him. He is forced to become a new, unprecedented type of human being. What is happening here is precisely the emergence of a new man”.

<sup>257</sup> “protagonists who are essentially searching for the lost meaning of life”.

realmente transformaria a *Bildung* numa realização da vontade” (SUMMERFIELD, 2010, p. 2)<sup>258</sup>. Partindo-se, então, dessa tomada de consciência iniciada no século XVIII, teóricos como Humboldt, Lessing, Locke, Swift, Rousseau, entre outros disponibilizam questões sobre a identidade do indivíduo em confronto com o mundo e as experiências indissociáveis dos acertos e tropeços determinantes do crescimento (formação), intercalados pelo aspecto pedagógico e pela aprendizagem informal do convívio social. A esse respeito, Marianne Hirsch (1979, p. 296-298) propõe explicar dentro dos sete itens descritos abaixo alguns apontamentos em relação à estruturação e constituição do romance de formação.

1. [...] O desenvolvimento do herói é explorado sob perspectivas variadas [...] 2. O interesse do romance de formação é tanto biográfico quanto social. A sociedade é antagonista do romance e é vista como uma escola da vida, um *locus* para a experiência [...] 3. A trama do romance de formação é uma versão da *quest story* ou estória de busca [...] O crescimento é um processo gradual que consiste em uma série de encontros entre as necessidades subjetivas e uma ordem social inflexível. 4. É o desenvolvimento da individualidade que é a principal preocupação do romance de formação [...] 5. O ponto de vista e a voz narrativa, seja de primeira ou terceira pessoa, é caracterizado pela ironia com respeito à inexperiência do protagonista. 6. Os outros personagens do romance exercem várias funções fixas: *educadores* servem de mediadores e intérpretes entre as duas forças confrontantes do self e da sociedade; *companheiros* servem de refletores sob o protagonista representando objetivos e conquistas alternativas [...]; *amantes* propiciam a oportunidade para a educação do sentimento. 7. O romance de formação é concebido como um romance didático, que educa o leitor através da representação da educação do protagonista.<sup>259</sup>

Sob a égide de formar para a virtude, o conceito da *Bildung* fundamentado no espírito iluminista, cuja ideia de formação vincula-se à liberdade e autonomia do sujeito em sua empreitada por autoconhecimento, se complementam pelos trajetos convergentes na construção do *self* e sua reconciliação com o meio social. Distinguido, então, como o processo de desenvolvimento do indivíduo e posteriormente como termo coletivo concedido aos valores espirituais e culturais

---

<sup>258</sup> “human freedom actually turns Bildung into an achievement of the will”.

<sup>259</sup> 1. [...] The hero’s development is explored from various perspectives [...] 2. The novel of formation’s concern is both biographical and social. Society is the novel’s antagonist and is viewed as a school of life, a locus for experience [...] 3. The novel of formation’s plot is a version of the quest story [...] Growth is a gradual process consisting of a number of encounters between subjective needs and an unbending social order. 4. It is the development of selfhood that is the primary concern of the novel of formation, [...] 5. The narrative point of view and voice, whether it be the first or the third person, is characterized by irony toward the inexperienced protagonist. 6. The novel’s other characters fulfill several fixed functions: *educators* serve as mediators and interpreters between the two confronting forces of self and society; *companions* serve as reflectors on the protagonist standing for alternative goals and achievements [...]; *lovers* provide the opportunity for education of sentiment. 7. The novel of formation is conceived as a didactic novel, one which educates the reader by portraying the education of the protagonist.

específicos de um povo ou estrato, numa dada época (HARDIN, 1991), consequentemente, o *Bildungsroman* se direcionava a retratar uma trajetória pessoal que visava otimizar ao aperfeiçoamento individual, fator esse, considerado fundamental na Alemanha do século XIX. Deste modo, podemos observar que:

O *Wilhelm Meister*, de Goethe, havia trazido ao gênero do romance nova reputação. Ele motivou a ambição da nova geração de poetas de criar também uma narrativa na qual estivessem interligados a representação do desenvolvimento de um indivíduo interessante, o esclarecimento de problemas do trabalho artístico e uma imagem global da sociedade. Depois do *Wilhelm Meister*, o romance passa a ser um gênero poético universal, no qual tudo podia ter lugar: descrições da natureza, diversos palcos, confusões e conflitos, poemas espalhados, apresentados também sob a forma de diálogos e reflexões, psicologia, filosofia, teoria da arte. (SAFRANSKI, 2010, p. 98-99)

Criando assim meios para o deslancar romanescos, pois “a literatura é uma relação entre realidades irrepetíveis e cambiantes” (PAZ, 1991, p. 175), é que o romance de formação irá adaptar-se às oscilações históricas, transmutando-se conforme demandam as consequentes mudanças na sociedade e, por conseguinte, sobre o indivíduo, deslocando-se para além dos limites germânicos. Segundo Franco Moretti (2000), cada momento histórico acarreta demandas sociais específicas e que estão associadas ao desenvolvimento do indivíduo, ou seja, estão imbricadas na construção do seu eu (Ego). Em conformidade à formação do Ego, o teórico afirma que:

Os quatro tipos de *Bildungsroman* destacam diferentes aspectos problemáticos da formação do Ego. O *Bildungsroman* Inglês normalmente enfatiza o medo preliminar do mundo externo como uma ameaça para a identidade individual, enquanto que o ideal goethiano de harmonia visto como um frágil acordo de compromissos heterogêneos centra-se na dinâmica interna do Ego. Os romancistas franceses tomam um rumo mais indireto, o que minimiza o próprio Ego e enfatiza os perigos de uma força excessiva como o Super-Ego ou Id, consubstanciado na ‘ideia de dever’ stendhaliano e ‘paixão’ balzaquiano. (MORETTI, 2000, p. 248)<sup>260</sup>

Conforme destaca Moretti (2000), os quatro tipos de *Bildungsroman* também apresentam especificidades quanto a suas tramas voltadas para o amadurecimento característico da formação

---

<sup>260</sup> “The four types of *Bildungsroman* highlight diferente problematic aspects of the formation of the Ego. The English *Bildungsroman* typically emphasizes the preliminary fear of the outside world as a menace for individual identity, while the Goethian ideal of harmony as a delicate compromise of heterogeneous commitments focuses on the Ego’s internal dynamics. The French novelists take a more indirect course, which downplays the Ego proper and emphasizes the dangers of an excessively forceful Super-Ego or Id, embodied in Stendhalian ‘idea of duty’ and Balzacian ‘passion’”.

ou educação do protagonista que se completa na fase adulta. O primeiro diz respeito ao romance de formação inglês, cujo *debut* ocorre após a tradução do romance de Goethe por Thomas Carlyle, em 1824. As narrativas influenciadas pelo gênero são regidas pela violação da ordem e seu consequente reestabelecimento, privilegiando a infância à juventude; esta última, vista como uma etapa negativa a ser vencida pelos valores contidos no alcance da maturidade. Conforme endossa Giovanna Summerfield (2010, p. 30) “A jornada do protagonista do Bildungsroman britânico é de natureza circular, pois o seu crescimento, na verdade, o traz de volta à sua identidade social original”<sup>261</sup>. Já o segundo corresponde ao *Bildungsroman* tradicional ou Goethiano pertencente ao período pré-industrial caracterizado pelas novas exigências sociais. Nesse sentido, o romance de formação germânico enfoca o desenvolvimento, educação e decorrente formação de uma personagem principal, cujo aprendizado gradual e cumulativo, marcado por erros e acertos, o conduzem à reconciliação para com as demandas sociais. No terceiro, o teórico destaca o conflito entre personagem principal e o mundo que o cerca, gerando uma incompatibilidade entre indivíduo e o meio. Em sua exemplificação são mencionados os escritos de Stendhal e Pushkin, já que os protagonistas dos romances dos respectivos escritores nunca “crescem”, pois “são incapazes de abdicar de sua juventude e, portanto, não podem ser retratados como adultos” (MORETTI, 2000, p. 92)<sup>262</sup>. Por fim, o quarto trata da mobilidade social, cuja ascensão tornou-se um bem elementar e que se localiza no mundo capitalista tencionado pelas narrativas de Balzac, já que “uma visão Balzaquiana da nova ordem está indelevelmente ligada ao advento repentino do capitalismo” (MORETTI, 2000, p. 143)<sup>263</sup>. Enquanto que nas narrativas de Stendhal e Pushkin, o protagonista parece hesitar diante de um desenvolvimento contraditório; em Balzac “a maturidade é estabelecida na ruptura” (MORETTI, 2000, p. 141)<sup>264</sup> através do conflito e de suas passagens transitórias num realismo fundamentado na rejeição a contrastes acentuados que se dão em meio às circunstâncias vivenciadas. Desse modo, segundo destaca Thomas Jeffers (2005, p. 51) “Stendhal e Balzac renunciaram ao ideal goethiano demasiado acolhedor de “felicidade” e “maturidade” com seus casamentos subordinados e reclassificações”<sup>265</sup>.

---

<sup>261</sup> “the journey of the protagonist of the British Bildungsroman is circular in nature because his growth actually brings him back to his original social identity”.

<sup>262</sup> “are unable to forgo their youth and therefore cannot be pictured as adults”.

<sup>263</sup> “Balzacian vision of the new social order is indelibly linked to the sudden advent of capitalism”.

<sup>264</sup> “maturity is found on the rupture”.

<sup>265</sup> “Stendhal and Balzac renounced the too-cozy Goethean ideal of “happiness” and “maturity,” with its attendant marriages and reclassifications”.

De fato, a ascensão do *Bildungsroman* no cenário das letras europeias está relacionado às preocupações pedagógicas do período, decorrentes das revoluções ocorridas entre os séculos XVIII e XIX. Segundo afirma François Jost (1974, p. 148) “O Bildungsroman pode certamente ser definido como a expressão literária de um novo ideal educacional”<sup>266</sup>. Os aspectos pedagógicos que integram o *Bildungsroman* são originários das teorias educacionais de Rousseau, primordialmente agregadas, em larga escala, e simultaneamente pela Alemanha e Suíça. Devemos ressaltar, contudo, que o contexto germânico se ajustou aos valores pedagógicos afinados ao romance de Goethe especificamente, apresentando níveis de amadurecimento não presentes no tratado da escola francesa. Segundo destaca Thomas Jeffers (2005, p. 46) o desenvolvimento do *Bildungsroman* coincide com um ideal particular de educação articulado, como citamos anteriormente, na França por Jean-Jacques Rousseau e seu romance intitulado *Émile* (1762) e na Alemanha com destaque para Friedrich Schiller e sua obra *A educação estética do homem: numa série de cartas (Über die Ästhetische Erziehung des Menschen: in einer Reihe von Briefen, 1795)*. Conforme endossa JEFFERS (2005, p. 2-3) “Rousseau auxiliou a Europa a perceber que as crianças não são miniaturas dos adultos, mas indivíduos com suas próprias necessidades e capacidades peculiares, que pais e professores teriam de respeitar. Schiller se concentrou em como, no desenvolvimento, as necessidades e capacidades de uma criança podem ser moldadas e direcionadas”<sup>267</sup>. Efetivamente, as bases que indicavam uma proposta educacional que visava instruir e conduzir a criança à fase adulta, ou até o ponto que culmine em seu próprio gerenciamento, versada pelo filósofo, embasa a noção da *Bildung*, já laicizada, como formação e que se conecta a um dos pontos centrais do romance de aprendizagem – a noção de escolha.

A metáfora da construção (*Bildung*, em única definição, refere-se a uma construção complexa ou entidade, é derivada de *Bild* “retrato” ou “imagem”) e suas referências à “transformação” e “poder formativo” são orientados em relação a uma “imagem” de cultura interna na mente, cuja unificação é ativamente persuadida como um projeto de construção consciente. (CASTLE, 2006, p. 35)<sup>268</sup>

---

<sup>266</sup> “The Bildungsroman can surely be defined as the literary expression of a new ideal education”.

<sup>267</sup> “Rousseau helped Europe realize that children were not miniature adults but creatures with their own peculiar needs and capacities, which parents and teachers had to honor. Schiller concentrated on how, in growing up, a child’s needs and capacities might be shaped and direct”.

<sup>268</sup> “The metaphor of building (*Bildung*, in one definition, refers to a complex construction or entity; it derives from *Bild*, “picture” or “image”) and the references to “transformation” and “formative power” are oriented toward an inner culture “image” in the mind whose unification is actively pursued as a project of conscious construction”.



Irradiando, assim, através do veículo ficcional os conceitos promulgados por Jean Jacques Rousseau dentro das especificidades do contexto germânico, visando um plano pedagógico vinculado às concepções iluministas e consolidando-se com os círculos literários e filosóficos, o filósofo antecipa as inquietações do pensamento alemão para com o ego e o autodesenvolvimento do indivíduo. Desse modo, os conceitos formação e educação consonantes com a constituição do Estado burguês empreendem no final do século XVIII uma concepção na direção de uma educação moderna, na qual “a natureza humana passará a ser compreendida como passível de mudança e de aperfeiçoamento” (MAAS, 2000, p. 28), tornando-se assim reconhecedora dos estágios – infância e adolescência – bem como da conscientização quanto às particularidades que envolvem o direcionamento da personalidade da criança e do jovem. Destarte, as articulações pretensas à formação do cidadão serão capazes de habilitá-lo a desempenhar, dentro do coletivo social, o seu papel.

Devido a esta contiguidade com relação às mudanças no espaço histórico-social e as dinâmicas no desenvolvimento do sujeito, o teórico Mikhail Bakhtin acresce aos debates sobre a tipologia do romance lugar de destaque ao romance de formação (*Bildungsroman*) como mencionamos anteriormente, a princípio, o teórico estabelece uma tipologia que propõe quatro vertentes que tem por princípio a classificação tipológica com base na construção da imagem do protagonista e sua posição no mundo da narrativa. A classificação em romance de viagens, romance de provação, romance biográfico (autobiográfico) e romance de educação não determina a pureza de cada modalidade separadamente, cada enredo dentro das tipologias em destaque “se caracteriza pela prevalência desse ou daquele princípio de enformação da personagem” (BAKHTIN, 2011, p. 205), que culmina num determinado romance aliado à uma concepção de mundo, ou seja, a relação do herói com os eventos determinam o tipo de romance. Observa-se, então, uma gradativa mudança a cada incorporação às peculiaridades do enredo conectado aos vínculos da personagem com o mundo que o cerca e “graças ao vínculo traçado com o tempo histórico, com a época, viabiliza-se uma representação realista mais profunda da realidade” (BAKHTIN, 2011, p. 215), cuja matéria literária (considerada pelo teórico como fluida) não estanque e interpenetrável reforça a hibridez e ductilidade do gênero romanescos, principalmente do *Bildungsroman*.

Estabelecendo outra perspectiva dentro das modalidades romanescas, o teórico demonstra através do desmembramento do romance de educação, cuja “formação substancial do homem”

rompe com a imagem de uma personagem estática e “pronta”, para a mobilidade e “unidade dinâmica da imagem da personagem” (BAKHTIN, 2011, p. 219). O teórico russo toma por base a relação do herói com o mundo exterior, centrado no processo de transformação do protagonista no decorrer da narrativa – elemento esse de conduta variável e que se constrói pelo devir – Bakhtin reflete a respeito do romance de educação e seus subtipos; o primeiro tipo, de natureza cíclica repete-se a cada jornada da vida num tempo idílico que apresenta a trajetória do herói da infância à senectude “revelando-se todas as mudanças interiores substanciais no caráter e nas concepções de mundo que no homem se processam com a mudança da idade” (BAKHTIN, 2011, p. 220). A vertente seguinte, também, de formação cíclica prossegue apresentando as etapas da existência do indivíduo, acentuando os sentimentos e ideologias que ocupam lugar a cada etapa de “crescimento” para caracterizar-se “pela representação do mundo e da vida como experiência, como escola, pela qual todo e qualquer indivíduo deve passar” (BAKHTIN, 2011, p. 220), adquirindo assim destaque como a forma imaculada no romance clássico de educação em fins do século XVIII. O seguinte, não apresenta tempo cíclico, pois consiste na biografia (autobiografia) como “resultado de todo um conjunto de mutatórias condições de vida e acontecimentos, de atividade e de trabalho”, agentes formantes do caráter do protagonista; O quarto tipo é denominado romance didático-pedagógico; nesse, se processa a educação pedagógica em sentido literal baseada numa ideia de educação seguida em sua totalidade ou apenas parcialmente. Dentre os cinco tipos mencionados pelo teórico russo, o último é considerado o de maior importância, pois “nele a formação do homem se apresenta em indissolúvel relação com a formação histórica” (BAKHTIN, 2011, p. 221). Considerando o *status* da personagem como uma “grandeza variável”, fator esse basilar ao desenvolvimento do enredo, “a formação do homem efetua-se no tempo histórico real com sua necessidade, com sua plenitude, com seu futuro, com seu caráter profundamente cronotópico” (BAKHTIN, 2011, p. 221). Desse modo, compreendido através das transformações dos “fundamentos do mundo”, assim como seu reflexo nas mudanças no indivíduo localizado no ponto de transição que “se efetua nele e através dele” (BAKHTIN, 2011, p. 222), o romance de formação, no bojo desse processo, no qual a formação humanística do protagonista se torna multifacetada nas literaturas de países pluriétnicos, culminam numa dissolução e reconstrução das concepções clássicas romanescas. Nesse contexto, as observações bakhtinianas quanto à conduta variável do protagonista se estendem pelo olhar contemporâneo sobre o gênero, apresentando um

desenvolvimento do ator social (TOURAINÉ, 1994) como um devir sempre postergado e que é introjetado no âmbito das negociações culturais e na releitura social ofertada pelo romance.

Conforme observamos nas narrativas *Obasan*, de Joy Kogawa e *Everything Was Good-Bye*, de Gurjinder Basran, o romance de formação torna-se lócus de uma retomada histórica de desenvolvimento do humano e do social que ocorrem simultaneamente. A exemplo de Naomi e Meena, as respectivas protagonistas dos romances supracitados, a vivência dentro da experiência de grupos minoritários abre espaço para o diálogo particularmente evidente no que diz respeito à ênfase as negociações entre culturas e os processos de transição/transformação. Dessa forma, o romance de formação enraíza o eu individual no sentido sócio-político mais amplo dentro da realidade comunitária, ao mesmo tempo em que traz a lume os conflitos sociais enfrentados, pelas minorias, no passado e que reverberam pelo presente. Nesse sentido, de apontar que, ao discorrer sobre o desenvolvimento do romance de formação e a construção do herói romanesco, Mikhail Bakhtin afirma que as narrativas cujas práticas mais recentes são oriundas da pós-modernidade, se tornaram espaço da crítica social e gênero propício à reflexão sobre as divisões sociais. Segundo destaca Carolina Núñez Puente (2006, p. 126), talvez “O Bildungsroman tipo cinco de Bakhtin poderia servir de manifesto romanceado para aqueles pertencentes às classes subalternas”<sup>269</sup>.

Conforme relata Jorge Vaz de Carvalho (2010), o *Bildungsroman*, em seu desenvolvimento como gênero, estabelece três etapas evolutivas originárias dos rompimentos com sua normatividade tradicional. Essas foram subdivididas, num primeiro momento, entre fins do século XVIII e meados do século XIX, período caracterizado como ascendente na realização da *Bildung* (formação), pois as narrativas indicam uma evolução harmônica das qualidades e faculdades do protagonista, “cujo carácter eventualmente otimista aponta para a necessidade da perfeita conjugação de individualismo e holismo” (CARVALHO, 2010, p. 134). Em contrapartida, a maior parte do século XIX e primeira década do século XX são regidas pela pragmática social, na qual a cultura de integração anteriormente harmônica torna-se uma relação conflituosa para com as aspirações do indivíduo. Esse terceiro período, com o advento do Modernismo e percorrendo todo o século XX, já indica que o indivíduo ficcional opta por conceber seus próprios valores formativos, julgando não ser necessário nenhum tipo de integração social, construindo assim a afirmação identitária através de processos ambivalentes e híbridos, pois “o Bildungsroman

---

<sup>269</sup> “Bakhtin’s Bildungsroman of type five could serve as a novelized manifesto for those who belong to the subaltern (classes)”.

modernista incentiva a emergência de novas concepções de auto formação concernentes a evasão e resistência à socialização, com esferas sociais desarmonicas, ou com processos híbridos e ambivalentes da formação identitária, por vezes traumáticos” (CASTLE, 2006, p. 64)<sup>270</sup>. Nesse sentido, com o advento dos estudos pós-coloniais, aliados aos movimentos feministas e à imposição das “ditas” minorias por maior visibilidade e inserção dentro dos espaços da cultura dominante, é que durante as décadas de 80 e 90, esses fatores conduziram à expansão da definição do *Bildungsroman* tradicional (BOES, 2006), gerando narrativas comumente associadas às questões de raça, classe, gênero, entre outros, fatores esses colaboradores das articulações pós-coloniais. Assim, ao romance de formação foi sendo adicionado um sentido deveras globalizado e fragmentário que “realiza, pois, a representação realista do mundo existente, em cuja crise habita o herói complexo e problemático na sua adequação à sociedade que não pode ser morada da alma, na situação ambígua e desconfortável entre pertencer à comunidade e ser-lhe solitariamente estranho” (CARVALHO, 2010, p. 97).

Deste modo, considerado um gênero híbrido e adaptável, o *Bildungsroman* ou romance de formação caminhou para além dos limites germânicos, principalmente na produção de escritores dos séculos XX e XXI na Europa e Américas. Nas Américas, foi através da escrita dos povos marginalizados (*outsiders*), fonte da ressurreição do gênero (BRAENDLIN, 1983), que essas literaturas favoreceram a desenvoltura do romance de formação como forma de explorar a complexidade das múltiplas identidades de povos migrantes, mestiças(os) e mulheres, com destaque para as literaturas chicanas e latino americanas, assim como as canadenses. Representativamente, as narrativas pertencentes aos grupos minoritários foram responsáveis por subverter o modelo tradicional do romance de formação a visões alternativas de subjetividades, questionando as formas institucionalizadas do fazer literário. Obviamente o termo ‘minoritário’ aqui está vinculado a toda uma engrenagem que subentende relações de poder que ainda se mantêm atuando sobre tais relações sociais entre diferentes grupos, oprimindo e discriminando alguns em benefício de outros. Maas (2000, p. 62) esclarece que o *Bildungsroman* “por sua extrema generalidade e flexibilidade, é capaz de ‘dar conta’ da grande diversidade que se abriga sob o

---

<sup>270</sup> “the modernist Bildungsroman encourages the emergence of new conceptions of self-formation concerning with evading and resisting socialization, with disharmonious social spheres, or with hybrid, ambivalent, sometimes traumatic processes of identity formation”.

conceito”. Assim, o romance de formação na contemporaneidade se estabelece como a narrativa de reescrituras que coloca em xeque a centralidade das vozes dominantes.

### 3.2 – *Bildungsroman* no contexto canadense

Dentro do contexto norte-americano, Viet Thanh Nguyen afirma que os *Bildungsromane* apresentados, como narrativas de minorias culturais, introduzem a temática do reconhecimento aos grupos racializados e sua inserção dentro da cultura dominante como reivindicação de uma história e passado em comum. O estudioso destaca que afirma que,

o *bildungsroman* é de importância fulcral tanto para a literatura americana em geral, como para a asiática americana em particular, sendo que esse gênero serve como um veículo formal para a representação do desejo tanto dos excluídos por assimilação e mobilidade ascendente, assim como dos limites impostos a essas possibilidades pela sociedade dominante no que diz respeito às mulheres e as minorias” (NGUYEN, 2002, p. 93) <sup>271</sup>

Mediante esse cenário, voltamos nosso olhar à presença do *Bildungsroman* na literatura canadense como forma de estabelecer as conexões necessárias no que se refere à importância desse gênero nas narrativas de autoria feminina, em nosso caso, narrativas de mulheres asiático-canadenses, tessitura essa que norteia nosso trabalho, a fim de ilustrarmos os caminhos percorridos até o ressurgimento do gênero como locus propício a tal produção.

Observa-se que, no Canadá, o *Bildungsroman* se estabelece em sua quase totalidade durante o século XX, aliado a um processo histórico de desenvolvimento narrativo, a princípio, similar à patente britânica difundida por Dickens, Eliot, Meredith entre outros. Segundo assertiva do teórico Gordon Turner (1979), a tradição do *Bildungsroman* canadense está vinculada a parâmetros específicos ligados a períodos de tempo peculiares. A classificação sugerida por Turner (1979, p.3) estabelece quatro etapas: a primeira, entre os anos de 1908 a 1930: “o protagonista aceita os valores culturais estabelecidos e um papel para o seu futuro de acordo com os termos

---

<sup>271</sup> “The bildungsroman is centrally important to both American literature in general and Asian American literature in particular, where the genre offers a formal vehicle for representing both the outsider’s desire for assimilation and upward mobility as well as the limits imposed on those possibilities by dominant society in regard to women and minorities”.

ditados pela sociedade”<sup>272</sup>. A data relativa ao início dessa primeira etapa está relacionada à publicação do romance *Anne of Green Gables* (1908), da escritora canadense Lucy Maud Montgomery, cuja narrativa “iniciou a sondagem na consciência individual, fator esse que caracteriza a escrita na tradição canadense do amadurecimento” (TURNER, 1979, p. 10)<sup>273</sup>. A narrativa de Montgomery inaugura oficialmente o curso histórico do romance de formação na literatura canadense. O desenvolvimento da protagonista chamada Anne “ilustra perfeitamente em seu delinear da experiência e imagística relacionada o espírito de acomodação aos valores da vida adulta” (TURNER, 1979, p. 25)<sup>274</sup>. Posteriormente, os romances de formação que compreendem os anos entre 1930 a 1947 se configuram sob o mesmo direcionamento; no entanto, o protagonista demonstra traços reflexivos ao questionar os parâmetros e valores sociais que lhe são impostos. Porém, ao final, esses são incorporados pelo indivíduo. Os valores sociais com os quais o protagonista se defronta são geralmente representados por um membro da família o qual retém em sua imagem o exemplo predominantemente estipulado dentro das convenções impostas. Já o período entre os anos de 1947 a 1950 é denominado de intermediário. Nele o protagonista do romance de formação é disposto entre duas direções distintas, logo “eles querem abandonar os valores do lar e da família em prol de uma liberdade imaginária e percepção do alcance de um mundo mais abrangente, no entanto são forçados pela sua própria natureza (tal como se desenvolveu no seio familiar) a permanecerem inertes” (TURNER, 1979, p.11)<sup>275</sup>.

Outrossim, os períodos estabelecidos são transpassados por alguns fatores que se estabelecem como pontos de referência ao *Bildungsroman* no contexto canadense. Segundo discorre Connie Bellamy (1989, p. 328) dentre os mais recorrentes, podemos destacar – a identidade, a sobrevivência e a ironia. Em relação à identidade, essa se conjuga como um dos principais elementos que gera “no contexto específico canadense, o debate sobre a identidade nacional que se torna particularmente convincente, uma vez que há uma dificuldade geral em se definir uma nação marcada pela notável diversidade das populações do Canadá” (HAMMILL,

---

<sup>272</sup> “the protagonist accepts the established cultural values and a role for his future in line with society’s terms”.

<sup>273</sup> “began the probe into individual consciousness that characterizes writing in the Canadian growing-up tradition since that time”.

<sup>274</sup> “illustrates perfectly in its delineation of experience and related imagery the spirit of accommodation to the values of adulthood”.

<sup>275</sup> “they want to leave the values of home and family for an imagined freedom and sense of scope in the larger world, but are forced by their very nature (as it has developed within the family) to remain inert”.

2007, p. 1-2)<sup>276</sup>. A multiplicidade étnica presente no país se processa desde a chegada dos colonizadores franceses e ingleses até a abertura dos portos aos mais variados povos, fato esse, que acentua a complexa rede social que busca unidade na diversidade (marca identitária nacional) e que emerge como resultado das tensões globais e locais nas articulações sobre a canadianidade (*Canadianness*). Desse modo, a identidade se insere no *Bildungsroman* como uma busca do próprio protagonista por firmar-se dentro da esfera social majoritária, assim como dentro da comunidade étnica a qual pertence (no caso dos escritos das minorias) resultando num embate entre as forças sócio-político-culturais. Corroborando com o aspecto anterior, a sobrevivência condiz com o conceito reformulado por Northrop Frye (1995), a partir da concepção desenvolvida por Margaret Atwood em seu trabalho intitulado *Survival: a thematic guide to Canadian literature* (1972), que trata da sobrevivência em terra hostil e inóspita e que se converte numa odisséia social do indivíduo em “crescimento”. Para Frye (1995, p. 324) “a palavra sobrevivência implica em viver uma série de crises, cada uma delas inesperada e diferenciada das outras, cada uma delas a ser alcançada em seus próprios termos”<sup>277</sup>, indicando, assim, um conceito basilar presente no *Bildungsroman* e que está relacionado diretamente aos processos de crescimento do protagonista. A sobrevivência, por sua vez, torna-se uma superação às intempéries sociais e do espírito, etapas essas necessárias e pelas quais o mesmo deve passar para garantir o seu desenvolvimento.

Outro aspecto, diz respeito à ironia, denominada por Linda Hutcheon (1992) como uma atitude literária tipicamente canadense, pois “a experiência do Canadá como colônia conduz a literatura Canadense a ser extraordinariamente pessimista e irônica” (HUTCHEON, 1992, p. 13). A ironia emerge juntamente à sátira já no século XIX, estabelecendo conexões quanto à construção do cidadão canadense, a princípio com sua duplicidade (*doubleness*) entre as culturas oriundas de colonos ingleses e franceses para posteriormente destacar-se pelo reconhecimento de sua multiplicidade. Incitando a tomada de posição entre a cultura dominante (White privilege) e as minorias, a ironia se estabelece como um tropo em relação à história e à natureza do país, assim “o espaço restrito à ironia no Canadá foi mapeado ao longo de mais de um século de negociações das suas várias dualidades e multiplicidades que vieram a definir esta nação” (HUTCHEON, 1991,

---

<sup>276</sup> “in the specific context of Canada, the question of national identity becomes particularly compelling, since the general difficulty of defining a nation is compound by striking diversity of Canada’s populations”.

<sup>277</sup> “the word survival implies living through a series of crises, each one unexpected and different from the others, each one to be met on its own terms”.

p. 7)<sup>278</sup>. No contexto do *Bildungsroman*, a ironia acompanha o desenvolvimento da nação, assim como de seus protagonistas imersos nos embates dissonantes na elaboração de um eu nacional, contrapondo-se ao discurso regido pela cultura majoritária como forma de resistência. Poderíamos também considerar o aspecto irônico do fato do Canadá buscar, sempre com certa ambiguidade, diferenciar-se de seu vizinho anglófono, os Estados Unidos, que por muito tempo conseguiram engolir as tentativas das letras canadenses em língua inglesa de se tornarem, de fato, independentes e completamente diferenciadas da literatura do país vizinho.

Contudo, o *Bildungsroman* na ficção canadense adquiriu vida própria a partir do deslancar literário entre as décadas de 50 e 60, concomitante à pluralidade étnica que banhava a nação e suas letras. Assim “o romance anglófono canadense manifesta uma forte tendência para a metaficção historiográfica e para os subgêneros do *Bildungsroman* e *Künstlerroman*” (NISCHIK, 2008, p. 23)<sup>279</sup>. A ampliação da diversidade étnica no país corroborou não apenas na mudança demográfica, mas atribuiu traços múltiplos às vozes culturais em seu legado literário. Nesse sentido, o romance de formação se integra à progressão no crescimento da nação “dentro e fora do cânone, de qualquer forma construído, ele torna-se uma verdadeira obsessão nos romances de desenvolvimento individual da virada do século até meados do mesmo, experienciados como transições da juventude à maturidade (ou seu fracasso)” (WILLMOTT, 2002, p. 17)<sup>280</sup>. Atrelado à busca por afirmação identitária, o *Bildungsroman* no contexto canadense não possui um final no sentido goethiano da aprendizagem bem sucedida e consequente incorporação ao sistema social, pois seus protagonistas se encontram em estado fragmentário e de incompletude. Conforme destaca Nguyen (2002, p. 93):

textos asiático Americanos como *America Is in the Heart* de Carlos Bulosan, *No-No Boy* de John Okada, *Nisei Daughter* de Monica Sone, e *Obasan* de Joy Kogawa muitas vezes tentam impedir o tipo de fechamento narrativo associado ao *bildungsroman* tradicional apesar das semelhanças formais que eles compartilham com o gênero. Os personagens principais são muitas vezes fragmentados e divididos”<sup>281</sup>.

---

<sup>278</sup> “the particular space of irony in Canada has been mapped out over more than a century of negotiating the many dualities and multiplicities that have come to define this nation”.

<sup>279</sup> “the English-Canadian novel shows a strong tendency toward historiographic metafiction and the subgenres of the *Bildungsroman* and *Künstlerroman*”.

<sup>280</sup> “within and without the canon, however constructed, it appears a veritable obsession from turn-of-the-century to mid-century novels of individual development, experienced as transitions from youth to maturity (or their failure)”.

<sup>281</sup> “Asian American texts such as Carlos Bulosan’s *America Is in the Heart*, John Okada’s *No-No Boy*, Monica Sone’s *Nisei Daughter*, and Joy Kogawa’s *Obasan* often attempt to prevent the type of narrative closure associated with the *bildungsroman* despite formal similarities they share with the genre. The main characters are often fragmented and divided”.



Como veremos, o *Bildungsroman* nesse contexto introduz uma protagonista cujo horizonte não é nítido e cuja maturidade atinge apenas o limiar do processo, ou seja, a personagem continua aberta as mudanças e a novas negociações a serem propostas. Além disso, segundo destaca Linda Hutcheon (1986, p. 226):

o bildungsroman tradicional também assume diferentes formas e ênfase quando o indivíduo é feminino. Em outras palavras, enquanto o feminismo crítico fez com que o pós-estruturalismo seguisse em direções antes improváveis, de forma semelhante, a ficção, por intermédio de mulheres escritoras, no Canadá e em outros lugares, realmente forjou mudanças no romance, tanto em suas formas tradicionais como em seus temas.<sup>282</sup>

Conforme destaca Glenn Willmott (2002, p.22) o romance de formação no período moderno instituiu uma dialética entre o real e o imaginário (ou idealizado), sendo que essa dualidade é “marcada pelas particularidades históricas canadenses – províncias, raças, classes, gêneros, línguas – para as quais os novos ideais devem se adaptar ou corresponder”<sup>283</sup>. Em sua análise voltada à experiência canadense, Willmott (2002) destaca alguns romances e suas respectivas personagens<sup>284</sup> inseridos no gênero *Bildungsroman* com a finalidade de demonstrar que o século XX implementou uma das metáforas principais – a juventude – “correlacionada com a fase inicial da nação” (WILLMOTT, 2002, p. 19)<sup>285</sup>, ou seja, o desenvolvimento do Canadá como nação estava atrelado ao desenvolvimento do protagonista do *Bildungsroman*.

Desse modo, em seu curso histórico, o romance de formação na ficção canadense mantém uma dialética entre as imposições sociais e os desejos individuais semelhantes ao protótipo goethiano, mas que gradativamente, como ocorre nos subgêneros do *Bildungsroman*, adquirem partículas diferenciais devido, principalmente, às demandas migratórias que predispõem a criação dos espaços denominados de entre lugar (Bhabha), fator esse, ampliador das distâncias sociais e

---

<sup>282</sup> the traditional bildungsroman also takes on different forms and emphases when the subject is female. In other words, while critical feminism has pushed post-structuralism in directions it could not and would not have gone, so fiction by women writers, in Canada and elsewhere, has actually wrought changes in the novel, in its traditional forms as well as its themes”.

<sup>283</sup> “marked by Canadian historical particularities – regions, races, classes, genders, languages – to which the new ideals must adapt or correspond”.

<sup>284</sup> “*The Imperialist* (Lorne and Advena), *Anne of Green Gables* (Anne), *Whiteoaks of Jalna* (Finch), *Possession* (Derek), *Settlers of the Marsh* (Niels), *Wild Geese* (Lind), *White Narcissus* (Richard), *Rockbound* (David), *Strange fugitive* (Harry), *Such Is My Beloved* (Dowling), *Waste Heritage* (Matt), *Deep Hollow Creek* (Stella), *Roger Sudden* (Roger), *Barometer Rising* (Penelope), *Two Solitudes* (Paul), *Who Has Seen the Wind* (Brian), *As For Me and My House* (I), *By Grand Central Station I Sat Down and Wept* (I), *In Search of Myself* (I), *Hetty Dorval* (Frankie), *The Nymph and the Lamp* (Isabel), *The Mountain and the Valley* (David)...and so on”. (WILLMOTT, 2002, p.17)

<sup>285</sup> “correlated with the youth of its nation”.

possibilidades ofertadas ao protagonista do romance. Ao final da década de 50, o romance de formação adquire novas nuances, tornando-se mais condescendente quanto à liberdade de escolha e possibilidade de mudança do protagonista. Esse período, que culmina na década de 60 com o movimento denominado de Renascimento da literatura canadense, juntamente com a dissolução das barreiras migratórias, se tornam fatores chave e responsáveis por “uma nova autoconsciência cultural” (ROSENTHAL, 2008, p. 300)<sup>286</sup>. Enredados, assim, numa busca reflexiva para além dos limites comunitários e familiares, as décadas posteriores aproximam as instabilidades dos valores dominantes e a globalização do espaço nacional. Regendo a marca do global no local, a literatura canadense tenciona as relações e histórias de deslocamento e pertencimento.

O Bildungsroman desde 1971 confirma e amplia o padrão de desfecho em aberto, que é uma realidade nos romances dos anos sessenta. Os protagonistas desses romances de desenvolvimento possuem a mesma necessidade de romper com as tradições familiares [...]. A única diferença merecedora de nota é uma postura mais caústica e negativa tomada com respeito à geração dos pais. No Bildungsroman desse período, a separação do ‘lar-casa-família’ é vista como essencial para a existência, algo necessário à sanidade. (TURNER, 1979, p. 12)<sup>287</sup>

Nesse contexto, a partir do florescimento do Women’s Studies no Canadá por volta da década de setenta, o foco sobre a experiência feminina ampliou suas áreas de atuação – na História, antropologia, literatura entre outras disciplinas – vinculadas num primeiro momento à segunda onda do feminismo. Segundo destaca Linda Hutcheon (1986, p. 202) “uma das mais interessantes ampliações durante os anos de 1970 e começo dos anos de 1980 foi que tanto homens quanto jovens mulheres se tornaram o foco do formato Bildungsroman”<sup>288</sup>. Em narrativas como *Lives of Girls and Women* (1971), *The Diviners* (1974) e *Lady Oracle* (1976) das respectivas escritoras Alice Munro, Margaret Laurence e Margaret Atwood, o romance de formação feminino ilustra diferentes perspectivas adotadas e a forma na qual essas se apropriaram do gênero, participativo da construção da identidade nacional e de uma consciência literária feminina. Conforme assertiva de McWilliams (2009, p. 54), o romance em destaque da escritora Alice Munro aparentemente

---

<sup>286</sup> “a new cultural self-awareness”.

<sup>287</sup> The Bildungsroman since 1971 confirms and extends the pattern of open-ended denouement that is a fact in the novels of the 1960’s. Protagonists in these growing-up novels have the same need to break from the family traditions [...] The only difference in any note is a more caustic and negative stance taken toward the parental generation. In the Bildungsroman of this period, separation from ‘hearth-home-family’ is viewed as essential to being, as necessary to sanity”.

<sup>288</sup> “one of the most interesting developments during the 1970s and early 1980s was that young women, as well as men, became the focus of the Bildungsroman form”.

possui em sua trama todos os aspectos do *Bildungsroman* clássico, revelando através de fases distintas a representação do desenvolvimento de sua protagonista (Del); já os romances de Laurence e Atwood se voltam para a busca da ancestralidade e a criação de mitos culturalmente significativos para as protagonistas, e “exploram a necessidade de ancestrais, lendas, pelo que seja significativo ao mesmo tempo pessoalmente e culturalmente” (MCWILLIAMS, 2009, p. 56)<sup>289</sup>. Na escrita feminina canadense, essa busca se voltou a elementos de referência, “por uma antepassada literária” (KUESTER, 1994, p. 146)<sup>290</sup> comum, por mitos, tradições como modelos fundacionais que representaram na escrita feminina branca os discursos em prol de uma identidade nacional dividida, a princípio, pelo binarismo oriundo dos povos colonizadores ingleses e franceses. Após a abertura dos portos e reconhecimento das pluralidades existentes no país, endossado pelas políticas multiculturais que ampliaram significativamente o conjunto das literaturas no Canadá, foi se estabelecendo um novo capítulo voltado à escrita de povos migrantes não brancos. As narrativas apresentadas nessa nova conjuntura reescrevem a canadianidade através da ultrapassagem de limites fixos, da desconstrução de binarismos, expandindo a capacidade de representação do sujeito integrado às mobilidades da contemporaneidade.

De acordo com Beverly Rasporich e Tamara Seiler (1999, p. 313), posteriormente, deu-se o estágio literário contemplado pela segunda geração de escritores anglófonos, frutos dos processos migratórios no país, que ampliaram significativamente a leitura das experiências dos grupos minoritários em narrativas “frequentemente enquadradas na forma confessional, um ato um tanto arriscado de quebra do silêncio”<sup>291</sup>. Comprovadamente, o romance de formação ou *Bildungsroman* no contexto canadense “funciona como o gênero mais proeminente para a literatura dos párias, especialmente de mulheres ou grupos minoritários” (HIRSCH, 1979, p. 300)<sup>292</sup>. Ao empregarmos o termo ‘párias’, seguindo Hirsch, como referência àqueles excluídos socialmente, retomamos a abordagem de Eleni Varikas (2010, p. 49) e sua análise sobre a metáfora do pária que concede nome às novas hierarquias socioculturais. De acordo com a teórica, “o pária está ligado a circunstâncias de uma configuração sociopolítica particular, que constrói a diferença como um desvio [...]; ele mobiliza a temática do exílio interior de uma humanidade ‘deslocada’, fora de lugar num mundo que confunde a unidade do gênero humano com sua identidade”. Sendo

---

<sup>289</sup> “it explores the need for ancestors, legends, a past that is meaningful both personally and culturally”.

<sup>290</sup> “for a literary foremother”.

<sup>291</sup> “often framed as confessional, a somewhat risky act of ‘breaking the silence’”.

<sup>292</sup> “function as the most salient genre for the literature of social outsiders, primarily women or minority groups”.

um termo originário da Índia e que possui relação direta com a visão bramânica da intocabilidade (VARIKAS, 2010), tal conceito emerge nos espaços literário e político europeu no século XVIII, adquirindo em língua inglesa acepções pejorativas com o sentido de ‘marginal’, ‘gentilha’, já nos contextos francês, alemão e americano “prevaleceu amplamente as significações críticas que designam a exclusão, a desigualdade e a injustiça” (VARIKAS, 2010, p. 31). Inserido no contexto das Américas, mais especificamente nas políticas empregadas no Canadá, a palavra se aplica como um indicador das imposições hegemônicas. Enunciando a identidade daquele discriminado, o termo reflete na adjetivação das literaturas minoritárias o indicativo da exclusão e desigualdades, já que o pária é assim taxado pelo outro dominante, que acredita poder classificá-lo como tal. Esse lugar indesejado, de definições subjetivas que desqualificam o indivíduo na posição do outro são largamente verificáveis nas narrativas de Kogawa e Basran e suas abordagens quanto à vivência diaspórica dos filhos de imigrantes.

Reconhecido prioritariamente por “sua” diferença, ele (ou ela) é marcado(a) como membro de uma categoria à parte, mesmo se desfrutando formalmente de uma igualdade de direitos. Mas o caráter sistemático da marca permanece invisível num sistema em que a categorização discriminatória, mesmo tendo expressão legal, deve sempre permanecer implícita [...] Essa mescla *sui generis* de visibilidade/invisibilidade é, assim, a segunda consequência dessa construção da diferença. (VARIKAS, 2014, p. 88)

Os romances que compõem nosso corpus literário introduzem cada protagonista, ou seja, Naomi e Meena, indicando problemas no que se refere à simetria dos processos inclusivos dos nipo-canadenses e indo-canadenses configurando as relações sociais de dominação e de exclusão sintomáticas dos processos migratórios. Em *Obasan*, Naomi assim como outros nipo-canadenses vive um pós-guerra de exclusão social mesmo após o movimento de reparação (denominado redress) e relocação social. Conforme observamos na seguinte passagem, Naomi é questionada por um de seus alunos quanto a sua aparência, questionamento esse que a conduz a rememorar os primeiros anos trabalhando como professora, emprego no qual recebia o olhar alheio, “Minha mãe diz que você não parece velha o suficiente para ser professora”. [...] Deve ser o meu tamanho [...]. Quando eu comecei a ensinar há dezesseis anos atrás havia olhares surpresos quando os pais vinham até a porta da sala de aula. Foi minha juventude ou meu rosto oriental? Eu nunca soube

distinguir qual” (OBASAN, 1981, p. 6)<sup>293</sup>. Em *Everything Was Good-Bye*, Meena adquire desde a infância a percepção da exclusão indireta, um vilipêndio velado oriundo do preconceito instigado pela cultura dominante branca.

“Crystal, e quanto a você?” [...] o cabelo dela era platinado como o da boneca Barbie com as quais nós costumávamos brincar no intervalo. Uma vez no jardim de infância ela me convidou para ir à casa dela brincar com o conjunto de piscina e barraca da Malibu Barbie. Eu não sabia o que uma cabana significava, mas estava ansiosa para descobrir [...] com a Barbie na mão, eu bati na porta da sua nova casa de cedro de dois andares. Quando a mãe dela abriu a porta, eu disse que estava ali para ver Crystal. Ela parecia irritada e disse, “Crystal foi à casa de uma amiga para brincar. Ela deve ter esquecido de você, querida”. Quando eu não respondi, ela levantou a voz e repetiu devagar da mesma forma que o caixa da farmácia falava quando minha mãe respondia num inglês meio quebrado. Eu me virei e pedalei pela vizinhança por duas horas, pois eu não queria explicar para minha mãe o motivo de estar em casa tão cedo. Ela me alertou sobre as pessoas brancas e eu não queria que ela pensasse que estava certa. (BASRAN, 2010, p. 21-22)<sup>294</sup>

Com foco na escrita de autoria feminina o termo “pária” adquire relação ao sentido de pertença. Segundo destaca VARIKAS (1989, p. 26) “entre as mulheres, entretanto, a exterioridade presente na metáfora pária, o fato de estarem ‘fora de’, designa mais do que uma situação objetiva de exclusão legal; ela diz respeito igualmente à impossibilidade de pertencer de forma integral à comunidade (religiosa, étnica, social ou intelectual) a qual pertence”. Essa atribuição recai sobre os romances em análise no tocante às inquietações dos processos transculturais que ampliam a gama de negociações (identitárias e de pertença), coadunando com o gênero em destaque, pois se tratando de uma forma narrativa que aborda as realidades e restrições sociais impostas ao indivíduo, o *Bildungsroman* favorece a leitura das mobilidades sociais, tornando-se um gênero comumente utilizado por aqueles relegados à margem da sociedade e que buscam uma maior visibilidade como parte integrativa do sistema dominante.

---

<sup>293</sup> “My mother says you don’t look old enough to be a teacher” [...]. It must be my size [...]. When I first started teaching sixteen years ago there were such surprised looks when parents came to the classroom door. Was it my youthfulness or my oriental face? I never learned which”.

<sup>294</sup> “Crystal, how about you?” [...] Her hair was as platinum as that of the Barbie dolls that we used to play with at recess. Once in Grade 3 she’d invited me over to her house to play with her Malibu Barbie pool and cabana set. I didn’t know what a cabana was but was eager to find out [...] Barbie in hand, I knocked on the door of her new cedar split-level home. When her mother opened the door I told her I was there to see Crystal. She seemed annoyed and said, “Crystal has gone to her friend’s house to play. She must have forgotten you, dear”. When I didn’t reply, she raised her voice and repeated herself in the slow, mannered way that the cashier at the drugstore used when my mother spoke in broken English. I turned away and rode my bike around the neighbourhood for two hours so I wouldn’t have to explain to my mother why I was home so soon. She had warned me about white people and I didn’t want her to think that she was right.

De modo que “ler” a figura do pária não é reencontrar o apelo que se esconde sob o sentido inicial, mas explorar o campo semântico produzido pela tensão entre o sentido inicial e o metafórico. Um campo incessantemente enriquecido por novas interpretações e histórias prontas para fluir nas experiências vividas, até então silenciosas ou inéditas [...] Como sua mobilidade vem da extraordinária capacidade dos seres humanos de reinterpretar, decifrar e reescrever o “semelhante” modelado pelos outros, a figura do pária permite captar essas *estruturas de sensibilidade*, percepções do social e subjetividades em sua transformação e interação (VARIKAS, 2014, p. 72)

Nesse sentido, “a teoria e os conceitos contemporâneos vêm refletindo, nos últimos anos a trajetória da crítica quando utilizada em relação ao gênero, como prova da existência de uma “nova versão” do *Bildungsroman* que já não reintroduz o mesmo legado de coerência original ou integração idealizada” (BOLAKI, 2011, p. 18)<sup>295</sup>. Segundo afirma Braendlin (1983), esse “novo” *Bildungsroman* “afirma uma identidade definida pelos próprios marginalizados ou por suas próprias culturas [...] que evidenciam uma reavaliação, uma transformação da tradicional *bildung* sob novos padrões e perspectivas”<sup>296</sup>. Transforma-se, então, em terreno propício à escrita de povos minoritários no interior do sistema majoritário, praticamente viabilizando uma construção identitária que desautoriza outras construções impostas anteriormente de características bastante negativas merece destaque o feito de que, o romance de formação “é também uma ferramenta importante para a formação da identidade canadense, particularmente em relação à ficção Aborígene e Imigrante” (MCWILLIAMS, 2009, p. 21)<sup>297</sup>, pois estabelece espaço vital à expressão narrativa das vozes marginalizadas, renegociando paradigmas tradicionais tanto literários quanto raciais e de gênero.

Essas foram algumas das vozes silenciadas a serem ouvidas mais ruidosamente na ficção canadense no final dos anos setenta. Mas eles não foram os únicos. Esse período também presenciou o romance de formação (escrita) de uma geração de imigrantes ou filhos de imigrantes, alguns dos escritos em língua inglesa, outros na língua nativa de cada um. Os romances desses povos eram frequentemente autobiografias ficcionalizadas, as quais adquiriram a forma de uma saga de gerações ou *Bildungsroman* (HUTCHEON, 1986, p. 193)<sup>298</sup>

---

<sup>295</sup> “Contemporary theory and concepts reflecting the trajectory of criticism in recent years, when used in relation to the genre, provide proof of the existence of ‘a new version’ of the *Bildungsroman* that does not reintroduce the same legacy of originary coherence or idealized integration”.

<sup>296</sup> “asserts an identity defined by the outsiders themselves or by their own cultures [...] it evinces a revaluation, a transvaluation, of traditional *Bildung* by new standards and perspectives”.

<sup>297</sup> “is also an important tool in the forging of Canadian identity, particularly in relation to Native Canadian and immigrant Canadian fiction”.

<sup>298</sup> “These were among the once muted voices to be heard more loudly in Canadian fiction by the late 1970s. But they were not the only ones. This period also saw the coming of (writing) age of a generation of immigrants or children of

Desse modo, o romance de formação que emerge das literaturas de minorias étnicas aborda o desenvolvimento dos protagonistas inseridos no entre lugar das culturas predominantes em sua vivência, gerando ou tornando visíveis conflitos, principalmente, entre a cultura ancestral (por vezes mais tradicional e/ou patriarcal) e a de chegada. Nas narrativas de formação canadense geralmente coabitam as dissonâncias próprias do racismo e intemperismos dos processos migratórios de forma concomitante ao crescimento do/a protagonista, conforme supracitado, nos quais os aspectos identitários de construção do cidadão e do *self* da personagem acompanham um mesmo ritmo. A exemplo das narrativas propostas em nosso estudo, tanto *Obasan* (1981) quanto *Everything Was Good-Bye* (2010) abordam, ao longo dos enredos apresentados, a perseguição às minorias asiáticas, via fatos históricos, por via da memória, que repercutindo na trama, são introduzidas como uma contra história capaz de repensar os paradigmas tanto da literatura quanto da própria cultura canadense. Assim, “a literatura Canadense reflete a experiência da diferença numa sociedade em grande parte heterogênea e multiétnica” (KUESTER, 1994, p. 147)<sup>299</sup>. Essas narrativas sobre identidades em deslocamento (ou ainda recentemente assentadas) ampliam as vertentes do romance de formação feminino, influenciando a história da literatura canadense e na história da escrita de mulheres em geral. Segundo destaca McWilliams (2009, p.150):

O Bildungsroman feminino canadense, então, apresenta o crescimento e desenvolvimento pessoal e artístico de acordo com as inflexões da literatura Canadense contemporânea, conforme as escritoras canadenses reavivam e sustentam o gênero com novos e diversificados contextos. Além disso, o mesmo tem exposto difíceis questões e desafios que provaram ser capazes de alterar os discursos dominantes sobre a identidade nacional canadense.<sup>300</sup>

Desse modo, o romance de formação voltado à experiência das minorias apresenta traços narrativos que intercalam aspectos históricos e dilemas identitários vis-à-vis as questões político sociais. Outros tópicos também estão presentes, relacionados não apenas às questões impostas pela cultura dominante, mas, sobretudo às comunidades e a herança ancestral. Ambas as perspectivas estão aliadas ao impacto gerado pelas pressões à assimilação, desencadeadoras na trama narrativa

---

immigrants, some writing in English, others in their native tongues. Their novels were frequently fictionalized autobiographies which either took the form of a generational saga or a Bildungsroman”.

<sup>299</sup> “Canadian Literature reflects the experience of difference in a largely heterogeneous and multiethnic society”.

<sup>300</sup> “The Canadian female Bildungsroman, then, renders personal and artistic growth and development according to the inflections of contemporary Canadian literature, as Canadian women writers revive and sustain the genre in new and diverse contexts. Moreover, it has brought to the surface challenging and difficult questions that have proved capable of altering the mainstream discourses of Canadian national identity”.

das inquietações necessárias à formação do/a protagonista. Assim, esses demandam uma releitura da ideia de uma identidade nacional canadense, sob um foco vinculado tanto à experiência e reconstituição racial, quanto à identitária em meio às múltiplas vozes culturais que moldam suas letras.

Conforme exposto, um ponto que relaciona a *Bildung* das protagonistas a canadianidade coaduna com o conceito de entre lugar. A canadianidade seria, por sua vez, vista como expressão ou personificação desse espaço gestor dos diálogos culturais, pois a dinâmica estabelecida pelo desenvolvimento de Naomi e Meena se fundamentam no reconhecimento de suas identidades em processo e ao mesmo tempo em negociação. Assim, o reconhecer-se e o vir a ser reconhecida pelo grupo majoritário, como integrante do mesmo, interpela as dimensões da canadianidade dividida entre a busca do *self* e as expectativas de um coletivo (comunidade), entre o sentimento de marginalidade e a busca pela experiência na dimensão social canadense, estabelecendo tensões entre a fragmentação e o sentimento instável de unidade.

### 3.3 – Mulheres escritoras e o *Bildungsroman* sob novos enfoques

*A construção de si pelas mulheres é fundada sobre aquilo que resiste à sua identidade social, isto é, sobre uma natureza que não se reduz a uma cultura ou a uma organização social. É assim que as mulheres vão se erguendo até chegar à afirmação da singularidade e à liberdade de escolher sua própria vida, definida por oposição a toda definição imposta de fora.*

Alain Touraine

A década de sessenta marca o período no qual a crítica literária feminista floresce, desestabilizando padrões e ideologias, estabelecendo outros olhares, entre os já consagrados no



campo dos estudos literários, descristalizando as concepções hegemônicas e conferindo legitimidade à escrita das mulheres. De acordo com Christy Rishoi (2003, p. 22) “A proliferação da segunda onda do feminismo, assim como o movimento das teorias críticas em direção ao pós-estruturalismo, ajudou a encorajar e validar um aumento maciço na publicação das narrativas de mulheres” <sup>301</sup>. Providas, assim, de uma “entrada” mais visível na esfera literária, essas escritoras passaram a questionar, paulatinamente, o cânone e a hegemonia regidos pelo discurso falocrático, ao mesmo tempo em que questionaram explicitamente séculos de silêncio imposto a essa parcela da população. Nesse sentido, se outrora, as expectativas sociais apontavam para uma vivência das mulheres restrita ao âmbito doméstico, onde, o lar e a família demarcavam as possibilidades de “crescimento” delas, com o advento dos movimentos feministas e as discussões relacionadas aos estudos de gênero foram fomentadas mudanças no roteiro social anteriormente implementado pelo patriarcado. Um ponto significativo no âmbito da produção ficcional diz respeito às reescrituras e reinvenções de gêneros tradicionais pela ótica feminina e feminista. Mulheres vivendo novas experiências certamente teriam novas histórias a contar. Como exemplo, temos o romance de formação ou *Bildungsroman*, cujas narrativas produzidas se tornavam um reflexo “autobiográfico” das vivências femininas e reconhecimento de seus traços dissonantes, reflexo do social no literário. Assim, “apesar do grande número de *Bildungsromane* nos séculos XVIII e XIX, foi apenas a partir da segunda onda do movimento feminista que ocorreu o principal reconhecimento e construção da tradição feminina do *Bildungsroman*” (FENG, 1999, p. 11) <sup>302</sup>. Sob este ponto de vista, as narrativas embasadas por esse conceito compunham um arsenal de contestações, principalmente por ser o *Bildungsroman* “original” herdeiro do paradigma patriarcal.

Visto como uma transgressão e considerado pelos teóricos como um exemplo do protótipo germânico não realizado, o conceito de *Bildungsroman* feminino ao mesmo tempo em que se torna um meio de perpetuação do conceito tradicional, contrapõe-se a ele, pois diferentemente da proposta harmônica de integração social, “o final da narrativa feminina resulta sempre ou no fracasso ou, quando muito, em um sentido de coerência pessoal que se torna possível somente com a não integração da personagem no seu grupo social” (PINTO, 1990, p. 27). Com base nessa

---

<sup>301</sup> “the proliferation of second wave feminism, as well as critical theory’s movement toward poststructuralism, has helped to encourage and validate a massive increase in the publication of women’s narrative”.

<sup>302</sup> “despite the large number of female *Bildungsromane* in the eighteenth and nineteenth centuries, it was not until the second-wave feminist movement the major critical recognition and construction of female tradition of the *Bildungsroman* occurred”.

segunda afirmação, abre-se um novo contexto de negociações, favorável à expressão das subjetividades e multiplicidades das protagonistas em foco. Nessa perspectiva, um fator preponderante no desenvolvimento do *Bildungsroman* feminino tem relação direta com a ascensão dos feminismos contemporâneos e a escrita de mulheres de cor “como um sinal positivo do despertar da própria consciência contemporânea feminina” (FENG, 1999, p. 26)<sup>303</sup>. Associado às mudanças implementadas aos papéis sociais femininos, isso intensificou os estudos da literatura produzida por mulheres. Segundo assertiva de Rita Felski (1989, p. 133) o *Bildungsroman* produzido por mulheres “adquiriu uma nova função em mapear a mudança na autoconsciência das mulheres, acompanhando sua entrada gradual no domínio público”<sup>304</sup>. Desta forma, com a redefinição de alguns aspectos da ficção feminina, Cristina Pinto (1990, p. 27) destaca que “a narrativa feminina, numa prática subversiva, apresenta uma revisão de gêneros masculinos e uma revisão da história, escrevendo-a de um ponto de vista marginal”. Vemos, então, (re) desenharem-se as “novas” vozes responsáveis por traçar a exposição da auto descoberta feminina em narrativas de cunho autobiográfico, confessional, de despertar, bem como sob a designação de *Bildungsroman* através da recuperação e atualização do arcabouço literário de autoria feminina.

O *Bildungsroman* pode ser construído como *biográfico*, assumindo a existência de uma identidade individual coerente a qual constitui o ponto focal da narrativa; *dialética*, definindo identidade como o resultado de uma complexa interação entre forças psicológicas e sociais; *histórica*, representando a formação identitária como um processo temporal, o qual é representado por meio de uma narrativa linear e cronológica; e *teleológica*, estruturando a significação textual em relação ao objetivo do projeto de acesso do protagonista ao autoconhecimento, o que, na prática, será realizado em maior ou menor grau. (FELSKI, 1989, p. 135)<sup>305</sup>

Inseridos nesse contexto, devemos nos recordar que, a priori, o conceito de *Bildungsroman* está devotado à experiência de protagonistas masculinos e é “considerado apenas em termos centrados no masculino” (LABOVITZ, 1986, p. 245)<sup>306</sup>. Enfocando jovens acompanhados ao

---

<sup>303</sup> “as a positive sign of the awakening of contemporary female self-consciousness”.

<sup>304</sup> “has acquired a new function in charting the changing self-consciousness of women accompanying their gradual entry into the public domain”.

<sup>305</sup> “*Bildungsroman* can be construed as *biographical*, assuming the existence of a coherent individual identity which constitutes the focal point of the narrative; *dialectical*, defining identity as the result of a complex interplay between psychological and social forces; *historical*, depicting identity formation as a temporal process which is represented by means of a linear and chronological narrative; and *teleological*, organizing textual signification in relation to the project goal of the protagonist’s access to self-knowledge, which will in practice be realized to a greater or lesser degree”.

<sup>306</sup> “considered only in malecentered terms”.

longo das narrativas e os processos que se dão desde o seu crescimento, formação e amadurecimento, partindo da infância até a fase adulta, o romance de formação ou *Bildungsroman*, conforme explica Roy Pascal (1956, p. 11), narra “a estória da formação de um personagem até o momento no qual ele deixa de centrar em si mesmo e passa a centrar-se socialmente, começando assim a moldar seu verdadeiro eu”<sup>307</sup>, destarte representando uma transformação que está inerente à estrutura patriarcal ditada. Desse modo, a ausência da protagonista feminina na tradição do romance de formação (*Bildungsroman*) é (ou era) corroborada pela exclusão das mulheres de grande parte das atividades profissionais e até da educação superior. No entanto, conforme pontua Todd Kontje (1993) o gênero *Bildungsroman* feminino inicia simultaneamente ao tradicional *Bildungsroman* masculino. Aliás, segundo destaca Lorna Ellis (1999) o conceito *Bildungsroman* feminino é anterior na verdade o próprio protótipo goethiano. Segundo especula a teórica, o romance de formação feminino teria sua gênese marcada pela publicação de Eliza Haywood, intitulada *The History of Miss Betsy Thoughtless*, em 1751. Estruturado, então, em conformidade com o papel social cabível à mulher naquele período, segundo aponta Cíntia Schwantes (2007, p. 55):

Não é de admirar, portanto que os Bildungsromane femininos do século XVII apresentem uma protagonista que não sofre modificação, cuja única experiência é aprender, mais ou menos mecanicamente, a se mover dentro dos meandros da sociedade, e que não empreende nenhuma reflexão digna de nota sobre o que aprende.

Apesar de inicialmente caracterizada pela imobilidade social das mulheres dentro das narrativas, a ficção de formação feminina se expandia por caminhos voltados à reflexão de métodos reveladores das identidades e autoafirmação desse grupo, pois a literatura, através do gênero romanesco, faz aflorar uma forma complexa o suficiente para representar as inter-relações que moldam o crescimento do indivíduo, especialmente das mulheres. A princípio, as narrativas se condensavam dentro da linha limítrofe do comportamento social feminino vigente e esperado. Nesse contexto, o romance de formação de autoria feminina se torna realmente um despertar quanto às limitações da “feminilidade”, se comparada às escolhas ofertadas ao masculino. Podemos observar que as narrativas compostas no século XIX introduzem personagens femininas fundamentais à evolução do *Bildungsroman* e que se instalam num impasse entre as teorias do

---

<sup>307</sup> “the story of the formation of a character up to the moment when he ceases to be self-centred and becomes society-centred, thus beginning to shape his true self”.

*growing up* ou *growing down*. De acordo com a proposta de Lorna Ellis, as narrativas que se desdobram entre os séculos XVIII e XIX seguem a teoria do *growing down*, ou seja, o desenvolvimento esperado pela protagonista se realiza não pela maturação de seu *self*, mas por sua redução ou diminuição como forma de adequação ao sistema. Vale lembrar que, segundo a teórica a (re)integração social da mulher se dava convencionalmente pelo casamento e posteriores obrigações familiares decorrentes do contrato social que lhe era imposto, pois o êxito no mercado matrimonial dependia do grau de subordinação que a protagonista estaria disposta a aceitar, renegando assim seu desejo por autonomia. No entanto, antes da chegada ao ponto de sagração, as protagonistas utilizavam da cooptação e até mesmo da manipulação das aparências como forma de garantir sua reintegração.

A heroína do Bildungsroman começa sua história com a expectativa de possuir a influência de uma heroína romanesca; ela se vê como um agente autônomo que deve ter o controle sobre si mesma e definir o seu próprio lugar na sociedade. No entanto, conforme ela se desenvolve, ela aprende que as pessoas ao seu redor têm uma visão interiorizada dela, com base principalmente em seu gênero e classe. Mais importante, ela descobre que este ponto de vista exterior a vê principalmente como um objeto e, portanto, incide sobre a sua capacidade de agir como um agente autônomo. Embora ela se rebele quanto à situação, a protagonista inevitavelmente descobre que a única maneira de manter alguma independência e controle, enquanto permanece como uma parte integrante da sociedade é lidar com as expectativas criadas a partir da visão masculina predominante. (ELLIS, 1999, p. 60)<sup>308</sup>

Tudo indica haver uma manipulação indireta, pois essa “autonomia feminina” da personagem mantém um sentido dubio, já que “não fica claro o quanto de sua própria autonomia e individualidade são renunciadas no processo” (ELLIS, 1999, p. 59)<sup>309</sup>, já que a narrativa se desenvolvia obedecendo as limitações impostas na construção do *self* da personagem, e que se via regido pelo olhar do outro. A esse respeito, segundo exemplifica a autora, em romances como *The History of a Young Lady's Entrance Into the World* (Evelina), de Frances Burney (1778), *Emma*, de Jane Austen (1815), *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë (1847), entre outros, “o Bildungsroman

---

<sup>308</sup> The Bildungsroman heroine begins her story expecting to have the power of a romance heroine; she sees herself as an autonomous agent who should have control over herself and define her own place in society. However, as she develops, she learns that people around her have an internalized view of her, based most notably on her gender and class. More important, she learns that this outside view sees her primarily as an object and thus impinges on her ability to act as an autonomous agent. Although she rebels at this situation, she inevitably learns that the only way that she can maintain some independence and control while remaining an integral part of society is to work within the expectations set up the predominant male view.

<sup>309</sup> “it remains unclear how much of her own autonomy and individuality she gives up in the process”.

feminino oferece modelos de poder feminino apesar de significativamente diferentes, que combinam a integração conservadora na sociedade com uma crítica social feminista”<sup>310</sup>. Essa pequena parcela de “independência” varia de narrativa para narrativa, a princípio buscando harmonizar as vontades do eu com as demandas sociais impostas. Nesse caso, ao final da narrativa se configura um papel ainda menos ativo e ainda mais restrito ao ambiente doméstico, pois se finda com a *Bildung* (formação) a partir da conclusão do contrato social (o casamento) da personagem e consequente conexão à sociedade em geral. Entretanto, ressaltamos que a produção das escritoras supracitadas foram fundamentais na configuração do romance de formação. Ainda que em condições restritivas, elas abriram espaços para a compreensão de forças constitutivas das subjetividades, da noção do *self* feminino, com destaque para o romance *Jane Eyre*, de Charlotte Bronte, cuja protagonista apresenta identidades dinâmicas e relacionais, conforme o contato com a sociedade vitoriana se estende, constituindo em Jane a confiabilidade necessária para a tomada de suas decisões, a exemplo da recusa por tornar-se amante do senhor Rochester, sua desistência do casamento, o qual será concretizado apenas ao final do romance. A narrativa de Bronte concede a sua protagonista, Jane, um caminho para a desejada independência, ao se torna herdeira do tio, senhor Eyre. Dessa forma, através de uma vida, agora abastada, conforme observamos na seguinte passagem: “Eu lhe disse, eu sou independente, senhor, assim como sou rica”, ela diz. “Eu sou minha própria senhora”<sup>311</sup>. Jane adquire uma certa autonomia, pois viverá de sua própria fortuna; apesar do contato com o senhor Rochester que a conduzirá ao altar e à vida doméstica, segundo imposto pela sociedade vitoriana.

O acompanhamento dessa trajetória, nos interessa conforme analisa Lisa Downward (2010, p. 149), pois “ao invés de exaltar as virtudes femininas de passividade e exaltar a vida de casado, apresenta o crescimento da percepção das ações internas da protagonista”<sup>312</sup>. Geralmente enfatizado pelos teóricos como uma vertente conservadora, devido à mudança de perspectiva ou ao olhar lançado sobre ela e para ela, através do qual a protagonista aprende a lidar com os joguetes sociais, o *Bildungsroman* feminino deflagra o processo de transformação das mulheres e da sociedade. Conforme enfatiza Ellis (1990, p. 31), não se trata de criar um eu alternativo ou

---

<sup>310</sup> “the female bildungsroman, offer models of female power albeit significantly different ones, that combine a conservative integration into society with a feminist social critique”.

<sup>311</sup> “I told you I am independent, sir, as well as rich”, she says. “I am my own mistress”.

<sup>312</sup> “since rather than exalt passive womanly virtues and praise married life, it presents the protagonist’s increasing consciousness of inner deeds”.

mascarar-se; o que está em jogo é o controle da imagem vista pela sociedade. O perfil traçado, a princípio pela protagonista, muitas das vezes se diferencia, a fim de influenciar determinado personagem a seu favor, esse geralmente do sexo masculino e representante da ordem estabelecida. A protagonista do *Bildungsroman* feminino se torna ciente dessa configuração, de modo que “elas tornam-se conscientemente dispostas a controlar sua própria imagem a fim de obter um equilíbrio entre a própria visão de si mesmas e das expectativas da sociedade”<sup>313</sup>. Vê-se formar um paradoxo diante de uma autonomia não resolvida, “ironicamente, o crescimento na autorreflexão da heroína do *Bildungsroman* e a habilidade em considerar sua identidade, aspectos chave da *Bildung*, forçam-na a modificar-se exteriormente e a considerar como aquela identidade é formada por aqueles ao seu redor”<sup>314</sup>. Inserido nesse contexto, o romance de formação provia epifanias momentâneas dentro de uma literatura que, entre os séculos XVIII e XIX, ficou reconhecida segundo destaca Susan Fraiman (1993) como “conduct literature” ou literatura de comportamento, essa denominação que congregava as ortodoxias na formação das mulheres de classe média provendo uma cultura de domesticação com instruções práticas para a sobrevivência em território hostil, “numa sociedade dominada pelos valores e violência patriarcais” (FENG, 1999, p. 11)<sup>315</sup>. Contudo, isso era feito sem menosprezar suas contradições internas quanto a sua natureza conservadora, algo característico na conduta das protagonistas e em seu modo de lidar com o sistema. Apesar das disparidades, a dinâmica do *Bildungsroman* tanto em sua vertente tradicional quanto em suas variantes, principalmente àquela voltada à experiência feminina, apresenta pontos centrais em comum. Segundo observa Lorna Ellis (1990, p. 25), os três pontos fundamentais ressaltam:

- 1) a atuação do protagonista, a qual mostra que ele ou ela está ativamente envolvido em seu próprio desenvolvimento
- 2) a autorreflexão, que mostra a capacidade da protagonista em aprender e crescer a partir de suas experiências, e
- 3) a reintegração, ao final, da protagonista com a sociedade, o que demonstra a natureza fundamentalmente conservadora do gênero.<sup>316</sup>

---

<sup>313</sup> “they become willing consciously to control their own image in order to gain a balance between their own view of themselves and societal expectations”.

<sup>314</sup> “ironically, the bildungsroman heroine’s growth in self-reflection and her ability to consider her identity, key aspects of bildung, force her to turn outward and consider how that identity is shaped by those around her”.

<sup>315</sup> “in a society dominated by patriarchal values and violence”.

<sup>316</sup> “1) The protagonist’s agency, which shows that he or she is actively involved in his or her own development, 2) self-reflection, which shows the protagonist’s ability to learn and grow from his or her experiences, and 3) the protagonist’s eventual reintegration with society, which demonstrates the fundamentally conservative nature of the genre”.

Vale considerar aqui a afirmação de Bolaki (2011, p. 40) “o Bildungsroman do século XIX pode ser melhor descrito como um romance doméstico em vez de romance de desenvolvimento e mobilidade” <sup>317</sup>. Contudo, destacamos que a experiência das protagonistas promovem uma releitura da sociedade patriarcal e provê, ainda que reestabeleça os critérios da sociedade vigente, uma crítica social e abertura à vivência feminina. Apesar dos valorosos e significativos esforços, e ainda que, indícios de certa autonomia decorrentes da manipulação das aparências persistam, essas são mantidas em comprometimento às expectativas sociais, pois, “o Bildungsroman tradicional feminino reprime a *Bildung* ou a busca, que é concluída com o casamento ou culmina em morte, a partir do momento que a heroína distorce os roteiros sociais aceitáveis” (BOLAKI, 2011, p. 23) <sup>318</sup>. Dentro desse contexto, um ponto fundamental na manutenção e decorrente reflexo na educação feminina do século em destaque, observado através das protagonistas, pode-se verificar que esses romances de formação priorizavam o enfoque na conduta das mulheres como forma de estabelecer e inculcar, também, um comportamento padrão em suas leitoras.

Para Fiora Bassanese (1990, p. 44), o século XIX introduziu dois modelos baseados na composição do *Bildungsroman* tradicional: o romance de desenvolvimento da mulher (*novel of female development*) e o romance do despertar (*novel of awakening*), ambos caracterizados distintamente, por um lado, em conformidade aos valores patriarcais, seja através da aceitação das normas, seguindo linearmente um aprendizado pré-ordenado, ou por outro lado, questionando-os, fato este que culmina numa resolução negativa para a protagonista, o que Bassanese denomina de “epifania negativa”.

O primeiro é uma *Bildung* feminina convencional e conservadora, que enfatiza os valores patriarcais, como a castidade, domesticidade, submissão, altruísmo e ensina as meninas a subordinar sua individualidade e vontade aos outros, a fim de tornarem-se boas esposas e mães. O segundo é um subgênero do romance de desenvolvimento que trata da luta e do frequente fracasso das mulheres para alcançar autonomia ética dentro da sociedade tradicional [...] Muitos romances de despertar terminam tragicamente com o adultério, a perda, a loucura e até a morte por causa da impossibilidade de integrar as necessidades individuais e as exigências da conformidade social. (DOWNWARD, 2010, p. 148)<sup>319</sup>

---

<sup>317</sup> “the nineteenth female Bildungsroman can be better described as a domestic novel rather than one of development and mobility”.

<sup>318</sup> “the traditional female Bildungsroman represses Bildung or quest, ending in marriage or culminates in death when the female heroine distorts the acceptable social scripts”.

<sup>319</sup> “The first is a conventional and conservative female bildung that emphasizes patriarchal values such as chastity, domesticity, submissiveness, and altruism, and teaches girls to subordinate their individuality and will to others in order to become good wives and mothers. The second is a sub-genre of the novel of development which deals with the struggle and often failure of women to achieve ethical autonomy within traditional society [...] many novels of

Adjacente às afirmações de uma divisão binária do romance de formação feminino, Lisa Downward (2010), ao analisar as representações de ambos os gêneros, assim como suas limitações quanto às expectativas da protagonista, afirma que “a expressão romance de desenvolvimento não possui nenhuma característica que o distinga do romance de despertar, exceto pelas referências a arquétipos”<sup>320</sup>. O padrão mútuo determina assim o englobamento de ambos os gêneros, tornando-os intercambiáveis conforme a narrativa se desdobra. O romance de formação adquire, então, um estágio multifacetado à medida que as narrativas em geral se adaptam as novas realidades sociais, ampliando assim as aspirações das mulheres, no que condiz ao âmbito ficcional, não mais restritas ao que denomina Esther Kleinbord Labovitz (1986) de “finais ambivalentes”<sup>321</sup>, ou pelo menos dando conotação mais positiva a essa “ambivalência”.

Como visto anteriormente, uma maior abertura da experiência feminina em relação aos aspectos sócio-político-culturais ao final do século XX promoveu uma expansão súbita nos escritos do gênero *Bildungsroman*, principalmente no tocante às produções literárias pós-coloniais, minoritárias, pluriculturais e de imigrantes. Agregado às novas temáticas, o *Bildungsroman* feminino adquire ares étnicos, legando narrativas voltadas para os grupos minoritários, principalmente no que tange à escrita de mulheres, na qual o gênero torna-se “um meio apropriado, a fim de articular as suas preocupações com questões de subjetividade e identidade” (BOLAKI, 2011, p. 34)<sup>322</sup>. O romance de formação galga, assim, outro espaço dentro das narrativas étnicas de mulheres, pois além de se inserir num contexto social mais amplo, o *Bildungsroman* abordará as narrativas emergentes das novas demandas sociais contemporâneas, recuperando suas histórias e memórias anteriormente silenciadas pelos grupos hegemônicos.

As abordagens mais recentes que se deslocaram em direção à escrita pós-colonial e minoritária ratificaram a expansão da definição do *Bildungsroman* tradicional, a permanente popularidade e capacidade de adaptação do gênero. Como resultado, tornou-se óbvio que o lugar-comum da crítica sobre o declínio do gênero é errônea, uma vez que o mesmo continua a prosperar em ambientes multi-culturais, culminando numa espécie de auto-aceitação que, às vezes, coincide

---

awakening end tragically with adultery, loss, madness and even death because of the impossibility of integrating individual needs and the demands of social conformity”.

<sup>320</sup> “the term novel of development does not possess any characteristics that distinguish it from novel of awakening, other than references to archetypes”.

<sup>321</sup> “ambivalent endings”.

<sup>322</sup> “an appropriate medium in order to articulate their concerns about questions of subjectivity and identity”.



com o isolamento em vez de integração ou resolução. (DOWNWARD, 2010, p. 176)<sup>323</sup>

A reapropriação das formas canônicas como projeto de emancipação social de grupos minoritários se configura como estrutura literária relevantemente questionadora das subjetividades, identidades e culturas tradicionais. Consequentemente, a produção do *Bildungsroman* ao final do século XX endossa nas literaturas minoritárias a fragmentação do indivíduo e de suas etnicidades.

Verificamos, concordando com McWilliams (2009, p. 36), temas recorrentes na narrativa de desenvolvimento feminino, sendo que, dentre eles, se destaca a “separação das restrições do casamento e vida doméstica, conflito com uma geração vetusta cúmplice na perpetuação de imagens opressivas de feminilidade, a libertação em uma esfera social radicalmente diferente [...] onde pela primeira vez a protagonista goza da liberdade da auto expressão”<sup>324</sup>. Desse modo, há uma abertura para o crescimento da protagonista, não havendo sacrifícios imperativos como outrora na manutenção da ordem social. Os *Bildungsromane* femininos da contemporaneidade se constituem como narrativas de abertura às possibilidades de negociação entre os núcleos sociais e os processos de demanda subjetivas do indivíduo. Nesse sentido, “o Bildungsroman é, inesperadamente, introduzido como uma forma fundamental de representação da experiência feminina” (MCWILLIAMS, 2009, p. 39)<sup>325</sup>, distribuída em narrativas questionadoras das subjetividades e múltiplas experiências nas vertentes de autoria feminina, adotando assim perspectivas diferenciadas numa proposta de reavaliação dos axiomas impostos pelo patriarcado.

Portanto, as literaturas de mulheres não brancas emergem, interpelando memórias reprimidas de um passado marcado por imagens daquelas que foram vitimadas pela dominação racial e cultural. Conjuntamente ao reflexo desses embates nas gerações posteriores “lançadas numa névoa de memória e histórias maternais, ou abandonadas para sempre, vários *Bildungsromane* étnicos femininos recentes implementam padrões mais circulares de migração

---

<sup>323</sup> “The most recent approaches, which have shifted toward post-colonial and minority writing, confirming the expansion of the traditional Bildungsroman definition and the ever-present popularity and adaptability of the genre. As a result, it has become obvious that the critical commonplace of a decline of the genre is erroneous as it continues to thrive in multi-cultural settings, culminating into a sort of self-acceptance, which, at times, coincides with isolation rather than integration or resolution”.

<sup>324</sup> “separation from the constraints of marriage and domesticity, conflict with an older generation complicit in perpetuating oppressive images of femininity, deliverance into a radically different social sphere [...] where for the first time the protagonist enjoys the freedom of self-expression”.

<sup>325</sup> “the Bildungsroman is, without warning, introduced as a crucial mode of representing women’s experience”.

que permite aos personagens, literalmente, habitarem duas, se não mais culturas simultaneamente” (BOLAKI, 2010, p. 239)<sup>326</sup>. Esses movimentos pendulares de constantes ressocializações em relação aos valores culturais conflitivos no interior da protagonista produzem “textos de desenvolvimento individual que recusam alianças singulares e constroem identidades transculturais” (BOLAKI, 2010, p. 243)<sup>327</sup>. A esse respeito, nas literaturas asiático canadense, foco de nosso estudo, o romance de formação direciona as experiências de suas protagonistas através do retorno e até mesmo da repetição de eventos essenciais (eventos de impacto na vivência da protagonista). Logo, a construção do romance de formação voltado à experiência de mulheres de cor relaciona em suas tramas narrativas “termos como progresso, despertar, e visibilidade, os quais asseguram uma posição central no Bildungsroman” (BOLAKI, 2011, p. 198)<sup>328</sup>. Nessa perspectiva, o recontar dessas histórias suprimidas reavivam “o reconhecimento público de sua identidade como condição preliminar à implantação de políticas de ação afirmativa” (NASCIMENTO, 2003, p. 15). Os diálogos formais assim perpetrados historicamente e sociologicamente pelos grupos hegemônicos arrefecem sob o olhar narrativo das histórias contundentes das diásporas contemporâneas, concedendo lugar às vozes vitimadas que reanimam o gênero *Bildungsroman* como forma de esboçar as problemáticas raciais e identitárias acerca das reconstruções de seus variados posicionamentos na sociedade.

### **3.4 – O *Bildungsroman* na escrita canadense de mulheres de cor: as narrativas de Kogawa e Basran**

As literaturas originárias dos movimentos migratórios e das diásporas pontuam os novos cenários sócio-político-culturais do mundo globalizado, bem como os renováveis paradigmas literários da transculturação. Nesse sentido, as literaturas contemporâneas reescrevem, a partir de

---

<sup>326</sup> “released into a mist of memory and maternal stories, or abandoned forever, several recent female ethnic *Bildungsromane* deploy more circular patterns of migration that allows characters to literally inhabit two, if not more, cultures simultaneously”.

<sup>327</sup> “texts of individual development that refuse singular allegiances and construct transcultural identities”.

<sup>328</sup> “words such as progress, awaking, and visibility, which hold a central place in the Bildungsroman”.

gêneros tradicionais, novos olhares enraizados para além dos limites fronteiriços. Conforme enfatiza Arianna Dagnino (2013, p. 3) “A trajetória transcultural permite um processo de transformação - uma metamorfose - que, mesmo quando executada num papel a nível individual pode ter uma ressonância coletiva”<sup>329</sup>. Desse modo, o gênero denominado *Bildungsroman* se molda a partir da escrita de mulheres, ressurgindo dentro do contexto diaspórico contemporâneo de trocas. De acordo com Stella Bolaki (2011, p. 9) “O Bildungsroman não é uma forma ultrapassada e exaurida, é, pois um gênero que pode ser retirado do seu contexto inicial e utilizado de forma produtiva em diferentes períodos históricos e culturais”<sup>330</sup>. Caracterizado por sua maleabilidade, o romance de formação, se torna por sua vez, *locus* da reescrita do antes obliterado pela cultura dominante. Dessa forma, segundo afirma Yolanda Doub (2010, p. 2) “o Bildungsroman evoca uma tradição narrativa que pode ser apropriada para reconfigurar visões a partir da margem. Assim, o romance de formação tem evoluído de tal forma que agora incorpora formas que abordam as complexidades de raça, classe, gênero e sexualidade em um mundo pós-colonial contemporâneo.”<sup>331</sup>. Desse modo articulado, o romance de formação é reintroduzido como um campo fértil de negociação das tensões em grande parte dos romances, trajetórias incertas e oscilantes que alicerçam as narrativas étnicas de autoria feminina, pois apresentam as múltiplas subjetividades dos encontros culturais, ressaltando as disparidades existentes nas propostas sociais integrativas, principalmente nos países pluriétnicos vinculados a políticas assimilacionistas.

A habilidade de mover-se através de múltiplas culturas sem abandonar um lugar por outro caracteriza a nova mobilidade do Bildungsroman étnico, entretanto romances de desenvolvimento tem levado isso mais longe, conforme eles são marcados por uma maior fertilização cruzada Inter étnica, por uma resistência a escolher uma única identidade hifenizada, e por um foco em *selves* mais amalgamados e híbridos que desafiam programas nacionalistas e ideias de autenticidade. (BOLAKI, 2011, p. 244)<sup>332</sup>

---

<sup>329</sup> “the transcultural path allows a process of transformation – a metamorphosis – that even if played at an individual level can have a collective resonance”.

<sup>330</sup> “the bildungsroman is not an outdated and exhausted form but one that can be detached from its initial context and used productively across different historical periods and cultures”.

<sup>331</sup> “Bildungsroman evokes a narrative tradition that can be appropriated to reconfigure views from the margin. The novel of formation has thus evolved in such a way that it now incorporates forms that address the complexities of race, class, gender and sexuality in a contemporary, postcolonial world”.

<sup>332</sup> “The ability to move across multiple cultures without abandoning one place for another characterises the new mobility of the ethnic Bildungsroman, but recent novels of development take this further as they are marked by greater interethnic cross-fertilisation, a resistance to choose a single hyphenated identity, and a focus on more mixed or hybridized selves that challenge nationalist agendas and ideas of authenticity”.

Nesse contexto, as narrativas sob o foco de nossa análise introduzem, através das vozes das protagonistas Naomi e Meena, as dificuldades da condição migrante, assim como o posicionamento multifacetado que se desdobra nas malhas narrativas, trazendo a lume, por via da ficção, a estória de mulheres oprimidas pela raça e por seu gênero, “fragmentos de fragmentos. Partes de uma casa. Segmentos de histórias” (KOGAWA, 1983, p. 53)<sup>333</sup>, mas que estão em claro processo de crescimento. Os romances tratam da construção da canadianidade sob o ponto de vista da margem, não mais entre os absolutismos culturais, pondo em discussão a opressão oriunda de um passado marcado pelas questões raciais e compreendidos no presente, não como algo que permaneceu no passado, mas que estende suas raízes e demais ramagens conforme as demandas migratórias prosseguem. As narrativas agregam, assim, a “quebra do silêncio” e a construção da *Bildung* feminina mediada pelo contexto histórico-social. Em *Obasan*, a retomada histórica dos efeitos devastadores do internamento (verdadeiros campos de concentração) revela uma outra face da História Canadense tecida através de Naomi, cuja *Bildung* é seriamente afetada, a princípio, pela ausência da mãe, cuja imagem é nutrida por sua tia Ayako e posteriormente, o “ser canadense” em Naomi se fragmenta entre a vivência com os tios Isamu, Ayako e a tia Emily e seu irmão Stephen. Essas ligações formam vertentes opostas que são mescladas pela protagonista de modo a criar em seu *modus vivendi* variações de comportamento híbrido, como já discutimos anteriormente. Sua canadianidade como entre lugar é movida, então, pelas tensões que envolvem tradição, vontades do eu, condutas, adequações e escolhas.

Assim, as narrativas se articulam dentro do que, segundo Heejung Cha (2006), denomina-se o ‘*Bildungsroman* Transcultural’ que, a nosso ver, demonstra na vivência de sua (s) protagonista (s) as renegociações dos limites ou das delimitações das noções de lar, identidade, pertencimento e até mesmo de senso de cidadania. Em sua análise, a teórica introduz alguns pontos característicos das narrativas de formação transculturais, ainda que posteriormente retifique que elas não podem ser consideradas peremptórias, mas sim temporárias. Portanto, os pontos observados por CHA (2006), podem se entrecruzar ou se destacar individualmente na elaboração do *Bildungsroman* pretendido. Observando que a teórica discorre sobre narrativas de autoria feminina, nas quais as protagonistas são mulheres de cor, sob este viés, discutiremos os cinco pontos por ela mencionados.

---

<sup>333</sup> “fragments of fragments. Parts of a house. Segments of stories”.

Como primeiro ponto abordado, Cha (2006) detecta o posicionamento da protagonista entre conjunturas históricas e culturais que “reafirmam a inevitável necessidade de se negociar os conflitos culturais e as diferenças na formação de relações não hierárquicas do *self* e dos outros sem noções binárias entre centro e margem” (CHA, 2006, p. 238)<sup>334</sup>. Com relação a esse primeiro ponto, verificamos no romance de Basran que Meena negocia as discrepâncias entre as culturas que a compõem, culminando numa negociação ativa do seu *self*, vivendo sua autonomia sem perder o contato com a cultura ancestral, pois permanece aberta às mudanças, “as estações estão mudando em mim, ao meu redor – a vida se tornou um perpétuo solstício” (BASRAN, 2010, p. 250)<sup>335</sup>. Assim, Meena torna-se mais permeável às negociações e mudanças. Naomi, por sua vez, expressa seu desejo quanto a transcender as restrições sociais e culturais, a sair da invisibilidade que, por tanto tempo, a oprimiu e silenciou.

E eu estou cansada, creio, porque eu quero me afastar de tudo isso. Do passado e de todos esses papéis, do presente, das memórias, das mortes, da tia Emily e do seu acervo de palavras. Eu quero me libertar desta identidade densa, da evidencia da rejeição, da paixão inexpressiva, das boas maneiras incompreendidas. Eu estou cansada de viver entre mortes e funerais. Ponderada pelo decoro, incapaz de cantar ou dançar, incapaz de gritar ou xingar, incapaz de sorrir, incapaz de respirar em voz alta. (Mantenha seu olhar baixo. Quando você estiver na cidade, não olhe diretamente para ninguém. Dessa forma, eles não podem ver você. Dessa forma, você os ofende menos. (KOGAWA, 1983, p. 183)<sup>336</sup>

Segundo Bolaki (2011, p. 238) “uma condição entre mobilidade e imobilidade pela qual a memória do passado é preservada sem um movimento de finalização no presente ou futuro”<sup>337</sup> é marcado na narrativa de Kogawa pela ausência materna e o sentimento de luto vinculado as histórias do passado de Naomi. Essas histórias, representativas de todo um coletivo, mantém a protagonista dentro de um círculo formado por fatos que acompanham a construção de sua *Bildung*, ainda vinculada às reminiscências do internamento: “Para frente e para trás como um

---

<sup>334</sup> “reaffirm the inevitable need to negotiate cultural conflicts and differences in formation of the non-hierarchical relation of self and others without binary notions of center and margin”.

<sup>335</sup> “the seasons are changing in me, around me – life has become a perpetual solstice”.

<sup>336</sup> “And I am tired, I suppose, because I want to get away from all this. From the past and all these papers, from the present, from the memories, from the deaths, from Aunt Emily and her heap of words. I want to break loose from the heavy identity, the evidence of rejection, the unexpressed passion, the misunderstood politeness. I am tired of living between deaths and funerals. Weighted with decorum, unable to shout or sing or dance, unable to scream or swear, unable to laugh, unable to breathe out loud. (Keep your eyes down. When you are in the city, do not look into anyone’s face. That way they may not see you. That way you offend less”.

<sup>337</sup> “a state between mobility and immobility whereby the memory of the past is retained without foreclosing movement in the present or future”.

hamster num tubo de uma gaiola que não é limpa há meses” (KOGAWA, 1983, p. 183)<sup>338</sup>. Apenas ao final da narrativa Naomi se retira do espaço circular para ampliar a sua formação e consequente autonomia, no romance, algo representado pela água em movimento e pela visão do lago que seu tio Isamu costumava chamar de “mar”.

O segundo ponto mencionado por Cha (2006, p. 238), redefine o corpo feminino como transculturado, “sem estigma ou desonra cultural vinculados a ele”<sup>339</sup>; porém, marcado pela violência sócio-político-cultural. O corpo de Naomi, nesse sentido, agrega em si as marcas e cicatrizes da intrusão do dominador branco, representado pelo vizinho Old Man Gower e posteriormente por Percy (um garoto branco da cidade de Slocan). Seu corpo se torna território representativo do coletivo nipônico oprimido e racializado pelo internamento. O ponto seguinte, ou seja, o terceiro de Cha, destaca como central a relação entre mãe e filha no *Bildungsroman* transcultural, relacionamento este, no qual “a filha de cor observa a fraqueza e força de sua mãe, ao mesmo tempo em que ouve suas histórias e experiências, as quais servem de meio potencial aos sentidos de empoderamento para torná-la um indivíduo falante num sentido feminista do self” (CHA, 2006, p. 241)<sup>340</sup>. No caso de Meena, em *Basran*, a obediência materna aos preceitos a impulsionam a revisar sua própria conduta, abrindo espaço para um revés nos encaminhamentos defendidos pelo núcleo familiar, pois ela reconhece os comandos patriarcais estimados não apenas por sua mãe, como também pela comunidade, fatores esses que a fazem rearticular novas possibilidades de vivência feminina, decidindo por sua independência. Enquanto em *Basran*, a autonomia é galgada através da presença da mãe, em *Obasan*, a ausência materna se torna estimuladora da busca de Naomi pelas respostas que acarretarão em seu “crescimento” e mudança na perspectiva que tem de si mesma.

O quarto ponto trata do despertar sexual da protagonista “como uma iniciação essencial para o casamento” (CHA, 2006, p. 241)<sup>341</sup>. Em contrapartida as narrativas introduzem também, geralmente como traços da memória, relatos dos abusos e violência sexual sofridos pelas protagonistas ainda em tenra idade, a exemplo do romance *Obasan*. O quinto ponto questiona as noções de lar e sentimento de pertença em decorrência desse espaço povoado por um nostálgico

---

<sup>338</sup> “Back and forth like a hamster in a tube in a cage that hasn’t been cleaned for months”.

<sup>339</sup> “without cultural shame and stigma attached to it”.

<sup>340</sup> “the daughter of color observes her mother’s weakness and strength and hears her mother’s stories and experiences, which serves as a potential means of empowerment to become a speaking subject in a feminist sense of self”.

<sup>341</sup> “as the essential initiation for marriage”.

sentimento de segurança, “no Bildungsroman transcultural, é mais provável que o lar seja simbólico e cultural. É quando a filha de cor voluntariamente abandona ou é forçada a abandonar o lar, esse compreendido em termos de pertencimento político e material” (CHA, 2006, p. 242)<sup>342</sup>. Em *Everything Was Good-Bye*, Meena busca construir seu próprio lar, deixando a casa e rompendo com o casamento arranjado por sua mãe para assumir a coordenação de si própria: “no dia em que fiz as malas para mudar para o meu próprio lar, Sunny se trancou no quarto [...]. Quando ele não respondeu, eu parti com meus pertences no banco de trás do carro, cruzei a ponte rumo a Kitsilano” (BASRAN, 2010, p. 212)<sup>343</sup>. Em *Obasan*, as mudanças de um local para o outro são forçados pelas circunstâncias políticas e culturais, conforme observamos na seguinte passagem: “o trem está cheio de estranhos. No entanto, mesmo estranhos são intitulados “ojisan” ou “obasan”, significando tio ou tia. Nenhum tio ou tia, avô ou avó, irmão ou irmã, nenhum de nós nesta jornada retorna ao lar novamente” (KOGAWA, 1983, p. 112)<sup>344</sup>. Esse movimento é endossado através do rompimento com o sentimento de segurança, iniciado pela violência sofrida por Naomi e agregado à ausência materna. A característica seguinte mencionada por Cha trata da ausência do pai que a nosso ver, se torna na realidade uma presença/ausência dentro do corpo familiar das protagonistas, o que “torna acessível uma abordagem mais flexível, ainda que limitado, do espaço além de uma cultura masculinizada em que a filha de cor reconstrói um senso feminista do self” (CHA, 2006, p. 243)<sup>345</sup>.

As figuras masculinas em ambos os romances são respectivamente intermitentes no caso de Naomi e ausentes no caso de Meena. Em *Obasan*, por exemplo, o pai de Naomi está presente na vida da protagonista até o momento do internamento, pois o mesmo é enviado a uma região diferente da que Naomi, Ayako e Stephen irão habitar. Sua presença na perspectiva da protagonista é vista como fraca, se comparada ao vizinho Old Man Gower e à mãe de Naomi. Em relação ao vizinho, o pai da protagonista apesar de não se sentir à vontade diante de tal presença, parece não perceber as trevas que habitam aquele homem com quem conversa amigavelmente, “ele parece mais poderoso do que o pai, maior e se sentindo mais em casa mesmo que seja em nossa casa. Ele soa como se quisesse confortar meu pai, contudo há falsidade em seu tom” (KOGAWA, 1983, p.

---

<sup>342</sup> “in the transcultural Bildungsroman, home is more likely to be symbolical and cultural. It is when the daughter of color voluntary leaves or is forced to leave home that home is understood in political and material terms of belonging”.

<sup>343</sup> “the day I packed to move to my own place, Sunny locked himself in the den [...]. When he didn’t answer, I left with my belongings packed into the back seat of my car and drove across the bridge into Kitsilano”.

<sup>344</sup> “the train is full of strangers. But even strangers are addressed as “ojisan” or “obasan”, meaning uncle or aunt. Not one uncle or aunt, grandfather or grandmother, brother or sister, not one of us on this journey returns home again”.

<sup>345</sup> “opens up a flexible, even if limited, space beyond a masculinized culture in which the daughter of color (re)constructs a feminist sense of self”.

69)<sup>346</sup>. A presença paterna é uma quase ausência em relação à visão protetora, de segurança e pertencimento as quais Naomi atrela a sua mãe, “É como se o papai não estivesse aqui. Se minha mãe voltasse, ela afastaria toda a escuridão com suas mãos e nós estaríamos salvos e em casa, na nossa casa” (KOGAWA, 1983, p. 69)<sup>347</sup>. Os dois pontos finais levantados por Cha relacionam o romance de formação do século XIX e seus finais redutíveis ou anuladores do feminino, por uma opção em aberto, reforçando que o processo do *Bildung* (formação) é contínuo e desprendido de possibilidades restritivas à mulher. Desse modo, fica evidente que o romance de formação transcultural apresenta um contexto global de interconexões dentro de um mundo interdependente e variado.

Como observado, as narrativas asiático-canadenses de mulheres se integram às novas demandas temáticas da contemporaneidade, revisando territórios conceituais que na atualidade se encontram em constante movência e que, segundo Eleanor Ty e Christl Verduyn (2008, p. 16), se destacam entre:

O impacto da globalização e da transnacionalidade, a reconfiguração e papel do jogo textual e convenções genéricas, o questionamento quanto ao nosso entendimento sobre sexualidade e gênero, a reivindicação de uma subjetividade não necessariamente vinculada à cultura étnica e ao potencial de hibridismo e de identidades híbridas<sup>348</sup>.

Classificada, assim como uma narrativa voltada para os processos de individuação e socialização mediante os espaços que ocupa, o romance de formação concede as protagonistas a possibilidade de buscar um ponto de negociação para com os discursos socioculturais que a cercam, pois “as mulheres de minorias étnicas, na verdade, sofrem triplamente e até mesmo de múltipla consciência conforme mantêm uma posição ainda mais externa aos grupos marginais, sendo, pois não brancas e mulheres dançando no campo minado do gênero e da desigualdade racial” (FENG, 1999, p. 16)<sup>349</sup>. Seguindo esse raciocínio, as protagonistas dos romances em tela introduzem as disparidades que permeiam a construção do eu de cada uma, já que ambas

---

<sup>346</sup> “he seems more powerful than Father, larger and more at home even though this is our house. He sounds as if he is trying to comfort my father, but there is a falseness in the tone”.

<sup>347</sup> “Father is as if he is not here. If my mother were back, she would move aside all the darkness with her hands and we would be safe and at home in our home”.

<sup>348</sup> the impact of globalization and transnationality, the reconfiguration and play of textual and generic conventions, the questioning of our understanding of sexuality and gender, the claiming of a subjectivity not necessarily linked to ethnic culture, and the potential of hybridity and hybrid identities”.

<sup>349</sup> “ethnic women actually suffer from triple, even multiple, consciousness, as they stand further outside the margin of the marginal groups, being non-white and female. Dancing in the minefield of gender and racial inequality”.



apresentam um processo de transição gerador de tensões e que frequentemente estabelece um senso de contradição marcado pela oscilação da protagonista entre o real e o ideal (DOWNWARD, 2010). Essa oscilação é característica pertinente no processo de construção da *Bildung* (formação) das personagens que transitam entre a realidade e a possibilidade. Tanto Naomi quanto Meena se deslocam para um ponto de transição, mas até chegar a esse lugar, o processo vivenciado por ambas demonstra essa “vacilação” experienciada pela aceitação ou rejeição das normas de suas respectivas culturas, seja pela recusa do passado, ou pelo desejo por transcender a condição migrante. Esses fatores podem ser observados em Naomi a partir da rememoração do passado suscitado por suas tias Ayako e Emily que, produzem em Naomi um efeito transformador: “como velhos fios de teias de aranha, ainda pegajosos e pairando, o passado espera que nós nos apresentemos ou nos afastemos” (KOGAWA, p. 26, 1983)<sup>350</sup>. Em Meena, a oscilação ocorre pela negociação que ela propõe para si, a exemplo do desejo por ter uma carreira, e que se contrapõe às vontades maternas. Durante uma conversa com sua irmã Serena, Meena demonstra seu anseio por autonomia.

“O que você está escrevendo?”

Eu coloquei o notebook no canto. “Coisas”.

“Novos poemas?”.

“É. Eu tenho lido muito do Neruda ultimamente e –”.

“Isso é bom. É importante ter um passatempo.

“É mais do que um passatempo.” Eu puxei a inscrição da universidade da mochila e lhe mostrei o programa de escrita criativa em Toronto, no qual eu queria me inscrever.

“Oh Meena... Você sabe como a mamãe se sente em relação a isso. Tem sido difícil para ela depois que Harj partiu. Não torne as coisas mais difíceis para ela.”

“Eu não estou.”

“Eu sei. Eu sei que você não está. Mas ela se preocupa, bem, com Harj desaparecida...” Ela parou. “As coisas são *diferentes*... Eu sei é difícil, todas nós sentimos falta dela, mas ela fez suas escolhas e todas nós temos de conviver com elas. Para você parte disso é fazer o que mamãe quer – a não ser que você queira voltar para a Inglaterra?

Eu puxei os joelhos para o meu peito. “E quando eu vou fazer o que eu quero?” (BASRAN, 2010, p. 31)<sup>351</sup>

---

<sup>350</sup> “like threads of old spider webs, still sticky and hovering, the past waits for us to submit, or depart”.

<sup>351</sup> “What are you writing?”

I put the notebook down. “Stuff”.

“New poems?”.

“Yeah. I’ve been Reading a lot of Neruda lately and –”.

“That’s good. It’s important to have a hobby.

“It’s more than a hobby.” I pulled the university application out of my backpack, showing her the creative writing program in Toronto that I wanted to apply for.

“Oh Meena... You know how mom feels about that. It’s been hard for her since Harj left. Don’t make things harder for her.”

Sendo assim, do *Bildungsroman* feminino articulado mediante os embates de suas protagonistas, dentro de uma discussão multifacetada e conflitiva em relação à estrutura patriarcal que a cerceia, a característica ou a adjetivação transcultural amplia e engloba assim a abordagem do eu feminino em busca de autoconhecimento e expressão própria, dentro de um espaço globalizado e dotado de circunstâncias sociais mistas e em prevalente mudança. De acordo com Rita Felski (1989, p.150), as narrativas de formação ou autodescoberta femininas estão divididas em duas correntes opostas.

Por um lado, o desejo de integração e participação dentro de uma grande comunidade pública e social como um meio de superar a condição de marginalização e de incapacidade; por outro lado, a insistência sobre uma diferença qualitativa de perspectiva cultural, como forma de articular, uma ênfase sobre a diferença que resiste a assimilação para o lado dominante da vida social<sup>352</sup>.

Outro ponto fundamental se concentra no contínuo questionamento vivido pela protagonista, que não se desenvolve de maneira coerente e linear. Na verdade, o “aprendizado” no *Bildungsroman* feminino transcultural se desenrola à medida que os embates se apresentam diante da personagem principal, proporcionando a reflexão sob a roupagem de uma busca infinda. Conforme afirma Rita Felski (1989, p. 133) “o romance contemporâneo feminista não costuma proporcionar qualquer encerramento e a questão das consequências sociais derradeiras na transformação individual são deixadas em aberto”<sup>353</sup>. Ambas as narrativas demonstram essa abertura seja pela representação simbólica em Naomi, cuja imagem ao final do romance remete ao movimento em seu interior, “água e pedra dançando” (KOGAWA, 1983, p. 247)<sup>354</sup>, seja pela perspectiva de uma busca infinda em Meena, “tudo o que eu sei fazer é esperar. Mas pelo que, eu ainda não sei” (BASRAN, 2010, p. 254)<sup>355</sup>. Inserido nesse contexto, o romance de formação

---

“I’m not.”

“I know. I know you’re not. But she worries and, well, with Harj gone...” She paused. “Things are *different*... I know it’s hard, we all miss her, but she made her choices and we’re all living with them. For your part of that is doing what Mom wants you to – unless you want to go back to England?”

I pulled my knees into my chest. “And when do I get to do what I want?”

<sup>352</sup> “On the one hand, a desire for integration and participation within a larger social and public community as a means of overcoming a condition of marginalization and powerlessness, on the other, an insistence upon a qualitative difference of cultural perspective as a means of articulating, a stress on difference which resists assimilation into the mainstream of social life”.

<sup>353</sup> “the contemporary feminist novel does not usually supply any such closure, and the question of the ultimate social consequences of individual transformation is left open”.

<sup>354</sup> “water and stone dancing”.

<sup>355</sup> “all I know how to do is wait. But for what I still don’t know”.

enfocado na trajetória de mulheres cujas narrativas étnicas propõem “uma revalorização, uma transvaloração do tradicional Bildung por novos padrões e perspectivas” (BOLAKI, 2011, p. 36)<sup>356</sup>, comunga com valores diferenciados e sob realidades sociais distintas, de modo que estabelece a construção do que Homi Bhabha denomina de terceiro espaço ou entre lugar, conforme ressalta Bolaki (2011, p. 101) “O Bildungsroman é um gênero apropriado para a construção de terceiros espaços”<sup>357</sup>. Vemos na assertiva da teórica a retomada do termo adotado por Bhabha (1990), mas que em seu plural indica multiplicidade e porosidade nos planos de negociação presentes na formação da (s) protagonista (s), apontando um estado de intermitente transição. Sendo o terceiro espaço, um lugar propício às negociações, uma espécie de abertura no sistema das representações hegemônicas como forma de estabelecer um contra discurso, a amplitude de seu plural designa espaços propícios à emergência de outros significantes. Esses, por sua vez, dialogam com “o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação” (BHABHA, 1998, p. 19-20), numa condição para a articulação das diferenças culturais.

Desse modo, lançamos nosso olhar sobre os romances de Basran e Kogawa, cujas narrativas apresentam etapas convergentes na construção do *self* feminino, “na delimitação da reconstituição problemática da identidade racial e pessoal e das negociações conscientes de seus numerosos posicionamentos” (FENG, 1999, p. 29)<sup>358</sup>. Em se tratando de elementos norteadores, as relações entre mãe – filha, identidades, memória e pertencimentos, esses se entrecruzam na formação do sujeito e representação social da mulher no espaço ficcional dos romances em tela. “O espaço híbrido do Bildungsroman oferta um lugar apropriado à negociação de uma série de tensões duradouras e controversas” (BOLAKI, 2011, p. 11)<sup>359</sup>, oriundas dos embates socioculturais dentro de um mundo interdependente e diverso ao mesmo tempo. Segundo destaca Bolaki (2011, p. 13) “a interação do Bildungsroman com a narrativa do trauma, o enredo mãe e filha, a história do imigrante, a biomitografia, memórias, diário, o romance de desenvolvimento lésbico, e o texto

---

<sup>356</sup> “a revaluation, a transvaluation of traditional Bildung by new standards and perspectives”.

<sup>357</sup> “the Bildungsroman is an appropriate site for the construction of third spaces”.

<sup>358</sup> “in its delineation of problematic reconstitution of racial and personal identity and those conscious negotiations of her multiple positionalities”.

<sup>359</sup> “the hybrid space of the bildungsroman offers an appropriate site for the negotiation of a number of enduring and contentious tensions”.

tanatográfico”<sup>360</sup>, reitera a multiplicidade presente na literatura contemporânea étnica de autoria feminina. Conforme os laços narrativos se estreitam dadas as mobilidades tanto geográficas quanto psicológicas, apresenta o *Bildungsroman* transcultural, assim, uma releitura da condição feminina e de seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que reflete as origens diaspóricas na construção identitária das protagonistas dos romances analisados.

Surgiu entre os escritores o interesse em proclamar a experiência de um grupo étnico específico por uma série de trabalhos semidocumentários que na ficção tomou a forma característica do *Bildungsroman* ou romance de formação. Uma premissa típica do gênero resulta em integração e sucesso. Uma mais comum envolve um filho de pais imigrantes que se adapta à nova terra mais facilmente do que seus pais o fazem, mas que parece nunca pertencer o bastante; o impulso para rejeitar valores antigos (ou o desejo de mantê-los) recorrentemente se põe entre o indivíduo e a maioria. (NEW, 1989, p. 240)<sup>361</sup>

Sendo assim, o gênero *Bildungsroman* se habilita a narrar as contradições sociais experienciadas por seus protagonistas de modo que o produto final, ou a “formação” do indivíduo ficcional é interceptada pelas questões que envolvem o momento sócio histórico no qual a trama se desenvolve. Conforme ressalta Slaughter (2007, p. 31) “o *Bildungsroman* tradicional proveu a forma romanesca dominante para representar e adquirir essa nova consciência nacional e histórica simbolizada pelo aparecimento do indivíduo na esfera pública”<sup>362</sup>.

Em nosso estudo, os romances asiático-canadenses de Basran e Kogawa demandam um retorno a um dos aspectos principais na construção do legado literário canadense – os fluxos migratórios e suas políticas. Como visto nos capítulos anteriores, as narrativas de povos migrantes no Canadá demonstraram ser essa temática capital na compreensão da história das minorias, do próprio país e de suas letras. Segundo Lai (2014, p. 37) “escrever sobre o eu, em autobiografias e memórias, é visto geralmente como uma forma de “quebrar o silêncio”, especialmente para indivíduos marginalizados e para aquelas pessoas que se tornaram invisíveis por uma exclusão

---

<sup>360</sup> “the interaction of the *Bildungsroman* with trauma narrative, mother-daughter plot, immigrant story, biomythography, memoir, diary, lesbian novel of development, and thanatographical text”.

<sup>361</sup> “There emerged among writers concerned to declare the experience of a particular ethnic group a series of semi-documentary works that in fiction most characteristically took the form of the *Bildungsroman* or novel-of-growing-up. One typical premise results in integration and success. A more common one involves a child of immigrant parents who adapts to the new land more readily than the parents do but who never seems quite to belong; the impulse to reject old values (or the desire to retain them) recurrently stands between the individual and the majority”.

<sup>362</sup> “the traditional *Bildungsroman* provided the dominant novelistic form for depicting and acquiring this new national and historical consciousness, which it emblemized in the individual’s emergence in the public sphere”.

racista da vida cultural canadense”<sup>363</sup>. Assim, o romance de formação reabre uma história baseada no privilégio branco, textualizando antigos veios de injustiças sociais e étnicas que demandam uma reconciliação aguerrida aos traumas que ressoam do passado. Em se tratando de uma releitura da memória de povos à margem, essa exposição da história se integra às narrativas de mulheres asiático-canadenses numa linha, conforme denomina Foucault (1981, p. 8), de “contra história”, termo voltado para o relato ou leitura da história variante, das múltiplas memórias e suas descontinuidades, já que “a literatura transformou-se desde o século XIX numa contra memória; e os sujeitos que evoluem naturalmente a partir desta linguagem manifestam a história da nossa alteridade”<sup>364</sup>. Por sua vez, essas são problematizadas nas fissuras de uma não aceitação e decorrentes questionamentos da versão dominante da história que se dispõe em busca constante por versões alternativas.

Por conseguinte, a variedade de gêneros que se aglomeram no contexto do romance de formação acentuam a hibridez do gênero, bem como sua revitalização “através da geração de histórias alternativas de crescimento” (BOLAKI, 2011, p. 35)<sup>365</sup>. Além de ressaltar sua capacidade em fazer ressoar as vozes de minorias e dos diversos segmentos sociais marginais dentro da produção canônica vigente, “em sua constituição híbrida, o Bildungsroman é um gênero que se deixa apropriar pelas mais diferentes abordagens” (MAAS, 2000, p. 262). Salientamos, então, que o *Bildungsroman* constitui-se hoje como uma narrativa que delineia as experiências de opressão, ratificadas pela construção fragmentária de memórias reprimidas, a exemplo dos romances em análise, cujas protagonistas estão inseridas no dinamismo dos contextos culturais e políticas sociais globais. Sendo assim, “o Bildungsroman contemporâneo é aquele gênero inclusivo de todas as narrativas de formação baseadas na biografia e na História” (MCWILLIAMS, 2009, p. 23)<sup>366</sup>. Verificamos que Naomi (*Obasan*) e Meena (*Everything Was Good-Bye*) carregam o jugo oscilante do vir a ser (*becoming/des Werdens*), característica essa identificada por Ernst Ludwing Stahle (1970) como fundamental ao *Bildungsroman*, e do vir a pertencer (*belonging*), na busca por um lugar dentro do micro e macro cosmos constituintes da nação. Desse modo, “o Bildungsroman é o

---

<sup>363</sup> “writing the self, in autobiographies and memoirs, is often seen as a way to “break the silence”, especially for marginalized subjects and those people who have been rendered invisible through racist exclusion from Canadian cultural life”.

<sup>364</sup> “literature has been transformed since the nineteenth century, into a counter-memory; and the subjects that naturally evolve from this language manifest the history of our otherness”.

<sup>365</sup> “by generating alternative stories of growing up”.

<sup>366</sup> “the contemporary Bildungsroman is one that is inclusive of all narratives of formation that are based on biography and history”.

local apropriado para a negociação não apenas dos dilemas concernentes às protagonistas nos textos, mas também por uma série de contínuas e controversas tensões” (BOLAKI, 2011, p. 247)<sup>367</sup> pertinentes à contemporaneidade.

Em suma, os padrões narrativos em muitos Bildungsromane de mulheres étnicas são complicadas redes de sistemas de signos intertextuais. Estes sistemas de signos representam as múltiplas facetas da experiência e consciência da mulher étnica, que são diálogos heterogêneos entre os discursos formais – discursos étnicos culturais, discursos históricos de imigração ou escravidão/desapropriação, ideologias patriarcais – e memórias individuais e pessoais. (FENG, 1999, p. 23)<sup>368</sup>

Tomando, então, por base a diegese memorialista marcada por antagonismos, conflitos e ostracismo aos povos asiáticos de origem nipônica, o romance *Obasan*, de Joy Kogawa canaliza, através de sua protagonista, “uma exploração no papel crucial da memória pessoal e histórica no desenvolvimento e evolução humana” (MCPHERSON, 2006, p. 77) <sup>369</sup>, pois; além de estar mergulhada num momento crítico da História Canadense – o internamento dos nipo-canadenses em campos de concentração, no Canadá, durante a Segunda Guerra Mundial, a protagonista entra em diálogo com o passado e, através de suas memórias, nos leva a conhecer os traumas que a acometeram desde a infância até a fase adulta. Sua jornada de rememoração é movida pelo falecimento do tio Isamu, fato este que a reconduz a casa da tia Obasan e as lembranças adormecidas que se encontram no sótão: “já passa da meia-noite quando eu acordo e vejo Obasan entrar no quarto com uma lanterna na mão. [...] “Estava no sótão, certamente”, ela diz. Uma escada aberta para o sótão foi construída ao longo da parede do meu quarto, ela segura no corrimão” (KOGAWA, 1983, p. 23)<sup>370</sup>. Obasan conduz Naomi até o sótão, recanto das memórias. “[...] “Em algum lugar aqui”, ela diz [...] “Perdido”, ela diz ocasionalmente. A palavra “perdido” também significa “morto”” (KOGAWA, 1983, p. 24)<sup>371</sup>. Segundo Eurídice Figueiredo (2010, p. 28),

---

<sup>367</sup> “the Bildungsroman is an appropriate site for the negotiation not only of the protagonist’s dilemmas in the texts, but also of a number of enduring and contentious tensions”.

<sup>368</sup> “In brief, the narrative patterns in many Bildungsromane by ethnic women are complicated networks of intertextual sign systems. These sign systems, representing the multiple facets of experience and consciousness of an ethnic woman, are heterogeneous dialogues between formal discourses – ethnic cultural discourses, historical discourses of immigration or slavery/dispossession, patriarchal ideologies – and individual, personal memories”.

<sup>369</sup> “an exploration of the crucial role of personal and historical memory in human development and evolution”.

<sup>370</sup> “It is past midnight when I waken to see Obasan enter the bedroom with a flashlight in her hand. [...] “It was in the attic, surely”, she says. An open stairway to the attic is built along the inside wall of my bedroom and she grasps the railing”.

<sup>371</sup> “[...] “Somewhere here”, she says [...] “Lost,” she says occasionally. The word for “lost” also means “dead””.

romances da memória e sobre a memória, a qual se apresenta de forma fragmentária, não oferecendo senão cacos de memória, “espelhos quebrados” [...]. Paradoxalmente, estes pedaços esparsos de memória adquirem maior ressonância porque se trata de vestígios, aparentemente insignificantes, mas que simbolizam um passado enterrado.

Esses vestígios são cicatrizes da memória que se ancoram no presente. Ainda que *Obasan* seja um romance, portanto, uma narrativa ficcional, é claro que ali temos o retrabalhar de uma temática histórica, comum a vários nipo-canadenses e que, dessa forma, traz uma memória coletiva à tona, não de fundo autobiográfico, mas com ressonância de algo vivenciado pela comunidade japonesa no Canadá. Segundo destaca Almeida (2013, p. 59), “a rememoração revela-se ainda como uma potente forma de compreender como as experiências da memória coletiva e do legado histórico de outrem podem ser compartilhadas pela comunidade, apontando para a ligação intrínseca entre memória individual e memória social”.

As memórias de Naomi emergem das penumbras do sótão da casa de sua tia, Aya Obasan, onde “uma lembrança resvala para fora da escuridão, fiando-se e emaranhando-se no ar, pronta para me abocanhar e enlaçar a enigmas antigos e complexos” (KOGAWA, 1981, p. 26)<sup>372</sup>. O espaço do sótão representa o recanto de memórias escondidas, de pensamentos reprimidos que são desvelados pela protagonista do romance ao narrar, através da leitura de cartas e documentos oficiais relativos ao internamento, a verdade sobre o paradeiro de sua mãe e sobre os acontecimentos históricos que marcaram as famílias Kato e Nakane. Isso desencadeia sua busca para compreender o seu lugar social e a si mesma, e, “como a maioria das protagonistas do Bildungsroman se retiram para um lugar isolado no intuito de contemplar seu passado e encontrar a si mesma” (LAZZARO-WEIS, 1993, p. 101)<sup>373</sup>, Naomi reordena e transforma o caos das experiências e decorrentes conhecimentos adquiridos em uma estrutura orgânica catalisada pelos ritos de passagem presentes no romance. Desse modo, “a memória não revive o passado, mas o constrói. A expedição pela memória é a busca pela própria história” (HUA, 2008, p. 198)<sup>374</sup>. Esses ritos, por sua vez, se tornam metáforas de busca ou investigações que conduzem a protagonista da condição de “ignorância” para o estado de entendimento. Assim, a narrativa como *Bildungsroman* tece o “crescimento” de Naomi através da reescrita do passado, com a disposição da trama sendo

---

<sup>372</sup> “a memory comes skittering out of the dark, spinning and netting the air, ready to snap me up and ensnare me in old and complex puzzles”.

<sup>373</sup> “like many Bildungsroman protagonists, retreats to a secluded place to contemplate her past and find herself”.

<sup>374</sup> “memory does not revive the past but constructs it. The quest for memory is the search for one’s history”.

movida por uma violência epistêmica, cujas raízes fincadas numa história de intolerância e exílio se manifestam como *leitmotiv* dos ritos de passagem representativos não apenas da protagonista, mas de todo um coletivo à margem da sociedade canadense dominante. Nesse contexto, o trauma e a perda desempenham o papel de intermediadores dos processos de construção da *Bildung* (formação) em Naomi como forma de reconciliar *self* e sociedade, mundo interior e exterior das relações sociais.

Em sua recuperação de uma história pessoal da *Bildung* e uma história política sobre a possibilidade de crescimento de uma raça oprimida, o *Bildungsroman* de Kogawa subverte o quase indispensável predomínio de quebra do silêncio endossado pela maioria das teorias feministas. A narrativa subversiva de Kogawa trata assim da influência na escrita das mulheres de cor no intuito de alterar qualquer hegemonia crítica. Como tal, *Obasan* alerta aos teóricos contemporâneos quanto a qualquer impulso de totalização enquanto teoriza sobre a narrativa da *Bildung* por mulheres de cor em geral. (FENG, 1999, p. 36)<sup>375</sup>

Assim, a memória “em face da perda, pode assegurar o sentido do eu, forjando conexões vitais com o passado” (MCPHERSON, 2006, p. 77)<sup>376</sup>. As memórias dispostas entre o presente-passado-presente cosem os traumas e frestas no ambiente psíquico da protagonista, conduzindo-nos a compreender os impactos na construção do *self*, “no qual a memória é ao mesmo tempo o sujeito da história e o instrumento de sua narração” (MCPHERSON, 2006, p. 58)<sup>377</sup>. Deste modo, o recontar de memórias de uma ‘contra história’ fragmentada em relação ao discurso dominante integra, na composição do *Bildungsroman*, uma ampliação na área de circunscrição histórica como forma de releitura das relações de poder e recuperação das afasias que inabilitavam as minorias. Nesse sentido, “escritores de cor tem privilegiado a memória como uma importante ferramenta da contra história, utilizada para desafiar histórias fundamentais do poder hegemônico” (DUNCAN, 2004, p. 106)<sup>378</sup>. Concomitante à recuperação da memória, a narrativa nos conduz até os quatro anos de idade de Naomi, período no qual ela mantinha uma ligação harmoniosa com a mãe, “eu estou agarrada à perna de minha mãe, um eixo de carne que cresce a partir do chão, um tronco de

---

<sup>375</sup> “In her retrieval of a personal story of *Bildung* and a political story about the possibility of growth of an oppressed race, Kogawa’s *Bildungsroman* subverts the almost hegemonic imperative of breaking silence endorsed by most feminist theorists. Kogawa’s subversive narrative thus speaks for the power in the writing of women of color to unsettle any critical hegemony. As such, Obasan warns contemporary theorists against any totalizing impulse while theorizing the narrative of *Bildung* by women of color in general.”

<sup>376</sup> “in the face of loss, may secure a sense of self, forge vital connections to the past” .

<sup>377</sup> “in which memory is both the subject of the story and the vehicle of its telling”.

<sup>378</sup> “writers of color have privileged memory as an important discursive tool of counter history, used to challenge foundational histories of hegemonic power”.



árvore, na qual eu sou o ramo – um ramo jovem, preso verticalmente por carne e osso. Onde ela está enraizada, eu também estou” (KOGAWA, 1981, p. 64)<sup>379</sup>. Essa conexão pré-existente, na psique da protagonista ocorre, de acordo com assertiva de Carl Jung (1969, p. 188), de “que cada mulher contém sua filha em si mesma e que cada filha sua mãe, e que cada mulher prolonga-se regressivamente para a mãe e progressivamente para a filha”<sup>380</sup>. No contexto romanesco em tela, no entanto, a relação simbiótica com a mãe se rompe pela brusca ausência dessa. Há também a imposição de um segredo entre elas, fato esse que desestabiliza o ponto de referência de Naomi: “ela esperou até que tudo se acalmasse antes de conversarmos. Eu conto tudo a ela. Não há nada sobre mim que minha mãe não saiba, nada que não seja seguro dizer” (KOGAWA, 1981, p. 60)<sup>381</sup>. Conforme observamos, a protagonista nada escondia da mãe, no entanto, o distanciamento que aos poucos é demonstrado pela trama, assim como a ruptura com o laço materno tanto abrem espaço para a ameaça exterior, como expõe Naomi a uma quebra com a representação da mãe como o tronco ao qual a protagonista está unida, e que se rompe, endossando assim seu caráter fragmentário, conforme observamos na seguinte passagem: “É NESSE PERÍODO QUE MAMÃE DESAPARECE. Eu dificilmente me atrevo a pensar, muito menos a perguntar, o porquê ela teve de ir. As perguntas não têm sentido” (KOGAWA, 1981, p. 66)<sup>382</sup>. Desse modo, o relacionamento mãe-filha no contexto da narrativa de Kogawa desempenha a função de espaços discursivos interligados diretamente ao desenvolvimento da protagonista e demais negociações associadas aos traumas sofridos por ela.

O posterior relacionamento traumático entre mãe e filha resulta do rompimento dos laços prematuramente. Assim, o desvinculamento materno é enfatizado através da violência sofrida por Naomi ainda na fase pueril. Os abusos sofridos pela protagonista reforçam a ausência da proteção materna, pois o porto seguro que integra uma parte vulnerável da identidade feminina geralmente representado pela mãe, aliados à segurança e conexão simbiótica outrora estabelecida, é rompida bruscamente, deixando a protagonista vulnerável à manipulação do predador/opressor.

---

<sup>379</sup> “I am clinging to my mother’s leg, a flesh shaft that grows from the ground, a tree trunk of which I am offshoot – a young branch attached by right of flesh and blood. Where she is rooted, I am rooted”.

<sup>380</sup> “that every mother contains her daughter in herself and every daughter her mother, and that every woman extends backwards into her mother and forwards into her daughter”.

<sup>381</sup> “she has waited until all is calm before we talk. I tell her everything. There is nothing about me that my mother does not know, nothing that is not safe to tell”.

<sup>382</sup> “IT IS AROUND THIS TIME THAT MOTHER DISAPPEARS. I hardly dare to think, let alone ask, why she has to leave. Questions are meaningless”.

Eu tenho apenas quatro anos de idade. Suas mãos são grandes e exigentes. Ele acaricia minha cabeça como se eu fosse um pequeno animal. Meu cabelo preto curto em linha reta na minha testa como uma vassoura é soprado de lado, conforme ele coloca a boca no meu rosto [...] Ele se agacha. Gostaria de ir para a minha mãe. Suas mãos seguram a minha saia conforme eu me levanto para ir. O elástico macio ao redor da cintura puxa as tiras cruzadas sobre meus ombros. Não posso me mover. Eu não posso olhar para seu rosto. É impensável ser segurada a força. (KOGAWA, 1981, p. 63)<sup>383</sup>

A relação de violência do vizinho para com Naomi estabelece a relação dominador/dominado, pois Naomi é marcada por seu gênero e por sua raça, fator esse desencadeador de uma violência tanto sexual quanto política e racial. Sendo assim, o ato pedofílico expressa a violência política e cultural à espreita, como observado nas analogias aos contos de fada *Chicken Little*, *Goldilocks and the Three Bears*, entre outros mencionados no decorrer da narrativa, que, filtrados pela mente infantil da protagonista, se tornam uma forma metafórica de relato dos processos relacionados ao internamento e subsequente relocação dos nipo-canadenses. Nesse sentido, as referências aos contos de fada estabelecem uma conexão com a identificação de Naomi dentro da sociedade canadense bastante ambígua. Assim, o primeiro deles a fazer menção direta à protagonista, duplamente marginalizada por ser mulher e asiática, se apresenta no contexto do conto de Branca de Neve. Podemos observar que “o tema do conto de fadas Branca de Neve favorece ao esboço ficcional da condição dos nipo-canadenses em oposição a autoridade canadense branca” (SLAPKAUSKAITE, 2006, p. 36)<sup>384</sup>, cuja tônica recai nos questionamentos, a partir da perspectiva dos marginalizados. Essa narrativa, dentro do imaginário de Naomi, “é a narrativa exemplar da estrutura do poder como cálculo sobre a vida das mulheres” (TIBURI, 2008, p.63) e se torna um aspecto relacionado ao cerco e à imobilidade feminina no interior de uma sociedade hegemonicamente branca e masculina. Desse modo, a representação do dominador (Old Man Gower) nos casos de abuso relatados pela protagonista, sugerem Naomi como Branca de Neve, uma fugitiva das ameaças mortais da esfera dominante e que é engolida pela floresta que representa o espaço do opressor. “‘Fuja garotinha. Esconda-se. Esconda-se’, ele diz, colocando-me para baixo no banheiro. Eu sou Branca de Neve na floresta, impossibilitada de correr. Ele é a

---

<sup>383</sup> “I am four years old. His hands are large and demanding. He caresses my head as if I were a small animal. My short black hair straight across my forehead like a broom is blown aside as he puts his mouth on my face [...] He squats down. I wish to go to my mother. His hands holds my skirt as I get up to go. The soft elastic around the waist pulls at the straps criss-crossing over my shoulders. I cannot move. I cannot look at his face. It is unthinkable to be held by force”.

<sup>384</sup> “the motif of the Snow White fairy tale furthers the fictionalized modelling of the Japanese Canadian status against white Canadian authority”.

floresta repleta de olhos e braços. Ele é a raiz da árvore que faz Branca de Neve tropeçar”. (KOGAWA, 1981, p. 64)<sup>385</sup>. Assim, locados na intersecção dos traumas raciais sofridos por Naomi, as memórias pessoais, a memória cultural e a história oficial se condensam não de forma redutiva e concentrada no passado, mas de modo a prover uma ponte de discussões nas políticas instituídas nos países pluriétnicos. O romance de formação assim constituído por via da história dos povos privados de visibilidade social “retrata a identidade peculiar e os problemas de ajuste das pessoas cuja cor ou sexo os tornam inaceitáveis para a sociedade dominante” (BRAENDLIN, 1983, p. 75)<sup>386</sup>. Ficam estabelecidas assim como dilema central do romance de formação as relações entre etnicidade, gênero e classe:

Os romances que retratam o desenvolvimento feminino divergem da normatividade do Bildungsroman masculino através de diferentes valores e experiências, nesse, o curso do desenvolvimento da heroína é mais conflituoso e menos direto: a separação resiste ao desejo de fusão e a heroína compreende com convicção que a identidade reside nos relacionamentos íntimos, especialmente aqueles devotados à primeira infância. (RISHOI, 2003, p.60)<sup>387</sup>

A conexão entre mãe e filha formulam, nas narrativas de Basran e Kogawa, laços de interdependência de ambas as partes, de modo que adquirem e permitem o aflorar das protagonistas como sujeitos em renovação. Em *Obasan*, Naomi, ao mesmo tempo em que descobre o ocorrido com sua mãe durante o bombardeio em Nagasaki, a libera e liberta a si mesma da culpabilidade, desencadeando um processo de restauração de seu *self*, que se abre às possibilidades, conforme observamos nos momentos finais do romance, em que a protagonista reconhece o seu próprio desenvolvimento após a leitura das cartas e documentos sobre os fatos históricos ocorridos durante sua infância, assim como o destino de sua mãe, “Eu penso que para uma criança não há presença sem corpo. Entretanto, é possivelmente por eu não ser mais uma criança que eu possa estar ciente de sua presença, mesmo você não estando aqui. As cartas esta noite são ossaturas. Ossos apenas.

---

<sup>385</sup> ‘Run away little girl. Hide. Hide’, he says, putting me down in the bathroom. I am Snow White in the forest, unable to run. He is the forest full of eyes and arms. He is the tree root that trips Snow White”.

<sup>386</sup> “portrays the particular identity and adjustment problems of people whose sex or color renders them unacceptable to the dominant society”.

<sup>387</sup> “Novels depicting female coming of age diverge from normatively male Bildungsroman through different values and experiences in that the heroine’s developmental course is more conflicted, less direct: separation tugs against the longing for fusion and the heroine encounters the conviction that identity resides in intimate relationships, especially those of early childhood”.

Mas a Terra ainda agita-se com a floração adormecida” (KOGAWA, 1981, p. 243)<sup>388</sup>. A representação desse desabrochar, ainda que entorpecido, se configura na mobilidade interior de Naomi que desperta após a epifania. A lucidez dos fatos se dá conjuntamente à estrutura óssea representada pelas cartas, que resguardam em si uma parte significativa da presença materna, já que “como a parte menos perecível do corpo é formada pelos ossos, estes exprimem a materialização da vida [...] para certos povos, a *alma* mais importante reside nos ossos” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2007, p. 666). Desse modo, verificamos que essa nostálgica revelação reanima a presença materna e segundo assertiva de Tara Lee (2008, p. 209) “as memórias associadas à mãe não invocam apenas um período de vazio, mas também um caminho de reconstrução do “corpo””<sup>389</sup>. Essa representação firmada pelas cartas e documentos, por sua vez, desencadeiam ainda que pelo torpor, o aflorar de Naomi, reconhecendo-se em processo de tornar-se adulta, confirmando, por fim, a liberação da protagonista de seu sentimento de culpa que a acompanha desde a infância.

Ao longo desses estágios de desenvolvimento, o relacionamento mãe-filha é gradualmente renegociado e redefinido conforme, ambas, mãe e filha se ajustam às mudanças em suas necessidades e capacidades [...], a interdependência e reciprocidade que caracterizam esse relacionamento implica no papel chave da mãe na libertação da filha e vice-versa (ABUDI, 2011, p. 8)<sup>390</sup>

Naomi é reconduzida na recomposição de seu desenvolvimento e *self*, criando veios adicionais e sentidos alternativos, pois “a narrativa de formação coloca em primeiro plano a dor e confusão que acompanham a posição conflitiva do indivíduo – todos querem pertencer, de alguma forma a uma cultura que reconheça apenas o indivíduo coerente como normal – entretanto, esses textos argumentam que a normalidade é por fim, quimérica” (RISHOI, 2003, p. 9)<sup>391</sup>. Nessa linha de pensamento, o romance de Basran estabelece uma narrativa de formação na qual a protagonista se torna agente ativo na articulação de sua própria *Bildung*, conduzindo assim seu processo

---

<sup>388</sup> “I am thinking that for a child there is no presence without flesh. But perhaps it is because I am no longer a child I can know your presence though you are not here. The letters tonight are skeletons. Bones only. But the Earth still stirs with dormant blooms”.

<sup>389</sup> “the memories associated with the mother not only invoke a time of wholeness, but are also a pathway for reconstructing “a body””.

<sup>390</sup> “Throughout these development stages, the mother-daughter relationship is gradually renegotiated and redefined as both mother and daughter adjust to changes in their needs and abilities [...] the interdependence and reciprocity that characterize this relationship imply that the mother can be the key to the daughter’s liberation and vice versa.”

<sup>391</sup> “the coming-of-age narrative foregrounds the pain and confusion that accompanies a conflicted subject position – we all want to *belong*, somehow, to a culture that recognizes only the coherent subject as normal – but these texts argue that normality is in the end, chimerical”.

autoeducativo em interação com o meio sociocultural e tradições étnicas promotoras de uma compreensão do *self* individual de Meena, articulando, dessa forma, a conscientização de sua posição para além do confinamento patriarcal a partir de uma visão diferenciada quanto às formas de pertencimento no mundo.

Desse modo, regido por particularidades das narrativas transculturais “o bildungsroman serve de mediador cultural [...] na formação da identidade de sua heroína ficcional” (HELFF, 2013, p. 120)<sup>392</sup>, funcionando como um mecanismo cultural capaz de sondar os princípios de uma coexistência geralmente conflitiva entre o espaço individual (autonomia) e a integração social. Enquanto provedor de espaços negociáveis, o romance de formação dispõe a narrativa em pontos de transição responsáveis pelo desenvolvimento da personagem em foco. Como podemos observar no romance de Basran, a protagonista não se detém ao direcionamento que a subjuga. Meena transcende, ainda que movida pela perda e ruptura parcial dos laços tradicionais representados pela relação mãe-filha em culturas migrantes. De certo modo, a protagonista circula pelos eixos culturais que a constituem, buscando discernir seu caminho – os conflitos com a mãe, a relação tempestuosa com Liam, o reflexo oriundo das polaridades representadas pelas escolhas de suas irmãs Harj e Serena se tornam acontecimentos desencadeadores de algumas das etapas de negociação e enfrentamento tanto interiores quanto exteriores de sua condição transcultural.

Dessa forma gerido, o romance de Basran se aproxima dos fatores apontados por Braendlin (1983) a respeito do romance de formação. Segundo a teórica, o *Bildungsroman* está associado a um ambiente possuidor de fatores repreensivos favoráveis à indução de uma desilusão ou incompletude, “Eu também puxei os meus limites imaginários, aproximando-os ao meu redor conforme eu olhava para a janela, olhando fixamente para o meu reflexo opaco, sem rosto” (BASRAN, 2010, p. 196)<sup>393</sup>. Destaca FENG (1999, p. 35) como sendo essa, “uma das contribuições das mulheres de cor escritoras para o desenvolvimento do Bildungsroman”<sup>394</sup>. Esses fatores são geradores dos processos de mudança e encaminhamento à maturidade e paralelamente ofertam possibilidades de escolhas individuais, por sua vez favoráveis ao desenvolvimento da personagem na narrativa. A crise espiritual, identitária e amorosa colocam os valores culturais

---

<sup>392</sup> “the bildungsroman serves as a cultural mediator [...] in identity – formation of its fictional hero(ine)”.

<sup>393</sup> “I, too, pulled in my imaginary borders, closing them around me as I look out the window, staring into my opaque reflection, faceless”.

<sup>394</sup> “one of the contributions of women writers of color to the development of the Bildungsroman”.

opostos em evidência nas malhas narrativas, fazendo com que a protagonista seja dividida entre a realidade social e os desejos pessoais.

Eu tentei sorrir apesar da afronta. A única vida que eu estava entregando era a minha. Há muito tempo eu parei de tentar conceber qualquer existência, exceto a única que eu tinha momento a momento. Minha mãe me alertou que a respeito do casamento, era melhor eu não esperar nada. No dia do meu casamento, ela me disse para não sorrir demais. Quando perguntei o porquê, ela estava atrás de mim, olhando fixamente o meu reflexo no espelho e me disse que a vida possuía um grau de profundidade. “Quanto maior a sua felicidade, mais profundo o seu pesar”. Perguntei-lhe se funcionava de forma contrária – se a minha dor era profunda, seria a minha felicidade grande? Enquanto permanecíamos no reflexo uma da outra, olhando para frente e para trás, ela estreitou os olhos semicerrando-os num olhar fixo. Por um momento, eu pensei que ela havia me visto, e eu sabia que ela me via ao responder: “Suas decepções habitam seus sonhos”. (BASRAN, 2010, p. 134-135)<sup>395</sup>

Como observado no fragmento, o diálogo entre mãe e filha introduz um momento de identificação no qual a mãe se reconhece na própria filha, aqui num reflexo bastante negativo, não muito promissor, findando numa desaprovação do eu refletido de Meena. A visão negativa se converte num ponto de vista de descoberta de si mesma, pois o olhar materno vê através das lentes patriarcais. Ao longo da narrativa Meena é constantemente alertada por sua mãe quanto ao seu comportamento, entre o que uma mulher deve e o que não deve fazer e repercussão de seus atos dentro da comunidade indo-canadense em que se insere. Nesse interim, tanto mãe quanto filha reconhecem o fardo imposto às mulheres:

Aparentemente, era o destino de minha mãe ser uma viúva com seis filhas e o nosso nos torna vítimas de vidas fraturadas. Ainda que eu lutasse contra esta existência pré-determinada, eu sabia que minhas irmãs e eu estávamos esculpidas pela mesma miséria, existindo apenas para os outros, como monumentos esquecidos e que foram reguidos para celebrar eventos que tinham ido e vindo. (BASRAN, 2010, p. 14)<sup>396</sup>

---

<sup>395</sup> I tried to smile despite the snub. The only life I'd given away was my own. I had long stopped trying to conceive of any existence but the one that I had moment to moment. My mother cautioned me that when it came to marriage, it was best not to expect anything. On my wedding day, she'd told me not to smile too much. When I asked why, she stood behind me and gazed at my reflection in the mirror and told me that life was about depth. “The greater your happiness, the deeper your sorrow”. I asked her if it worked the other way – if my sorrow was deep, would my happiness be great? As we stood in each other's reflection, looking forward and back, she narrowed her eyes to a squinted stare. For a moment I thought she saw me, and I knew she did when she answer, “Your disappointments dwell with your dreams”.

<sup>396</sup> “Apparently, it was my mother's fate to be a widow with six daughters and our fate to become casualties of fractured lives. Though I struggled against such a predetermined existence, I knew that my sisters and I were all carved out this same misery, existing only for others, like forgotten monuments that had been erected to commemorate events that had come and gone”.

Em Meena, o desejo por adequação e equilíbrio se chocam com as imposições maternas defensoras das tradições da cultura patriarcal. A figura materna coordena a manutenção do seu papel de viúva e guardiã dos valores de seu grupo, como forma de ordenação da estrutura familiar. Após o falecimento do marido e a ausência de um filho primogênito do sexo masculino, recai sobre a matriarca a responsabilidade de defender as tradições. Dentro desse contexto, as representações paterna e materna se configuram conforme o trecho, “ele era um mito e minha mãe era uma mártir” (BASRAN, 2010, p.14)<sup>397</sup>. A ênfase no martírio coaduna com a ausência do varão, fator primordial na consagração da mãe dentro do núcleo familiar e de sua própria segurança futura, pois “a relação principal é entre a mãe e o filho primogênito. O seu lugar é elevado a partir do nascimento de um filho” (STEPHEN, 2012, p. 91)<sup>398</sup>. No contexto ficcional o martírio materno exerce uma função purgatória, cujo destino reserva o cuidado às filhas. “Se ao menos ele tivesse um filho... o que nós podemos fazer... é o destino [...] Eu os ouvia justificarem toda a nossa vida em apenas uma palavra. Aparentemente, era o destino de minha mãe ser uma viúva com seis filhas e nosso destino nos tornarmos vítimas de vidas fraturadas” (BASRAN, 2010, p. 14)<sup>399</sup>.

Nesse sentido, a projeção do suposto luto perpétuo toma a forma de rituais recorrentes a cada reunião familiar, “minha mãe sentada no sofá, cabeça inclinada, olhos chorosos e introvertidos. Eu me pergunto se ela estava encenando ou se sua dor, após tantos anos, poderia ser tão real” (BASRAN, 2010, p. 13)<sup>400</sup>. Dessa forma, sob a alcunha de “uma versão moderna do sati; ao invés de ser queimada na pira funerária do esposo, minha mãe era repetidamente chamuscada por seus recordadores, a cremar sua vida dentro de si mesma” (BASRAN, 2010, p. 15)<sup>401</sup>. Assim revestida pela abnegação, a figura materna refletia em Meena uma imagem desarmônica consigo mesma, povoada pelas frustrações, raiva e sentimentos opostos – de adesão e tensão – ampliadores de sua conscientização. Dessa forma, as dissonâncias oriundas do núcleo familiar agregado às demandas externas estão presentes à medida que Meena ultrapassa os limites da conduta destinada às mulheres da comunidade Punjabi. Interessante notar como após a gravidez extraconjugal de

---

<sup>397</sup> “he was a myth and my mother was a martyr”.

<sup>398</sup> “the primary relationship is between the mother and her first-born son. Her place in the family is elevated by the birth of a son”.

<sup>399</sup> “If only he had a son ... what can we do...it is kismet [...] I listened to them explain our entire lives away with one word”.

<sup>400</sup> “my mother sat on the sofa, head tilted, eyes weepy and withdrawn. I wonder if she were acting or if her grief after so many years could be this real”.

<sup>401</sup> “It was a modern version of sati; instead of being burned on her husband’s funeral pyre, my mother was repeatedly singed by their reminders, cremating her life inside herself”.

Meena, o falecimento de Liam e as decorrentes mudanças geradas pela dissolução do casamento com Sunny colaboram para o desenvolvimento da protagonista e a liberação dos estigmas entre mãe e filha.

“Não, Mãe. Eu não sou você”. Eu olhei ao redor para minhas irmãs, que se moviam para dentro e para fora da sala como fantasmas cuidadosamente ao redor da memória dos mortos – da mesma forma nós, ao redor das lembranças de nosso pai, da mesma forma construímos nossa vida ao redor da dor da minha mãe. “Eu não posso fazer isso. Eu não quero ser boa nisso... e porque você está aqui? Você nem mesmo o conhecia”, eu disse para tia Kishor. “Nenhuma de vocês. Vocês deveriam estar envergonhadas”. Enquanto eu me retirava, eu ouvia minha mãe desculpar-se por mim, dizendo que eu estava fora de mim. Eu me pergunto se eu alguma vez eu fui eu mesma. “Pare de se desculpar por mim,” eu gritei de volta. Tudo o que você faz é se desculpar por todas nós”. Quando você vai perceber que nós não fizemos nada de errado? Nenhuma de nós”. (BASRAN, 2010, p. 244)<sup>402</sup>

A reação de Meena delibera as fachadas comportamentais suportadas por ela e por suas irmãs após o falecimento do pai. A protagonista é relutante quanto ao pensamento de manter o mesmo comportamento que por tantos anos rege as mulheres da família. Assim, a narrativa de Basran enfoca as relações familiares e suas tensões geradoras de um dilema entre a liberdade individual e as obrigações familiares. Em se tratando de filhos de imigrantes mergulhados nos valores tradicionais da família e a cultura de chegada. Somos respaldados pelas teóricas abaixo em suas teorias sobre a literatura asiático canadense de mulheres.

A discussão sobre os casamentos arranjados e a Liberdade feminina (sexual/emocional) é um tema recorrente nestas narrativas e constituem uma marca clara dos embates interculturais e entre gerações. O assunto sobre o casamento arranjado simboliza a separação entre mães e filhas refletindo mais explicitamente a mudança no papel social das mulheres indianas. Na maioria dos casos, um casamento arranjado é visto pelos pais como uma necessidade de correção a excessiva modernidade de suas filhas, uma forma de recuperar a filha culturalmente distante; algumas mulheres veem no casamento arranjado uma imposição e reivindicam o seu direito por independência, enquanto outras

---

<sup>402</sup> “No, Mom. I’m not you”. I looked around at my sisters, who were moving in and out of the room like ghosts, tiptoeing around the memories of the dead – in the same way we’d tiptoed around the memories of my father, in the same way we’d built our lives around my mother’s grief. “I can’t do this. I don’t want to be good at this...and why are you even here? You didn’t even know him”, I said to Kishor Auntie. “Neither of you did. You should be ashamed”. As I walked out, I heard my mother apologize for me, saying that I wasn’t myself. I wondered if I’d ever been myself. “Stop apologizing for me,” I yelled back at her. “All you ever do is apologize for us” When are you going to see that we never did anything wrong? None of us”.



expressam seu amor, lealdade, e desejo sexual em relação ao marido escolhido para elas. (DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, p. 14)<sup>403</sup>

Desse conjunto de explicações, podemos destacar, ao final do romance, a aceitação da mãe pela escolha de Meena, ainda que pontuada pelo silêncio, “Eu ligo para minha mãe. Ela está lendo os folhetos de ofertas. Ela me diz onde o suco de maçã está em promoção. Nós partilhamos do silêncio” (BASRAN, 2010, p. 253)<sup>404</sup> A narrativa de Basran pauta-se assim na inquietude da busca, cujo resultado indica uma representação de uma mulher que busca mudar seu destino pré-arranjado por outros.

Um ponto em comum entre os dois romances e que se torna pertinente nas narrativas do *Bildungsroman* contemporâneo, consiste no declínio de ambas as famílias das protagonistas dentro da estrutura social retratada. Em *Obasan*, após o despojamento de todos os bens, as famílias nipo-canadenses são levadas aos campos de concentração. Através das lembranças de Naomi, principalmente com relação à parte descritiva da residência dos Nakane e de seus brinquedos observa-se a disparidade entre a realidade que os acomete após o internamento e que reflete a mudança na condição socioeconômica, “minhas bonecas não estão nesta sala, mas em cima numa caixa grande na cozinha. Mais tarde, era da família das bonecas que eu sentia mais falta – os representantes daqueles que eu amava” (KOGAWA, 1983, p. 52)<sup>405</sup>. No romance *Everything Was Good-bye*, a família de Meena ao aportar em território canadense sucumbe à hostilidade local e permanece num padrão inferior ao que possuíam na Índia. “Na Índia meu pai foi um respeitado engenheiro; no ocidente ele era considerado um trabalhador não qualificado[...]. Nós não éramos pobres ao chegarmos no Canadá, minha mãe disse uma vez, fazendo uma pausa enquanto amassava as frutas para a geléia. ‘Mas esse país diz que nós somos’” (BASRAN, 2010, p. 21)<sup>406</sup>. O declínio social, nos romances de Basran e Kogawa, representa uma violência simbólica (Pierre Bourdieu,

---

<sup>403</sup> “The discussion of arranged marriages and women’s (sexual/ emotional) freedom is a recurrent topic in these narratives and constitutes a clear marker of intergenerational and intercultural clash. The subject of arranged marriage symbolizes the separation between mothers and daughters that reflects most explicitly the change in Indian women’s social roles. In a number of cases, an arranged marriage is seen by parents as the necessary corrective to their daughter’s excessive modernity, a way of recovering the estranged daughter; some women see in the arranged marriage an imposition and claim their right to independence, while others express their love, loyalty, and sexual desire towards her husbands chosen for them”.

<sup>404</sup> “I call my mother. She is Reading the flyers. She tells me where the apple juice is on sale. We share silence”.

<sup>405</sup> “my dolls are not in this room but upstairs in a large bin in the kitchen. Later, it was the family of dolls I missed more than anything else – the representatives of the ones I loved”.

<sup>406</sup> “In India my father had been a respected engineer; in the West he was considered unskilled labour [...]. We were not poor when we came to Canada, my mother once said, pausing as she mashed overripe berries into jam. ‘But this country tell us we are’”.

1977) vista como algo sutil e não reconhecida como tal, pois é aplicada pelo grupo dominante. Essa forma de violência, no romance de formação tem seus elementos de coação expostos, como forma de dar respaldo a vivência das mulheres, possibilitando a escolha por um lugar diferenciado daquele imposto pela condição migrante e pelo gênero.

Jennifer Wagner-Lawlor (2013, p. 53) destaca os esforços da produção literária voltada para elucidar a experiência feminina através da visão revisionista de releituras que contrariam as narrativas denominadas de monotônicas, “o conteúdo simbólico dessa forma revisada está voltada para escandalizar narrativas tidas por semelhantes, ambas expondo as mentiras de uma “cultura de nenhuma cultura” – e criando uma narrativa de desenvolvimento, que pode, de fato, deixar a heroína [...] viva e protestando ao final”<sup>407</sup>. Para a teórica, o *Bildungsroman* se converte abruptamente de uma condição utópica, como observado em sua função tradicional, para expor uma narrativa baseada numa ideologia escandalizada (“scandalized ideology”) capaz de romper com as especificidades patriarcais e sua visão tradicionalista do papel feminino. A questão que atravessa o pensamento da teórica condiz com a proposta de um futuro provisório alicerçado de acordo com os processos de integração e dissociação que se dão ao longo do desenvolvimento da protagonista. Conforme endossa a estudiosa, “O desenvolvimento do herói/heroína não preenche o esboço de um ideal social. Pelo contrário, ela participa de um ““processo de se tornar” sincronizada com a alteração de um ideal social ossificado. O objetivo e conteúdo simbólico do bildungsroman é um ideal de invenção em curso e de intervenção” (WAGNER-LAWLOR, 2013, p. 54)<sup>408</sup>. Dentro dessa perspectiva, um ponto que se destaca em relação às mudanças propostas dentro da visão revisionista discernida por Wagner-Lawlor (2013) diz respeito aos eventos que promovem as rupturas desencadeadoras do desenvolvimento da protagonista, fatores esses introdutórios da temática da violência sexual como substituta da utópica conclusão da *Bildung* feminina tradicional – o casamento.

O momento utópico do bildungsroman clássico é o *casamento*, a realização simbólica dos ideais burgueses conservadores e, portanto, a conclusão do ideal do herói. Esses romances deturpam o centro narratológico em torno do casamento e substituem esse evento simbólico pelo estupro. [...] Obviamente, esse evento,

---

<sup>407</sup> “the symbolic content of this revised form is the scandalizing of narratives of sameness, both in exposing the lie of a “culture of no culture” – and by creating a narrative of development, that may, in fact, leave the heroine [...] alive and kicking at the end”.

<sup>408</sup> “The hero/ine’s development does not fulfill the outline of a social ideal. Rather, it participates in a “process of becoming” synchronous with the alteration of an ossified social ideal. The goal and symbolic content of the bildungsroman is an ideal of an ongoing invention and intervention”.

violentamente, rompe com a tradição do gênero, os ideais civis, como simbolizado pela união sexual consensual e sancionada pelo casamento. O estupro simboliza a realidade violenta do deslocamento social de mulheres e meninas em cada sociedade sob o regime patriarcal. (WAGNER-LAWLOR, 2013, p. 53)<sup>409</sup>

A violência do regime patriarcal atuante sobre as mulheres, especialmente as de cor, tem no romance de formação espaço para obliterar estereótipos, aqui enfatizados na vivência das protagonistas Naomi e Meena, ao mesmo tempo em que denuncia as urdiduras patriarcais de uma subjetividade direcionada às mulheres. Nesse sentido, o romance de formação “pôde demarcar o terreno para novas identidades individuais e sociais e novos modelos de filiação, comunidade e lar” (WAGNER-LAWLOR, 2013, p. 57)<sup>410</sup>. Dentro do contexto ficcional abordado, as protagonistas “descobrem uma indiscutível forma de reinventar ambos: eu e comunidade” (WAGNER-LAWLOR, 2013, p. 56)<sup>411</sup>, como forma de apropriação identitária e desenvolvimento individual. Dessa forma, as realizações femininas apresentam e se sustentam conforme as condições sociais são ampliadas. Assim, “os resultados do Bildungsroman feminino em uma obra, formam parte de uma cadeia fundamental na História da Literatura Canadense e na História da Escrita de Mulheres” (MCWILLIAMS, 2009, p. 152)<sup>412</sup>. A jornada dessas personagens sem destino pré-estabelecido, compreendido pelo processo de (trans)formação consolidam a escrita de autoria feminina ao revigorar o gênero *Bildungsroman*, cujas nuances sustentam a construção de identidades femininas libertas dos grilhões opressores, ofertando assim formas de articulação diferenciadas. Como um gênero em expansão contínua, sua relevância nos estudos da produção literária de mulheres de cor traça além das negociações das tensões étnicas, a proliferação de processos alternativos engajados em repensar as novas configurações das identidades femininas.

---

<sup>409</sup> The utopian moment of the classical bildungsroman is *marriage*, the symbolic fulfillment of conservative bourgeois ideals and thus, the conclusion of the hero's ideal. These novels pervert that narratological centering around marriage and replace that symbolic event with *rape*. [...] Obviously this event violently ruptures the genre's traditional, civil ideal, as symbolized by consensual and sanctioned sexual union in marriage. The rape symbolizes instead the violent reality of each society's (dis)placement of women and girls under patriarchy.

<sup>410</sup> “might stake out the ground for new individual and social identities and new models of affiliation, community, and home”.

<sup>411</sup> “discover an imperative to reinvent both self and community”.

<sup>412</sup> “the female Bildungsroman results in an oeuvre, which forms part of a crucial strand in Canadian literary history and in the history of women's writing”.

#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs-se a analisar através da leitura comparada os romances *Obasan* (1981), de Joy Kogawa e *Everything Was Good-Bye* (2010), de Gurjinder Basran abordados como *Bildungsromane* transculturais de escritoras canadenses inseridas na diáspora asiático-canadense. Em nossa pesquisa, levamos em consideração o período histórico correspondente a cada narrativa, uma vez que o cenário social descrito pelas protagonistas aponta para mudanças nas relações sociais, tanto no âmbito histórico/político (público), quanto no familiar (privado). Na apresentação das personagens principais e suas trajetórias, as narrativas, especialmente os fragmentos selecionados apontam para as semelhanças e diferenças quanto às experiências vivenciadas por elas, pondo à prova a capacidade de conciliar, suas subjetividades e anseios às demandas e convenções sociais. Discutimos, assim, aspectos sócio-político-culturais que nos permitem refletir sobre as intempéries que as acometem, na busca por um lugar funcional em ambas as instâncias sociais que habitam (a cultura ancestral e a de chegada).

Joy Kogawa apresenta, com uma linguagem poética e indireta, um diálogo vinculado aos aspectos políticos gestores da exclusão e posterior reintegração dos nipo-canadenses, assim como o reflexo desses acontecimentos na família e na vida da personagem principal. De modo retrospectivo, Naomi revisita o passado, parte de vestígios de uma História de exclusão, vinculados ao coletivo nipônico no Canadá. Gurjinder Basran, por sua vez, nos insere no âmago dos laços familiares e comunitários dos indo-canadenses, utilizando uma linguagem mais direta, entrelaçada por fragmentos do passado correspondentes à infância e adolescência de Meena. Percorrendo passagens da vida de ambas, percebemos que a memória retorna por vias variadas: em Naomi, a condução à rememoração é imposta por suas tias (Ayako e Emily). A memória de Naomi acessa os ecos do passado, a partir de sua ida até o sótão da casa de sua tia Ayako e, por meio de documentos que remetem a vestígios da memória do grupo familiar. As reminiscências como parte da construção das identidades socioculturais que as personagens carregam consigo estão presentes e são reforçadas através dos alimentos, histórias, costumes. Em Meena, a memória está vinculada a aspectos sensoriais, aos aromas da culinária indiana que a recordam de seus compromissos e ao mesmo tempo são motivo de reflexão. A memória, nesse caso, se torna porta de (re)conhecimento e conscientização da alteridade de ambas e como forma de resistência às discriminações pelo olhar do outro.

Assim, na nossa pesquisa, o recorte proposto focaliza a temática que deriva dos acontecimentos político-sócio-culturais, das modificações nas políticas multiculturais e da revogação das restrições quanto à entrada de povos não brancos no Canadá, principalmente aqueles que ali adentram no período pós-guerra. Segundo enfatiza Janice Kulyk Keefer (2001, p. 14) “A explosão sem precedentes da nova escrita na década de sessenta se dá pelo surgimento de escritores que mudaram radicalmente o cânone da CanLit”<sup>413</sup>, demonstrando que o multiculturalismo e as políticas demandadas por seus processos empreenderam uma abertura aos considerados grupos minoritários e sua produção literária de “cor”. Conforme prossegue Keefer (2001, p. 14), “Eles podem estar, de fato, mostrando-nos que ‘o cânone’ não é mais um conceito viável para um país em que tantos tipos diferentes de vozes dissonantes daquelas que representam o grupo ‘dominante’ e que estão a fazer-se ouvir, não mais como marginais, mas como totalmente *mainstream*”<sup>414</sup>. Consequentemente, os escritos que trabalham às diferenças culturais em território canadense rompem com a noção de homogeneização e se dispõem a lidar com um sentido mais amplo de canadianidade, abrindo espaço para as subjetividades migrantes e a “revalorização dos discursos marginalizados” (WALTER, 1999, p. 78).

Esses fatores ampliaram significativamente a heterogeneidade da nação canadense, alargando, também, as perspectivas quanto à vivência dos grupos não brancos e seu reflexo no verbo literário, tornando-o terreno fértil para repensarmos as conexões entre História, representações étnico-raciais e mudanças sociais no espaço plural daquela nação, bem como a nível global. Com histórias consideradas como representantes da condição transcultural, verificamos nos textos trabalhados uma maior liberdade nas negociações concedida às protagonistas Naomi e Meena, tanto em relação à cultura tradicional de origem, quanto à cultura de chegada. Inseridas no espaço global da diversidade, essas mulheres se tornam indivíduos móveis, transitando entre culturas, interligando experiências fragmentadas dentro de uma dinâmica irreversível de trocas mútuas. Nesse sentido, as narrativas analisadas demonstram os novos espaços e uma maior autonomia feminina diante das estruturas patriarcais, presentes tanto na

---

<sup>413</sup> “the unprecedented explosion of new writing in the 1960s is the emergence of writers who have radically changed ‘the CanLit canon’”.

<sup>414</sup> “They may in fact, be showing us that ‘the canon’ is no longer a workable notion for a nation in which so many different kinds of voices outside those representing ‘dominant’ group are making themselves heard, not as marginal, but as fully ‘mainstream’”.

cultura de origem como na de chegada e, de uma historiografia literária canadense contemporânea, com base em uma escrita migrante feminina.

Assim, o cerne de nosso trabalho é tentar mostrar como as narrativas inseridas no campo asiático-canadense promovem uma releitura da condição diaspórica contemporânea no país, através da capacidade de representação do *Bildungsroman* num contexto étnico. A abordagem pontuada em nossa pesquisa desenvolveu um estudo sobre os romances de Joy Kogawa e Gurjinder Basran, através do diálogo estabelecido entre a escrita contemporânea de mulheres de cor, no contexto canadense, os processos transculturais presentes nessa sociedade (decorrente dos intensos fluxos migratórios e implantação de políticas multiculturais) e o *Bildungsroman* como gênero propício à demonstração da complexa e dinâmica construção das representações heterogêneas na literatura asiático canadense. A representação das personagens, no contexto do romance de formação, coloca em questão os papéis sociais influenciados pelas questões de gênero tanto o ser, quanto o querer ser são imputados através dos conflitos vivenciados por Meena e Naomi, nos quais o poder de escolha é reprimido por práticas socioculturais e/ou políticas. Percorremos o passado, no intuito de compreendermos o presente ficcional e social em território canadense juntamente a um quadro ficcional atualizado da vivência diaspórica no Canadá.

Nesse sentido, em ambos romances observamos o reflexo das ações governamentais, os sentimentos de pertença e de identificação gerados pelos conflitos culturais, nos quais estão inseridas ambas as protagonistas e que sob a forma de uma espécie de romance autobiográfico, lidam com as subjetividades migrantes de mulheres entre culturas. A representação identitária dessas se destaca como uma construção transitória, tornando-se narrativas compostas por uma jornada na compreensão de si mesmas e dos seus eus formantes. Essas identidades se apresentam de forma semelhante ao que coloca Stuart Hall (2000, p.13), “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”.

A partir desse raciocínio, trazemos para o debate, o conceito não mais de identidade unívoca, mas sim, plural: as identidades, apoiados na noção de identificações múltiplas e transitórias; buscam gerir os processos de compreensão de si mesmos e de suas intervenções no plano das aproximações e distanciamentos sócio-político-culturais. Repensando, assim, os contatos culturais que permeiam estes grupos é que nosso estudo se volta para as “vozes alternativas” de sujeitos triplamente marginalizados (mulheres/migrantes/de cor) e suas

experiências de ajustamento às múltiplas jornadas identitárias, nas quais estão inseridas. Como habitantes do entre lugar, as personagens buscam maneiras de interação com os meios sociais. Dessas interações, despontam as transformações nas condições de vida, capazes de impulsionar o surgimento de modificações significativas na ordem social e cultural, culminando inclusive na parcial mudança ou questionamento das identidades culturais.

A literatura como instrumento de análise e problematização da sociedade nos permite apreender e discutir os conflitos dos indivíduos através do ressurgimento e da apropriação do romance de formação como espaço híbrido. Esse, por sua vez, voltado a explorar os fenômenos relevantes, frutos da multiplicidade e tensões geradas pelos encontros culturais. Dessa forma, propõe a investigação da interação entre individualidade e coletividade como forças que se fragmentam na construção de processos, englobando misturas e a consequente transfiguração do (a) protagonista do romance. Assim contemplado, o *Bildungsroman* se torna canal da exposição dos traumas e das várias instâncias da condição marginal ao longo das experiências vividas pelas personagens e, do crescimento de ambas que permanece aberto a futuras negociações. O romance de formação, então, tornou-se possível na literatura de mulheres conforme os espaços sociais foram construídos também por elas, além da intervenção das urdiduras sociais em favor das identidades femininas antes marginalizadas, proporcionando, assim, discussões e uma maior inserção das mulheres em instâncias, ainda que, parcialmente regidas pelo masculino. Segundo destaca Esther Labovitz (1987, p. 6-7), o romance de formação feminino:

efetua-se como possibilidade apenas no momento em que a Bildung se tornou uma realidade para as mulheres, em geral, e para a heroína da ficção em particular. Quando as estruturas cultural e social apareceram para dar apoio às lutas femininas por independência, para ir para o mundo, engajar-se em carreiras, em auto-descoberta e realização, a heroína na ficção começou a refletir essas mudanças<sup>415</sup>

Além disso, a escrita pelo viés do *Bildungsroman* faz emergir os desafios e questionamentos em prol de mudanças nos discursos do grupo dominante em relação a construção da identidade nacional canadense. Conforme verificamos, os textos aqui trabalhados examinam a (re)inscrição da “canadianidade” numa tentativa de desconstrução dos padrões fixos de identidade nacional,

---

<sup>415</sup> was made possible only when Bildung became a reality for women, in general, and for the fictional heroine in particular. When cultural and social structures appeared to support women’s struggle for independence, to go out into the world, engage in careers, in self-discovery and fulfillment, the heroine in fiction began to reflect these changes”.

questionando os essencialismos étnicos. O que resulta daí é um processo de negociação sob um olhar crítico do desenvolvimento interior das protagonistas, que se reflete exteriormente, reconfigurando os padrões sociais entre os quais essas transitam, proporcionando a criação de outros lugares cuja autonomia feminina se destaca em formas alternativas de vivência.

Observamos, também, nos romances a gradativa construção das identidades das personagens (ou das identidades femininas contemporâneas) junto aos embates trazidos e formados pelos processos da globalização. Vale lembrar que essa construção (*Bildung*) não é fechada e estável. Ela inicialmente desconstrói imposições culturais tradicionais, questionando suas repetições no novo território ocupado pelas protagonistas. Ao mesmo tempo, através desses questionamentos, há uma construção de uma forma de viver minimamente cômoda no espaço transcultural, adotando parcialmente hábitos de cá e de lá. Em Naomi, as inseguranças sobre sua identidade e seu *self* repetidamente emergem vinculados aos pesadelos diretamente relacionados à ausência materna, à raça e a sua sexualidade, fatores que a condicionaram numa rede de ressentimentos e inseguranças na vida adulta. Muitos dos sentimentos são vencidos por Naomi após a rememoração do passado e do enfrentamento do desprezo e hostilidade por parte do grupo hegemônico. O que observamos ao final do romance é a transfiguração da protagonista de Kogawa que permanece em aberto, marcada pela visão renovada, a partir de sua ida ao mesmo ponto em que antes seu tio, Isamu, observava, do alto da colina, o rio e a ênfase no movimento das águas nas pedras anunciando a amplitude e os deslocamentos incessantes. Podemos ler aí indícios de força e resistência através da imagem da água. Meena, por sua vez, agencia seu espaço integrando, conservando e transformando suas identidades, de modo tal que a passagem do tempo demonstra o interminável fluxo exercido pela dinâmica de suas escolhas, “as estações do ano são uma metáfora para a vida. Cada fase mergulhando na próxima com nenhum pensamento em findar” (BASRAN, 2010, p. 251)<sup>416</sup>. Com uma amplitude no espaço de negociação, as protagonistas de fato são regidas pela nova mobilidade indicativa de um *self* transformado e, ao mesmo tempo, avaliativo de seus próprios acréscimos, mas sem fechamentos.

Diante disso, vemos que o campo literário construído por mulheres escritoras busca transformar os conflitos sociais, culturais, de gênero e cor, os quais se confrontam com as inconstantes forças da globalização. Através da reconfiguração dos padrões gerais do romance de formação, a

---

<sup>416</sup> “the seasons are a metaphor for life. Each stage falling into the next with no thought of an end”.



literatura de mulheres apresenta dentro da construção narrativa da formação de suas protagonistas, uma abertura para o outro e, conseqüentemente, para a diversidade. Dessa forma, a *Bildung* se processa quando o “eu” entra em movimento, abrindo espaço à experiência da alteridade, para o “eu/outro” como reencontro de si mesmo. Essa passagem gradual que se dá nos romances segue sintonizada com as transformações e as mudanças na representatividade da mulher na sociedade. A esse respeito, Sandra R. G. Almeida (2015, p. 30) destaca, ao comentar a produção literária contemporânea, que “o paradigma da mobilidade e do trânsito em espaços urbanos têm sido marca recorrente de narrativas de autoria feminina, em especial aquelas publicadas a partir de 2001”. Se Meena ousa mais do que Naomi, é devido às condições sociais ofertadas pelo ambiente urbano em que vive, que favorece os processos do vir a ser, dotado de novas subjetividades e oportunidades.

Em *Obasan*, de Joy Kogawa, como primeiro romance a retratar o internamento japonês, adquire respaldo e impacto dentro da sociedade hegemônica canadense, pois abre espaço para a escrita migrante contar sua História sobre as experiências vividas. A revelação gradativa destes fatos reproduz em Naomi um trajeto a ser percorrido com a finalidade de reconhecimento e aceitação da sua própria história e de si mesma. Em *Everything Was Good-Bye*, de Gurjinder Basran, somos conduzidos através do olhar de Meena a experimentar a vivência diaspórica indo-canadense, os embates e as negociações socioculturais que, ao mesmo tempo, testam e criam novos limites sociais, conforme a protagonista enfrenta os efeitos e estereótipos atribuídos às minorias no país. Em negociação com as múltiplas dimensões da vivência diaspórica, percebemos como o lugar multicultural canadense, passa, de fato, a ser utilizado como entre lugar transcultural através das experiências das protagonistas. Essas experiências, por sua vez, são expressas por meio do tecido histórico, simbolicamente reunido na trama ficcional, na qual, dispõe à literatura a caminhar junto à História, possibilitando reflexões sobre a condição humana. Nesse sentido, segundo destaca Joan Scott, o conhecimento histórico é parte da política do sistema de gênero. O sentido político creditado por Scott (1994, p. 18), diz respeito, ao “processo pelo qual os jogos de poder e saber constituem a identidade e a experiência”. Vistos como fenômenos variáveis, as ligações entre as histórias do passado e as práticas históricas atuais convergem, no intuito de trazer uma concepção de História das Mulheres não em separado, mas sim, apresentando, pela perspectiva das mulheres, questionando seu apagamento como sujeitos históricos nos processos de constituição das sociedades. Uma nova forma de pensar a história, segundo Scott é observada através da vivência das protagonistas, enquanto construção e (re)formação de suas identidades.

Examinar gênero concretamente, contextualmente e de considerá-lo um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo. Esta é ao mesmo tempo uma postura familiar e nova de pensar sobre a história. Pois questiona a confiabilidade de termos que foram tomados como auto evidentes, historicizando-os. A história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos. (SCOTT, 1994, p. 19)

Representando, então, um espaço de articulação das identidades de mulheres de cor através da construção de espaços híbridos e das subjetividades, a escrita de autoria feminina como revitalizadora do paradigma romanesco demonstra a constante transformação do gênero *Bildungsroman* através da apresentação do abandono à dialética da reintegração e subversão.

Esses aspectos regentes do romance de formação feminino até o século XIX, gradativamente, cedem lugar a uma visão de espaços, momentos e realidades sociais imbricadas. Evidenciam questões como forma de enxergarmos qual “é o seu lugar, a sua condição, os seus papéis e os seus poderes, as suas formas de ação, o seu silêncio e a sua palavra que pretendemos perscrutar, a diversidade de suas representações” (DUBY; PERROT, 1991, p. 7). Essas narrativas estão voltadas a inserir vozes de mulheres na História, discorrendo sobre as tensões resultantes do contexto em que as protagonistas e as comunidades se inserem. Outrossim, é fundamental apontar que essas minorias se expressam e reconstroem a história nessas narrativas. Além do fator histórico aqui exposto, é importante mencionar que não apenas é a história de nipo e indo canadenses, mas também que isso se dá pela ótica das mulheres desses grupos. Ressaltamos que, o grupo como um todo foi discriminado, as mulheres sofreram discriminação étnico-racial somada à discriminação de gênero. Portanto, a *Bildung* tem um papel duplo – re-formar como esses sujeitos diaspóricos se constituem e, ao mesmo tempo, verificar as implicações de gênero determinantes nessa *Bildung* – (formação). Tais formações no espaço transcultural permitem novos lugares de fala, expressão e auto percepção de povos migrantes por uma perspectiva duplamente revolucionária – pelo viés dos “de baixo” e, mais ainda, pela ótica feminina dentro desse viés. Assim, perpassamos, a relação entre memória e esquecimento, presenças e ausências, pontos esses vinculados à mistura linguística e a consequente formação do sujeito híbrido. Nas narrativas, mães, tias, pais que se fazem mais ou menos presentes são pontos de articulação enquanto forças reguladoras e de transição das protagonistas.

Conjuntamente, a leitura comparada, fundamentada no entrecruzamento de temas, permite-nos verificar dentro dos cotidianos nipônico e indiano uma trajetória da visibilidade negociada “no

estreito espaço entre o apagamento e a possibilidade de representação” (SCHWANTES, 2003, p. 397), experienciadas pelas mulheres, numa sociedade marcada pelos processos migratórios e construída nas diferenças. Ao comparar, observamos através do fluxo narrativo de ambos os romances uma partilha de vestígios memoriais circundados pelos valores sociais imputados na sociedade canadense, mas que se encontra em constante alteração e que se reflete na busca das personagens, por aceitação, reconhecimento, partilha, pelo direito de ser visível em sua alteridade.

Sob a visão destas “vozes alternativas”, que carregam essas histórias para o presente, se alicerçam as experiências dos sujeitos em trânsito, nas quais, percebemos a revalorização das subjetividades, ocupando e transformando espaços privilegiados. Como mediadoras de uma história revista pela ótica feminina, criadora de fusões que desafiam representações tradicionais, as narrativas apresentadas tecem caminhos alternativos para suas protagonistas em constante negociação, seja com os aspectos coletivos, seja com os aspectos individuais. Nesse sentido, somos conduzidos à reflexão do pensamento exposto em ambas narrativas: o sujeito fragmentado, híbrido e ainda negativamente marcado, por sua cor e por seu gênero. Assim, nosso trabalho buscou ressaltar as novas configurações empreendidas pelas narrativas de mulheres asiático canadenses que contribuem, através do *Bildungsroman*, significativamente para a ampliação da capacidade de representação das identidades em espaços híbridos. Nestes escritos, ressoam as vozes de gerações de mulheres, cujas palavras empreendidas por meio das vozes posteriores, estendem as tramas do tear das exclusões, contradições e mudanças sociais que precisam ser ouvidas.

Portanto, a intenção de nossa investigação se torna um convite a caminhar pela História canadense, por via ficcional, através da perspectiva feminina no imaginário transcultural. A jornada empreendida visa ratificar a presença asiática nas letras canadenses, assim como, dispor essas vozes que partilham, questionam e transgridem as diferenças e os discursos empreendidos na conceitualização do eu e do outro. Por fim, compreendemos as narrativas minoritárias de mulheres de cor, os elementos enriquecedores e os questionamentos que as acompanham, como fatores presentes na elaboração de novos roteiros abertos às discussões sobre novas configurações nas identidades de mulheres. Seus conflitos e lutas em busca de reconhecimento são aqui dispostos como mediação entre a experiência histórica e como conjunto literário promotor das vozes da transformação, a descortinar e romper com as opacidades traiçoeiras da submissão.

## 5 – REFERÊNCIAS

ABUDI, Dalya. **Mothers and Daughters in Arab Women's Literature**: the family frontier. Netherlands: BRILL, 2011.

ADAMOSKI, Robert; CHUNN, Dorothy E.; MENZIES, Robert. **Contesting Canadian citizenship**: historical readings. Ontario: Broadview Press, 2002.

AGNEW, Vijay (ed.). **Diaspora, memory and identity**: a search for home. Toronto, Canada: University of Toronto Press, 2008.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mobilidades culturais, geográficas afetivas: espaço urbano e gênero na literatura contemporânea. In: DALCASTAGNE, Regina e LEAL, Virginia Maria Vasconcelos (Org.). **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Ed Zouk, 2015.

\_\_\_\_\_. **O legado da rememoração**: traços e vestígios memoriais nas Américas. Alea: Estudos Neolatinos (Online), v. 15, p. 58-79, 2013.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; BALBI, Alita Fonseca. **The Poetic Spaces in Joy Kogawa's Obasan**. Ipotesi (UFJF. Impresso), v. 13, p. 65-81, 2009.

ALÓS, Anselmo Peres. A literatura comparada neste início de milênio: Tendências e perspectivas. São Paulo. **Revista Ângulo**. v. 1. p. 07-12. jul/set. 2012.

ANDERSON, Benedict. **Imagined communities**. London: Verso, 2006.

ATWOOD, Margaret. **Strange things**: the malevolent north in Canadian literature. Oxford: Claredon Press, 1995.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. 5. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **The dialogic imagination**. Translated by Caryl Emerson and Michael Holsquist. Austin, Texas: University of Texas, 1981.

\_\_\_\_\_. **Speech genres & others late essays**. Translated by Vern W. McGee. Austin, Texas: University of Texas Press, 1986.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BALLON, Heather M. . **The Bildungsroman in Recent Canadian Fiction**. Montreal, Canada: McGill University Press, 1978.

BANITA, Georgiana. Canons of Diversity in Contemporary English-Canadian Literature. In: NISCHIK, Reingard M. (ed.). **History of literature in Canada**: English-Canadian and French-Canadian. New York: Camden House, 2008.

BANNERJI, Himani. **The Dark Side of the Nation**: Essays on Multiculturalism, Nationalism and Gender. Toronto, Canada: CSD, 2000.

\_\_\_\_\_. On the Dark Side of the Nation: Politics of Multiculturalism and the State of “Canada”. In: MOOKERJEA, Sourayan; SZEMAN, Imre; FAURSCHOU, Gail (eds.). **Canadian Cultural Studies: A Reader**. Durham and London: Duke University Press, 2009.

BANTING, Keith; COURCHENE, Thomas J.; SEIDLE, F. Leslie. **Belonging?** Diversity, recognition and shared citizenship in Canada. Montréal: IRPP, 2007.

BARTHES, Roland. Toward a psychosociology of Contemporary Food Consumption. In: COUNIHAN, Carole; ESTERIK, Penny Van (ed.). **Food and Culture**: a reader. 3. ed. New York: Routledge, 2013.

BASRAN, Gurjinder. **Everything Was Good-Bye**. British Columbia: Mother Tongue Publishing, 2010.

BASSANESE, Fiora. Una donna: autobiography as Exemplary Text. **Quaderni d’italianistica**. v. 11. n. 1, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução Marcus Panchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Identidade**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliane Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. **Legisladores e intérpretes**: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BAUMANN, Gerd; VERTOVEC, Steven (eds.). **Multiculturalism**: conceiving Multiculturalism-from roosts to rights. Vol. 1. New York: Routledge, 2011.

\_\_\_\_\_. **Multiculturalism**: Multiculturalism and Nation-State-Who recognizes whom?. Vol. 2. New York: Routledge, 2011.

BEAUREGARD, Guy. The Emergence of 'Asian Canadian Literature': CanLit's Obscene Supplement?. **Essays on Canadian Writing**. n. 67. 53-75, 1999.

BELLAMY, Connie. **The New Heroines: The Contemporary Female Bildungsroman in English Canadian Literature**. Montreal: McGill University Press, 1986.

BERG, Wolfgang; ÉIGEARTAIGH, Aoileann Ní (eds.). **Exploring Transculturalism: a biographical approach**. Heidelberg, Germany: VS Verlag, 2010.

BERND, Zilá; SANTOS, Eloína. **Canadá: imagens de um país**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOEHMER, Elke. **Stories of women: gender and narrative in the postcolonial nation**. Vancouver, BC: UBC Press, 2005.

BOLAKI, Stella. **Unsettling the bildungsroman: reading contemporary ethnic American women's fiction**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2011.

BONNICI, Thomas (org.). **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009.

\_\_\_\_\_. **Teoria crítica e literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

BRAH, Avtar. **Cartographies of diaspora: contesting identities**. New York: Routledge, 1996.

BRAIDOTTI, Rosi. **Diferença, diversidade e subjetividade nômade**. Tradução Roberta Barbosa. Revista Labrys, UnB, n. 1-2, julho/dezembro, 2002.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 6. ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1998.

BRANCATO, Sabrina. Transculturalità e transculturalismo: i nuovi orizzonti dell'identità culturale. **Le Simplegadi**. v. 2, n. 2, 40-46, 2004.

BRANCO, Lúcia Castelo. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BRAENDLIN, Bonnie Hoover. **Alther, Atwood, Ballantyne, and Gray: Secular Salvation in the Contemporary feminist Bildungsroman**. *Frontiers: A Journal of Women Studies*, v. 4. n. 1 (Spring), 1979.

\_\_\_\_\_. **Bildung in Ethnic Women Writers**. *Denver Quarterly*, v. 17. n. 4(Winter), 1983.

BROOKS, Meghan. Imagining Canada, Negotiating Belonging: Understanding the Experiences of Racism of Second Generation Canadians of Colour. In: **Canadian Diversity**. Volume 6:2, 75-78, 2008.

BRYDON, Diana; DVORAK, Marta (eds.). **Crosstalk**: Canadian and global imaginaries in dialogue. Ontario: WLU Press, 2012.

\_\_\_\_\_. Metamorphoses of a discipline: rethinking Canadian literature within Institutional contexts. In: KAMBOURELI, Smaro; MIKI, Roy (eds.). **Trans. can. lit**: resituating the study of Canadian literature. Ontario: Wilfrid Laurier University Press, 2007.

CAIRNS, Alan C. et al. **Citizenship, diversity and pluralism**: Canadian and comparative perspectives. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1999.

CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. In: **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

\_\_\_\_\_. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. v. 1. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CARVALHO, Jorge Vaz de. **Jorge de Sena**: Sinais de Fogo como romance de formação. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

CASTLE, Gregory. **Reading the Modernist Bildungsroman**. Gainesville, Florida: University Press of Florida, 2006.

CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília; SCHNEIDER, Liane. **Da mulher às mulheres**: dialogando sobre literatura, gênero e identidades. Maceió: EdUFAL, 2006.

CHA, Heejung. **The transcultural Bildungsroman by Contemporary Women Writers of Color**. Ann Arbor, Michigan: ProQuest, 2006.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 21 ed. Tradução Vera da Costa e Silva; Raul de Sá Barbosa; Angela Melim; Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CHO, Lily. Asian Canadian Futures: Diasporic Passages and the Routes of Indenture. In: FEE, Margery (ed.). **Canadian Literature**. Number 199, (Winter), Vancouver, Canada: University of British Columbia, 2008.

\_\_\_\_\_. The Turn to Diaspora. **Topia** – Canadian Journal of Cultural Studies. Number 17, (Spring), 2007.

COELHO, Teixeira. **Moderno pós moderno**. 5. ed. São Paulo: Iluminuras, 2011.

COLEMAN, Daniel. **Writing dislocation**. Transculturalism, gender, immigrant families: a conversation with Ven Begamudré, Canadian Literature 149, 1996.

COUNIHAN, Carole; ESTERIK, Penny Van (ed.). **Food and Culture**: a reader. 3. ed. New York: Routledge, 2013.

COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tania Franco (orgs.). **Literatura Comparada**: textos fundadores. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

COUTINHO, Eduardo. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Abralic, 1996.

CUNHA, Roseli Barros. **Transculturação narrativa**: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.

DAGNINO, Arianna. Transcultural Literature and Contemporary World Literature (s). CLCWeb: **Comparative Literature and Culture**, v. 15, n. 5, 2013. <http://dx.doi.org/10.7771/1481-4374.2339>

DANIELS, Roger. The Japanese diaspora in the New World. In: ADACHI, Nobuko (ed.). **Japanese Diasporas**: unsung pasts, conflicting presents, and uncertain futures. New York: Routledge, 2006.

DAY, Richard J. F. **Multiculturalism and the History of Canadian Diversity**. Toronto: Toronto University Press, 2000.

DALCASTAGNE, Regina e LEAL, Virginia Maria Vasconcelos (Org.). **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Ed Zouk, 2015.

DESLILE, Jennifer Bowering. **The Newfoundland Diaspora: Mapping the Literature of Out-Migration**. Ontario, Canada: Wilfrid Laurier University Press, 2013.

DHAWAN, R. K.; D. K. Pabby (eds.). **Multiculturalism**: Canada and India. New Delhi: Prestige, 2005.

DOBSON, Kit. **Transnational Canadas**: Anglo – Canadian Literature and Globalization. Ontario, Canada: Waterloo Laurier University Press, 2009.

DOMÍNGUEZ, Pillar Cuder; LUCAS, Belén Martín; LÓPEZ, Sonia Villegas. **Transnational Poetics**: Asian Canadian women's fiction of the 1990s. Ontario, Canada: TSAR Publications, 2011.

DOUB, Yolanda. **Journeys of Formation**: the Spanish American Bildungsroman. New York: Peter Lang, 2010.



DOWNWARD, Lisa; SUMMERFIELD, Giovanna. **New Perspectives on the European Bildungsroman**. New York: Continuum International Publishing Group, 2010.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. v. 4 . Porto: Afrontamento/Ebradil, 1991.

DUFOIX, Stéphane. **Diasporas**. Translated by William Rodarmor. Berkeley: The University of California Press, 2008.

DUNCAN, Patti. **Tell this silence**: Asian American women writers and politics of speech. Iowa: University of Iowa Press, 2004.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

EAGLETON, Terry. Edible écriture. In: GRIFFITHS, Sian; WALLACE, Jennifer. **Consuming Passions**: food in the age of anxiety. United Kingdom, Manchester: Manchester University Press, 1998.

EGAN, Susanna; HELMS, Gabriele. Life writing. In: KROLLER, Eva-Marie (Ed.). **The Cambridge Companion to Canadian Literature**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.

EIGEARTAIGH, Aoileann Ní; BERG, Wolfgang (eds.). **Exploring transculturalism**: a biographical approach. Heidelberg: VS Verlag, 2010.

ELLIS, Lorna. **Appearing to Diminish**: Female Development and the British Bildungsroman, 1750-1850. Lewisburg: Bucknell University Press, 1999.

EPSTEIN, Mikhail. **Transculture**: a broad way between globalism and multiculturalismo. In: American Journal of Economics and Sociology. v. 68, n 1, 2009.

\_\_\_\_\_. From culturology to transculture. In: BERRY, Ellen E.; EPSTEIN, Mikhail. **Transcultural experiments**: Russian and American models of creative communication. New York: St. Martins, 1999.

ESSED, Philomena. Multi-identifications and transformations: reaching beyond racial and ethnic reductionisms. In: JOHNSTON, Genevieve Fuji; ENOMOTO, Randy (ed.). **Race, Racialization, and Antiracism in Canada and beyond**. Toronto, Canada: University of Toronto Press, 2007.

FEATHERSTONE, Mike; LASH, Scott (eds.). **Spaces of Culture**: City, Nation, World. London: SAGE, 1999.

FELSKI, Rita. **Beyond Feminist Aesthetics**: Feminist Literature and Social Change. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. **Literature after Feminism**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

FENG, Pin-chia. **The Female Bildungsroman by Toni Morrison and Maxine Hong Kingston: A Postmodern Reading**. New York: Peter Lang, 1999.

FERENS, Dominika. **Edith and Winnifred Eaton: Chinatown missions and Japanese romances**. Urbana and Chicago. University of Illinois Press, 2002.

FERRAZ, Carolina Valença; LEITE, Glauber Salomão; NEWTON, Paulla Christianne da Costa. **Cidadania plural e diversidade: a construção do princípio fundamental da igualdade nas diferenças**. São Paulo: Editora Verbatim, 2012.

FIGUEIREDO, Eurídice (org.) **Conceitos de literatura e cultura**. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010.  
\_\_\_\_\_. **Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Literatura comparada: o regional, o nacional e o transnacional. São Paulo. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. n. 23. p. 31-48. 2013.

FORTIER, Anne-Marie. **Migrant Belongings: memory, space, identity**. Oxford: BERG, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos: ética, sexualidade, política**. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **Language, counter-memory, practice: selected essays and interviews**. New York: Cornell University Press, 1981.

FRAIMAN, Susan. **Unbecoming women: British women writers and the novel of development**. New York: Columbia University Press, 1993.

FRYE, Northrop. **The Bush Garden: essays on the Canadian imagination**. Toronto: Anansi, 1995.  
\_\_\_\_\_. Conclusion to the Literary History of Canada. In: MOOKEJEA, Sourayan; SZEMAN, Imre; FAURSCHOU, Gail. **Canadian cultural studies: a reader**. Durham and London. Duke University Press, 2009.

FUENTES, Carlos. **Geografia do romance**. Tradução Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução Flávio Paulo Meurer. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Verdade e método II: complementos e índice**. Tradução Enio Paulo Giachini. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GENETSCH, Martin. **The texture of identity: the fiction of M. G. Vassanji, Neil Bissoondath, and Rohinton Mistry**. Toronto, Ontario: TSAR, 2007.

GERSON, Carole. Literature of settlement. In: KROLLER, Eva-Marie; Coral Ann Howells (eds.). **The Cambridge History of Canadian Literature**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOELLNIGHT, Donald C.; TY, Eleanor (eds.). **Asian North American Identities: Beyond the Hyphen**. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 2004.

GRIFFITHS, Sian; WALLACE, Jennifer. **Consuming Passions: food in the age of anxiety**. United Kingdom, Manchester: Manchester University Press, 1998.

GONDAR, Jô; BARRENECHEA, Miguel Angel de (org.). **Memória e espaço: trilhas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7letras, 2003.

GWENDOLYN, Davies. English-Canadian colonial literature. NISCHIK, Reingard M. (ed.). **History of literature in Canada: English-Canadian and French-Canadian**. New York: Camden House, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. Cultural Identity and Diaspora. In: RUTHERFORD, Jonathan (ed.). **Identity: Community, Culture, Difference**. London: Lawrence & Wishart, 1990.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

HAMMILL, Faye. **Canadian Literature**. Edinburg: Edinburg University Press Ltd, 2007.

\_\_\_\_\_. **Literary Culture and female authorship in Canada 1760-2000**. New York: Rodopi, 2003.

HARDIN, James N. (ed). **Reflection and Action: Essays on the Bildungsroman**. Columbia: University of South Carolina Press, 1991.

HELFF, Sissy. Shifting Perspectives: The Transcultural Novel. In: **Transcultural English Studies: Theories: Fictions, Realities**. Frank Schulze-Engler and Sissy Helff (eds.). Amsterdam/New York: Rodopi, 2008.

\_\_\_\_\_. **Unreliable truths: transcultural homeworlds in Indian women's fiction of the diaspora**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2013.

HIRSCH, Marianne. **The Novel of Formation as Genre: Between Great Expectations and Lost Illusions.** *Genre* 12, n. 3 (Fall 1979): 293-311.

HOWELLS, Coral Ann. Parables of the Time: Canadian Women Transcultural Fiction. **New Literatures Review**, n. 23 (Summer), 1992.

\_\_\_\_\_. Home ground/ foreign territory: transculturalism in Contemporary Canadian Women's Short Stories in English. In: HUNTER, Lynette; GROSS, Konrad; EASINGWOOD, Peter (eds.). **Difference and Community: Canadian European Cultural Perspectives.** Amsterdam, The Netherlands: Rodopi, 1996.

\_\_\_\_\_. **Contemporary Canadian Women's Fiction: Refiguring Identities.** NY: Palgrave Macmillan, 2003.

\_\_\_\_\_. (ed.). **The Cambridge Companion to Margaret Atwood.** University of British Columbia, Vancouver: Cambridge UP, 2006.

\_\_\_\_\_. Not belonging, but Longing: shifts of Emphasis in Contemporary Diasporic Writing in English Canada. In: (ed.). MAVER, Igor. **Diasporic subjectivity and cultural brokering in contemporary post-colonial literatures.** United Kingdom: Lexington Books, 2009.

\_\_\_\_\_. The 1940s and 1950s: signs of cultural change. In: KROLLER, Eva-Marie; Coral Ann Howells (eds.). **The Cambridge History of Canadian Literature.** Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2009.

HUA, Anh. Diaspora and cultural memory. In: AGNEW, Vijay (ed.). **Diaspora, memory and identity: a search for home.** Toronto, Canada: University of Toronto Press, 2008.

HUNTER, Lynette; GROSS, Konrad; EASINGWOOD, Peter (eds.). **Difference and Community: Canadian European Cultural Perspectives.** Amsterdam, The Netherlands: Rodopi, 1996.

HUTCHEON, Linda; RICHMOND, Marion. **Other solitudes: Canadian multicultural fictions.** Toronto: Oxford University Press, 1990.

HUTCHEON, Linda. Shape shifters: Canadian Women Novelists and the Challenge to Tradition. In: NEUMAN, Shirley; KAMBOURELI, Smaro. **A Mazing Space: Writing Canadian Women Writing.** Edmonton: Longspoon/Newest, 1986.

\_\_\_\_\_. **Splitting Images: Contemporary Canadian Ironies.** Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. (ed.). **Double taking: essays on verbal and visual ironies in Canadian contemporary art and literature.** Toronto: ECW, 1992.

IKAS, Karin; WAGNER, Gerhard. **Communicating in the third space.** New York: Routledge, 2009.

- ISIN, Engin F.; WOOD, Patricia K. **Citizenship & identity**. London: SAGE, 1999.
- ISRAEL, Milton. South Asians. In: MAGOCSI, Paul Robert (ed.). **Encyclopedia of Canada's peoples**. Toronto: University of Toronto Press, 1999.
- IZQUIERDO, Iván. **Questões sobre memória**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2004.
- JACKSON, Ronald; HOGG, Michael (eds.). **Encyclopedia of identity**. v. 1. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2010.
- JAMES, Henry. **A Arte da Ficção**. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Imaginário, 1995.
- JEFFERS, Thomas L. **Apprenticeships: The Bildungsroman from Goethe to Santayana**. Hampshire, England: Palgrave Macmillan, 2005.
- JOHNSTON, Hugh. Sikhs. In: MAGOCSI, Paul Robert (ed.). **Encyclopedia of Canada's peoples**. Toronto: University of Toronto Press, 1999.
- JOHNSTON, Genevieve Fuji; ENOMOTO, Randy (ed.). **Race, Racialization, and Antiracism in Canada and beyond**. Toronto, Canada: University of Toronto Press, 2007.
- JONES, Esyllt; PERRY, Adele. **People's citizenship guide: a response to conservative Canada**. Winnipeg: Arbeiter Ring Publishing, 2011.
- JOST, François. **Introduction to Comparative Literature**. New York: Pegasus, 1974.
- JUNG, Carl Gustav. **The Archetypes and Collective Unconscious**. Translated by R. F. C. Hull. New Jersey: Princeton University Press, 1969.
- KAMBOURELI, Smaro; MIKI, Roy (eds.). **Trans. Can. Lit: resituating the study of Canadian literature**. Ontario: Wilfrid Laurier University Press, 2007.
- KARPINSKI, Eva. The Book as (Anti)National Heroine: Trauma and Witnessing in Joy Kogawa's *Obasan*. **SCL/ÉLC**, New Brunswick, v. 31, n. 2, p. 47-65. 2006.
- KEEFER, Janice Kulyk. **From mosaic to kaleidoscope: out of the multicultural past comes a vision of a transcultural future**. Books in Canada, Sep., vol. 20, n 6. 1991.
- \_\_\_\_\_. Writing, Reading, Teaching Transcultural in Canada. In: BRAUN, Hans; KLOOS, Wolfgang (eds.). **Multiculturalism in North America and Europe: Social Practices. Literary Visions**. Trier, Germany: WVT, 1995.
- KEITH, W. J.. **Canadian Literature in English**. Vol. 2. Ontario: The Porcupine's Quill, 2006.

KLINCK, Carl. F. . **Literary History of Canada:** Canadian literature in English. 1. vol. Toronto: University of Toronto Press, 1976.

\_\_\_\_\_. **Literary History of Canada:** Canadian literature in English. 2. vol. Toronto: University of Toronto Press, 1976.

\_\_\_\_\_. **Literary History of Canada:** Canadian literature in English. 3. vol. Toronto: University of Toronto Press, 1976.

KOGAWA, Joy. **Obasan.** Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1983.

KONTJE, Todd. **The German Bildungsroman:** history of a natural genre. Columbia: Camden House, 1993.

KORTENAAR, Neil Ten. Multiculturalism and globalization. In: KROLLER, Eva-Marie; Coral Ann Howells (eds.). **The Cambridge History of Canadian Literature.** Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2009.

KROLLER, Eva-Marie (ed.). **The Cambridge Companion to Canadian Literature.** Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.

KROLLER, Eva-Marie; Coral Ann Howells (eds.). **The Cambridge History of Canadian Literature.** Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2009.

KYMLICKA, Will. **Multicultural citizenship.** New York: Clarendon Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Multicultural Odysseys:** Navigating the new international politics of diversity. Oxford: Oxford University Press, 2007.

\_\_\_\_\_. **Multiculturalism:** Success, Failure, and the Future. Washington, D. C: Migration Policy Institute, 2012.

KYMLICKA, Will; NORMAN, Wayne. **Citizenship in diverse societies.** Oxford: Oxford University Press, 2000.

KUESTER, Hildegard. **The Crafting of Chaos:** Narrative Structure in Margaret Laurence's The Stone Angel and The Diviners. Amsterdam/New York: Rodopi, 1994.

KÜHLER, Michael; JELINEK, Nadja (eds.). **Autonomy and the self.** Heidelberg: Springer, 2013.

LABOVITZ, Esther Kleinbord. **The Myth of the Heroine:** Female Bildungsroman in the Twentieth Century, Dorothy Richardson, Simone de Beauvoir, Doris Lessing, Christa Wolf. American University Studies. New York: Peter Lang, 1987.

LAI, Larissa. **Slanting I, Imagining We:** Asian Canadian literary Production in the 1980s and 1990s. Ontario, Canada: Wilfrid Laurier University Press, 2014.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**: ensaios de sociossemiótica. Tradução Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LAPONCE, Jean; SAFRAN, William. **Ethnicity and citizenship**: the Canadian case. London: CASS, 1996.

LAZZARO-WEIS, Carol. **From Margins to Mainstream**: Feminism and Fictional Modes in Italian Women's Writing, 1968-1990. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1993.

LEE, Tara. Potent textuality: Laiwan's Cyborg Poetics. In: VERDUYN, Christl; TY, Eleanor (eds.). **Asian Canadian Writing beyond auto ethnography**. Ontario: Wilfrid Laurier University Press, 2008.

LEE-LOY, Anne – Marie. Asian American Mothering in the Absence of Talk Story: *Obasan* and *Chorus of Mushrooms*. In: PODNIEKS, Elizabeth; O'REILLY, Andrea (eds.). **Textual Mothers/Maternal Texts**: motherhood in contemporary women's literatures. Ontario, Canada: Wilfrid University Press, 2010.

LEITH, Linda. **Writing in the time of Nationalism**: From Two Solitudes to Blue Metropolis. Manitoba: Signature Editions, 2010.

LI, Xiaoping. **Voices rising**: Asian Canadian Cultural Activism. British Columbia: UBC Press, 2007.

LISTER, Ruth. **The female citizen**. Liverpool: Liverpool University Press, 1989.

LITTLE, Bliss; BROOME, Benjamin. Diaspora. In: JACKSON, Ronald; HOGG, Michael (eds.). **Encyclopedia of identity**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2010.

LOBO, Luiza (org.). **Fronteiras da literatura**: discursos transculturais. v. 2. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. Tradução Mario Krauss, Vera Barkow. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MA, Sheng-mei. **Immigrant subjectivities in Asian American and Asian Diaspora Literatures**. Albany: State University of New York Press, 1998.

MAAS, Wilma Patricia. **O cânone mínimo**: o Bildungsroman na história da literatura. São Paulo: UNESP, 2000.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel – Henri. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. 2. ed. Lisboa: Presença, 2001.

MAGOCSI, Paul Robert (ed.). **Encyclopedia of Canada's peoples**. Toronto: University of Toronto Press, 1999.

MANSFIELD, Nick. **Subjectivity**: theories of the self from Freud to Haraway. New York: New York University Press, 2000.

MAUGUIÈRE, Bénédicte (ed.). **Cultural identities in Canadian Literature**. New York: Peter Lang Publishing, 1998.

MCGONEGAL, Julie. The politics of redress in post-9/11 Canada. In: WILSON, Sheena (ed.). **Joy Kogawa**: essays on her works. Toronto: Guernica, 2011.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. Tradução Bedel Orofino Schaefer. São Paulo: Cortez, 2000.

MCMULLEN, Lorraine. Edith Maud Eaton. In: TOYE, William; BENSON, Eugene (eds.). **The Oxford Companion to Canadian Literature**. 2. ed. Don Mills, Ontario: Oxford University Press, 1997.

MCPHERSON, Karen. **Archeologies of an Uncertain Future**: Recent Generations of Canadian Women Writing. London: McGill-Queen's University Press, 2006.

MCWILLIAMS, Ellen. **Margaret Atwood and the female bildungsroman**. Aldershot: Ashgate, 2009.

METCALF, John. **What is Canadian literature?**. Ontario: Red Kite Press, 1988.

MEYERS, Diana Tietjens. Psychocorporeal Selfhood, Practical Intelligence, and Adaptive Autonomy. In: KÜHLER, Michael; JELINEK, Nadja (eds.). **Autonomy and the self**. Heidelberg: Springer, 2013.

MIKE, Yoshitaka. Enryo. In: JACKSON II, Ronald L. (ed). **Encyclopedia of Identity**. vol. 1. London: Sage, 2010.

MIKI, Roy. **In flux**: transnational shifts in Asian Canadian writing. Alberta: Newest Press, 2011.

\_\_\_\_\_. **Redress**: inside the Japanese Canadian call for justice. Vancouver, Canada: Raincoast Books, 2005.

\_\_\_\_\_. **Altered States**: Global Currents, the Spectral Nation, and the Production of Asian Canadian. *Journal of Canadian Studies*. v. 35, n. 3 (2000): 43-72.

MINDEN, Michael. **The German Bildungsroman**: Incest and Inheritance. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MOHAN, Chandra; JUNEJA, Om P. (eds.). **Ambivalence**: studies in Canadian Literature. New Delhi: Allied Publishers Limited, 1990.



MOOKERJEA, Sourayan; SZEMAN, Imre; FAURSCHOU, Gail (eds.). **Canadian Cultural Studies: A Reader**. Durham and London: Duke University Press, 2009.

MORETTI, Franco (org.). **O romance, 1: a cultura do romance**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: CosacNaify, 2009.

\_\_\_\_\_. **The Way of the World: The Bildungsroman in European Culture**. Translated by Albert Sbragia. New York: Verso, 2000.

MORTON, Desmond. **Breve história do Canadá**. Tradução Luiz Roberto de Godoi Vidal. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1989.

MOSS, Laura; SUGARS, Cynthia. **Canadian Literature in English: texts and contexts**. Vol. 1. Pearson Education Canada, Toronto: Penguin Academics, 2009.

MURJI, Karim; SOLOMOS, John (ed.). **Racialization: studies in theory and practice**. New York: Oxford University Press, 2005.

MURPHY, Michael. **Multiculturalism: a critical introduction**. New York: Routledge, 2012.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

NEW, William Herbet. **A History of Canadian Literature**. London: MacMillan Education LTD, 1989.

\_\_\_\_\_. (ed.). **Encyclopedia of literature in Canada**. Toronto, Canada: University of Toronto Press, 2002.

\_\_\_\_\_. The short story. In: KROLLER, Eva-Marie; Coral Ann Howells (eds.). **The Cambridge History of Canadian Literature**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2009.

NEWTON, Pauline T. **Transcultural women of the late-twentieth-century U.S. American Literature: First-Generation Migrants from Islands and Peninsulas**. Burlington, USA: Ashgate Publishing Limited, 2005.

NGUYEN, Viet Thanh. **Race and Resistance: literature and politics in Asian America**. New York: Oxford University Press, 2002.

NISCHIK, Reingard M. (ed.). **History of literature in Canada: English-Canadian and French-Canadian**. New York: Camden House, 2008.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada: história, teoria e crítica**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2010.

\_\_\_\_\_. O comparatismo franco-brasileiro sob o signo da antropofagia, da transculturação e da transferência cultural. São Paulo. **Revista Ponto e Vírgula**. n. 13. p. 38-48. 2013.

NORDIN, Irene Gilsenan; HANSEN, Julie; LLENA, Carmen Zamorano (eds). **Transcultural identities in contemporary literature**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2013.

OKIN, Susan Moller. **Is Multiculturalism bad for women?**. New Jersey: Princeton University Press, 1999.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

ORTIZ, Fernando. **Cuban Counterpoint: tobacco and sugar**. Translated by Harriet de Onís. London: Duke University Press, 1995.

PASCAL, Roy. **The German Novel**. Manchester, UK: Manchester University Press, 1956.

PAZ, Octavio. **Convergências: Ensaio sobre Arte e Literatura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PODNIKS, Elizabeth; O'REILLY, Andrea (eds.). **Textual Mothers/Maternal Texts: motherhood in contemporary women's literatures**. Ontario, Canada: Wilfrid University Press, 2010.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

PRATT, Mary Louise. **Imperial Eyes: travel writing and transculturation**. 2. ed. New York: Routledge, 2008.

PUENTE, Carolina Núñez. **Feminism and Dialogics: Charlotte Perkins Gilman, Meredel Le Sueur, Mikhail Bakhtin**. València: Publicacions de la Universitat de València, 2006.

RAHIM, Abdur. **Canadian Immigration and South Asian Immigrants**. Indiana, The United States: Xlibris, 2014.

RALSTON, Helen. Canadian Immigration Policy in the twentieth Century: its impact on South Asian Women. **Canadian Woman Studies/Les Cahiers de La Femme**. v. 19. n. 3, 1999.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

\_\_\_\_\_. **Writing across Cultures:** narrative transculturation in Latin America. Edited and translated by David Frye. Durham: Duke University Press, 2012.

RATTANSI, Ali. **Multiculturalism:** A Very Short Introduction. New York: Oxford University Press, 2011.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de teoria da narrativa.** São Paulo: Ática, 1988.

RIBEIRO, Darcy. **Configurações Histórico – Culturais dos Povos Americanos.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.

RISHOI, Christy. **From girl to woman:** American Women's coming-of-age narratives. New York: University of New York Press, 2003.

ROBINSON, Greg. Two others solitudes: encounters between Japanese Canadians and French Canadians, 1900-50. In: DONAGHY, Greg; ROY, Patricia E. (eds.). **Contradictory impulses:** Canada and Japan in the twentieth century. Vancouver: UBC Press, 2008.

RODRÍGUEZ, Jeanette; FORTIER, Ted. **Cultural memory:** resistance, faith, and identity. Austin, Texas, USA: University of Texas Press, 2007.

ROSENTHAL, Caroline. English-Canadian literary theory and literary criticism. In: NISCHIK, Reingard M. (ed.). **History of literature in Canada:** English-Canadian and French-Canadian. New York: Camden House, 2008.

ROY, Patricia E.; DONAGHY, Greg (eds). **Contradictory Impulses:** Canada and Japan in the Twentieth Century. Vancouver, British Columbia: UBC Press, 2008.

SAFRANSKI, Rudiger. **Romantismo:** uma questão alemã. Tradução Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo.** Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Boaventura Souza. **Pela mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SCHULZE-ENGLER, Frank. Transcultural negotiations: third spaces in modern times. In: IKAS, Karin; WAGNER, Gerhard. **Communicating in the third space.** New York: Routledge, 2009.

SCHWANTES, Cíntia. Narrativas de formação contemporânea: uma questão de gênero. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 30, p. 53-62, 2007.

\_\_\_\_\_. Espelho de Vênus: questões da representação do feminino. In: **XVII Encontro Nacional da ANPOLL**, 2002, Gramado. Boletim do GT A Mulher na Literatura. Florianópolis: EdUFSC, v. 9, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v. 16, n. 2, 5-19, 1990.

\_\_\_\_\_. História das Mulheres. In. BURKER, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Gender and politics of history**. Columbia University Press, N.Y., 1988. Tradução Mariza Corrêa, IFCH/Unicamp. Cadernos Pagu (3), 1994. <[www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51007](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51007)>

SEILER, Tamara Palmer; RASPORICH, Beverly J. . The Legacy of Other Ethnic Groups. In: MAGOCSI, Paul Robert (ed.). **Encyclopedia of Canada's peoples**. Toronto: University of Toronto Press, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SLAPKAUSKAITE, Ruta. Exploring Intertextuality: Fairy Tale Motifs in Joy Kogawa's *Obasan*. In: **Literary Environments: Canada and the Old World**. Brussels, Belgium: Peter Lang, 2006.

SLAUGHTER, Joseph. **Human Rights, Inc: The World Novel, Narrative Form, and International Law**. New York: Fordham University Press, 2007.

STAHL, Ernst Ludwing; PRIEBSCH, Hannah; SMITH, M. Q.; YUILL, William Edward. **German literature of the eighteenth and nineteenth centuries**. London: Cresset Press, 1970.

STEPHEN, Becky. **The essential guide to customs & culture: India**. New York: Kuperard Publishers, 2012.

SUGARS, Cynthia; MOSS, Laura. **Canadian Literature in English: texts and contexts**. v. 2. Pearson Education Canada, Toronto: Penguin Academics, 2009.

SUGARS, Cynthia (ed.). **Unhomely states: theorizing English-Canadian postcolonialism**. New York: Broadview Press, 2004.

SULZ, David. Transitional Relations: Japanese Immigration and the Suian Maru Affair, 1900-11. In: ROY, Patricia E.; DONAGHY, Greg (eds). **Contradictory Impulses: Canada and Japan in the Twentieth Century**. Vancouver, British Columbia: UBC Press, 2008.

SUMMERFIELD, Giovanna. Spirituality. In: DOWNWARD, Lisa; SUMMERFIELD, Giovanna. **New Perspectives on the European Bildungsroman**. New York: Continuum International Publishing Group, 2010.

SWALES, Martin. **The German Bildungsroman from Wieland to Hesse**. New Jersey: Princeton University Press, 1978.

SWARNAKAR, Sudha. **Cultural Identity and Female Immigrants**: Joy Kogawa's *Obasan*. Interfaces Brasil/Canadá. v. 11. n. 1. Porto Alegre: ABECAN, 2011.

SYWENKY, Irene. Displacement, trauma, and the use of fairy tale motifs in Joy Kogawa's poetry and prose. WILSON, Sheena (ed.). **Joy Kogawa**: essays on her works. Toronto: Guernica, 2011.

TAYLOR, Charles. The Politics of Recognition. In: GUTMAN, Amy (ed). **Multiculturalism**. New Jersey, Princeton: Princeton University Press, 1994.

TIBURI, Márcia; VALLE, Bárbara (org). **Mulheres, filosofia ou coisas do gênero**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

TOURAINE, Alain. **A crise da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **O mundo das mulheres**. Tradução Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2007.

TOYE, William; BENSON, Eugene (eds.). **The Oxford Companion to Canadian Literature**. 2. ed. Don Mills, Ontario: Oxford University Press, 1997.

TROPER, Harold. Multiculturalism. In: MAGOCSI, Paul Robert (ed.). **Encyclopedia of Canada's peoples**. Toronto: University of Toronto Press, 1999.

TUNKEL, Nora. **Transcultural Imaginaries**: History and Globalization in Contemporary Canadian Literature. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2012.

TURNER, Gordon Philip. **The Protagonists' Initiatory Experiences in the Canadian Bildungsroman**: 1908–1971. University of British Columbia. Ottawa: National Library of Canada, 1979.

VAITHEESPARA, Ravindiran. Tamils. In: MAGOCSI, Paul Robert (ed.). **Encyclopedia of Canada's peoples**. Toronto: University of Toronto Press, 1999.

VARIKAS, Eleni. Pária: uma metáfora da exclusão das mulheres. Tradução de M. Stella Bresciani. São Paulo. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 18, p. 19-28, ago/set. 1989.

\_\_\_\_\_. Os refugos do mundo – figuras do pária. Tradução de Paulo Neves. São Paulo. **Estudos avançados da USP**, v. 24, n. 69, p. 31-60, jan. 2010.

\_\_\_\_\_. **A escória do mundo**: figuras do pária. Tradução Nair Fonseca e João Alexandre Peschanski. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

VASSANJI, M. G. (ed.). **A meeting of streams**: South Asian Canadian Literature. Toronto: TSAR Publications, 1985.

VENTRESCA, Robert; IACOVETTA, Franca; DRAPER, Paula (ed.). **A nation of immigrants: women, workers, and communities in Canadian History, 1840s-1960s.** Toronto: University of Toronto Press, 1998.

VERDUYN, Christl; TY, Eleanor (eds.). **Asian Canadian Writing beyond auto ethnography.** Ontario: Wilfrid Laurier University Press, 2008.

VERTOTEC, Steven. Three meaning of “diaspora” exemplified among South Asian religions. **Diaspora: a Journal of Transnational Studies**, vol. 6, n. 3, (Winter), 1997.

WAGNER-LAWLOR, Jennifer A.. **Postmodern Utopias and Feminist Fictions.** New York: Cambridge University Press, 2013.

WALTER, Roland. **Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas.** Recife: Bagaço, 2009.

WELSCH, Wolfgang. Transculturality: the puzzling form of cultures today In: FEATHERSTONE, Mike; LASH, Scott (eds). **Spaces of Culture: City, Nation, World.** London: Sage, 1999.

WESSENDORF, Susanne. **Second-generation transnationalism and roots migration: cross-border lives.** United Kingdom: Ashgate, 2013.

WILLMOTT, Glenn. **Unreal country: modernity in the Canadian novel in English.** Québec: McGill Queen’s University Press, 2002.

WILSON, Sheena (ed.). **Joy Kogawa: essays on her works.** Toronto: Guernica, 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

YAMAGISHI, Rochelle N.. **Japanese Canadian journey: the Nakagawa story.** Victoria: Trafford Publishing, 2010.

ZAMORA, Lois Parkinson (ed.). **Contemporary American Women Writers: gender, class, ethnicity.** New York: Longman, 1998.

ZEPETNEK, Steven Tötösy de. **From Comparative Literature Today toward Comparative Cultural Studies.** CLCWeb: Comparative Literature and Culture (1999): <http://dx.doi.org/10.7771/1481-4374.1041>

## SITES PESQUISADOS

<http://www.thecanadianencyclopedia.com/en/article/the-double-hook/> (acesso em 26/05/2013)

<http://www.thecanadianencyclopedia.com/en/article/sheila-watson/> (acesso em 26/05/2013)

<http://www.thecanadianencyclopedia.com/en/article/novel-in-english/> (acesso em 26/05/2013)

[http://hermes.hrc.ntu.edu.tw/words/4\\_Guy%20Beauregard%20%20Asian%20Canadian%20Studies%20\(2008\).pdf](http://hermes.hrc.ntu.edu.tw/words/4_Guy%20Beauregard%20%20Asian%20Canadian%20Studies%20(2008).pdf) (acesso em 15/06/2013)

<http://aaastudies.org/content/> (acesso em 17/07/2013)

[http://www.ceim.uqam.ca/IMG/pdf/BenessaiehA2011\\_BouchardTaylor.pdf](http://www.ceim.uqam.ca/IMG/pdf/BenessaiehA2011_BouchardTaylor.pdf) (acesso em 21/07/2013)

<http://ricepapermagazine.ca/about/> (acesso em 22/07/2013)

<http://www2.seminolestate.edu/falbritton/Summer%202009/FHI/Articles/Epstein.%20Transcultural.pdf> (acesso em 22/07/2013)

[http://japanesecanadianhistory.ca/Politics\\_of\\_Racism.pdf](http://japanesecanadianhistory.ca/Politics_of_Racism.pdf) (acesso em 22/07/2013)

[http://inbetweenthings.org/pdf/barthes\\_psychology\\_of\\_food.pdf](http://inbetweenthings.org/pdf/barthes_psychology_of_food.pdf) (acesso em 22/07/2013)

<http://www.timeshighereducation.co.uk/features/edible-ecriture/104281.article> (acesso em 22/07/2013)

<http://annhetzelgunkel.com/uj/food/image/Psychosociology%20of%20Contemporary%20Food%20Consumption%20-%20Barthes.pdf> (acesso em 22/07/2013)

<http://www.motherearthliving.com/green-living/the-water-cure.aspx#ixzz3P2kIJLZU> (acesso 10/12/2014)

<http://classroom.synonym.com/healthcare-beliefs-japanese-12859.html> (acesso 11/12/2014)

<http://cafecomchai.blogspot.com.br/2012/10/o-que-e-gurdwara.html> (acesso 11/12/2014)

<http://www.canadiansikhcentre.com/about-canadian-sikh-centre/history/> (acesso 11/12/2014)

[http://en.wikipedia.org/wiki/Sikhism\\_in\\_Canada](http://en.wikipedia.org/wiki/Sikhism_in_Canada) (acesso 12/12/2014)

<http://neojaponisme.com/2009/01/15/enryo/> (acesso 12/12/2014)

<http://japanese.about.com/od/wordoftheday/p/word304.htm> (acesso 12/12/2014)

<http://japanese.about.com/od/japaneseculture/> (acesso 12/12/2014)

<http://japanese.about.com/od/japaneseculturebasics/> (acesso 12/12/2014)

[http://www.ehow.com.br/roti-chapati-como\\_252791/](http://www.ehow.com.br/roti-chapati-como_252791/) (acesso 13/12/2014)

## **JOY KOGAWA**

[http://www.library.ubc.ca/spcoll/AZ/PDF/KL/Kogawa\\_Joy.pdf](http://www.library.ubc.ca/spcoll/AZ/PDF/KL/Kogawa_Joy.pdf) acesso em 21/04/2013

<http://obasan2.tripod.com/id1.html> acesso em 21/04/2013

<http://www.brocku.ca/canadianwomenpoets/Kogawa.htm> acesso em 21/04/2013

<http://www.cbc.ca/archives/categories/war-conflict/second-world-war/relocation-to-redress-the-internment-of-the-japanese-canadians/joy-kogawas-internment-experience.html> acesso em 21/04/2013

[http://section15.ca/features/people/2000/05/16/joy\\_kogawa/](http://section15.ca/features/people/2000/05/16/joy_kogawa/) acesso em 21/04/2013

[http://voices.cla.umn.edu/essays/poetry/a\\_song\\_of\\_lilith.html](http://voices.cla.umn.edu/essays/poetry/a_song_of_lilith.html) acesso em 21/04/2013

[http://academia.edu/2318586/CULTURAL\\_IDENTITY\\_AND\\_FEMALE\\_IMMIGRANTS\\_JOY\\_KOGAWAS\\_OBASAN](http://academia.edu/2318586/CULTURAL_IDENTITY_AND_FEMALE_IMMIGRANTS_JOY_KOGAWAS_OBASAN) acesso em 21/04/2013

[http://kops.ub.uni-konstanz.de/bitstream/handle/urn:nbn:de:bsz:352-opus-40575/Falkenhayner\\_Mag.pdf?sequence=1](http://kops.ub.uni-konstanz.de/bitstream/handle/urn:nbn:de:bsz:352-opus-40575/Falkenhayner_Mag.pdf?sequence=1) acesso em 05/05/2013

<http://www.hfu.edu.tw/~lbc/BC/9th/Paper/3A-2.pdf> acesso em 05/05/2013

<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/interfaces/article/view/553> acesso em 05/05/2013  
<http://web.usal.es/~anafra/RodopiObasan.pdf> acesso 05/05/2013

<http://connection.ebscohost.com/c/literary-criticism/48796197/memory-repetition-aura-ecological-ethos-joy-kogawas-obasan> acesso em 06/05/2013

[www.kogawahouse.com/aggregator](http://www.kogawahouse.com/aggregator) acesso em 06/05/2013

<http://journals.hil.unb.ca/index.php/scl/article/view/15290/16387> acesso em 06/05/2013

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/463739?uid=3739392&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=3737720&uid=4&sid=21102505954127> acesso em 06/05/2013

<http://voices.cla.umn.edu/artistpages/kogawaJoy.php> acesso em 13/06/2013



<http://canadian-writers.athabasca.ca/english/writers/jkogawa/jkogawa.php> acesso em 13/06/2013

<http://www.thecanadianencyclopedia.com/articles/joy-kogawa> acesso em 13/06/2013

<http://www.georgewoodcock.com/joykogawa.html> acesso em 13/06/2013

<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/10/the-poetic-spaces.pdf> acesso em 13/06/2013

<http://journals.hil.unb.ca/index.php/scl/article/view/8069/9126> acesso em 14/06/2013

<http://quod.lib.umich.edu/cgi/t/text/textidx?cc=mfsfront;c=mfs;c=mfsfront;idno=ark5583.0018.005;rgn=main;view=text;xc=1;g=mfsg> acesso em 14/06/2013

[http://academia.edu/3034935/Obasan and Hybridity Necessary Cultural Strategies](http://academia.edu/3034935/Obasan_and_Hybridity_Necessary_Cultural_Strategies) acesso em 17/06/2013

<http://www.japanesecanadianhistory.net/GuideExcerptsForSocialStudies11.pdf> acesso em 17/06/2013

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/467119?uid=3739392&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=3737720&uid=4&sid=21102506184657> acesso em 17/06/2013

[http://canlit.ca/reviews/reconsidering\\_lilith](http://canlit.ca/reviews/reconsidering_lilith) acesso em 17/06/2013

<http://reconstruction.eserver.org/111/Florina-Florescu.shtml> acesso em 23/06/2013

[http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02722010609481404#.UdSTW\\_mThtY](http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02722010609481404#.UdSTW_mThtY) acesso em 23/06/2013

[http://academia.edu/1859495/Strangers in Their Own Country Negotiating the Self in Joy Kogawas Obasan and John Okadas No-No Boy](http://academia.edu/1859495/Strangers_in_Their_Own_Country_Negotiating_the_Self_in_Joy_Kogawas_Obasan_and_John_Okadas_No-No_Boy) acesso em 23/06/2013

## **GURJINDER BASRAN**

[http://www.quillandquire.com/reviews/review.cfm?review\\_id=7022](http://www.quillandquire.com/reviews/review.cfm?review_id=7022), acesso em 18/03/2013

<http://suhaag.com/artsentertainment/gurjinder-basran-handles-indian-identity-and-tradition-deftly-in-new-book/> acesso em 18/03/2013

<http://www.chatelaine.com/living/chatelaine-book-club/our-evening-with-gurjinder-basran-author-of-everything-was-good-bye/> acesso em 18/03/2013

<http://www.cbc.ca/thesundayedition/shows/2011/04/17/ethnic-strategists---gurjinder-basran---wisconsin-documentary/> acesso em 18/03/2013

<http://www2.canada.com/vancouversun/story.html?id=0ae41d8f-5bac-4011-b488-c94f76b04bd4>  
acesso em 18/03/2013

<http://editorialeyes.wordpress.com/2012/04/23/the-smell-of-chai-and-sadness-a-review-of-everything-was-good-bye-by-gurjinder-basran/> acesso em 18/03/2013

<http://www.gurjinderbasran.ca/> acesso em 20/03/2013

<http://www.gurjinderbasran.ca/everything-was-good-bye/> acesso em 20/03/2013

[http://www.goodreads.com/author/show/1217830.Gurjinder\\_Basran](http://www.goodreads.com/author/show/1217830.Gurjinder_Basran) acesso em 20/03/2013

<http://runnermag.ca/2012/02/gurjinder-basran-talks-writing-and-the-indo-canadian-experience/>  
acesso em 20/03/2013

<http://www.chatelaine.com/tag/gurjinder-basran/> acesso em 20/03/2013

<https://www.facebook.com/pages/Gurjinder-Basran/149816281707672> acesso em 20/03/2013

<http://www.fictiondb.com/author/gurjinder-basran~everything-was-good-bye~385487~b.htm>  
acesso em 27/03/2013

<http://www.penguin.ca/nf/Book/BookDisplay/0,,9780143182573,00.html> acesso em 27/03/2013

[http://www.readinggroupguides.com/guides\\_e/everything\\_was\\_goodbye1.asp](http://www.readinggroupguides.com/guides_e/everything_was_goodbye1.asp)  
acesso em 27/03/2013

<http://www.us.penguingroup.com/nf/Author/AuthorPage/0,,2000000469,00.html> acesso em 27/03/2013

<http://www.amberarchive.com/index.php?mact=ListIt2,cntnt01,detail,0&cntnt01item=gurjinder-basran&cntnt01summarytemplate=prev-next-links&cntnt01returnid=18> acesso em 27/03/2013

<http://jugnistyle.com/tag/gurjinder-basran/> acesso em 27/03/2013

<http://thetyee.ca/Tyeenews/2012/04/20/gurjinder-basran/> acesso em 21/04/2013

<http://www.sfu.ca/alumni/events/2013/Burnaby-reading-march2013.html> acesso em 21/04/2013

<http://www.meetup.com/Toronto-Meet-the-Author-Bookclub/events/52618152/> acesso em 21/04/2013

<http://dailyspress.blogspot.ca/2010/10/everything-was-good-bye-gurjinder.html> acesso em 21/04/2013

<http://editorialeyes.wordpress.com/tag/gurjinder-basran/> acesso em 02/05/2013

<http://www.darpanmagazine.com/2010/12/the-art-of-storytelling-gurjinder-basran/> acesso em 02/05/2013

<http://www.youtube.com/watch?v=nsOcGFFy0wE> acesso em 02/05/2013

<http://www.youtube.com/watch?v=FwtbFyLTlfU> acesso em 02/05/2013

[http://www.quillandquiere.com/reviews/review.cfm?review\\_id=7022](http://www.quillandquiere.com/reviews/review.cfm?review_id=7022) acesso em 26/06/2013

<http://vimeo.com/37772924> acesso em 26/06/2013

<http://www.cbc.ca/player/Radio/The+Sunday+Edition/ID/1884393175/?page=30> acesso em 26/06/2013

<http://bcwriters.ca/tag/gurjinder-basran/> acesso em 26/06/2013

<http://www.nicoleabouttown.com/re-cap-gurjinder-basran-everything-was-good-bye/> acesso em 26/06/2013

<http://www.washingtonindependentreviewofbooks.com/features/author-qa-with-gurjinder-basran> acesso em 26/06/2013

<http://www.sheknows.com/entertainment/articles/979935/red-hot-book-of-the-week-everything-was-good-bye-by-gurjinder-basran> acesso em 03/07/2013

<http://www.cbc.ca/thesundayedition/books/2011/04/17/gurjinder-basran-everything-was-goodbye/> acesso em 03/07/2013

<http://www.justalillost.com/2012/03/recap-wine-cheese-with-gurjinder-basran/> acesso em 03/07/2013

## **A N E X O S**

## JOY KOGAWA



Nascida Joy Nozomi Nakayama, aos seis de Junho de 1935, em Vancouver, no Canadá, esta escritora, poetisa e ativista, fruto da segunda geração nipônica-canadense (Nissei), vivenciou a experiência juntamente a sua família do processo de relocação (internment) dos japoneses da costa para o interior do país, mais especificamente Slocan, British Columbia, durante a Segunda Guerra Mundial. Ao término da guerra, Kogawa e sua família são transferidos para o sul de Alberta, em Coaldale para dedicar-se ao trabalho no campo, lá permanecendo até a década de quarenta, período este no qual inicia seus estudos. Já adulta passou a viver em Saskatoon e Ottawa, onde trabalhou como escritora no escritório do Primeiro Ministro de 1974 a 1976 e como escritora residente na Universidade de Ottawa, em 1978. Sendo filha de Lois Masui Nakayama, uma cantora e professora do jardim de infância e de Gordon Goichi Nakayama, um clérigo anglicano, foi possível à Kogawa estudar teologia em Toronto, assim como música no Royal Conservatory. Ao casar-se com David Kohashigawa em 1957, muda o sobrenome para Kogawa. Atualmente à escritora vive em Toronto.

Em sua carreira como poetisa torna-se aparente o uso de alegorias, epigramas e tópicos da filosofia na abordagem a eventos específicos ou mesmo em imagens recorrentes de suas memórias pessoais. Sua poesia apresenta ricos veios em termos de alusões a Bíblia, sob hábil lirismo,

comparadas ao ‘sussurro de rimas infantis’; para Kogawa sua poesia transita entre o consciente e o inconsciente, ‘varrendo seus fragmentos’, estes por sua vez, expressos nas coleções: *Splintered Moon* (1967), *A choice of Dreams* (1974), cujos poemas são relacionados a sua visita ao Japão, *Jericho Road* (1977), e em *Woman in the Woods* (1985), num montante de mais de trezentos poemas publicados em revistas e antologias. Dentre suas publicações ficcionais, o romance intitulado *Obasan* (1981) é considerado um dos mais importantes na História do Canadá; neste, fatos históricos correspondentes a Segunda Guerra Mundial, aliados a vivência do internamento da própria escritora e de sua família inspiram o traçar das linhas ficcionais de sua composição, acrescentando num momento crucial de reivindicação a atitudes de racismo para com os nipo-canadenses, considerados inimigos estrangeiros, privando-os de seus direitos civis e expondo-os tanto as injustiças quanto a uma política multicultural ainda em surdina para com as ‘minorias visíveis’. Dada a repercussão de sua narrativa, sua carreira como ativista se fortalece, fazendo com que Joy Kogawa se torne uma voz ativa e dedicada na busca pela reparação com relação ao internamento sofrido por milhares de nipo-canadenses durante a Segunda Guerra Mundial, “Kogawa worked to bring about legal reparations for those Japanese Canadians who were affected by government policies” (BENNET; BROWN, 2002, p. 731). Em apoio ao movimento de reparação, Kogawa permaneceu por cinco anos em plena atividade; dos esforços demandados, culmina a assinatura do *The Redress Agreement* pelo primeiro ministro Brian Mulroney, em 22 de setembro de 1988. Nesse sentido, os críticos afirmam que “Kogawa has used literature as an instrument of social action, making these events the subject of much of her poetry and fiction” (BENNET; BROWN, 2002, p. 731).

Após o reconhecimento oriundo da publicação de *Obasan*, Kogawa dá continuidade ao romance em *Itsuka* (1992), no qual Naomi, já adulta, relata as políticas e reivindicações por uma compensação do governo pelo internamento; e prossegue sob a mesma temática, estendendo a história de Naomi em duas outras adaptações, agora voltadas para o público infanto-juvenil: em *Naomi’s Road* (1986) e *Naomi’s Tree* (2008). Seu livro *Naomi’s Road* fora adaptado para o teatro em 1995 e para ópera em 2005. Em seu trabalho poético mais recente intitulado *A Song of Lilith* (2008), Kogawa atribui foco a mitologia correspondente a Lilith - ‘a primeira mulher’ – e aos acontecimentos decorrentes da recusa da mesma em subordinar-se a Adão.

O reconhecimento aos seus esforços como ativista e sua contribuição literária culminaram na proclamação aos 06 de novembro de 2004 como o dia de Joy Kogawa na cidade de Vancouver.

Em 2010, a escritora recebe a comenda *Order to the Rising Sun* por sua contribuição ao entendimento, compreensão e preservação da história dos nipo-canadense. Dentre os prêmios recebidos por seu romance *Obasan*, destacam-se: Books in Canada — First Novel Award; Canadian Authors Association — Book of the Year Award; Periodical Distributors of Canada — Best Paperback Fiction Award; Before Columbus Foundation — The American Book Award; and American Library Association — Notable Book. Dentre as honras recebidas constam: Member of the Order of Canada, 1986; Doctor of Laws, Honoris Causa, University of Lethbridge, 1991; Fellow of Ryerson Polytechnical University, 1991; Doctor of Letters, Honoris Causa, University of Guelph, 1992; Doctor of Laws, Honoris Causa, Simon Fraser University, 1993; Urban Alliance Race Relations award, 1994; Grace MacInnis Visiting Scholar award, 1995; Doctor of Divinity, Honoris Causa, Knox College, University of Toronto, 1999; Lifetime Achievement Award, Association of Asian American Studies, 2001; Doctor of Letters, Honoris Causa, University of British Columbia, 2001; The NAJC National Award, National Association of Japanese Canadians, 2001.

Com relação aos trabalhos sobre a autora destacam-se: Cheung, King-kok. *Hisaye Yamamoto*, Maxine Hong Kingston, *Joy Kogawa*. Series: Reading Women Writing. Ithaca: Cornell University Press, 1993; Cheung, King-Kok. Attentive Silence in Joy Kogawa's *Obasan*. *Listening to Silences: New Essays in Feminist Criticism*. Eds. Elaine Hedges and Shelley Fisher Fishkin. New York: Oxford University Press. 1994. 113-29; Chua Cheng Lok. Witnessing the Japanese Canadian Experience in World War II: Processual Structure, Symbolism, and Irony in Joy Kogawa's *Obasan*. *Reading the Literatures of Asian America*. Eds. Shirley Geok-lin Lim and Amy Ling. Foreward by Elaine H. Kim. Series. Asian American History and Culture. Philadelphia: Temple University Press, 1992. 97-111; Fairbanks, Carol. Joy Kogawa's *Obasan*: a study in political efficacy. *Journal of American and Canadian Studies* 5 (Spring 1990): 73-92; Fujita, Gayle K. To attend the sound of stone: The Sensibility of Silence in *Obasan*. *MELUS: The Journal of the Society for the Study of the Multi-Ethnic Literature of the United States* 12.3 (Fall 1985) 33-42; Goellnicht, Donald C. "Father Land/ or Mother Tongue: The Divided Female Subject in Kogawa's *Obasan* and Hong Kingston's *The Woman Warrior*. *Redefining Autobiography in Twentieth Century Women's Fiction: An Essay Collection*. Ed. Janice Morgan, Colette T. Hall, Carol L. Snyder. Foreward by Molly Hite. New York: Garland, 1991. 119-34; Gottlieb, Erika. The Riddle of Concentric Worlds in *Obasan*. *Canadian Literature* 109 (Summer 1986): 34-53; Harris,

Mason. Broken Generations in Obasan: Inner Conflict and the Destruction of Community. *Canadian Literature* 127 (Winter 1990): 41-57; Lim, Shirley Geok-lin. Asian American Daughters Rewriting Asian Maternal Texts. *Asian Americans: Comparative and Global Perspectives*. Ed. Shirley Hune, Hyung-chan Kim, Stephen S. Fugita and Amy Ling. Pullman: Washington State University Press, 1991. 239-248; Lim, Shirley Geok-lin. Japanese American Women's Life Stories: Maternality in Monica Stone's *Nisei Daughter* and Joy Kogawa's *Obasan*. *Feminist Studies* 16.2 (Summer 1990): 288-312; Magnusson, A. Lynne. Language and Longing in Joy Kogawa's *Obasan*. *Canadian Literature* 116 (Spring 1988) 58-66; Potter, Robin. Moral -- in whose sense? Kogawa's *Obasan* and Julia Kristeva's *Powers of Horror*. *Studies in Canadian Literature* 15.1 (1990): 117-139; Rose, Marilyn R. Hawthorne's 'Custom House,' Said's Orientalism and Kogawa's *Obasan*: an intertextual Reading of a Historical Fiction. *Dalhousie Review* 67.2-3. (Summer/Fall 1987): 286-296; Koo Eunsook. The Politics of Race and Gender: Mothers and Daughters in the Novels of Toni Morrison, Alice Walker, Maxine Hong Kingston, Joy Kogawa. *DAI* 55.2 (1994): 280A. State University of New York. Stony Brook.



## ARTIGOS

- ACKERMAN, Harold. **Sources of Love and Hate**: An Interview with Joy Kogawa. *American Review of Canadian Studies*. Summer 1993 v23 i2 p 217-29.
- AMOKO, Apollo O. **Resilient ImagiNations**: No-No Boy, Obasan and the Limits of Minority Discourse. *Mosaic:-A-Journal-for-the-Interdisciplinary-Study-of-Literature (Mosaic)*. 2000 Sept; 33(3): 35-55.
- BANERJEE, Chinmoy. **Polyphonic Form and Effective Aesthetic in Obasan**. *Canadian-Literature*. 1999. Spring; 160: 101-19.
- BEAUREGARD, Guy. **After Obasan**: Kogawa Criticism and Its Futures. *Studies-in-Canadian-Literature/Etudes-en-Litterature-Canadienne (SCL)*. 2001; 26(2): 5-22.
- Beautell, Eva Darias. **The Imaginary Ethnic**: Anachronies, (Im) Mobility and Historical Meaning in Obasan and Disappearing Moon Café. IN Davis,-Rocio-G. (Ed. and introd.); Baena,-Rosalia (Ed.). *Tricks with a Glass: Writing Ethnicity in Canada*. Amsterdam: Rodopi, 2000. pp. 191-208.
- BEEDHAM, Matthew. **Obasan and Hybridity**: Necessary Cultural Strategies. In: *The Immigrant Experience in North American Literature: Carving Out a Niche*. Ed. K. Payant and T. Rose (Westport) CT: Greenwood, 1999.
- BLODGETT, E. D. **Ethnic Writing in Canada**: Borders and Kogawa's Obasan. In: SCHAUB, Danielle; KEEFER, Janice Kulyk; SHERWIN, Richard E. (Ed.). *Precarious Present/Promising Future? Ethnicity and Identities in Canadian Literature*. Jerusalem, Israel: Magnes, 1996. pp. 61-76.
- BOWEN, Deborah. **Faithfully Reading Elie Wiesel and Joy Kogawa**: Two Generations After. *Christianity-and-Literature (C&L)*. 1999. Summer; 48(4): 487-95.
- BRYDON, Diana. **Obasan**: Joy Kogawa's 'Lament for a Nation'. *Kunapipi- (Kunapipi)*. 1994; 16(1): 465-70.
- BYRNE, Mary Ellen. **Obasan**: More than One Telling/More than One Reading. *Teaching-English-in-the-Two-Year-College (TETYC)*. 2002 Sept; 30(1): 30-37.
- CHEN, Davina Te-min. **Naomi's Liberation**. *Hitting-Critical-Mass:-A-Journal-of-Asian-American-Cultural-Criticism*. 1994. Winter; 2(1): 99-128
- CHEUNG, King-kok. Attentive Silence in Joy Kogawa's Obasan. HEDGES, Elaine; FISHKIN, Shelley Fisher (Ed.). In: **Listening to Silences**: New Essays in Feminist Criticism. New York: Oxford UP, 1994. pp. 113-29.
- DAVIS, Rocio. **On Writing and Multiculturalism**: An Interview with Joy Kogawa." *Commonwealth-Essays-and-Studies (CE&S)*. 1999. Autumn; 22(1): 97-103
- DELBAERE, Jeanne. Joy Kogawa Interviewed by Jeanne Delbaere. *Kunapipi- (Kunapipi)*. 1994; 16(1): 461-64
- DONOHUE, Kathleen. **Free-Falling and Serendipity**: An Interview with Joy Kogawa. *Canadian-Children'-s-Literature/Litterature-Canadienne-pour-la-Jeunesse (CCL)*. 1996. Winter; 84(22 (4)): 34-46.
- DUNLOP, Rishma. **Beyond dualism**: toward a dialogic negotiation of difference. *Canadian Journal of Education*. Toronto: Winter 1999. Vol. 24, Iss. 1; p. 57.
- FARBANKS, Carol. **Joy Kogawa's Obasan**: a study in political efficacy. *Journal of American and Canadian Studies* Spring 1990 i5 p73-92.

FUJITA, Gayle K. **To attend the sound of stone:** The Sensibility of Silence in Obasan. MELUS: The-Journal-of-the-Society-for-the-Study-of-the-Multi-Ethnic-Literature-of-the-United-States (MELUS). 1985 Fall; 12(3): 33-42.

GOELLNIGHT, Donald C. **Minority history as metafiction:** Joy Kogawa's 'Obasan. Tulsa Studies in Women's Literature Fall 1989 v8 n2 p. 287(20).

GOELLNIGHT, Donald C. Father Land and/or Mother Tongue: The Divided Female Subject in Kogawa's Obasan and Hong Kingston's The Woman Warrior," Morgan, Janice (ed.); Hall, Colette T. (ed.); Snyder, Carol L. (ed.); Hite, Molly (fwd.). In: **Redefining Autobiography in Twentieth-Century Women's Fiction:** An Essay Collection. New York: Garland, 1991. pp.119-34. (Series: Garland Reference Library of the Humanities Gender and Genre in Literature. New York; 3; 1386)

GOLDMAN, Marlene. **A Dangerous Circuit:** Loss and the Boundaries of Racialized Subjectivity in Joy Kogawa's Obasan and Kerri Sakamoto's The Electrical Field. MFS:-Modern-Fiction-Studies (MFS). 2002 Summer; 48(2): 362-88.

GOTTLIEB, Erika. **The Riddle of Concentric Worlds in Obasan.** Canadian-Literature (CanLit). 1986 Summer; 109: 34-53.

GREWAL, Gurleen. Memory and the Matrix of History: The Poetics of Loss and Recovery in Joy Kogawa's Obasan and Toni Morrison's Beloved. Singh, Amritjit; Skerrett, Joseph T., Jr.; Hogan, Robert E. (Ed.) **Memory and Cultural Politics:** New Approaches to American Ethnic Literatures. Boston: Northeastern UP, 1996. pp. 140-74.

GRICE, Helena. **Reading the nonverbal:** the indices of space, time, tactility and taciturnity in Joy Kogawa's Obasan. MELUS. v. 24. n. 4 Winter 1999. p. 93-105.

HARRIS, Mason. **Broken Generations in Obasan:** Inner Conflict and the Destruction of Community. Canadian-Literature (CanLit). 1990 Winter; 127: 41-57

HARRISSON, Patricia Marby. **Genocide or Redemption?** Asian American Autobiography and the Portrayal of Christianity in Amy Tan's The Joy Luck Club and Joy Kogawa's Obasan. Christianity-and-Literature (C&L). 1997 Winter; 46(2): 145-68.

HATTORI, Tomo. Psycholinguistic Orientalism in Criticism of The Woman Warrior and Obasan. STANLEY, Sandra Kumamoto (Ed.). **Other Sisterhoods:** Literary Theory and U.S. Women of Color. Urbana, IL: U of Illinois P, 1998. pp.119-38.

HOWELLS, Coral-Ann. **Storm Glass:** The Preservation and Transformation of History in The Diviners, Obasan, My Lovely Enemy. Kunapipi- (Kunapipi). 1994; 16(1): 471-78

HSU, Ruth Y. **A conversation with Joy Kogawa.** Amerasia Journal v 22 Spring 1996. p. 199-216.

ITO, Sally. Did That Character Choose Me? Joy Kogawa. DAURIO, Beverley (Ed.); DAVEY, Frank (Ed.). **The Power to Bend Spoons:** Interviews with Canadian Novelists. Toronto, ON: Mercury, 1998. pp.98-104. (interview with Joy Kogawa).

ITO, Sally. **Divine Abandonment:** An Interview with Joy Kogawa. Paragraph:-The-Canadian-Fiction-Review (Paragraph CFR). 1996. Fall; 18(2): 3-6.

IWAMA, Marilyn. **Transgressive Sexualities in the Reconstruction of Japanese Canadian Communities.** Canadian-Literature (CanLit). 1998. Winter; 159: 91-110.

JONES, Manina. The Avenues of Speech and Silence: Telling Difference in Joy Kogawa's Obasan. KREISWIRTH, Martin; CHEETHAM, Mark A. (Ed.). **Theory between the Disciplines:** Authority/Vision/Politics. Ann Arbor: U of Michigan P, 1990. pp.213-229.

KANEFSKY, Rachelle. **Debunking a Postmodern Conception of History:** A Defence of Humanist Values in the Novels of Joy Kogawa. Canadian-Literature (CanLit). 1996 Spring; 148: 11-36

KLOOSS, Wolfgang. Difference and Dignity: Problems of (Inter) Cultural Understanding in British and North American Literature. KUESTER, Martin; CHRIST, Gabriele; BECK, Rudolf (Ed.). **New Worlds: Discovering and Constructing the Unknown in Anglophone Literature.** Munich, Germany: Vogel, 2000. pp.239-59. (Series: Schriften der Philosophischen Fakultäten der Universität Augsburg. Munich, Germany.)

KRUK, Laurie. **Voices of Stone: The Power of Poetry in Joy Kogawa's 'Obasan.** ARIEL: A-Review-of-International-English-Literature (ArielE). 1999 Oct; 30(4): 75-94.

LIM, Shirley; LING, Amy; KIM, Elaine H. (Ed.). **Reading the Literatures of Asian America.** Philadelphia: Temple UP, 1992. pp.97-111. (Series: Asian-American-History-and-Culture.)

LIM, Shirley. **Asian American Daughters Rewriting Asian Maternal Texts.** Asian Americans: Comparative and Global Perspectives. Pullman: Washington State UP, 1991. pp.239-48.

LIM, Shirley. **Japanese American Women's Life Stories: Maternity in Monica Sone's Nisei Daughter and Joy Kogawa's Obasan.** Feminist-Studies (FSt). 1990 Summer; 16(2): 288-312.

LO, Marie. Obasan by Joy Kogawa. WONG, Sau-ling Cynthia; SUMIDA, Stephen H. (Ed.). **A Resource Guide to Asian American Literature.** New York, NY: Modern Language Association of America, 2001. pp.97-107

LOPEZ, Ferdinand M. **Rice Talk: Discoursing Asian American Literature.** Unitas: A-Quarterly-for-the-Arts-and-Sciences (Unitas). 2003 Mar; 76(1): 76-97.

LORETO, Paola. **The Poetic Texture of Joy Kogawa's Obasan.** Rivista-Di-Studi-Canadesi:-Canadian-Studies-Review:-Revue-D'-Etudes-Canadiennes. 1995; 8: 177-86.

LOUSLEY, Cheryl. **Home on the Prairie? A Feminist and Postcolonial Reading of Sharon Butala, Di Brandt, and Joy Kogawa.** Isle:-Interdisciplinary-Studies-in-Literature-and-Environment (Isle). 2001 Summer; 8(2): 71-95.

MAGNUSSON, A. Lynne. **Language and longing in Joy Kogawa's Obasan.** Canadian Literature 116 Spring 1988. p. 58-66.

MATSUOKA, Fumitaka. **Reformation of identities and values within Asian North American communities.** Dream unfinished. Maryknoll, N.Y.: Orbis Books, 2001. pp. 119-128.

MCALPINE, Kirstie. Narratives of Silence: Marlene Nourbese Philip and Joy Kogawa. JAUMAIN, Serge; MAUFORT, Marc; NOBELL, Lucette (Ed.). **The Guises of Canadian Diversity: New European Perspectives/Les Masques de la diversité canadienne: Nouvelles Perspectives Européennes.** Amsterdam: Rodopi, 1995. pp.133-42.

MCFARLANE, Scott. Covering Obasan and the Narrative of Internment. OKIHIRO, Gary Y.; ALQUIZOLA, Marilyn; RONY, Dorothy Fujita; WONG, K. Scott (Ed.). **Privileging Positions: The Sites of Asian American Studies.** Pullman: Washington State UP, 1995. pp.401-11.

MERIVALE, P. **Framed voices: the polyphonic elegies of Hebert and Kogawa.** Canadian Literature no116 Spring 1988. p. 68-82

MORRIS, Robyn. **Piecing Together Female Stories in Joy Kogawa's Obasan.** New Literatures Review (NLitsR). 2000 Winter; 36: 35-45.

NYMAN, Jopi. Nation and the Body in Joy Kogawa's Obasan. BLAKE, Andrew; NYMAN, Jopi (Ed.). **Text and Nation: Essays on Post-Colonial Cultural Politics.** Joensuu, Finland: Faculty of Humanities, University of Joensuu, 2001. pp.87-102.

PADDON, Seija. **New Historicism and the Prose of Joy Kogawa's Obasan and Leena Lander's Cast a Long Shadow.** Scandinavian Canadian Studies/Etudes Scandinaves au Canada (SCSESC). 1996; 9: 91-103.

PALUMBO, Liu David. The Politics of Memory: Remembering History in Alice Walker and Joy Kogawa. SINGH, Amritjit; SKERRETT, Joseph T., Jr.; HOGAN, Robert E. (Ed.). **Memory and**

**Cultural Politics:** New Approaches to American Ethnic Literatures. Boston: Northeastern UP, 1996. pp. 211-26.

PAVANT, Katherine B.; ROSE, Toby (Ed). **The Immigrant Experience in North American Literature:** Carving Out a Niche. Westport, CT: Greenwood, 1999. pp.139-49.

PESCH, Josef. **When time shall be no more?** The narration of apocalypse in Timothy Findley's *The Wars* and Joy Kogawa's *Obasan*. *British Journal of Canadian Studies*. Edinburgh: 1999. Vol. 14, Iss. 2; p. 85

POTTER, Robin. **Moral-in Whose Sense?** Joy Kogawa's *Obasan* and Julia Kristeva's Powers of Horror. *Studies in Canadian Literature/Etudes en Litterature Canadienne (SCL)*. 1990; 15(1): 117-139.

PHU, Thy. **Photographic Memory, Undoing Documentary:** *Obasan's* Selective Sight and the Politics of Visibility. *Essays on Canadian Writing (ECW)*. 2003 Fall; 80: 115-40

QUIMBY, Karin. *This Is My Own, My Native Land: Constructions of Identity and Landscape in Joy Kogawa's Obasan*. HAWLEY, John C. (Ed.). **Cross-Addressing:** Resistance Literature and Cultural Borders. Albany, NY: State U of New York P, 1996. pp.257-73.

RICOU, Laurie. **Landscapes of the Heart:** Narratives of Nature and Self. *The Arbutus/Madrone Files: Reading the Pacific Northwest*. Edmonton: NeWest, 2002.

ROCARD, Marcienne. *Obasan de Joy Kogawa: Roman de la brisure.*” *Anglophonia: French Journal of English-Studies (Anglophonia)*. 1997; 1: 167-75 (English)

ROCARD, Marcienne. *Obasan et Itsuka de Joy Kogawa: Resistance a l'H(h)istoire*. *Commonwealth Essays and Studies (CE&S)*. 1998 Autumn; 21(1): 9-17.

ROSE, Marilyn R. **Hawthorne's Custom House, Said's Orientalism and Kogawa's Obasan:** an intertextual reading of an historical fiction. *Dalhousie Review*. Halifax: Summer/Fall 1987. Vol. 67, Iss. 2/3; p. 286.

ROSE, Marilyn Russell. **Politics into Art:** Kogawa's *Obasan* and the Rhetoric of Fiction. *Mosaic:- A-Journal-for-the-Interdisciplinary-Study-of-Literature (Mosaic)*. 1988 Spring; 21(2-3): 215-226

SAEKI, Karen. **Untitled:** *Obasan*. *Hitting-Critical-Mass: A-Journal-of-Asian-American-Cultural-Criticism*. 1994 Spring; 1(2): 123-28.

SASAKI, Betty. *Reading Silence in Joy Kogawa's Obasan*. FISHER, Jerilyn; SILBER, Ellen S.; GILLIGAN, Carol (Ed.). **Analyzing the Different Voice:** Feminist Psychological Theory and Literary Texts. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 1998. pp.117-39.

SNELLING, Sonia. **A Human Pyramid: An (Un)Balancing Act of Ancestry and History in Joy Kogawa's Obasan and Michael Ondaatje's Running in the Family.** *Journal of Commonwealth Literature (JCL)*. 1997; 32(1): 21-33.

ST. ANDREWS, B. A. **Reclaiming a Canadian Heritage:** Kogawa's *Obasan*. *International Fiction Review (IFR)*. 1986 Winter; 13(1): 29-31.

UEKI, Teruyo. **Obasan:** Revelations in a Paradoxical Scheme. *MELUS:-The-Journal-of-the-Society-for-the-Study-of-the-Multi-Ethnic-Literature-of-the-United-States (MELUS)*. 1993-1994 Winter; 18(4): 5-20.

VEVAINA, Coomi S.; Godard, Barbara (Ed.). **Intersexions:** Issues of Race and Gender in Canadian Women's Writing. New Delhi: Creative, 1996. pp. 231-43.

WILLIS, Gary. **Speaking the Silence:** Joy Kogawa's *Obasan*. *Studies in Canadian Literature/Etudes en Litterature Canadienne (SCL)*. 1987; 12(2): 239-249

WOO, Eunjoo. **Mother, I Am Listening:** Mother/Daughter Conflict and Reconciliation in Joy Kogawa's *Obasan*. *Feminist Studies in English Literature (FSEL)*. 2002 Summer; 10(1): 213-34

WILSON, Jean. **Identity Politics in Atwood, Kogawa, and Wolf**. CLCWeb: Comparative Literature and Culture: A WWWeb-Journal (CLCWeb). 1999 Sept; 1(3): (no pagination)

WILSON, Jean. Toni Morrison's *Beloved*: A Love Story. IBSCH, Elrud; FOKKEMA, Douwe; THUSEN, Joachim von der (Ed.). **The Conscience of Humankind**. Amsterdam, Netherlands : Rodopi, 2000. pp.349-59. (Compared to 'Obasan')

Xu, Wenying. **Sticky Rice Balls or Lemon Pie**: Enjoyment and Ethnic Identities in *No-No Boy* and *Obasan*. Literature Interpretation Theory (LIT). 2002 Jan-Mar; 13(1): 51-68

YAMADA, Mitsuye. Experiential Approaches to Teaching Joy Kogawa's *Obasan*. MAITINO, John R.; PECK, David R. (Ed.). **Teaching American Ethnic Literatures**: Nineteen Essays. Albuquerque: U of New Mexico P, 1996. pp.293-311.

ZWICKER, Heather. Canadian Women of Color in the New World Order: Marlene Nourbese Philip, Joy Kogawa, and Beatrice Culleton Fight Their Way Home. Pearlman, Mickey (Ed.). **Canadian Women Writing Fiction**. Jackson: UP of Mississippi, 1993. pp. 142-54.

ZWICKER, Heather. **Multiculturalism**: Pied Piper of Canadian Nationalism (and Joy Kogawa's Ambivalent Antiphony). ARIEL: A Review of International English Literature (ArielE). 2001 Oct; 32(4): 147-75.

## GURJINDER BASRAN



Nascida na Inglaterra, em 1970, chega ainda adolescente ao Canadá, onde vive até hoje. Basran estudou no Creative Writing Program na Simon Fraser University em 2006, complementando seus estudos no Baff Center for the Arts, em 2009. Sua intensa dedicação culminou no romance intitulado *Everything Was Good-Bye* (2010) sendo este, por diversas vezes premiado com, por exemplo, o Search for the Great BC Novel Contest, em 2010, o BC Book Prize, o Ethel Wilson Fiction, em 2011 e é indicado em 2012 ao Chaterlaine Magazine Book Club. Sem a intenção direta de escrever um romance, conforme relata a própria autora, “Eu realmente estava apenas escrevendo sobre minha própria vida, num esforço para documentar e entender minhas próprias experiências e, eventualmente foram essas experiências que acabaram por inspirar o romance”<sup>417</sup>. A escritora dedica seu romance a narrar a vida de uma jovem indo-canadense e as implicações oriundas da interseção entre duas culturas distintas. Sendo assim, com seu primeiro romance em ascensão, Gurjinder Basran é listada pela CBC na “The ten Canadian women writers

---

<sup>417</sup> “I was really just writing about my own life in an effort to document and understand my own experiences and eventually it was those experiences that ended up inspiring the novel”. Entrevista cedida ao site *Suhaag*, em 27 de março de 2012.

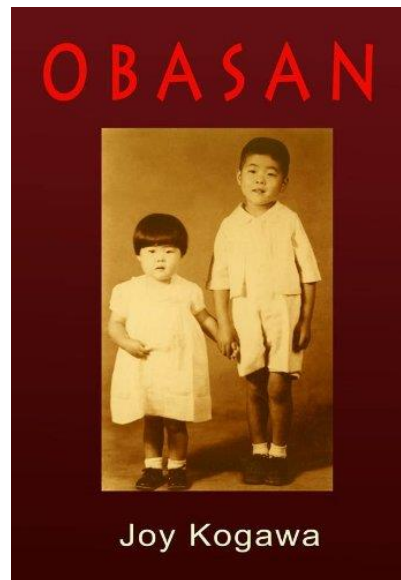
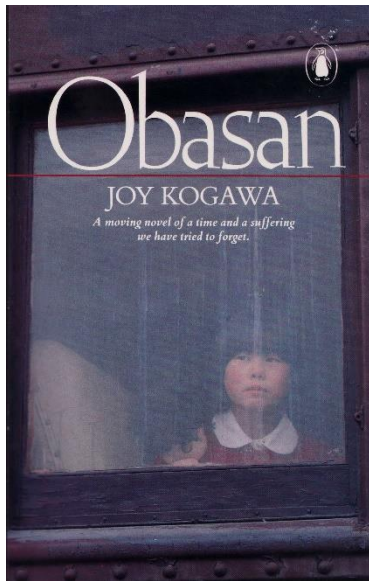
you need to read now”. Em entrevista à Sarah Schuchard do site *Runner*, Basran discorre sobre o processo de construção de sua narrativa, cuja experiência se baseia em sua vivência como indo-canadense e o reflexo desta condição, também, partilhada com suas irmãs, a recém escritora afirma que:

By the time I was in high school, a lot of the racism of the 1970s was behind me. However, because it was experienced at such a formative age, I would say it certainly changed how I felt about people and how much I trusted. Because I wasn't allowed to engage in all the other activities that most teenagers engaged in, I really felt kind of on the periphery of those things. I just didn't really fit in. (BASRAN, 2012)

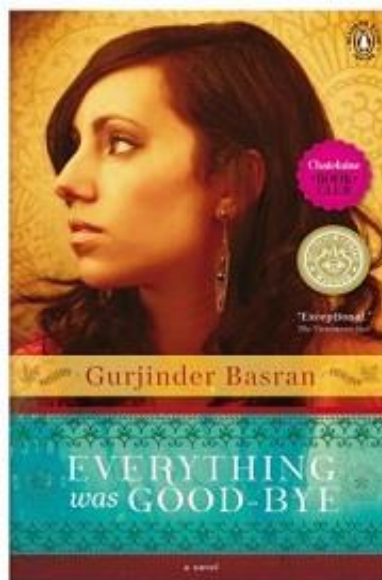
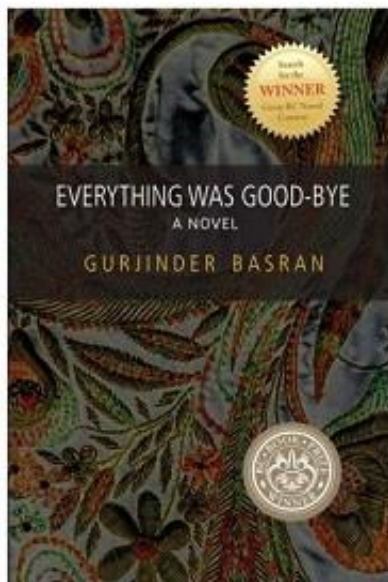
Da fusão entre a experiência pessoal e os processos de integração pelos quais filhos/as de imigrantes são obrigados a lidar, seja com relação a aceitação dos parâmetros familiares, a cultura na qual vivem e ou nasceram, bem como os conflitos gerados por esse encontro que Gurjinder Basran retoma a temática de busca por aceitação, inclusão e pertencimento entre culturas sob o processo de globalização, tema este crescente no corpo de narrativas escritas por mulheres canadense-asiáticas, cuja escrita se vê repleta de representações de etnicidade, mas que procuram evitar as visões dominantes trazendo para o corpo central a visão não branca, entrecruzando assim as fronteiras entre ambos os mundos.

## OS ROMANCES

### JOY KOGAWA

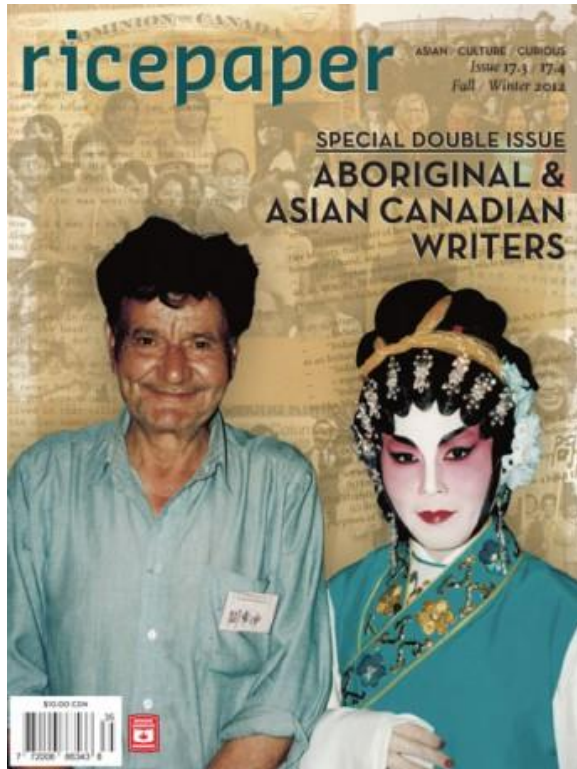


### GURJINDER BASRAN



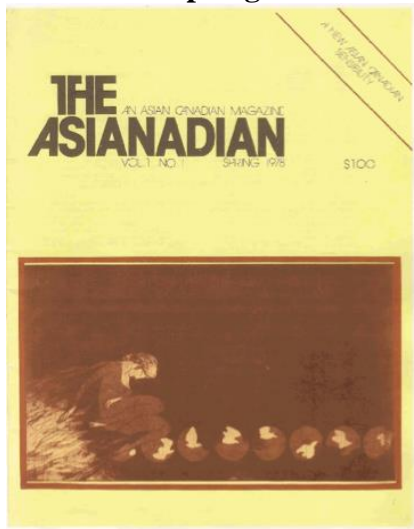


## RICEPAPER MAGAZINE



## ASIANADIAN MAGAZINE

Volume 1 – Spring 1978



## THE ASIANADIAN: AN ASIAN CANADIAN MAGAZINE

### Editorial

by Anthony B. Chan



Volume 4 – 1982

### Editorial

by Momoye Sugiman

(alias Ami Chiyo Hori

alias Dawn Kiyoye Ono)